



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Racismo em Pauta

A pluralidade confrontada no noticiário da Folha de S. Paulo na
década de 2000

Isabel Cristina Clavelin da Rosa

Brasília

Maio de 2011

ISABEL CRISTINA CLAVELIN DA ROSA

Racismo em Pauta

A pluralidade confrontada no noticiário da Folha de S. Paulo na
década de 2000

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Comunicação,
do Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, da Faculdade de Comunicação da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dione Oliveira Moura.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
2011

Racismo em Pauta

A pluralidade confrontada no noticiário da Folha de S. Paulo na década de 2000

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Dione Oliveira Moura – FAC/UNB
(Presidente)

Prof^ª. Dr^ª. Lourdes Maria Bandeira – SOL/UNB
(Membro)

Prof^ª. Dr^ª. Zélia Leal Adghirni – FAC/UNB
(Membro)

Vozes-Mulheres

A voz da minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

Conceição Evaristo

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa à minha afrodescendência, cuja resistência e trajetória deixaram relevantes legados para o Brasil, e à memória de meus ancestrais mais recentes: Dinah, Dora, Lourdes, Luiza, Manoel, Marcelo, Ondina e Otacílio.

Este trabalho é dedicado especialmente à minha mãe, Maria Isabel, ao meu filho, Bernardo, e às futuras gerações de afrodescendentes e jornalistas.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi gestado durante muitos anos desde quando ingressei no curso de Jornalismo na Unisinos - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em 1998, e comecei a refletir acerca do racismo e da prática do Jornalismo. Foram muitos encontros, conversas, debates e projetos para tentar encontrar referenciais que pudessem balizar a minha prática profissional como jornalista. Nessa formação, professoras e professores, chefes e colegas foram importantes na discussão sempre presente sobre o racismo no Brasil e as possibilidades de resposta do Jornalismo em qualquer área de sua prática, isto é, nas redações da chamada grande imprensa e da imprensa negra, nas assessorias de imprensa, nas universidades, na sociedade em geral.

Além do Jornalismo, este trabalho também foi gestado dentro do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras, em todas as estações em que tive a oportunidade de conviver com pessoas que ousaram e ousam questionar as relações raciais no Brasil, afirmando a identidade negra e o direito de equidade.

Nesse rol de vivências, os agradecimentos são imensos não somente na lista de nomes de pessoas e instituições que contribuíram para a minha formação que ganha contornos de coroamento neste trabalho, mas na extensa e preciosa colaboração que cada uma delas aportou na minha trajetória profissional, acadêmica e pessoal. Mulheres e homens, negros e brancos, jovens e pessoas com larga experiência. Uma ampla rede de trocas colaborativas que dão sentido à vida e fazem toda a diferença na história das pessoas que tiveram e/ou terão a oportunidade de cruzar com elas no incessante movimento de ir e vir da vida.

Primeiramente, agradeço o amor e a paciência imensuráveis de minha mãe, Maria Isabel, e de meu filho, Bernardo, que abdicaram de inúmeras horas de convivência familiar e de lazer para que este trabalho pudesse ser edificado. Um objetivo pessoal que se tornou familiar e, felizmente, é finalmente compartilhado como uma conquista coletiva com meus entes queridos Manoel Pedro, Junior, Cristiano, Ana Carolina, tias e tios, primas e primos dos troncos familiares Barbosa Clavelin, Fialho e da Rosa.

Obrigadíssima ao ativista Abdias do Nascimento que se dispôs a dividir cerca de duas horas numa instigante conversa sobre imprensa e racismo no Brasil, contribuindo enormemente para esta pesquisa.

Com profunda gratidão, carinho e respeito, agradeço as horas dedicadas pelo ativista negro, pesquisador e professor universitário Edson Lopes Cardoso a este estudo, desde a leitura do anteprojeto de pesquisa para apresentação ao programa de pós-graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília até a sua versão final. Sou muito agradecida pelas suas manifestações de solidariedade durante todo o período do curso, os comentários críticos, os empréstimos de livros, as dicas de leituras e as palavras de incentivo que foram decisivas para a manutenção do foco deste trabalho. Agradeço fraternalmente à Regina Adami, querida amiga, que sempre se mostrou companheira e zelosa com este trabalho, incentivando os caminhos para a conquista do curso e aportando sua amizade nas diversas etapas da pesquisa.

São grandiosos meus agradecimentos às ativistas negras Maria Conceição Lopes Fontoura e Vera Lopes e aos ativistas Oliveira Silveira (*in memoriam*) e José Augusto Chaves. Foram e são riquíssimas as trocas profissionais e pessoais com as jornalistas negras Jeanice Dias Ramos e Vera Daisy Barcellos, que me ensinam muito acerca da nossa inserção como mulheres negras no Jornalismo. Estendo meus agradecimentos a Alzira Rufino e às integrantes da Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos; a André Saroba, da Rádio Comunitária Restinga FM; a Carolina, Carmen, Claire, Genesi e Ionete, participantes do Projeto A Voz das Mulheres Negras do Gueto pra Fora, desenvolvido na Restinga (periferia de Porto Alegre); a Juarez Ribeiro, nos projetos da revista Conexão Negra e Jornal Como É; ao grupo de adolescentes do projeto Comunicativa também desenvolvido na Restinga (periferia de Porto Alegre); e à equipe do jornal Ìrohìn, pela oportunidade de viver outras formas de fazer comunicação e experimentar projetos comunitários e de imprensa negra. Apresento agradecimentos a jornalistas cuja experiência profissional e amizade balizaram minha trajetória profissional pela sua demonstração de ética e zelo pelos princípios mais caros do Jornalismo para com a sociedade: Jose Negreiros e Neusa Ribeiro.

Agradeço às minhas amigas Cássia Assis, Lucimeri Neves de Souza, Marlúcia Fontenelle, Mery-Lucy do Vale e Zildete Melo e aos amigos Cláudio Eugênio, Guto Pires, Jorge Carneiro e José Torves, por me brindarem com a sua amizade e energia positiva nesse caminho entre Porto Alegre e Brasília.

Agradeço às professoras Regina, Maria Tereza de Souza, Leidi Sperling e ao professor Volmério, que estimularam o meu interesse pelos estudos nos tempos de Lauffer e Irmão Pedro. Na aprendizagem do Jornalismo na Unisinos, agradeço a Adriana Duval, Heliana Ribeiro, Léo Nuñez, Luciano Klöckner, Pedro Osório, Sérgio Endler e Victor Necchi.

Na Universidade de Brasília, agradeço a companhia da jornalista e doutoranda indígena em Comunicação Verenilde Pereira, que desde o início do curso revelou-se como uma fascinante colega e amiga, cuja contribuição foi incorporada em diversos momentos do curso, neste trabalho e na vida. Agradeço a solidariedade da professora Zélia Leal e do professor Clodoaldo Ferreira e a orientação da professora Dione Moura.

Por fim, agradeço às colegas da ONU Mulheres – Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (antes UNIFEM), pela flexibilização do horário de trabalho e pelo desenvolvimento de alguns projetos institucionais na área de comunicação, gênero e raça.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	XIII
CAPÍTULO I - RACISMO À BRASILEIRA	19
1. A ATUALIDADE DO RACISMO.....	20
2. RACISMO E COLONIALISMO	25
3. FUNDAMENTOS DO DISCURSO IDEOLÓGICO E CIENTÍFICO RACISTA.....	35
3.1. O IDEÁRIO EUGENISTA DO BRANQUEAMENTO.....	36
3.2. O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL.....	38
CAPÍTULO II - JORNALISMO, SOCIEDADE E RAÇA	42
1. O JORNALISMO NO BRASIL	43
2. IMPRENSA E ABOLIÇÃO	50
2.1. ATUAÇÃO PARA A LIBERDADE.....	52
2.2. CULTIVO DE ESTIGMAS RACISTAS	55
3. IMPRENSA NEGRA	57
3.1. JORNAIS NEGROS NO SÉCULO XIX	59
3.2. PROJETOS EDITORIAIS NO PÓS-ABOLIÇÃO.....	64
3.3. PRODUÇÃO JORNALÍSTICA ENTRE 1970-2010.....	68
4. JORNALISTAS NEGROS NA GRANDE IMPRENSA BRASILEIRA	73
4.1. NEGROS NO RÁDIO	74
4.2. NEGROS NA TV.....	75
4.3. A FORÇA DE TRABALHO NEGRA NO MERCADO JORNALÍSTICO: TENSIONAMENTOS E SUPERAÇÕES.....	77
CAPÍTULO III - NOTÍCIA E TEMÁTICA RACIAL NEGRA	78
1. A DINÂMICA DAS NOTÍCIAS	79
2. NOTÍCIA, VALOR-NOTÍCIA E NOTICIABILIDADE.....	81
3. AGENDAMENTO E INTERAÇÃO DA TEMÁTICA RACIAL NEGRA COM AS ROTINAS PRODUTIVAS DO JORNALISMO.....	87
3.1. 1988: O CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA	90
3.2. 1995: OS 300 ANOS DO ASSASSINATO DE ZUMBI DOS PALMARES	95
3.3. 2001: A CONFERÊNCIA DE DURBAN	98
CAPÍTULO IV – A TEMÁTICA RACIAL NEGRA NAS NOTÍCIAS DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO NO PERÍODO 2000-2010	101
1. O CONTEXTO DA TEMÁTICA RACIAL NEGRA NOS ANOS 2000-2010 NO JORNAL FOLHA DE S. PAULO.....	102
2. COMPOSIÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA	110
2.1. BREVE HISTÓRICO DA FOLHA DE S. PAULO.....	115
CAPÍTULO V – TRAÇOS DA COBERTURA DO NOTICIÁRIO SOBRE A TEMÁTICA RACIAL NEGRA NO JORNAL FOLHA DE S.PAULO NA PRIMEIRA DÉCADA DE 2000.....	121
1. A TEMÁTICA RACIAL NEGRA EM EVIDÊNCIA NO NOTICIÁRIO DA FOLHA DE S. PAULO	122
1.1. AS EFEMÉRIDES	134
1.2. OS VALORES-NOTÍCIA.....	145
1.3. OS CADERNOS E OS SUPLEMENTOS.....	154
1.4. AS FONTES ENTREVISTADAS	160

1.5. GÊNERO DAS FONTES ENTREVISTADAS	165
1.6. A PLURALIDADE DAS VOZES	173
1.7. GÊNERO DOS PRODUTORES DAS NOTÍCIAS	180
1.8. CENTRALIDADE E DISPERSÃO	183
1.9. ABRANGÊNCIA GEOGRÁFICA.....	185
2. ANÁLISE CONSOLIDADA DOS DADOS DA PESQUISA.....	190
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	207
REFERÊNCIAS	212
ANEXO	228

RESUMO

Este trabalho de investigação científica estabelece a relação entre imprensa e racismo no Brasil, por meio da análise da presença da temática racial negra na primeira década do século XXI no jornal *Folha de S. Paulo*. O estudo parte da análise de conteúdo de notícias publicadas pela FSP, com o objetivo de verificar a pluralidade ou não das vozes presentes nas notícias publicadas no período 2000-2010, extraindo os traços da cobertura noticiosa do jornal e a sua influência na esfera pública, mediados pelo jornalismo como prática social na relação entre imprensa e racismo no Brasil. O corpus desta pesquisa é composto pela edição on-line da FSP, para aferir a tendência da cobertura noticiosa impulsionada pelas efemérides do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, do Dia da Abolição da Escravatura e do Dia da Consciência Negra, no período 2000 a 2010. Parte-se da imersão da problemática do racismo no Brasil – da fundação do País ao seu processo de colonização e exploração econômica do território através do trabalho escravizado de populações africanas e sua descendência –, e da sua imbricação com Jornalismo e sociedade. Registram-se as principais fases do Jornalismo brasileiro, perpassando o surgimento da imprensa no Brasil e as atuações da imprensa negra, da imprensa abolicionista e do trabalho de negros e negras no Jornalismo brasileiro. Ao longo do período compreendido entre os anos 2000 e 2010, as notícias publicadas pela FSP revelam os traços da cobertura da grande imprensa brasileira sobre a temática racial negra e o seu papel na esfera pública como mediadora social.

Palavras-chave: mídia, racismo, imprensa, relações raciais, jornalismo, igualdade racial.

ABSTRACT

This scientific research establishes the relationship between the press and racism in Brazil through the analysis of the black racial theme during the first decade of XXI century in the Folha de S. Paulo newspaper. The study comes from the content analysis of news published by FSP with the aim of verifying whether or not the plurality of voices in news published in the period 2000-2010, extracting the features of news coverage of the newspaper and its influence in the public sphere mediated by journalism as a social practice in the relationship between media and racism in Brazil. The corpus of this research is composed by FSP edition-on-line to identify the tendencies of the news coverage through the daily news items: the International Day of the Elimination of Racial Discrimination, the Day of the Abolition of Slavery and Black Conscience Day in the period, 2000-2010. It began from the immersion of the problem of racism in Brazil since its the foundation and overlapping with journalism and society. This dissertation reviews the principal phases of the Brazilian journalism from the beginning of the press activity in Brazil, registering the operation of the black press, the abolished press and the work of the black men and women in journalism. Taking the basis for the analysis of news, the first material of journalism, this study proves to be true the plurality of FSP news in relation to the racial theme.

Key-words: media, racism, press, racial relations, journalism, racial equality.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é resultado do trabalho de dois anos, mas não pode ser compreendida nesse limitado espaço de tempo. É fruto da motivação pessoal e profissional, isto é, do pertencimento racial da autora associado com sua identidade de gênero, vivências no ativismo social contra o racismo e o sexismo, que lhe brindaram com a incessante troca de experiências e visões com pessoas que estão diretamente envolvidas na conquista de direitos e na formulação de políticas inclusivas para a população negra. Como jornalista¹, esses temas fazem parte do dia-a-dia profissional da pesquisadora e lhe suscitaram e suscitam uma série de inquietações (RAMON y CAJAL, 1979) sobre mídia e questões raciais que a conduziram para o caminho da pesquisa. Inquietações que crescem ano a ano acerca da interação entre a pauta do racismo e da igualdade racial, a cobertura jornalística e o debate público dela decorrente.

O percurso pela ciência se coloca como um caminho cada vez mais frequente para a compreensão dos fenômenos sociais, especialmente daqueles ligados aos direitos da cidadania e, não raro, a mídia é um campo explorado devido à sua ação sobre os demais campos.

Um país racista, não é racista sozinho. É uma espécie de repositório, em que são armazenadas práticas e atitudes racistas de indivíduos, atores políticos, sociais e culturais, compondo uma sistêmica articulação racista. Mas não é somente entre as pessoas que o fenômeno do racismo é percebido. Ele impregna instituições e as relações sociais, condicionando a vida produtiva, o desenvolvimento e os rumos políticos de um país.

O racismo é abordado em diversos estudos científicos, mas seu estudo ainda precisa ser instaurado como mais fôlego na área de Comunicação e Jornalismo. É, pois, a disposição ao debate, à compreensão do racismo, à percepção de seus indícios e à interpretação de seus sinais que dará as condições para o seu enfrentamento.

Dos primórdios da imprensa brasileira até os dias atuais, o racismo resiste fortemente. É absurdamente mutável, assume novas facetas, formas, discursos. Muitas

¹ No verbete *jornalista*, no Novo Manual da Redação (1998, p. 18), o jornal Folha de S. Paulo lembra que a profissão está disciplinada pela lei nº 972/1969, com regulamentação em 1974, e posiciona-se contrário à restrição do exercício profissional exclusivamente aos bacharéis de Jornalismo, por considerá-la uma prática de reserva de mercado. Em junho de 2009, o Supremo Tribunal Federal deliberou pela não obrigatoriedade do diploma de Jornalismo para exercício da profissão, por 8 votos a 1. Desde julho de 2009, tramita no Congresso Nacional uma Proposta de Emenda Constitucional que restitui a exigência de diploma superior para a profissão de jornalista. Mais sobre o tema em *Formação superior em Jornalismo: uma exigência que interessa à sociedade* (FENAJ, 2008).

explicações são dadas por pesquisas científicas e monitoramento do noticiário. Porém, entendemos ser necessário chegar mais próximo do fenômeno através das relações endógenas da imprensa², por meio do estudo do Jornalismo a exemplo da observação de suas rotinas produtivas. Um dos caminhos para ingressar nas entranhas do Jornalismo é acompanhar o processo de produção de notícias, começando pelo valor-notícia atribuído à temática racial, os critérios de noticiabilidade dispensados ao assunto e a noticiabilidade de fatos e acontecimentos no contexto racial em jornais da grande imprensa.

A pesquisa tem como objetivo verificar a pluralidade ou não de vozes presentes na cobertura das notícias publicadas no jornal Folha de S. Paulo no período 2000-2010, abstraindo os traços da cobertura noticiosa do jornal e a sua influência na esfera pública, mediados pelo jornalismo como prática social na relação entre imprensa e racismo no Brasil. A escolha do jornal FSP como objeto de estudo da pesquisa decorre do fato de a publicação ser a mais vendida no país, deter prestígio proeminente entre os demais títulos no País, ter influência entre formadores de opinião e destinar atenção à temática racial negra em coberturas e projetos especiais, como detalhado no capítulo 4 desta dissertação.

O corpus da pesquisa foi tratado com a análise de conteúdo de 266 notícias, mediante a construção de categorias, o enquadramento dos conteúdos a partir de filtros estabelecidos para melhor depuração dos dados e sua interpretação, a fim de mensurar a significância da temática racial negra nas notícias e a relação das notícias com a temática racial negra, isto é, sob diferentes perspectivas que revelassem as disposições da temática na complexa construção das notícias.

A despeito da percepção da importância de acompanhar o trabalho de jornalistas no *newsmaking* (processo de produção das notícias), esta pesquisa começa sua busca por algumas explicações acerca do tema por outro percurso. Investir no curso original demandaria mais tempo, envolvimento de mais pessoas no time de pesquisadoras e pesquisadores e acordos com os veículos para a realização de um trabalho de observação mais intenso e participativo. Seguiu-se por outra rota, não menos interessante: a da análise das notícias publicadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* – FSP, isto é, pelo conteúdo produzido e publicado nas páginas do jornal. O conteúdo virtual disponível no site www.folha.com transpôs para a realidade desta pesquisa a produção noticiosa acumulada sobre a temática racial negra nos

² O pesquisador Adelmo Genro Filho (1987) faz a distinção entre Jornalismo e imprensa. Em *O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do Jornalismo*, ele considera a imprensa como corpo material do Jornalismo e o processo técnico do jornal e demais suportes, como rádio, tv e agora on-line. Já o Jornalismo se refere à modalidade de informação que surge dos meios.

primeiros 11 anos do século XXI, isto é, no período de 2000 a 2010. Assim, o corpus da pesquisa compôs-se de 266 notícias sobre a temática racial negra publicadas na FSP durante uma semana em três efemérides³: o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, o Dia da Abolição e o Dia da Consciência Negra, de 2000 a 2010.

As notícias não são produtos autônomos. Estão integradas ao mundo dos jornalistas, aos interesses das empresas jornalísticas, aos interesses sociopolíticos das forças dominantes. No caso brasileiro, acrescentam-se as disparidades raciais existentes entre negros, indígenas e brancos, decorrentes do processo de colonização e escravização como fator crítico de influência no processo de produção de notícias, no Jornalismo como prática social e na instituição imprensa.

Esse é o tema do primeiro capítulo desta dissertação, *Racismo à Brasileira* – expressão originalmente utilizada pela pesquisadora e ativista do Movimento Negro⁴ e do Movimento de Mulheres Negras⁵ Lélia Gonzalez. Examinam-se destacados conceitos, tais como raça, racismo, colonialismo, ideologia, identidade, entre outros, que tornam possível o melhor entendimento desta pesquisa, especialmente para aquelas pessoas que têm o interesse de iniciar uma reflexão acerca da relação entre racismo e Jornalismo ou de leitoras e leitores com eventuais dúvidas sobre as definições utilizadas. Discorre-se ainda sobre as estratégias de resistência negra à escravização; as nuances do discurso ideológico racista por meio do ideário do branqueamento e do mito da democracia racial; e prospectam-se pontos de tensionamentos, jogos de intencionalidade e interdições resultantes da conjugação entre colonialismo, capitalismo, racismo, escravização negra e mito da democracia racial, com suporte teórico de Claude Lévi-Strauss, Clóvis Moura, Décio Freitas, Lélia Gonzalez, Renato Ortiz, Octavio Ianni, entre outras pesquisadoras e pesquisadores.

No segundo capítulo *Jornalismo, Sociedade e Raça*, são revisitados os primórdios da imprensa no mundo e no Brasil, a fim de localizar a base em que foi fundada a imprensa no

³ No contexto desta pesquisa, utiliza-se a definição do termo pelo próprio jornal FSP, estudado nesta investigação. Para a FSP, efeméride diz respeito ao “texto publicado em jornal por motivo de aniversário de data importante na história”. No Novo Manual da Redação (1998, p. 140), é feita a distinção entre os conteúdos publicados no jornal. Conforme sua própria formulação, “são registradas na Folha apenas efemérides de inegável importância, de preferência de datas redondas”.

⁴ Resumidamente, Lopes (2004, p. 455) define Movimento Negro como “nome genérico dado, no Brasil, ao conjunto de entidades privadas integradas por afrodescendentes e empenhadas na luta pelos seus direitos de cidadania”.

⁵ O Movimento de Mulheres Negras foi criado no fim dos anos 1970, para contrapor-se às opressões das mulheres negras vivenciadas no feminismo e no movimento negro. Conforme Carneiro (2003:119), “o racismo também superlativa os gêneros por meio de privilégios que advêm da exploração e exclusão dos gêneros subalternos”. Além de sua própria obra, há mais sobre Lélia Gonzalez em Elizabeth Viana (2010), e, sobre mulheres negras, mais em Petronilha Silva (1998).

País e como a temática racial negra foi incorporada desde então. São abordadas as fases do Jornalismo brasileiro e recupera-se a participação negra da imprensa até a passagem para a grande imprensa, com base nas contribuições de Oswaldo de Camargo, João Baptista Pereira Borges e Solange Couceiro. Dedicar-se atenção aos discursos noticiosos, a presença e a ausência negra no noticiário da imprensa brasileira, explicadas pelas pesquisadoras Célia Azevedo e Lilia Schwarcz em análises dos jornais e das relações raciais do final do século XIX, e à atuação da imprensa abolicionista, mobilizada por ícones negros como Luiz Gama e José do Patrocínio. De forma mais ampla, o tema imprensa e racismo é pensado a partir de referenciais teóricos de Abdias do Nascimento, Hannah Arendt, Frantz Fanon, Jean-Paul Sartre, Muniz Sodré, Pierre Ansart e Teun van Dijk. É lembrada a trajetória da imprensa negra desde a sua origem em 1833 – com o jornal *O Homem de Cor*, editado por Francisco de Paula Brito –, reconhecida por pesquisadoras e pesquisadores negros como Ana Flávia Guimarães Pinto, Oliveira Silveira e Oswaldo de Camargo. Verifica-se a singularidade dos jornais negros, no período de 1833 a 1960, quando a grande parte dos estudos indica um hiato temporário de produção, que seria rompido na década de 1970, a partir do ressurgimento de jornais negros da imprensa negra que seguem pelo século XXI adiante.

No cerne da investigação sobre *Notícia e Temática Racial Negra*, que forma o terceiro capítulo, adota-se como referencial teórico Teun van Dijk e incorporam-se aportes conceituais de estudiosos da Teoria da Notícia, tais como David White, Nelson Traquina e Stuart Hall, e do Agenda-Setting. No exercício epistemológico de partir da imprensa para o racismo, é explorada a matéria-prima do Jornalismo: a notícia – e as etapas que antecedem a composição do produto, tais como valores-notícia e critérios de noticiabilidade. São suportes conceituais as obras de Cremilda Medina, Ciro Marcondes Filho, Mauro Wolf, Nelson Traquina, Nilson Lage, entre outros. Ainda nesse capítulo são retomados dois momentos emblemáticos da cobertura noticiosa da temática racial negra a partir do noticiário da grande imprensa, nas efemérides do Centenário da Abolição da Escravatura, em 1988, e da Marcha Zumbi 300 Anos, contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida, em 1995, com referências relevantes como a pesquisa de Edson Lopes Cardoso (1990) e a publicação *Racismo Cordial – a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*, editada pelo jornal FSP após a aplicação de pesquisa nacional sobre racismo no Brasil. Treze anos depois o estudo foi atualizado, em 2008, no especial *Racismo Confrontado* publicado pela FSP.

Na quarta parte do texto, o capítulo *A Temática Racial Negra no Noticiário do Jornal Folha de S. Paulo nos Anos 2000-2010* apresenta os resultados obtidos nesta pesquisa. Situando-se entre os estudos do Jornalismo de análise de conteúdo para aferir a pluralidade

de vozes no noticiário, valores-notícia e critérios de noticiabilidade no contexto da Teoria da Notícia, a presente pesquisa aplica a técnica de análise de conteúdo às notícias sobre a temática racial negra publicadas no jornal FSP (KIENTZ, 1973; BARDIN, 2002; HERSCOVITZ, 2008) nas semanas de ocorrência de três efemérides – Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, Dia da Abolição da Escravatura e Dia da Consciência Negra –, nos primeiros 11 anos do terceiro milênio, isto é, de 2000 a 2010. Valendo-se de um estudo minucioso com técnicas de decomposição, recomposição e constantes verificações dos dados coletados, é feita a análise da pluralidade baseada no modelo de interpretações controversas desenvolvido pelo pesquisador Mauro Porto (2001), dos possíveis valores-notícias atribuídos às matérias, da presença de mulheres e homens entre as fontes entrevistadas, da participação de mulheres e homens na produção das notícias, dos temas mais presentes na cobertura, da concentração das notícias no jornal, entre outros elementos constatados como importantes nesta pesquisa.

A investigação considera como foco do seu trabalho a análise da temática racial negra, em razão da concentração de 50,3% de afrodescendentes na população brasileira⁶ – ou seja, cerca de 97 milhões de pessoas –, do fato de o Brasil ser a primeira nação no mundo em população afrodescendente fora do continente africano e pela contribuição de africanas e africanos e sua descendência para a formação do País. Somam-se a esses aspectos, a persistência do racismo e das disparidades raciais no Brasil, passados 123⁷ anos da abolição da escravatura, e as estratégias de superação do racismo, empreendidas pelas afro-brasileiras e afro-brasileiros⁸ de forma individual e coletiva.

⁶ Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2007, o número de autodeclarados pretos cresceu de 6.9% para 7.4%. Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), negros (49.5%) são constituídos por pretos (7.4%) e pardos (42.3%). Disponível em: <http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/sintese/tab1_2.pdf> Acesso em: 19 set. 2008. Na edição de 19 de setembro de 2008, o jornal Folha de S. Paulo (ed. nº 29.024, Ano 88, p.C6) noticiou: “Número dos que se declaram pretos segue em alta”, divulgando os dados da pesquisa com recorte étnico-racial. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1909200834.htm>>. Acesso em: 3 mar. 2011. Em 2007, o jornal Folha de S.Paulo noticiou em chamada de capa (ed. nº 28.654, Ano 87, de 15 de setembro de 2007, p.1), que “os não-brancos somam 50,3% da população brasileira, incluindo indígenas e amarelos”. Os dados parciais do censo 2010 estão publicados no site do IBGE. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>> . Acesso em: 3 mar. 2011.

⁷ A Lei Nº 3.353, de 13 de maio de 1888 declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM3353.htm>. Acesso: em 3 mar. 2011.

⁸ Lopes (2004:38) define *afro-brasileiro* em verbete: “Qualitativo do indivíduo brasileiro de origem africana e de tudo que lhe diga respeito”. Sugere-se a leitura do termo no feminino, afro-brasileiras (ou mulheres negras), não salientada no texto para fluência de leitura.

Por conseguinte, este trabalho propõe-se a buscar algumas explicações sobre a articulação entre imprensa e racismo no Brasil, partindo dos pressupostos “racismo mediatizado” (VAN DIJK, 1997) e reação antirracista (SARTRE, 1968). Este estudo segue no intuito de gerar novos insumos para o campo epistemológico da Comunicação e do Jornalismo brasileiro no que tange ao tema central imprensa e racismo, conferindo relevância ao debate racial na imprensa brasileira, tendo como objeto a grande imprensa.

No decorrer deste trabalho faz-se a articulação da temática racial negra com as teorias do Jornalismo e da Notícia, tais como agenda-setting, gatekeeper e newsmaking. Desse modo, almejamos que este trabalho seja útil a estudantes, pesquisadoras e pesquisadores e profissionais do Jornalismo e da Comunicação, tanto quanto para ativistas do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras e demais pessoas interessadas no enfrentamento do racismo no Brasil.

CAPÍTULO I - RACISMO À BRASILEIRA

1. A ATUALIDADE DO RACISMO

O diálogo e o debate de ideias na esfera pública podem colaborar para a superação do racismo e das desigualdades raciais e étnicas no Brasil instauradas há mais de 500 anos e que continuam, no novo milênio, a dividir os grupos étnico-raciais fundadores da nação em redes de privilégios para o componente racial branco e redes de opressões raciais para os grupos negros e indígenas. Para tanto, a reflexão sobre imprensa e racismo apresenta-se com crucial. Esta pesquisa desbrucha-se sobre os fazeres jornalísticos da chamada grande imprensa, tomando como eixo central a análise de conteúdo das notícias publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* – FSP sobre a temática racial negra.

A população negra brasileira está compreendida no conceito de minoria, isto é, “não apenas definido por critério quantitativo, mas também político” (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p. 155). São minorias: étnicas, raciais, religiosas, sexuais, políticas, ideológicas ou de qualquer outro tipo. Segundo o manual da FSP, as minorias “devem ser tratadas sem preconceito pela *Folha*”⁹.

Para começar o diálogo proposto por esta dissertação, nada melhor do que situar o posicionamento do debate racial. O primeiro passo é alinhar conceitos sobre raça e racismo, a fim de desviar de eventuais obstáculos que possam limitar a compreensão dos conteúdos aqui apresentados e desenvolvidos. A saber, esta pesquisa está inserida no âmago das relações raciais influenciadas pelos campos político e cultural (BOURDIEU, 1997; BOURDIEU, 2009), entre os quais se situa a ideologia do racismo na sociedade, em particular da sociedade brasileira. Desse modo, são inseridos nesta reflexão os pensamentos de renomados¹⁰ cientistas e intelectuais de diferentes correntes teóricas, para o nivelamento dos conceitos que presentes neste trabalho.

A definição de raça produzida pelo sociólogo afro-jamaicano¹¹ Stuart Hall serve de base para os temas aqui explorados, distanciando eventuais mal-entendidos ou dúvidas acerca

⁹ Grifo no original.

¹⁰ O texto não utiliza a linguagem antissexista para conferir mais fluidez à leitura.

¹¹ Salienta-se o pertencimento racial de estudiosos, pesquisadores e ativistas do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras, a fim de visibilizar o protagonismo negro no pensamento científico e na organização política na África e diáspora, com vistas ao enfrentamento do racismo.

do conceito sociopolítico acerca de raça e racismo. Nessa perspectiva, raça é aqui considerada como

uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, freqüentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor de pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como *marcas simbólicas*¹², a fim de diferenciar socialmente um grupo do outro (HALL, 2006, p. 63).

Partilhando do entendimento de Hall, esta pesquisa incorpora o conceito de raça nos contextos político, cultural e econômico que dividem a sociedade em estratos, ou melhor, em posições de privilégios e exclusões determinadas pelo fenótipo, as características físicas e visíveis que possibilitam o enquadramento de determinado indivíduo no grupo racial negro, branco ou indígena.

No clássico *Raça e Ciência*, editado pela UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, o etnólogo francês Michel Leiris (1960, p. 193) divide os grupos raciais em três: “espécie *Homo sapiens*: caucasóides (ou brancos), mongolóides (ou amarelos, a que geralmente, são juntados os Peles Vermelhas), negróides (ou negros)”. Ao abordar racismo e desigualdades raciais no Brasil, o sociólogo argentino Carlos Hasenbalg (1982, p. 89-90) indica que “raça se relaciona fundamentalmente com um dos aspectos da reprodução das classes sociais, isto é, a distribuição dos indivíduos nas posições da estrutura de classes e dimensões distributivas da estratificação social”. No estudo sobre raça e sociedade, Kenneth Little (1960, p. 59) aponta que “o problema das relações entre raça e sociedade é psicologicamente complexo”. Não sendo de ordem biológica, “sua origem só pode ser no social” (idem, *ibidem*). As relações do presente estão ligadas às do passado, desvinculando a necessidade de uma relação contemporânea entre os indivíduos (BERGER; LUCKMANN, 1974), mas “nem todas as sociedades manifestam um mesmo grau de consciência racial” (LITTLE, 1960, p. 59). Num país multirracial como Brasil que possui a maior parte de sua história vinculada à escravização negra baseada no racismo, esse aspecto abre margem para diferentes compreensões e divergências.

A dimensão racial está no cerne das relações sociais no Brasil, influenciado até mesmo a identidade e a cultura nacional, tendo em vista que “a cor branca extrai a sua hegemonia do fato de deixar presente na realidade inteira do indivíduo – seja ele rico ou pobre – a possibilidade de exercício de uma dominação” (SODRÉ, 1999, p. 263) através das

¹² Grifo no original.

relações assimétricas de poder. A identidade negra (SANTOS, 1990; CHAGAS, 1996) pode ser definida como “a convicção que um indivíduo tem de pertencer a um determinado grupo social, convicção essa adquirida a partir de afinidades culturais, históricas, lingüísticas etc” (LOPES, 2004, p.334). Todavia, a identidade negra pode ser afetada negativamente pelo fenômeno do branqueamento, estudado por pesquisadores como Lélia Gonzalez (1982), Kabengele Munanga (1999), entre outros pesquisadores.

Segundo o sociólogo brasileiro Renato Ortiz, “a questão da raça é linguagem através da qual se apreende a realidade social, ela reflete inclusive o impasse da construção de um Estado nacional que ainda não se consolidou” (ORTIZ, 2003, p.30). Ortiz toca num ponto sensível da realidade brasileira, a formação interracial da sociedade. Longe de ser uma questão acessória ou contemporânea, a questão racial faz parte da criação e da construção do país. Está diretamente associada a todos os modos de produção econômicos, sistemas políticos e matrizes culturais. Não deve, pois, ser afastada da discussão dos grandes temas nacionais nem ocupar lugar periférico nas principais áreas de interesse da sociedade e do Estado.

Ainda na busca de mais aportes teóricos à reflexão sobre o racismo, o antropólogo espanhol Juan Comas (1960) agrega elementos ao entendimento desta pesquisa ao afirmar que “o racismo envolve a assertiva de que a desigualdade é absoluta e incondicional, i.e., que uma raça é por sua própria natureza superior ou inferior a outras independentemente das condições físicas de seu *habitat*¹³ e de fatores sociais” (COMAS, 1960, p.55). Nesta explicação, Comas alça o racismo à dimensão mais elevada como expressão da desigualdade total e sem condicionantes, ou seja, sem parcialidades e atenuantes. Expõe as condições de superioridade e a inferioridade a que são submetidos os seres humanos, em razão do seu pertencimento racial e étnico. Na mesma direção, o pesquisador afro-brasileiro Nei Lopes (2004, p.557) compreende racismo como “doutrina que afirma a superioridade de determinados grupos étnicos, nacionais, lingüísticos, religiosos, etc sobre outros”. Carlos Hasenbalg (1982, p.69) aponta o racismo como “a negação total ou parcial da humanidade do negro e outros não-brancos”, argumento que serviu para as tentativas de dominação das populações negra e indígena pelos colonizadores do grupo racial branco.

Como ressalta o jornalista e sociólogo afro-brasileiro Muniz Sodré (1999, p.258), é preciso “considerar o racismo não só um fator poderoso na produção da exclusão social, mas principalmente como o mecanismo civilizatório de rejeição existencial, ou seja, consciente e

¹³ Grifo no original.

subconsciente, da alteridade”. Ele adiciona o campo cultural como um dos propagadores do racismo, o qual atuaria de forma mais intensa e endógena na subjetividade dos indivíduos, provocando danos às relações entre os diferentes grupos raciais devido às posições de superioridade/domínio e inferioridade/subalternidade geradas pelo racismo.

Com influência nas relações humanas e na circulação de bens culturais na sociedade, a distinção racial emanada do campo cultural atinge as formas de expressão, linguagens e discursos. Como ressalta o linguista holandês Teun A. van Dijk (2008, p.8), o racismo, seus preconceitos e ideologias “são adquiridos, confirmados e exercidos pelo discurso”. Numa sociedade racializada, as marcas do racismo e das disparidades raciais podem ser constatadas como reflexo das relações sociais, em diversos formatos institucionais.

É fundamental manter em ponto de análise que o “perfil de desigualdades raciais não é um simples legado do passado; ele é perpetuado pela estrutura desigualdade de oportunidades sociais a que brancos e negros estão exposto no presente”, sendo que “os negros sofrem uma *desvantagem competitiva* em todas as etapas do processo de mobilidade social individual” (HASENBALG, 1982, p. 98). Esse desequilíbrio será alterado quando discutido e enfrentado pelos diferentes campos e ambientes de incidência, por meio do envolvimento de agentes de diferentes níveis de decisão e execução.

Poderia a imprensa estar imune à ação do racismo? No artigo *Dialética das relações raciais*, publicado na Revista Estudos do Negro no Brasil 50 Anos da USP - Universidade de São Paulo, o sociólogo brasileiro Octavio Ianni analisa a dinâmica da ideologia racista na sociedade brasileira, inclusive sob a ótica da comunicação. Ele considera a ação propagadora dos meios de comunicação e o seu papel na engrenagem disseminadora do racismo:

É a ideologia racial que articula e desenvolve a gama de manifestações, signos, símbolos ou emblemas com os quais os indivíduos e coletividades ‘explicam’, ‘justificam’, ‘racionalizam’, ‘naturalizam’ ou ‘ideologizam’ desigualdades, tensões e conflitos raciais. (...) Sob vários aspectos, essa ideologia racial é transmitida por gerações e gerações, através dos meios de comunicação, da indústria cultural, envolvendo também sistema de ensino, instituições religiosas e partidos políticos (...) (IANNI, 2004, p.24-25).

Conforme o filósofo francês Pierre Ansart (1978, p.36), “uma ideologia política se propõe designar em traços gerais o verdadeiro sentido dos atos coletivos, traçar o modelo da sociedade legítima e de sua organização, indicar simultaneamente os legítimos detentores da autoridade”. A função social da ideologia é “atribuir sentido à ação e, em primeiro lugar, aos projetos e empreendimentos políticos” (idem, p.188), podendo ser indicada em três dimensões: no sentido que designa o grupo, traduz sua situação e expressa seus objetivos; no

caráter prático da ideologia e na reconstrução dinâmica que ela opera nas identidades, situações e estratégias.

No Novo Manual da Redação (FOLHA DE S. PAULO, 1998, p.21), no verbete *racismo*, a Folha de S. Paulo repudia essa prática, ao defini-la como “atitude que deprecia, discrimina ou segrega grupos sociais em virtude da sua condição racial. A *Folha*¹⁴ condena qualquer forma de racismo”. Após essa definição, é recomendada a consulta ao verbete *preconceito*, no qual é feita a seguinte explicação: “a *Folha*¹⁵ não qualifica ninguém por sua origem étnica, confissão religiosa, situação social, preferência sexual ou mental – exceto quando for relevante para a notícia” (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.161), como constatado na análise da classificação das fontes entrevistadas no capítulo 4 desta dissertação.

Instituição consagrada por abarcar a circulação de ideias e ser um dos pilares da democracia, a imprensa não passaria ileso por esses fenômenos sociopolíticos, por ser instituição-suporte da sociedade capitalista (MARCONDES FILHO, 1989; BERGER, 2002). As formas simbólicas são localizadas em campos de interação e as instituições sociais devem ser analisadas por suas regras, recursos e relações constituídas, nas quais temporalidades, práticas e atitudes são elementos de apreciação (THOMPSON, 2008; BOURDIEU, 2009). Nesse sentido, a análise da estrutura social levaria à identificação das assimetrias, das diferenciações e das divisões. Por conseguinte, distribuição e acesso a recursos, poder, oportunidades e possibilidades de realização poderiam ser compreendidas a partir da análise da estrutura social (THOMPSON, 2008).

Grandes instituições sociais são, “apesar das aparências eventualmente contrárias, partes interessadas nos conflitos ideológicos e sua aparente discrição nada faz senão participar das ilusões ideológicas” (ANSART, 1978, p.91). Essa prática é perceptível na imprensa e no Jornalismo, pois, segundo Teun van Dijk (1997, p.52), “la mayoría de los periodistas de nuestro mundo occidental son blancos, hombres y de clase media; pertenecen a grupos sociales que están representados en su ideología y prácticas sociopolíticas, lo cual se refleja cuando elaboran las noticias”. Ao revelar o impacto social do Jornalismo, van Dijk posiciona essa prática social como parte de um sistema hegemônico e de poder.

Na distinção entre a instituição imprensa e o papel dos profissionais, há uma relação simbiótica e colaborativa entre as partes para a manutenção do racismo, por ambos pertencerem ao mesmo campo de forças, isto é, os profissionais são oriundos das camadas do

¹⁴ Grifo no original.

¹⁵ Grifo no original.

poder predominante e a instituição é intrinsecamente interessada na preservação do poder. O fato de ambos, em geral, pertencerem à mesma zona de influência reduziria as possibilidades de conflitos internos sobre o modo de fazer jornalístico. Da perspectiva da dimensão racial, o debate interno sobre o racismo e as estratégias para o seu enfrentamento, inclusive no interior das empresas jornalísticas, estaria, no mínimo, amenizado face às realidades e interesses dos grupos envolvidos.

2. RACISMO E COLONIALISMO

Trazidas tais formulações para a realidade social brasileira, é fundamental pensar acerca de uma estrutura social forjada sob a égide do colonialismo e do racismo, por meio da escravização e dizimação dos povos indígenas e de nações africanas por quase quatro séculos. Ao abordar a interrelação entre escravismo e racismo no Brasil, Ianni (1978, p.25) analisa a formação social do País: “no Brasil, a formação social capitalista foi se constituindo, por assim dizer, por dentro e por sobre a formação social escravista”. Moura (1987, p.13) complementa a compreensão por verificar que a estrutura social brasileira “ainda é entravada no seu dinamismo em diversos níveis pelo grau de influência que as antigas relações escravistas exerceram no seu contexto”. Como já disse Van Dijk (2008, p.14), “o racismo está enraizado no colonialismo e nas subseqüentes formas de dominação social, econômica e cultural pelas elites brancas”.

No contexto do objeto desta pesquisa, tal dominação seria exercida pela chamada grande imprensa – aqui situamos jornais e demais veículos de comunicação em termos de prestígio e audiência –, no sentido de suporte ao sistema dominante. A contraposição a essa ordem seria exercida por outras vertentes da imprensa, a exemplo da imprensa negra, como é abordado mais adiante.

O colonialismo é um sistema perceptível por suas ações destruidoras e expropriadoras, com sérios impactos nas gerações futuras. Para o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1968, p.171), “a colonização unifica, mas divide pelo menos igualmente: não somente por cálculo e maquiavelismo – isto não seria nada – mas pela divisão do trabalho que ela introduz e pelas camadas sociais que cria e estratifica”. Em comício, no ano de 1956, pela paz

na Argélia – país africano colonizado pela França desde 1880 –, Sartre solidarizou-se com o movimento emancipatório e conclamou seus compatriotas franceses a se engajarem na causa argelina para combater a “tirania colonial” juntamente com os colonizados.

Existe um poder de influência do colonialismo e do racismo, que não se extinguem nem mesmo quando o sistema criador entra em derrocada. Pelo contrário, há uma capacidade incrível de recuperação e ressignificação das suas ideias fundadoras, que serão propagadas inclusive por diferentes formas de discurso.

Segundo Sartre, ”(...) o colonialismo está destruindo-se por si mesmo. Mas êle contamina ainda a atmosfera: êle é nossa vergonha, zomba de nossas leis ou as caricatura; infecta-nos com seu racismo (...) (1968, p.39). O psiquiatra afro-antilhano Frantz Fanon expõe a relação colono-colonizador, pela qual o colonizador utiliza todas as formas para reafirmar o seu domínio com o asfixiante controle social do colonizado, de vez que esse fica “prêso nas malhas apertadas do colonialismo” (FANON, 1968, p.40).

Da perspectiva desta pesquisa sobre as relações raciais no Brasil, essas melhas são, em correspondência direta com variáveis propostas pelo inglês John B. Thompson (2008), vetores elementares das assimetrias, das diferenciações e das divisões entre negros e brancos no País. A ação do racismo tem influência direta nos campos de interação e nas instituições sociais, entre as quais está inserida a imprensa. Essa linha de pensamento coloca-a diante de questões epistemológicas (CARNEIRO, 2005) latentes para a investigação dos processos e fenômenos comunicacionais no Brasil, assim como para o entendimento dos problemas nacionais – neste caso o racismo e a temática racial negra –, e da contribuição da imprensa, especialmente do Jornalismo como prática social, para a instauração de um debate público acerca de tais problemáticas.

Durante o processo de colonização, a dominação a que os povos indígenas e africanos foram submetidos decorreu da articulação de um sistema mercantilista orquestrado pelas elites europeias, pelo qual as navegações e descobertas de novos territórios legariam ao mundo disparidades e hierarquizações percebidas até os dias de hoje, devido a escolhas, rejeições, visibilidade e invisibilidade de temas relacionados à dimensão racial.

Em artigo sobre o potencial da educação para prevenir contra o racismo e a intolerância, a pós-doutora em Educação Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2008) revisa o impacto do racismo na formação dos afro-brasileiros. A pesquisadora negra de Ensino-aprendizagem e Relações Raciais da UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos avalia que a detenção e o exercício do poder pelos eurodescendentes no Brasil têm facilitado a imposição e a prevalência de princípios, valores e prioridades como “os únicos admitidos”.

Nessa perspectiva, a classe dirigente forma sua teia da dominação. Para “conter a oposição sempre possível dos dominados, a construção e imposição de uma linguagem redutora que anula a brecha social e nega a situação da violência participam da manutenção do sistema de desigualdade” (ANSART, 1978, p.237). Tomando por base as palavras de Ianni (2004, p.18) – “a história do mundo moderno é uma história de racialização do mundo” –, é inevitável o raciocínio em torno da complexidade do racismo e do uso das diferenças culturais, políticas, econômicas, físicas, entre outras, para a composição de um sistema de exclusões e rejeições alicerçado na aniquilação e expropriação do outro.

O racismo perpassou a constituição dos Estados nacionais, a fundação do sistema capitalista, o surgimento e a consolidação de potências mundiais, a globalização geopolítica e econômica e, mais recentemente, a contínua conexão virtual das relações humanas por meio das novas tecnologias de informação e comunicação. Arquitetado pelas elites brancas, o colonialismo e o racismo beneficiaram demasiadamente o mundo branco, em todas as suas facetas e posições sociais, por um sistema de privilégios composto pela exploração e pelas investidas de expropriação de ordem política, econômica, social e cultural das populações indígena e africana.

O pensamento de Sartre fornece aporte histórico-político referente aos arranjos do período colonial. São mais insumos para a compreensão da relação colonial brasileira e da engenhosidade do colonialismo e do racismo engendrados pelo velho mundo. O sociólogo dá elementos de responsabilização inclusive para o debate contemporâneo global sobre as vítimas do racismo, tendo em vista que “a Europa multiplicou divisões, as oposições, forjou classes e às vezes racismos, tentou através de todos os expedientes provocar e aumentar a estratificação das sociedades colonizadas” (SARTRE, 1968, p.140).

Transposta para a realidade brasileira, a exploração do trabalho africano e da sua descendência está diretamente vinculada com o acúmulo de riquezas para a metrópole portuguesa. Conforme registros do historiador brasileiro Décio Freitas (1985), é possível projetar o valor da força de trabalho africana para a sustentação do rentável sistema econômico mercantilista. Eis a base da coisificação do negro, isto é, do processo de desumanização e estigmatização de inferioridade/subalternidade que poderia ser explorada até o seu esgotamento, tal qual uma peça numa engrenagem que viria a ser substituída e descartada após o seu desgaste, pois “sem o negro, os interesses mercantilistas teriam de adquirir as matérias primas a peso de ouro e prata, coisa claramente incompatível com os propósitos da colonização (FREITAS, 1985, p.14).

Além disso, existe o sentimento de superioridade deflagrado na Europa no período das chamadas grandes navegações e expedições, que se reverteria em preconceitos de raça e cor durante a exploração da Ásia, África e Américas (COMAS, 1960, p.14). Sob a ótica marxista das classes sociais, o racismo gera no regime capitalista uma série de vantagens para os chamados brancos pobres, pois “a despeito dêle próprio, o operário branco lucra um pouco com a colonização; por mais baixo que seja seu nível de vida, sem a colonização seria ainda mais” (SARTRE, 1968, p.94). Na articulação entre colonialismo, racismo e mobilidade social, o racismo aprisiona os negros na base da pirâmide social.

Mesmo em desvantagem econômica, um branco será superior ao negro pela sua condição de branco e pertencente ao grupo detentor do poder político, econômico, cultural e social. Também van Dijk (1997:99) acentua os privilégios perpetrados pelo racismo, “todos los blancos se benefician de este tipo de poder, que pertenece íntegramente a su grupo”. Mesmo que esse branco não se sinta em condições de acessar o poder, este está reservado a ele e faz parte do seu dia-a-dia seja pelas imagens e discursos que o incluem, ou melhor, que inserem o referencial de sua estética; a participação de seus pares na tomada de decisões; a concentração de riquezas entre o seu grupo; a valorização das manifestações, saberes, valores e referenciais culturais; além da aceitação e da confiança/credibilidade que o branco goza nas relações sociais com os outros brancos e com os não-brancos.

Na obra clássica *Os condenados da Terra*, Frantz Fanon (1968) estabelece as conexões entre colonialismo e capitalismo. Um dos líderes do processo de descolonização da Argélia, o intelectual negro percebe uma “cumplicidade objetiva do capitalismo com as forças violentas” no território colonial e no funcionamento do modo de produção capitalista regime de escravidão. É a violência (FOUCAULT, 2007) um dos dispositivos de controle, vigilância e punição física e propagação do medo, a fim de desmobilizar as forças de oposição, como detalha Comas:

as causas da agressão branca eram fundamentalmente econômicas; os brancos se apoderaram das terras mais ricas, até então habitadas pelas populações de cor, e reduziram estas a escravos para assegurarem uma fonte certa de mão-de-obra, o que ainda mais aumentava o valor de suas recentes aquisições (COMAS, 1960:26).

Em *A condição humana*, a filósofa alemã de origem judaica Hannah Arendt (2008) faz a diferenciação entre ação, labor e trabalho. Na sua reflexão sobre a história da escravidão na humanidade, ela é assertiva em destacar a base econômica da escravização negro-africana, pois a “escravidão na antiguidade não foi uma forma de obter mão-de-obra barata nem instrumento de exploração para fins de lucro” (ARENDRT, 2008, p.95).

Criado para legitimar um sistema de exploração econômica, especialmente dos continentes África e América, o racismo foi difundido por meio de diferentes discursos: político (superioridade e inferioridade), econômico (desumanização do ser humano africano e coisificação dos afrodescendentes), social (descobertas de novos mundos e colonização das novas terras), jornalístico (progresso), científico (divisão da humanidade em raças) e religioso (demonização). Por isso, este estudo reconhece o racismo como um dos agentes mais eficientes e funcionais para a estruturação das economias e a consolidação do poder político da Europa no século XV.

Conforme a produção teórico-científica até aqui apresentada, os ativos gerados no período colonial foram determinantes para a configuração geopolítica no século XV e o surgimento do capitalismo no século XIX. Em síntese, um negócio altamente lucrativo que assegurou as condições para o surgimento das novas fontes de produção e exploração de riquezas, a exemplo da industrialização e da economia de mercados.

Ao pontuar a origem do racismo, este trabalho chama a atenção para a complexidade do fenômeno, a sua influência no sistema que conecta sistemas políticos, econômicos, culturais e sociais de inúmeros países há mais de cinco séculos e, em particular, o seu impacto na vida dos afrodescendentes ao longo da história moderna e contemporânea. Uma questão profunda para os países que estiveram na linha de frente do tráfico transatlântico, dos que se beneficiaram e dos que foram atingidos pela ordem da economia colonial.

3. RESISTÊNCIA NEGRA À ESCRAVIZAÇÃO

No decorrer das leituras feitas para esta dissertação, percebe-se que determinados pesquisadores são refutados na tese de que a atuação negra na luta pela sua libertação foi inexpressiva para tensionar os alicerces do regime escravocrata. A exemplo de Octavio Ianni (1987) e Fernando Henrique Cardoso, consideraram a abolição da escravatura como um negócio de brancos, invisibilizando e reduzindo o poder das revoltas negras como vetores de desestabilização do regime escravista. Essas abordagens não seriam formas de extrair o

protagonismo de africanos e seus descendentes? Não reforçariam o estereótipo de passividade dos negros propagados pela historiografia oficial?

Para esses estudiosos, os africanos e seus descendentes escravizados eram produtos alienados, portanto, segundo eles, sem condições de organização coletiva para travar a luta de classes, que viria a derrotar a escravidão. Para essa vertente, as formações de quilombos no interior do País eram uma demonstração de que não havia condições de os grupamentos desmontarem o sistema escravista. Moura (1987, p.16) resgata o conceito de quilombo presente em correspondência de meados do século XVIII, que o concebia como “toda habitação de negros fugitivos que passam de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”. O documento em questão é uma resposta ao Rei de Portugal de consulta feita ao Conselho Ultramarino, datado de 2 de dezembro de 1740. O sociólogo conceitua quilombagem como

movimento de *rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos*¹⁶ que se verificou durante o escravismo brasileiro em todo o território nacional. Movimento de mudança social provocado, ele foi uma força de *desgaste significativa ao sistema escravista*¹⁷, solapou as suas bases em diversos níveis – econômico, social e militar – e influuiu poderosamente para que esse tipo de trabalho entrasse em crise e fosse substituído pelo trabalho livre (MOURA, 1987, p.22).

Em razão da influência dessa vertente histórico-sociológica no imaginário social e no trabalho jornalístico, foi incorporada nesta investigação uma parte da produção científica que enfoca as estratégias de resistência negra à escravização e o envolvimento de africanos e seus descendentes na luta pela liberdade e derrocada do sistema escravista.

No estudo sobre as insurreições de Salvador¹⁸ e, a maior delas até agora registrada, a Revolta dos Malês (MOURA, 1972), Décio Freitas (1985, p.9) verifica a capacidade organizativa e associativa de diferentes etnias africanas na luta pela liberdade, qualificando-a de “formas superiores de luta por tentarem se libertar mediante a destruição do sistema escravista”. Freitas (1985, p.15) salienta a importância das insurreições negras de Salvador por se concentrarem no espaço urbano no Brasil e no Novo Mundo. No início do século XIX, Salvador era o “maior centro urbano do Brasil, se não o maior, de todo o Novo Mundo”. A população era composta por 28% de brancos, 20% de pardos e 52% de negros. Para entender as estratégias das insurreições e, sobretudo, a combatividade da massa escravizada, Freitas

¹⁶ Grifo da autora.

¹⁷ Grifo da autora.

reconstituiu a história das etnias africanas em seus territórios. Logo, deparou-se com civilizações desenvolvidas no conhecimento e domínio de diferentes técnicas de produção e de práticas bélicas para defesa de suas comunidades. Dessa forma, recupera a história magnífica dos povos hausas ou usás e de iorubas ou nagôs. Com o seu apogeu antes do século XIII, o reino hausa dominava as técnicas de produção de couro, ouro, sal, tecidos e outras especiarias, numa área localizada entre os rios Níger e Chade. Já os iorubas ou nagôs, presentes na África Ocidental entre a Nigéria, Benin, Togo e Serra Leoa, influenciaram sobremaneira a economia e a cultura no Brasil por meio dos cultos dos orixás.

O ativista do Movimento Negro, ex-senador da República e produtor cultural Abdias do Nascimento (2002, p.63) particulariza, em documento escrito em 1974, a organização da Revolta dos Malês, por meio do seu planejamento “em seus menores detalhes” e ressalta: “plano militar cuidadosamente elaborado tinha provisões de caráter financeiro e outras”.

Ainda, sobre a Revolta dos Malês, Moura (1987, p.60) explica: “o que aconteceu foi uma superposição de situações e níveis de realidade e de consciência se completaram”. Segundo ele, de ordem social, “na luta contra o estatuto de escravo”; racial, diante da “discriminação que existia contra os negros, mesmo libertos, e que se ligava à situação em que os escravos se encontram no seu conjunto”; e cultural, “com aproveitamento do Islã Negro como fator de mediação ideológica”.

Em *O povo brasileiro*, o antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro (1999, p.213) constata a combatividade negra. Conforme seus registros, “as lutas mais longas e cruentas que se travaram no Brasil foram a resistência indígena e a luta dos negros contra a escravidão”. Diversos pesquisadores trazem subsídios que agregam à corrente de pesquisadores que reconhecem a resistência negra à escravização, incrementando ao corpo negro – reduzido ao objetivo de trabalho e sexualidade –, alma, crenças e cultura.

Segundo Roger Bastide,

Os navios negreiros transportavam a bordo não somente homens, mulheres e crianças, mas ainda seus deuses, suas crenças e seu folclore. Contra a opressão dos brancos que queriam arrancá-los a suas culturas nativas para impor-lhes sua própria cultura, eles resistiram. Principalmente nas cidades, mais do que nos campos, onde podiam, durante a noite, encontrar-se e reconstruir suas comunidades primitivas; suas revoltas são o testemunho indubitável de uma vontade de escapar primeiramente à exploração econômica de que eram objeto e um regime de trabalho odioso; mas nem sempre forçosa e completamente; elas também o testemunho de suas lutas contra o domínio de uma cultura que lhes era estranha (BASTIDE, 1974:26).

A percepção do negro como pessoa, ou melhor, a humanização do negro, transportou-o para outra dimensão que não a da passividade ou do conformismo com a sua condição no sistema colonial. A humanização do negro conflitante com o sistema colonial e racista – expressa pelos elementos simbólicos de objeto, subalternidade, demonização –, eleva-o no mínimo à posição de reflexão e questionamento da sociedade em que vive. Passa, portanto, a ser enunciador de sua própria história sem necessidade de tutela ou mediação. A resistência cultural e a preservação da cosmovisão africana também são constatadas por Clóvis Moura (1987).

Antropóloga afro-brasileira e ativista do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras, Lélia Gonzalez (1982) cita as formas de organização impulsoras para a busca pela liberdade e o enfrentamento coletivo (NASCIMENTO, 2002) das tentativas de expropriação cultural negra. Em *Lugar de negro*, a pesquisadora demonstra a segregação racial do espaço urbano e as estratégias de sociabilidade negra, as quais tornam mais humana a história dos negros na sociedade escravocrata:

Além disso, os quilombos, enquanto formações sociais alternativas, o movimento revolucionário dos malês, as irmandades (tipo N.S. do Rosário e S. Benedito dos Homens Pretos), as sociedades de ajuda (como a Sociedade dos Desvalidos de Salvador), o candomblé, a participação em movimentos populares etc., constituíram-se em diferentes tipos de resposta dado ao regime escravista (GONZALEZ, 1982, p.18).

Ao contar a história de Chico Rei, Abdias do Nascimento (1974, p.72-73) exhibe a tenacidade intelectual e política de africanos e seus descendentes escravizados. Rei africano escravizado, “Francisco”, com seu “infatigável trabalho, demonstrou perspicácia política e talento organizador” para comprar a sua liberdade e juntar “uma economia tão valiosa que lhe permitiu comprar a mina de ouro chamada Encardideira”. Tornou-a “propriedade coletiva” de toda a sua etnia, numa espécie de “trabalho cooperativo nos moldes tradicionais africanos”.

O trabalho africano e de seus descendentes escravizados – a que Clóvis Moura (1989:8) qualifica como “mãos e pés do Brasil” –, as relações sociais e as investidas de violação identitária africana e negra são registradas pela Sociologia, História e Antropologia. Moura fornece informações essenciais para dimensionar a contribuição africana e afro-brasileira para a economia brasileira e a construção do país. Conforme seus registros, homens e mulheres negras não apenas povoaram vazios demográficos como também levaram junto com o seu trabalho “a sua cultura, ensinando técnicas de metalurgia e mineração, aperfeiçoando métodos de trabalho, extraíndo o ouro, procurando diamantes para

proporcionar a riqueza dos contratadores e da Coroa portuguesa” (MOURA, 1989, p.12-13). Expostos a violentas e péssimas condições de trabalho, homens, mulheres, crianças e idosos enfrentavam jornadas de 14 a 16 horas de trabalho diariamente (MOURA, 1989).

Como observado, as produções de Abdias do Nascimento, Décio Freitas, Carlos Hasenbalg, Clóvis Moura, Florestan Fernandes¹⁹, Lélia Gonzalez, Mário Maestri e Roger Bastide, entre outros pesquisadores, documentam o funcionamento da sociedade escravocrata. São, portanto, importantes subsídios para a Comunicação, especialmente nos estudos do Jornalismo, na apreciação da incidência do racismo na sociedade e, por consequência, na imprensa brasileira.

Ao articular raça e história, o antropólogo e filósofo francês Claude Lévi-Strauss expõe a intervenção branca na cosmovisão africana no processo de colonização da África e das Américas. Por um lado, a dominação branca exerceu a faceta perversa da destruição e das tentativas de violação do *ethos* da afrodescendência por meio da intervenção “na vida das populações de cor”, revolucionando seu “modo tradicional de existência, seja impondo o seu, seja instaurando condições que preparassem o desmoronamento dos quadros existentes sem substituí-los por outros” (LÉVI-STRAUSS, 1960, p.253). Por outro, a hegemonia branca foi enfrentada com o poder estratégico da afrodescendência em preservar os valores civilizatórios africanos (BASTIDE, 1974; GONZALEZ, 1982; MOURA, 1987).

O processo de desumanização desencadeado pelo racismo e seus efeitos na matriz cultural de africanos e seus descendentes é registrado no clássico *Reflexões sobre o racismo*:

A violência colonial não tem somente a finalidade de impor respeito a homens escravizados, procura também desumanizá-los. Nada será poupado para liquidar-lhes as tradições, substituir-lhes as línguas pela nossa, para destruir-lhes a cultura sem dar-lhes a nossa; embrutecer-lhes-ão de fadiga. Desnutridos, doentes, se ainda resistem, o temor terminará o job*. (...) Se êle resiste, os soldados tiram, é um homem morto; se cede, se desagrada, não é mais um homem; a vergonha e o medo vão fissurando seu caráter, desintegrando sua pessoa. O processo é tratar com dureza, pelos especialistas: não é de hoje que datam os ‘serviços psicológicos’. Nem a lavagem cerebral (SARTRE, 1968, p.143).

Também o sociólogo francês Roger Bastide atesta os elementos de expropriação cultural e dos referenciais tradicionais da cosmovisão africana, usados na escravização negra.

¹⁹ No início da década de 1950, a UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura patrocinou um conjunto de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil. A origem deste projeto estava associada à agenda antirracista formulada pela Unesco no final dos anos 1940 sob o impacto do racismo e da Segunda Guerra Mundial. O Brasil – considerado uma espécie de “laboratório” – desfrutava àquela época de uma imagem positiva em termos de relações interraciais, se comparado com os Estados Unidos e com a África do Sul. Estiveram envolvidos no projeto Florestan Fernandes, Roger Bastide, Luiz de Aguiar Costa Pinto, Oracy Nogueira, Thales de Azevedo, Charles Wagley, René Ribeiro, Marvin Harris, entre outros.

Aponta ainda as brechas do sistema e as estratégias de sobrevivência criadas pelos africanos e seus descendentes:

Mas a escravidão, por outro lado, destruiu pouco a pouco essas culturas importadas do continente negro. Primeiro, mesmo para a geração dos boçais; dispersava os membros de uma mesma família, tornava impossível a continuidade da vida das antigas linhagens; e o regime escravista, com sua desproporção entre os sexos, a promiscuidade imposta, a coça do homem branco, devia impor-lhes um novo regime de relações sexuais que nada tinha de comum com os regimes africanos. Em seguida, na segunda geração, a dos negros crioulos, os negros se apercebiam de que a escravidão, apesar da sua dureza, deixava aberto certo número de canais de mobilidade vertical, seja no próprio interior da estrutura escravagista (passagem do trabalho dos campos aos trabalhos domésticos para as mulheres, ao trabalho artesanal e a postos de direção para os homens), seja no interior da estrutura da sociedade global (manumissão e ingresso no grupo de negros livres). Esses canais de ascensão, porém, só estavam abertos para aqueles que aceitavam o cristianismo e os valores ocidentais, que renegavam, portanto seus costumes e suas crenças ancestrais (BASTIDE, 1974, p.26).

O racismo assegurou privilégios e teceu estratégias de violação de direitos por meio da violência e de práticas coercitivas²⁰, causando danos irreparáveis para a humanidade. Embora com muitas perdas, a forjada diversidade racial brasileira subverteu as previsões de um futuro sem perspectivas e fadado ao subdesenvolvimento de uma colônia. As resistências negras e indígena subverteram a ordem de dominação estabelecida pelo racismo. Embora muito eficiente, o sistema não era de todo perfeito. As falhas e as lacunas foram habilmente administradas pelos africanos e seus descendentes.

Se de um lado a peculiaridade do racismo no Brasil torna difícil o seu enfrentamento, por outro, também possibilitou num plano geral a criação de estratégias traçadas pelos grupos raciais e étnicos inseridos na condição de dominação e subalternidade. Eles ocupam uma posição para uma atitude de denúncia, discussão pública, afirmação de identidade e aproximação com o grupo racial dominante sem perder o seu tom reivindicatório e crítico.

Ao discorrer sobre a história do negro no Brasil, Moura (1989, p.7) afirma que a “história do negro confunde-se e identifica-se com a formação da própria nação brasileira e acompanha a sua evolução histórica e social”. Conferindo protagonismo ao negro no enfrentamento do racismo, Moura (1989, p. 40) acrescenta: “desde as primeiras lutas sociais no Brasil o negro conseguiu ampliá-las e transformá-las em lutas sócio-raciais”.

²⁰ A ver a Lei Nº 4, de 10 de junho de 1835, que determina as penas com que devem ser punidos os escravos, que matarem, ferirem ou cometerem outra qualquer offensa physica contra seus senhores, etc.; e estabelece regras para o processo. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM-4-1835.htm>. Acesso em 3 mar. 2011.

O jornalista afro-brasileiro Juarez Bahia²¹ (1972, p.33), ao estudar o jornal, sua história e técnica, alça “a revolta dos negros na Bahia, coroando todo um movimento pela emancipação, que começara desde que aqui chegaram os primeiros navios negreiros” entre os grandes temas da primeira fase da imprensa no Brasil. A resistência é empreendida pelos agentes oprimidos cuja luta pela liberdade os torna sujeitos ativos e protagonistas na construção de novos paradigmas raciais e sociais.

3. FUNDAMENTOS DO DISCURSO IDEOLÓGICO E CIENTÍFICO RACISTA

Partindo do trinômio ideologia, cultura e comunicação (THOMPSON, 2008) e sua imbricação com as assimetrias sociais, Hasenbalg (1982, p.90) fornece importantes subsídios para a compreensão da interrelação entre raça, estrutura de classes e estratificação social. Resultante disso deriva “uma estrutura desigual de oportunidades de mobilidade social depois da abolição” (HASENBALG, 1982, p.60) que pode ser identificada como um dos “determinantes das desigualdades raciais contemporâneas no Brasil: a desigual distribuição geográfica entre brancos e negros e as práticas racistas do grupo racial dominante”.

Renato Ortiz (2003, p.8) afirma que “falar em cultura brasileira é falar de relações de poder”, encontrando na temática racial negra “a problemática da identidade nacional” (ORTIZ, 2003, p.13). Todavia, o componente racial negro se tornaria objeto de estudo da intelectualidade brasileira após a abolição da escravatura na tentativa de compreender os fenômenos sociais do país.

²¹ Bahia teve uma fabulosa carreira jornalística. Foi professor de Jornalismo da Universidade Católica de Santos, Cásper Líbero e um dos primeiros professores do Curso de Jornalismo da ECA/USP. Radicou-se em Portugal e viveu também na Espanha, China e Estados Unidos. Como correspondente internacional, colaborou para os jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo e a revista Visão. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Juarez_Bahia. Acesso: em 17 jan. 2011.

3.1. O IDEÁRIO EUGENISTA DO BRANQUEAMENTO

Em *Cultura brasileira e identidade nacional*, Ortiz (2003) explica a imbricação entre o pensamento científico racista e a ausência da neutralidade epistemológica:

A escravidão colocava limites epistemológicos para o desenvolvimento pleno da atividade intelectual. Somente com o movimento abolicionista e as transformações profundas por que passa a sociedade é que o negro é integrado às preocupações nacionais (ORTIZ, 2003, p.38).

Mesmo após a abolição, boa parte da ciência brasileira manteve como referencial epistemológico as defasadas teorias raciológicas ou raciais (COMAS, 1960; VAN DJIK, 2008). O racismo científico foi amplamente difundido pelos pesquisadores Gobineau, Lapouge, Quatrefages Agassi, Broca, Le Bon, Bucle, Kidd, entre outros – especialmente por uso da técnica sueca de medição craniana, criada em 1842, e bastante usada na França, a exemplo da primeira sociedade de Antropologia de Paris (ORTIZ, 2003), até a sua refutação, em 1892, por Paul Topinard. Essa vertente científica fundamentou a supremacia branca e relegou os negros às posições de inferioridade, subalternidade e opressão racial, numa evidente demonstração do uso inadequado da ciência.

Para Lévi-Strauss (1960, p.232), “convém não esquecer que Gobineau, a quem a história converteu no pai das teorias racistas, não concebia, entretanto, a ‘desigualdade das raças humanas’ de maneira quantitativa, mas qualitativa”. Aprofundando a crítica a Gobineau²², Claude Lévi-Strauss explica os erros científicos que fundamentaram o racismo e impactaram profundamente as relações raciais nas Américas. Isto é, a ciência de Gobineau era motivada pela sua subjetividade e a visão de mundo dele condicionou os resultados das suas pesquisas e produção de conhecimento:

A tara da degeneração para êle se ligava mais ao fenômeno da mestiçagem do que à oposição de cada raça, numa escalada de valores comum a todas; estava destinada, pois, a atingir a humanidade inteira, condenada, sem distinção de raça, a uma mestiçagem cada vez mais avançada. Mas o pecado original da antropologia consiste na confusão entre a noção puramente biológica de raça (na suposição, aliás, de que mesmo nesse campo limitado, essa noção possa pretender uma objetividade, o que a genética moderna contesta) e as produções sociológicas e psicológicas das culturas humanas. Bastou a Gobineau cometê-lo para se ver encerrado um círculo infernal

²² O cientista francês era “amigo íntimo do imperador Dom Pedro II”, como registra Ortiz (2003, p.28).

que não exclui a boa-fé à legitimação involuntária de todas as tentativas de discriminação e de exploração (LÉVI-STRAUSS, 1960, p.232).

O racismo científico também é abordado por Comas. A ciência prestou serviço para a legitimação do racismo. Lembrando Van Dijk (2008), para manter-se vivo e influente, o racismo é adquirido, confirmado e exercido pelo discurso. Além do discurso político, econômico, social e cultural, o discurso científico não ficaria de fora devido ao poder do campo científico e sua funcionalidade na sociedade.

Ao passo que a abolição acirrou os conflitos raciais, a intelectualidade brasileira, representada por Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Silvio Romero e Oliveira Vianna, incorporou essa linha teórica já em desuso e não recomendada na Europa, de 1888 a 1914, fundamentando a superioridade branca e a subalternidade negra. Conferiu estatuto científico às barbáries do escravismo e justificou o racismo contra a população negra. Ortiz (2003, p.20) aponta que esses escritos “refletiam toda a ideologia da supremacia do mundo branco”. Defendiam a política imigratória de “dimensão ideológica”, visando o branqueamento da população brasileira, como forma de apagar as matrizes negras e indígenas.

Lélia Gonzalez (1982, p.54) assinala que a ideologia do branqueamento “consiste no fato de os aparelhos ideológicos (família, escola, igreja, meios de comunicação etc.) veicularem valores que, juntamente com o mito²³ da democracia racial, apontam para uma suposta superioridade racial e cultural branca”. A pesquisadora, reconhecida ativista do Movimento Negro e de Mulheres Negras, expõe a complexidade do racismo e suas facetas capciosas de manifestação. Gonzalez sugere que “o caráter disfarçado do racismo à brasileira” deve ser entendido na articulação entre o mito e a ideologia, que passa “a desenvolver mecanismos de ocultamento de ‘inferioridade’”, conformando um “quadro de racionalização” que vai do “racismo às avessas” até a “atitude ‘democrática’ que nega a temática racial negra, “diluindo-a mecanicamente na luta de classes”, isto é, sem situações conflitantes ou questionamento do exercício de poder de um (branco) sobre o outro (negro).

A filósofa e ativista do Movimento de Mulheres Negras Sueli Carneiro (2003:122) destaca o impacto da hegemonia da branquitude no imaginário social. No artigo *Mulheres em movimento*, a pesquisadora negra aponta para a ocorrência de “uma violência invisível que contrai saldos negativos para a subjetividade”, especialmente no que tange às mulheres negras por serem alvo da interseccionalidade do racismo com o sexismo. De acordo com Oliveira

²³ Bourdieu (2002, p.10) alerta que o mito é “um produto coletivo e coletivamente apropriado”.

(2009, p.267), “o racismo produz discursos que procuram normalizar as diferenças entre os sujeitos, atribuindo-lhes a responsabilidade pelas desigualdades sofridas”.

Esse é o núcleo irradiador do racismo por meio dos conflitos raciais explícitos – no caso, revelado pela ação do Movimento Negro ao rechaçar a democracia racial –, ou do escamoteamento do racismo através das tentativas de interdições de sujeitos, de ocultamento de fatos e versões relacionados ao conflito racial existente na sociedade brasileira e do silenciamento de vozes no debate racial.

3.2. O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

É do cruzamento entre o racismo científico do fim do século XIX, atualizado pelos estudos sociológicos de Gilberto Freyre (1998), na década de 1930, que o ideário da mestiçagem seria incentivada e o racismo ganharia nova conotação, estabelecendo o mito da democracia racial, para negação das disparidades raciais por meio de uma pretensa harmonia racial de convivência pacífica. Ao refletir sobre os imaginários sociais, Ansart (1978, p.23) conceitua: “o mito não é exatamente uma crença e menos ainda um ato de fé; é a experiência cotidiana, o imaginário vivido, o modo de relações dos homens consigo mesmos, com o mundo e com o outro”. Nesse sentido, o mito da democracia racial é, neste estudo, entendido como um imaginário, vivido diariamente, de que brancos e negros compartilham o poder através de um equilíbrio de forças e debate, com a mesma presença e intensidade ou, pelo menos, sem participação díspare no debate social.

A definição de Ansart facilita a reflexão de como se desenvolve o mito da democracia racial brasileira, segundo o qual negros, brancos e indígenas convivem de forma harmônica e cordial, sem conflitos e tensões raciais decorrentes da opressão racial e tentativas de dominação. Os mitos para se consagrar precisam de “repetições de ritos” e “reatualização dos significados” com “urgência de impor normas contra os riscos do desânimo”, isto é, de aspectos fundamentais para preservar os seus efeitos de influência no imaginário social

(ANSART, 1978, p.23). Poderia a imprensa brasileira prestar-se a serviço do desmantelamento ou da perpetuação do mito da democracia racial?

Todavia, mecanismos de intimidação e opressão (SARTRE, 1968) são reiterados por diferentes estratégias. O noticiário da imprensa no período do Império mostrou-se como um dos dispositivos de intimidação e opressão racial. Na efervescência política da fase pré-independência do Brasil, o embate entre metrópole e colônia transparece na troca de insultos e acusações de cunho racista. Percebe-se, ainda, o medo de uma eminente revolta negra, como a que ocorrera no Haiti (BASTIDE, 1974), em 1804, com abolição da escravatura feita pelos negros escravizados e ruptura colonial também liderada pela massa negra.

A antropóloga brasileira Lilia Moritz Schwarcz (1987), na sua dissertação de mestrado em História na Unicamp - Universidade Estadual de Campinas, apura nos jornais paulistas de fim do século XIX a representação de negros escravizados e de sua transição a cidadãos nos jornais *O Correio Paulistano*²⁴, *A Província de São Paulo*²⁵ e *A Redenção*. O estudo refere-se às peculiaridades das notícias e analisa a representação do discurso científico também no evolucionismo e no darwinismo, especialmente em editoriais e seções científicas. Presta, assim, importante contribuição aos estudos de Jornalismo, especialmente ao campo da notícia e da relação da imprensa com a temática racial negra e o racismo:

Logo, enquanto a República surgia aos poucos, proclamando a igualdade e o direito de cidadania, a ‘sciência’ e o jornal buscavam desmentir o que acusavam de ‘utopia’. Como dizia o artigo acima, ‘os homens não nascem iguaes’; parecia caber também à ciência e à imprensa comprová-lo” (SCHWARCZ, 1987, p106).

Conforme os textos reproduzidos no livro *Retrato em Branco e Negro*, a maioria dos jornais continha notícias curtas e diretas. O espaço opinativo era reservado aos “senhores de escravos” que se expressavam por meio de artigos e, outros, quando críticos, abriam espaço para a crítica das práticas violentas. Contudo, aponta Schwarcz (1987, p.183), “a ação dos negros pouco importava, já que o que interessava destacar era antes os abusos que a escravidão vinha provendo”. Na análise geral do noticiário dos jornais pesquisados, ela afirma (1987, p.119) que “a presença do ‘negro’, retratado de diferentes maneiras, era uma constante: ora aparecia como um assassino, frio e cínico, ora como humilde e até serviçal”. No entanto,

²⁴ Segundo Bahia (1972, p.27), “*O Correio Paulistano* era o segundo jornal diário de S. Paulo, fundado e editado por um tipógrafo, Joaquim Roberto de Azevedo Marques, também fundador do Jornalismo diário no grande Estado”.

²⁵ O jornal *A Província de São Paulo* modificou seu nome em 18 de novembro de 1889 para o *Estado de S. Paulo* (CAPELATO, 1994). Ver também Bahia (1972) e Melo (1998).

não hesita em documentar a característica predominante do noticiário da imprensa: “as notícias enquanto conjunto assemelhavam-se a ‘falas escolhidas’”.

Independentemente da quantidade e variedade, as notícias apresentavam “semelhantes marcas a nível do discurso, na forma como eram redigidas ou mesmo nos temas”, entre os quais estão: negros ligados a ações violentas; “natural” dependência do negro; “atitudes e práticas bárbaras”, apresentando-o como indivíduo supersticioso dedicado à bruxaria e à feitiçaria, uma conotação estigmatizada dos saberes e cultos de matriz africana; negro suicida e mortes mal explicadas; e “negro degenerado”, associando sua imagem à bebida, à imoralidade e às práticas bárbaras, dessa vez, vinculadas ao samba e à capoeira (SCHWARCZ, 1987, p.133).

Também é da História outra referência singular a respeito da maneira como os negros eram retratados nos jornais. A historiadora brasileira Célia Maria Marinho de Azevedo (1987), baseada na sua dissertação apresentada na Unicamp, inicia o livro *Onda negra, medo branco* com um conto explicitamente racista publicado no jornal *Correio Paulistano*, em julho de 1888 – dois meses após a Abolição da Escravatura. A história é sobre um casal negro, mas está centrado na figura da mulher negra com habilidades culinárias e saberes espirituais de matriz africana. Mais do que revelar o imaginário coletivo predominante, o texto exhibe a linha editorial do jornal frente aos temas raciais e aos interesses políticos, econômicos e sociais em torno da difusão da imagem negativa dos afro-brasileiros, ou como diria Célia Azevedo, de incitar o medo branco:

Além de nos dizer muito de como estavam sendo reavaliados socialmente os escravos e seus descendentes, esta história pode ser compreendida como um pequenininho lance dentro de uma estratégia abrangente de higienização do espaço urbano (...) (AZEVEDO, 1987, p.19).

Nas palavras de Fanon (1968), poderia ser a contenção da ameaça das massas de tudo destruir e sabotar por meio da utilização da estratégia do medo e da violência. No trecho a seguir, Van Dijk explora os dispositivos de dominação.

En otras palabras, la dominación que se implementa de forma discursiva implica *acceso*²⁶ preferente al texto y al contexto, que se toman como base o *recurso*²⁷ de poder, comparable a recursos sociales tales como la riqueza, los ingresos, un buen empleo, la posición, el estatus, el conocimiento ya la educación (VAN DIJK, 1997, p.19).

²⁶ Grifo no original.

²⁷ Grifo no original.

Se a “divisão racial do espaço” (GONZALEZ, 1982, p.15) é de tal forma incentivada pelo noticiário da imprensa, em 1888, esses registros instigam a pensar que nas condições que foram determinantes para o surgimento de outras ramificações da imprensa interessadas em dar voz aos negros e às suas problemáticas, como é o objetivo da imprensa negra. Desse modo, a imprensa brasileira pode ser pensada como um dos polos irradiadores e propagadores dos tensionamentos, embates e conflitos decorrentes do racismo. Também vale refletir sobre as estratégias para a desarticulação dessas práticas, como fizeram e fazem os jornais negros da imprensa negra, e a possibilidade de interação entre esses dois prismas.

CAPÍTULO II - JORNALISMO, SOCIEDADE E RAÇA

1. O JORNALISMO NO BRASIL

O início da imprensa no Brasil foi deflagrado pela chegada da família real portuguesa, em 1808. O jornalista brasileiro Antônio Costela (1970, p.17) afirma a inexistência de tentativa tipográfica no Brasil até o começo do século XVIII, devido a repressão da metrópole lusa, que se esforçava “por manter a Colônia à margem de qualquer manifestação de pensamento”. Os primeiros indícios da atividade de imprensa são localizados em Recife, em 1706. Exatos 40 anos depois, a tipografia de Antonio Isidoro da Fonseca, no Rio de Janeiro, tentaria inaugurar alguma produção no País. Entretanto, foi atingida pela Ordem Régia, de 6 de julho de 1747, que “pôs termo à tentativa, mandando seqüestrar os tipos e remetê-los ao Reino”. Com a transferência da corte portuguesa, Dom João VI autorizou a instalação de prelos, em 13 de maio de 1808.

É naquele ano que surgira sob a marca do controle da informação (COSTELA, 1970) e da censura (SODRÉ, 1999), os jornais *Correio Braziliense*, em Londres em 1º de junho de 1808, por iniciativa de Hipólito da Costa, e a *Gazeta do Rio de Janeiro* (SEABRA, 2002; RIBEIRO, 2004), em 10 de setembro de 1808, sendo esse o primeiro jornal impresso no Brasil. Recuperando os dispositivos legais que tolheram a liberdade de imprensa e o controle da informação, Costela (1970:20) aponta: “mal se instalara a imprensa e já em 24 de junho de 1808 – um mês depois, portanto – exteriorizaram-se as inevitáveis preocupações em prol da censura”.

Repetiu-se, assim, o *curso natural* do começo da prática jornalística em outros países. Albert e Terrou (1990, p.4-7) refazem o caminho do aparecimento da imprensa, fundada no século XVI. Entre os fatores favoráveis para a constituição da imprensa, os autores enumeram: a) necessidades de informação decorrentes das relações políticas, econômicas e intelectuais do século XV; b) criação dos correios modernos, a partir de 1464; c) invenção da tipografia, em 1438, por Gutenberg; d) notícias manuscritas, que desde o século XVI tinham-se tornado “uma verdadeira mercadoria”; e) circulação de folhas volantes impressas. As gazetas editadas no fim do século XV, “sob a forma de pequenos cadernos de 4,8 ou 16 páginas”, registravam “um acontecimento importante”. Os pasquins, novo tipo de folha volante, relatavam fatos sobrenaturais. Os libelos “alimentavam as polêmicas religiosas” da Contra-Reforma, e depois, políticas. Os três tipos ilustravam “as três principais funções do Jornalismo: a informação sobre os fatos da atualidade por meio do relato dos pequenos

eventos do dia-a-dia e a expressão das opiniões”; a produção de almanaques, que foram “os primeiros impressos periódicos”, derivados dos primeiros calendários impressos desde 1448; e, por fim, a sobrevivência dessas formas primárias de Jornalismo cujo “nascimento de periódicos impressos não provocou o desaparecimento dos escritos informativos periódicos”.

À época, o controle político e a censura frearam os progressos da imprensa. Contudo, o poder e as tensões dele derivadas já faziam parte da realidade dos jornais. Segundo Albert e Terrou (1990, p.11-14), “a imprensa adquiriu, apesar das censuras, um poder político que variava conforme os Estados; na vanguarda das idéias liberais, ela iria travar a luta por sua própria liberdade”. Em outras palavras, na sua existência e função na sociedade a atividade jornalística se coloca no centro das disputas do poder hegemônico, do qual se nutre para dar relevância à sua existência no sentido de afirmação do seu poder na sociedade ou, como diria o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997), ação entre os demais campos.

Intelectuais como Rousseau, Diderot e Voltaire desprezavam o Jornalismo, conferindo estatuto de inferioridade à prática jornalística. O surgimento da imprensa inglesa é reconhecido em 1621 na condição de monopólio. Em razão do engajamento político, em 1787, a imprensa fora chamada de quarto poder pelo político Burke (ALBERT; TERROU, 1990; TRAQUINA, 2005). O segundo registro mundial da imprensa ocorre em 1653, na França. A prática era caracterizada pelas limitações impostas a jornalistas para tratar de assuntos políticos. Os Estados Unidos assumem a terceira posição no ranking mundial, em 1690, com o surgimento do único exemplar da folha *The Public Occurrences*. Todavia, a *Pennsylvania Gazette* é considerada como “a primeira folha realmente original” daquele País devido à sua continuidade editorial.

O Brasil foi a última das colônias das Américas a iniciar o uso da tipografia. O jornalista brasileiro Leonardo Dantas Silva (1988) aponta o atraso brasileiro diante do México, Peru e Estados Unidos que, em 1539, 1585 e 1638, respectivamente, já haviam começado a utilizar essa tecnologia. A primeira tentativa brasileira ocorreu em 1642, no governo de Maurício de Nassau-Siegenh, mas acabou frustrada e desautorizada pela metrópole portuguesa.

Na nascente imprensa brasileira, em 1808, a temática racial negra era compreendida no âmago do sistema escravista. A historiadora brasileira Isabel Lustosa (2004, p.17) verifica a defesa pública de Hipólito da Costa, patrono da imprensa brasileira, de uma abolição gradual da escravatura e da imigração europeia: “Hipólito defendia a gradativa substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre. Achava que o meio certo para isso era a imigração de europeus pobres para o Brasil”. Apesar de o Correio Braziliense ser crítico à coroa

portuguesa, não era com o modo econômico de produção baseado na escravização negra, numa demonstração de concordância com os interesses econômicos das elites escravocratas.

Embora iniciada a atividade jornalística no Brasil, em 1808, sua intensidade de produção é registrada após 1821 (SILVA, 1988), ano em que a oficialista *Gazeta do Rio de Janeiro* se firmava como a “única folha impressa” a que o público tinha acesso. No entanto, o surgimento de novos jornais fazia parte do contexto político pré-independência. Juarez Bahia (1972, p.21) indica o surgimento de “jornais dedicados a assuntos especializados” a partir de 1828. Nesse contexto, situa-se a imprensa negra cujo primeiro representante emerge, em 1833, com o jornal *O Homem de Cor*, editado por Francisco de Paula Brito. Ou seja, quase uma década após a produção intensa de jornais no Brasil e somente cinco anos depois do surgimento da imprensa especializada, a imprensa negra se lança como catalisadora da enunciação negra, explorando um viés relegado pelos jornais tradicionais: a integração negra à sociedade brasileira pelo ponto de vista dos africanos e afro-brasileiros.

A historiadora brasileira Maria Helena Capelato (1994, p.38) aborda os obstáculos para a consolidação da imprensa no Brasil, sendo o principal deles a formação de um público leitor. “Os núcleos urbanos eram pouco significativos na sociedade colonial havendo predominância de uma população do campo, analfabeta, constituída na sua maioria por escravos, dispersa em áreas distantes”. Primeira negra a compor o Conselho Nacional de Educação (CNE), em 2001, a pesquisadora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva contextualiza o período, a fim de evitar generalizações discriminatórias. Ela destaca que “aos africanos escravizados, considerados objetos de uso antes de seres humanos, foi praticamente vedada a possibilidade de acesso à aprendizagem do ler e escrever”. Também o poeta, escritor e jornalista negro com atuação na imprensa negra Oswaldo de Camargo (1987) colabora com a reflexão acerca do letramento negro.

Evidências históricas apontam o soldado Henrique Dias, atuante na Guerra de Pernambuco, como “o primeiro negro que escreveu um texto no Brasil, o primeiro negro letrado” (CAMARGO, 1987, p.26). Na carta *Sou tratado com pouco respeito*, remetida ao rei de Portugal, o soldado Henrique Dias denuncia o tratamento racista e discriminatório aplicado por um general do exército. É da Fronteira do Recife, em 1º de agosto de 1650, que Dias desabafa:

E ora, pelo Mestre de Campo General Francisco Barreto, que governa, sou tratado com pouco respeito, e com palavras indizentes à minha pessoa, nem me conhece como soldado, e que não sou nada nem venço soldo, (e) a este respeito outras muitas moléstias, que todos geralmente padecem, até que Vossa Majestade seja servido

mandar remediar tantas faltas, pelo que convém à conversação deste Estado (apud CAMARGO, 1987, p.26).

O caso relatado por Dias – feito que se verifica na natureza da imprensa negra (CAMARGO, 1987) –, expõe um homem negro que usou a habilidade da escrita e argumentação para acionar a autoridade máxima da colônia: “o que esperáveis que acontecesse, quando tirastes a mordça que tapava as bôças negras?” (SARTRE, 1968, p.89). Ao dominarem a tecnologia da escrita e/ou do idioma português, os negros tornaram-se enunciadore de sua própria realidade, a partir das suas visões, obtendo as condições de assumirem protagonismo e influência nas suas histórias e registros.

Lustosa (2004, p.64) assinala que a escassez de um público leitor não impedia a circulação de informação obtida pelos jornais, pois “leituras coletivas” eram práticas comuns “em praça pública ou em taverna”. Outro dado importante se refere ao custo do exemplar avulso do *Diário do Rio de Janeiro*, “mais popular” e “longevo de todos”: 80\$00 – o valor correspondia a uma porção de manteiga. Equivalência que tornou o jornal conhecido como “o diário da manteiga”. Os projetos com melhor desempenho refletiam a realidade da época; tiragens de 200 a 500 exemplares.

No processo de independência do País, o papel da imprensa foi determinante para o avanço social, tendo como característica a vinculação a causas sociais. Lustosa (2004, p.24-52) chega a afirmar que houve “a imprensa que fez o fico” e que “imprensa se escreve com ‘i’ de independência” para ilustrar o engajamento dos jornais num dos mais importantes fatos históricos nacionais.

É com a atividade jornalística que o cotidiano de africanos e seus descendentes escravizados passou a ser difundido entre a sociedade brasileira alfabetizada através dos registros nos jornais de opiniões acerca da abolição do trabalho escravo; defesa do regime escravocrata; anúncios de compra, venda, captura e busca por pessoas fugitivas (MELO, 1972; FERREIRA, 2002). De acordo com Silva (1988, p.xiii), os “anúncios de jornais eram retratos falados de uma época, servindo não-somente para demonstrar as marcas dos castigos corporais, impostos aos escravos fujões pelos capitães-do-mato e senhores, mas também outros aspectos da população de cor”, tais como pertencimento a etnias africanas, habilidades profissionais, divertimentos, trajes e vestimentas, personalidades e sentimentos, adornos, penteados, constituição física, comportamento, entre outros atributos.

Teria a recém-nascida imprensa brasileira assumido uma narrativa dissociada do racismo? O jornalista brasileiro Nelson Werneck Sodré, em *História da imprensa brasileira*, aproxima a resposta.

Na expansão colonialista, cujo auge aconteceu nos séculos XVIII e XIX, os meios de comunicação então existentes convenceram os povos mais do que pela coação, de que não tinham outra saída: eram colonizados por uma espécie de fatalidade. Daí, nessa fase histórica, preconceitos de duração secular: o preconceito de raça demonstrava aos africanos que eles estavam predestinados, como raça “inferior”, no caso dos negros, a trabalhar para os senhores (...) (SODRÉ, 1999, p.xii).

Essa é mais uma das evidências de que imprensa e racismo não são, no passado, linhas paralelas; fazem parte do mesmo traçado. Interligadas, compartilharam o regime colonialista como período de nascimento e estiveram à mercê dos interesses hegemônicos, cujo controle era exercido pelas elites brancas, por meio de senhores escravocratas. De acordo com Nelson Werneck Sodré (1999), o debate racial era interdito e condicionado pelos interesses dos escravistas. Pierre Ansart traz contribuições importantes a essa articulação de fatores: “uma classe dominante oculta a sua dominação apresentando-se como agente executivo dos fins coletivos, como agente funcional dos interesses gerais” (1978, p.235), questão apreciada no decorrer desta investigação.

Em *O que é Jornalismo?*, o jornalista brasileiro Clóvis Rossi (1994, p.7) apresenta essa prática social como “uma batalha fascinante pela conquista de mentes e corações”. De acordo com o jornalista português Manuel Chaparro (2007), o “Jornalismo é o elo que, nos processos sociais, cria e mantém as mediações viabilizadoras do direito à informação”. Já o professor de Jornalismo Nilson Lage, aposentado pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, problematiza a história do Jornalismo brasileiro por meio de quatro fases: panfletária e polêmica (Primeiro Reinado e Regências); literária e mundana (Segundo Reinado); formação empresarial (República Velha) e nacionalista/dependente, populista/autoritária (até o início dos anos 1980).

Já o jornalista Roberto Seabra (2002, p.32) divide em cinco as fases de desenvolvimento da atividade no Brasil: jornalismo literário, até o fim do século XIX; jornalismo informativo estético, até o fim da Primeira Guerra Mundial; jornalismo informativo utilitário, do período entreguerras até a década de 1960; jornalismo interpretativo, dos anos 1970 até o fim da década de 1990; e jornalismo plural, que começaria a se configurar como paradigma no começo dos anos 2000.

Pierre Ansart (1978, p.168) define um conceito-chave para esta pesquisa. Para ele, “o pluralismo define o poder como poder oficialmente contestado, seja em suas decisões particulares pelas posições moderadas, seja na sua globalidade pelas oposições radicais”.

Foi no primeiro período histórico do Jornalismo brasileiro que os negros fundaram, em 1833, o jornal *O Homem de Cor* – primeiro título da imprensa negra. Inserida num projeto autônomo e crítico das relações raciais no Brasil, como abordado na seção posterior, a imprensa negra está compreendida entre o microcosmo da imprensa brasileira, compartilhando espaços de convivência no ambiente de circulação de ideias entre jornalistas e intelectuais.

Na segunda fase do Jornalismo brasileiro, quando surgiram jornais de longa data da grande imprensa (LAGE, 1979) – *Jornal do Comércio* (1827), *Gazeta de Notícias* (1874), *O Estado de São Paulo* (1875) e *Jornal do Brasil* (1891) – importantes jornalistas negros participaram ativamente da nascente grande imprensa, tais como Machado de Assis e José do Patrocínio. Outros nomes revezavam-se entre a prática jornalística na grande imprensa e na imprensa negra, a exemplo de Lino Guedes²⁸.

A urbanização e os processos políticos no Brasil fizeram com que as folhas tipográficas cedessem lugar “às empresas jornalísticas, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função” (SODRÉ, 1994, p.257). As primeiras empresas jornalísticas começaram a surgir, a partir de 1880, com a industrialização do País. Para Bahia (1972, p.45), esse período da “aventura industrial” criou as condições para a imprensa se inserir no “campo das atividades industriais” e “com características de emprêsa”, o que levaria ao desaparecimento de publicações “como resultante das novas condições sociais”.

A informação passou a se tornar um produto e os “acontecimentos políticos, econômicos e sociais” – como pontua Roberto Seabra (2002, p.36) –, ocuparam de vez o espaço do debate público. Assim, os veículos impressos tornaram-se “portadores dos interesses da classe produtora e das camadas médias da população”. Entretanto, como alerta Ansart (1978, p.166), “a industrialização do jornalismo amplia a apropriação capitalista da imprensa escrita, favorece o reforço dos jornais informativos e a diminuição do seu número”. Nessa fase, a nascente grande imprensa e a imprensa negra já possuíam diversos títulos, produtores posicionados frente aos temas de relevância e projetos editoriais específicos.

²⁸ De acordo com Camargo (1987, p.75-76), Lino Guedes foi “o primeiro poeta negro que neste século, como escritor, se aceitou negro e publicou as ‘consequências’”, reatando a “dicção afro-brasileira”. Filho de escravos, começou na juventude a carreira de jornalista no *Diário do Povo* e *Correio Popular*, em Campinas. Depois, trabalhou no *Jornal do Comércio*, *n’O Combate*, *A Razão*, em São Paulo, *Jornal*, *Correio de Campinas*, *Correio Paulistano* e *Diário de São Paulo*, onde por “muitos anos chefiou a Revisão” (CAMARGO, 1987). Com longa trajetória jornalística na imprensa, teve importante atuação na imprensa negra, onde desempenhou a função de redator-chefe de *Getulino* na década de 1920. Conforme Miriam Nicolau Ferrara (1985, p.201), o *Getulino* “inicia, efetivamente, na imprensa negra as reivindicações que vão durar até 1937”. Ela salienta que a combatividade do jornal se traduzia inclusive no nome, que era um dos pseudônimos de Luiz Gama. Essa “imprensa negra combativa” decorria do fato de Campinas ser “uma cidade mais racista do que São Paulo”, onde as pressões contra os negros eram fortes.

Na terceira fase do Jornalismo brasileiro, em que a publicidade e a perspectiva empresarial tornaram-se mais evidentes, o jornalista afro-brasileiro Lima Barreto inovará com sua crítica à sociedade brasileira, enquanto o também jornalista afro-brasileiro João do Rio (MEDINA, 1988) desenvolvia um estilo de reportagem urbana, revolucionando a técnica até então empregada. Era o tempo em que a categoria jornalística começara a se constituir e, assim sendo, com expressiva presença negra.

Durante o Estado Novo (TRAVANCAS, 1993), Lage (1979, p.31) indica a “liquidação do Jornalismo político e da perda de qualidade da caricatura, uma intensa corrupção de jornais e jornalistas, com a Imprensa submetida ao controle do DIP (Departamento da Imprensa e Propaganda)”. Segundo Seabra (2002, p.36), o estilo do *Jornalismo informativo utilitário* corresponderia ao período da afirmação da imprensa brasileira, no qual os grandes jornais abandonaram “o sistema de empresa familiar e na qual ocorre a formação dos sistemas nacionais de Jornalismo, quando se assiste à chegada de novos veículos de comunicação e à consolidação do modelo industrial de produção da notícia”. A partir de 1945 há uma “crescente influência norte-americana”, a qual se situa melhor com o uso da palavra estadunidense, na sociedade e na imprensa; “com maior ou menor disfarce, capitais do exterior passam a influir na vida dos jornais” (LAGE, 1979, p.31).

A reforma do *Jornal do Brasil*²⁹, na década de 1950, representa a modernização dos jornais brasileiros, a ponto de Lage (1979, p.31) comentar que a “nova forma do *Jornal do Brasil* tornou-se uma espécie de símbolo, como certos hábitos e certa música”³⁰, abrindo uma espécie de efeito cascata, seguido por diversos jornais, “como signo do desejável, do hegemônico”, até 1964, quando se instalou a ditadura militar. Entre os jornais negros, os efeitos da ditadura militar também são implacáveis, com a dispersão de uma produção autônoma, que viria a se rearticular em meados dos anos 1970.

É a partir daquele momento, que a imprensa passaria por uma revolução em termos tecnológicos e também de ordem dos recursos humanos, profissionalizados nos cursos universitários de Jornalismo (DINES, 1986). Equipamentos mais modernos, crise do papel, democratização do País, enxugamento das redações mediante o desaparecimento de funções jornalísticas, informatização das redações, surgimento da internet, globalização e queda das tiragens dos jornais no mundo são alguns dos principais acontecimentos com grande incidência no campo jornalístico (BOURDIEU, 1997; NEVEU, 2006) nas últimas quatro

²⁹ Em novembro de 2010, o *Jornal do Brasil* passou a ser editado somente no suporte on-line.

³⁰ Alberto Dines (1986), ex-editor chefe do *Jornal do Brasil*, detalha o processo de modernização do jornal.

décadas. Com diferentes impactos e desdobramentos têm organizado e desorganizado o campo de tensões do Jornalismo e dos jornalistas, aspectos que consideraremos no decorrer desta pesquisa.

2. IMPRENSA E ABOLIÇÃO

A Abolição da Escravatura é considerada um dos grandes acontecimentos políticos da História do Brasil, com reflexos econômicos, políticos, sociais e culturais. Por conseguinte, (RIBEIRO, 2004, p.91) integrou-se como uma das “bandeiras que fomentaram a continuidade histórica do Jornalismo como instrumento de luta política”. Na observação do caráter intelectual dos jornalistas (DINES, 1986; LAGE, 1994; TRAQUINA, 2005), Ortiz contribui para a compreensão do surgimento de uma imprensa abolicionista no contexto sociopolítico do processo de Abolição da Escravatura, pois “com o movimento abolicionista e as transformações profundas por que passa a sociedade é que o negro é integrado às preocupações nacionais” (ORTIZ, 2003, p.38).

Em coluna dominical do jornal *O Globo*, em 2008, a jornalista brasileira Miriam Leitão abordou as consequências da abolição:

A luta contra a escravidão foi um movimento cívico de grande envergadura. (...) Lutou-se com poesia e Jornalismo. Com a política e o Direito. (...) O *status quo*³¹ que nos trouxe até aqui a uma sociedade de desigualdades raciais tão vergonhosas de ruborizar qualquer um que não tenha se deixado anestesiado pela cena e pelas estatísticas brasileiras (LEITÃO, 2008).

A jornalista conduz seus leitores, entre eles os jornalistas, para uma reflexão atualizada sobre os efeitos do escravismo no Brasil, a superação desse modo de produção e as relações raciais no pós-abolição. Leitão presta um serviço diferenciado ao manter o foco sobre os problemas gerados pelo racismo na história política, econômico, social e cultural do País.

Ao ater-se sobre a transformação do regime capitalismo escravista para o capitalismo industrial, Ianni identifica a inserção negra em setores produtivos, sem esquecer das relações

³¹ Grifo no original.

interraciais, isto é, as relações entre negros e brancos e os novos papéis sociais a eles atribuídos:

No conjunto, as sociedades das Américas dependem de modo significativo da contribuição econômica, social e cultural de negros e mulatos. As populações descendentes dos africanos transformaram-se em operários industriais, operários rurais, camponeses, assalariados de classe média, funcionários, membros das forças policiais, das forças armadas e outras categorias sociais. em alguns países, os descendentes dos africanos tornaram-se jornalistas, professores, atores, poetas, romancistas, políticos, empresários. Nesses termos é que a metamorfose do *africano* em *negro* e *mulato* passa pela metamorfose do africano em *escravo*. É inegável que a condição de escravo, por cerca de três a quatro séculos, conforme o país, marcou decisivamente o perfil e o modo do negro. Marcou decisivamente o perfil e o modo de ser do negro e do branco nas Américas e no Caribe (IANNI, 1978, p.63).

Ainda nesse contexto, Marcondes Filho (1989) registra o aparecimento do jornal e a relação da imprensa como instituição-suporte do capitalismo, elementos a que esta pesquisa acrescenta a temática racial negra para desencadear a reflexão entre capitalismo, racismo, escravização negra e imprensa. O pesquisador classifica a imprensa como instituição-suporte do capitalismo financeiro e assinala os préstimos do jornal para a circulação de notícias acerca da movimentação comercial. Entretanto, o Jornalismo exerce outras funções na sociedade, tais como a produção de conhecimento e a construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 1974). Segundo Genro Filho (1987, p.3), “embora o Jornalismo expresse e reproduza a visão burguesa de mundo, ele possui características próprias enquanto forma de conhecimento”, como relevam as análises das notícias produzidas pelo Jornalismo no período pré e pós-abolição aqui apresentados.

O tensionamento do capitalismo industrial derivou uma abolição sem reformas, antecipada da temida abolição feita por africanos e seus descendentes escravizados, a exemplo do Haiti (MOURA, 1989). Franz Fanon (1968, p.30) alertou sobre as armadilhas do colonialismo, tendo em vista que “desmanchar o mundo colonial não significa que depois da abolição das fronteiras se vão abrir vias de passagem entre as duas zonas”. No contexto brasileiro, a abolição da escravatura trouxe como efeito uma espécie de concordata em que “o trabalhador nacional descendente de africanos seria marginalizado e estigmatizado. O ideal de branqueamento das elites seria satisfeito, e as estruturas arcaicas continuariam intocadas” (MOURA, 1989, p.62).

Abdias do Nascimento (1974) revela o estatuto aplicado à população antes escravizada, quando da abolição do trabalho escravo cujos resquícios são perceptíveis passados 123 anos do regime.

Após a abolição formal da escravidão a 13 de maio de 1888, o africano escravizado adquiriu a condição legal de ‘cidadão’; paradoxalmente, no mesmo instante ele se tornou o negro indesejável, agredido por todos os lados, excluído da sociedade, marginalizado no mercado de trabalho, destituído da própria existência humana. (...) Na verdade, aboliram qualquer responsabilidade dos senhores para com a massa escrava; uma perfeita transação realizada por brancos, pelos brancos e para benefício dos brancos (NASCIMENTO, 2002, p.73-74).

Eis a base da dívida histórica do Estado brasileiro com a população negra cuja quitação demanda a responsabilização política e o comprometimento da sociedade, inclusive da academia e do Jornalismo, para o combate sistemático do racismo, da discriminação e do preconceito racial.

2.1. ATUAÇÃO PARA A LIBERDADE

Para alguns jornais tradicionais da época, como *A Província de São Paulo*, a temática racial negra “era passível de solução: bastava o fim da instituição escravista e a educação da ‘massa negra’” (SCHWARCZ, 1987, p.184). Na campanha abolicionista, jornalistas, advogados, intelectuais e políticos – negros e brancos –, utilizaram o Jornalismo como irradiador dos ideais libertários. Fulgurantes nomes do abolicionismo valeram-se dos espaços da imprensa para difusão da almejada liberdade negra, tais como Luís Gama³², André Rebouças, Manoel Querino, Ângelo Agostini, Joaquim Serra, Joaquim Nabuco³³ e José do Patrocínio³⁴. Franklin Martins (2005, p.121) apresenta, em estudo de caso, a trajetória do jornalista José do Patrocínio, classificando-o como “um dos maiores jornalistas que este país já conheceu” que “aliava indignação e paixão à análise política” e por colocar “o coração aos lábios”.

³² Breve perfil biográfico disponível em Oswaldo de Camargo (1987).

³³ Como registra Abdias do Nascimento (1976, p.122), Joaquim Nabuco “revela o conceito de raça inferior que ele tinha dos africanos, como o desprezo que votava por eles”, em carta a José Veríssimo.

³⁴ Breve perfil biográfico disponível em Oswaldo de Camargo (1987).

Abdias do Nascimento (1974, p.76-77) credencia o trabalho de José do Patrocínio como um “extraordinário trabalho jornalístico” por ter travado “batalhas oratórias contra o regime de opressão africana”. A Luiz Gama, Nascimento classifica-o como “brilhante advogado” cuja palavra “eloqüente na tribuna antiescravista efetivamente enfrentou a pomposa e arrogante aristocracia rural”. Documenta, pois, sua extrema vinculação com a libertação negra por meio da destinação de seus honorários “à compra da liberdade dos seus irmãos de raça escravizados”, incorporando à luta abolicionista um “modelo de dignidade, generosidade, coragem”.

São, pois, os arautos anunciadores da alma negra. Misto de profeta, guerrilheiro, farol e espelho a que se refere Sartre (1968, p.96), “o prêto que chama seus irmãos de côr a tomarem consciência de si próprios tentará apresentar-lhes a imagem exemplar da negritude e voltar-se-á para a sua própria alma a fim de aí captá-la”. O jornalista e ex-ministro da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República Franklin Martins (2005) enfoca a dimensão política do movimento abolicionista.

A temática da abolição originou uma série de jornais fundados pelo movimento abolicionista. São as produções jornalísticas criadas especificamente para a defesa do fim do regime escravista no Brasil que denominaram a imprensa abolicionista, isto é, intrinsecamente relacionados ao movimento abolicionista para libertação negra da escravidão. Durante a pesquisa aqui realizada, verificou-se (SILVA, 1988) que alguns jornais da imprensa negra são erroneamente nomeados entre os títulos da imprensa abolicionista

Um dos representantes da imprensa abolicionista é o jornal *A Redenção*, surgido em janeiro de 1887 pelas mãos de Antonio Bento³⁵, Fernandes Coelho e Hippólito da Silva, tornando-se bastante lido e popular em São Paulo. Mais do que noticiar, conforme registros, o jornal tinha profundas ligações com o movimento abolicionista, contribuindo para a organização do movimento e a estrutura de fuga dos escravizados:

De linguagem coloquial, irreverente e agressivo, o jornal teria sido fundado para cumprir duas necessidades básicas: denunciar a escravidão em geral, bem com aqueles que pessoalmente ainda sustentavam este regime, e oferecer meios para solucionar o destino do negro livre, como o seu assalariamento nas fazendas. Mas sobretudo o jornal teria como função primeira a de servir como núcleo organizador e aglutinador os chamados ‘caifazes’, ou seja, uma multidão de cocheiros, mascates, ferroviários, pequenos comerciantes, artesãos, estudantes, profissionais liberais, mulheres, menores e libertos, que em toda a província movimentavam-se para auxiliar os escravos em suas fugas, escondendo-os em suas próprias casas, facilitando suas viagens nas ferrovias e orientando-os para Santos, onde os aguardava

³⁵ Bento é apontado como sucessor de Luiz Gama na liderança do movimento abolicionista no jornal *A Redenção*. (AZEVEDO, 1987).

o quilombo do Jabaquara, fundado especialmente para eles pelos abolicionistas (AZEVEDO, 1987, p.216).

Inspirados pelo centenário da Abolição da Escravatura, em 1988, governo federal (Ministério da Cultura, Ministério de Ciência de Tecnologia/CNPq) e Fundação Joaquim Nabuco recuperaram em edição fac-similar 24 títulos de jornais dedicados à causa abolicionista. São eles: *O Diário de Pernambuco*³⁶ (1825), *Jornal do Recife*³⁷ (1859), *America Illustrada* (1871), *A Província* (1872), *O Homem – Realidade Constitucional ou Dissolução Social*³⁸ (1876), *A Tribuna* (1881), *O Binoculo* (1881), *Lanterna Mágica* (1882), *Folha do Norte* (1883), *O Abolicionista – Órgão da Caixa Emancipadora Maranhense Marques Rodrigues* (1883), *Seis de Outubro* (1883), *O Rebate* (1883), *Vinte e Cinco de Março* (1884), *Jornal da Tarde* (1885), *A Exposição* (1887), *A Republica* (1887), *O Meteoro* (1887), *A Academia* (1888), *O Artista* (1888), *O Recife* (1888), *O Sport* (1888), *O Philartista* (1889), *O Jornal Pequeno* (1891) e *O Artista Brasileiro* (1891).

Apesar da extensa relação de títulos, poucos defenderam exclusivamente a causa abolicionista. Em sua grande maioria abordavam, de uma forma ou de outra, a abolição do trabalho escravo através de defesas apaixonadas pelo fim do escravismo e críticas a governos ou senhores de escravos pela continuidade da escravidão. Mas dispensavam energia a outros temas, cabendo à abolição artigos e notícias pontuais. Em geral, eram jornais com poucas páginas, tiragens limitadas e esparsa regularidade.

O trabalho coordenado por Silva (1988) contribui por revelar o pensamento vigente à época, embora possa também colaborar para alguns equívocos, como a classificação de jornais da imprensa negra como imprensa abolicionista. Entre esses deslizos, localiza-se o enquadramento do jornal *O Homem – Realidade Constitucional ou Dissolução Social*, entre os títulos da imprensa negra. Tal publicação, destaca Silva (1988, p.xiv), foi a “semente da imprensa abolicionista em Pernambuco, continuada depois por outros órgãos”. Conforme a correção aqui proposta, este jornal seria a semente da imprensa negra em Pernambuco, dando sequência geográfica e cronológica à história da imprensa negra fundada, em 1833, no Rio de

³⁶ Silva (1988, p.126) ressalta que o jornal esteve vinculado às classes conservadoras e “nem sempre apoiou o movimento abolicionista, em favor da libertação dos escravos, mas muito pelo contrário, esteve com suas colunas abertas para a publicação de anúncios de compra, venda, aluguel e fugas de escravos”.

³⁷ Este passou a defender a causa abolicionista a partir de 1883, conforme Silva (1988).

³⁸ De acordo com as características da imprensa abolicionista e da imprensa negra, nesta investigação considera-se que este jornal está equivocadamente classificado como imprensa abolicionista, pois possui características da imprensa negra.

Janeiro (*O Homem de Cor*), com desdobramentos em Pernambuco (*O Homem – Realidade Constitucional ou Dissolução Social*), em 1876; São Paulo (*A Pátria*), em 1889; e Rio Grande do Sul (*O Exemplo*), em 1892, sem esquecer as folhas circulantes, ou seja, manifestos e boletins no ano de 1798, na Bahia (PINTO, 2006).

2.2. CULTIVO DE ESTIGMAS RACISTAS

Seria a imprensa abolicionista a legítima representante dos interesses de africanos e negros brasileiros acometidos pela escravização? Para Célia Azevedo (1987, p.219-220), o movimento abolicionista tinha traços controversos e era um dispositivo de controle social “em sua tentativa de generalizar e racionalizar o mundo restrito de seus próprios interesses”. O negro na condição de escravizado era retratado como “ente passivo e isolado, sem condições de chegar por si só a uma consciência de sua situação de explorado e oprimido”, desconsiderando “sua rebeldia e resistência seculares”. Constatação similar é de Schwarcz (1987, p.185) no estudo do conteúdo noticioso do jornal abolicionista *A Redenção*, a quem o jornal “parecia só entender a libertação a partir da tutela e da constante afirmação natural de inferioridade dessa população que defendia”. Para melhor compreensão de suas descobertas, que colaboram para esta pesquisa, é importante detalhar os achados da historiadora:

se por um lado *A Redenção* apontava para outras formas mais radicais de manumissão, por outro deixava claro como também existiam outras vias possíveis para a resolução dessa questão. (...) ficava também evidenciado como suas idéias estavam condicionadas por teorias que hierarquizavam os povos a partir de conceitos como os de civilização e barbárie, superioridade e inferioridade (SCHWARCZ, 1987, p.184-186).

Na revisão do papel da imprensa na História do Brasil, Capelato (1994) apreende a tendência do noticiário da imprensa de 1888, o qual desconstituiu a barbárie da escravidão e demonstrou pouca preocupação com a integração dos negros na sociedade. De acordo com a historiadora, isso pode ser observado nas notícias do jornal *O Correio Paulistano*, as quais

“ignoravam-se aqui as lágrimas, suor e sangue dos negros no cativo e suas lutas pela liberdade. *O Correio* propõe, em seu lugar, ‘lágrimas de bênçãos e redenção’, o esquecimento, enfim” (CAPELATO, 1994, p.42). Os conflitos entre escravocratas e abolicionistas cederam lugar aos “discursos de conciliação” que pregavam “o conagraçamento dos combatentes da véspera; o triunfo do abolicionismo é atribuído à vontade nacional, ao povo, à pátria”. Capelato verifica na comemoração da data um grande envolvimento dos jornais em apagar as atrocidades da escravização negra e construir uma nova história dissociada do passado escravista:

Nas festas promovidas por ela [imprensa], os interesses que efetivamente nortearam o projeto abolicionista não aparecem: as antigas e constantes pressões da Inglaterra, as exigências dos setores mais dinâmicos da economia (cafeicultores paulistas, em especial) aos quais convinham novas relações de trabalho – estes e outros fatores que explicam o movimento abolicionista não são mencionados nas páginas dos jornais. Menos ainda, as condições de vida dos escravos e suas rebeliões violentamente reprimidas. Se lembradas estragariam o brilhantismo da festa. São histórias que pertencem ao passado, diriam os organizadores da comemoração (CAPELATO, 1994, p.41-42).

Outro momento emblemático da História do Brasil pode fornecer mais insumos sobre a cobertura da imprensa e a falência da imprensa abolicionista frente aos desafios para a população negra liberta. Fato é que a Proclamação da República, projeto de mudança política, foi devidamente explicada ao povo, inclusive pela imprensa da época, para acomodação das forças políticas e estabilidade ao novo regime político.

Capelato (1994, p.43) registra a ação da “imprensa partidária da República”. Uma vez “feita a Proclamação coube à imprensa ‘o dever patriótico’ de explicar ao povo que não se tratava de uma ditadura militar”. No âmbito editorial (BAHIA, 1972, p.50), uma “imprensa mais participante e também mais consciente é chamada a ocupar um lugar na vida pública do País”, com oportunidades de participação na Abolição e na República. A respeito da extinção dos jornais abolicionistas, como documenta Bahia, “conquistada a libertação para os escravos, esses jornais voltaram-se para a República”. A função social antes da independência é assim caracterizada por Lustosa (2004, p.30): “o debate estava aberto e as gazetas e panfletos que agora faziam parte do cotidiano dos cariocas se digladiavam em torno das diversas tendências que começavam a emergir”, entre elas, estava a República:

Chamo atenção do leitor para alguns aspectos do discurso produzido pela imprensa durante as comemorações da Abolição e República. Ele se caracteriza pela ênfase no novo, pela insistência na índole pacífica do brasileiro e pela presença do par ordem e progresso, simbolizado nas metáforas de luz e trevas. Todos esses elementos

reforçam a idéia de que o antigo regime – a monarquia – fora vencido pelas forças representativas da modernidade (CAPELATO, 1994, p.43-45).

Novamente, este estudo recorre a Fanon (1968) para dimensionar melhor o discurso da imprensa após a abolição e a desmobilização do movimento abolicionista e da imprensa abolicionista:

Por seu turno, o intelectual que seguiu o colonialista no plano do universal abstrato vai lutar para que o colono e o colonizado possam viver em paz num mundo novo. Mas o que não percebe, exatamente porque o colonialismo se infiltrou nele com todos os seus modos de pensar, é que o colono, uma vez desaparecido o contexto colonial, não tem mais interesse em ficar, em coexistir (FANON, 1968, p.34).

Isso talvez explique o desaparecimento da imprensa abolicionista após a Abolição da Escravatura, em 13 de maio de 1888. A despeito disso haveria aparições sazonais, a exemplo de *A Redenção*, que passaria a ter edições comemorativas em 1889, 1890, 1893, 1895 e 1897 (AZEVEDO, 1987).

3. IMPRENSA NEGRA

Ao estudar a institucionalização do Jornalismo no Brasil, a jornalista Lavina Madeira Ribeiro (2004, p.118) constata que o Jornalismo político antecedeu o Jornalismo literário, que, por sua vez, “cresceu juntamente com o Jornalismo noticioso fundado em critérios discursivos internos e bases econômicas de auto-sustentação”. Ribeiro observa que o Jornalismo político dinamizou a esfera pública durante o século XIX, “comportando-se, muitas vezes, como exclusivo instrumento do fazer político”, quando produções jornalísticas apareciam para “operar numa área institucional própria, ancoradas em critérios internos de noticiabilidade e de opinião”. É entre as produções emergentes interessadas em “operar numa área institucional própria” que se situa a imprensa negra.

Conforme Oswaldo de Camargo (1987, p.42) “foi Francisco de Paula Brito³⁹, em 1833, o precursor da *Imprensa Negra*⁴⁰, cujos primeiros títulos, pelo menos em São Paulo, só iriam aparecer em 1911, com *A Pérola*, seguida pouco depois por *O Menelick* e *A Princesa do Oeste*”. No mesmo reconhecimento histórico, Camargo é implacável ao enumerar as credenciais de Paula Brito para a história brasileira, como o “iniciador do movimento editorial no Brasil” e um dos “precursores do conto no Brasil”. Entre seus múltiplos talentos e habilidades, estava o revezamento entre as funções de poeta e tradutor.

Como assinalado por Camargo, a

publicação de *O Homem de Cor* (Rio de Janeiro, ‘Tipografia Fluminense & Cia, 1833), com o título alterado a partir do 3º. Número para *O Mulato* ou *o Homem de Cor*, e que circulou de 14 de setembro a 4 de novembro de 1833, altera a data do início da *Imprensa Negra*, que teria seus primórdios nos fins do século passado. Foi – refere Eunice Ribeiro Godim, biógrafa de Paula Brito – ‘o primeiro jornal brasileiro dedicado à luta contra os preconceitos de raça’ (CAMARGO, 1987:41).

Inseriu-se, assim, num campo de debates de ideias e conflitos raciais antes mesmo do início das produções jornalísticas da imprensa abolicionista, imbuídas da causa da libertação de africanos e seus descendentes escravizados – estas situadas por alguns autores no período de 1880-1888, embora Silva (1988) perceba indícios em 1833, em Pernambuco, no *Jornal Folha de Recife*. Aqui é feita apenas uma conexão histórica, pois, as diferenciações entre imprensa a abolicionista já expostas e a imprensa negra são altamente perceptíveis.

O pesquisador e poeta negro gaúcho Oliveira Silveira (2005) – que revelou juntamente com o Grupo Palmares (CAMPOS, 2006) a data de assassinato de Zumbi dos Palmares, iniciando, em 1971, em Porto Alegre, uma série de comemorações que originaram o Dia da Consciência Negra, em 1978, pelo MNUCDR (Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial) –, também situa no século XIX, o nascimento da imprensa negra no Brasil, a partir do jornal *O Homem de Cor*, de 1833, editado por Francisco de Paula Brito.

³⁹ Brevíssimo perfil biográfico traçado por Camargo (1987, p.41): “adquiriu com sacrifício e a prazo, a loja de encadernação e livros do primo Silvino José de Almeida, na praça da Constituição, nº 21 (hoje Tiradentes) e, acrescentando-lhe tipografia, tornou-se o primeiro editor do País, e a sua tipografia o ponto de reunião de intelectuais”.

⁴⁰ Grifo no original.

3.1. JORNAIS NEGROS NO SÉCULO XIX

A jornalista negra Ana Flávia Magalhães Pinto (2006), baseada em registros históricos, salienta que no ano de 1798 já circulavam em Salvador manifestos e boletins fixados em áreas de grande circulação da cidade no processo de organização da Revolta dos Búzios, mais conhecida como Revolta dos Alfaiates. Contudo, reconhece o jornal *O Homem de Cor* como o pioneiro da imprensa negra. Outros títulos sucederam-no: *Brasileiro Pardo*, *O Cabrito*, *O Crioulinho* e *O Lafuente* – todos circulantes em 1833. Fora da Corte (Rio de Janeiro), *O Homem – Realidade Constitucional ou Dissolução Social* foi o primeiro impresso a circular em Recife (1876), seguido por *A Pátria*, em São Paulo (1889); e *O Exemplo*, em Porto Alegre (1892).

Com base nos levantamentos estabelecidos, constata-se o nascimento de um discurso e de uma prática jornalística negra não disseminadora dos estigmas raciais percebidos na imprensa do século XIX e XX, e sim comprometida com o valor máximo republicano: a igualdade de direitos. Desde 1833, os jornais negros afirmavam os direitos dos cidadãos brasileiros para ilustrar o grau de exclusão e discriminação que atingia os descendentes de africanos. Pinto (2006), em sua dissertação de mestrado *De pele escura à tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*, defendida no Departamento de História da UnB – Universidade de Brasília, diante das evidências históricas, afirma:

um forte traço de afirmação racial apresenta-se logo nos título dos jornais, persiste delineado no público ao qual os textos se remetem e chega às reivindicações que passam pela defesa dos direitos dos cidadãos “de cor”, “mulatos”, “pardos” – enfim, afro-brasileiros/negros. No caso, o que reivindicavam não era o esquecimento da diferença, mas o respeito a elas e a avaliação dos indivíduos por meio de seus talentos e virtudes (PINTO, 2006, p.70).

Os jornais da imprensa negra do século XIX foram a expressão real de que “os afro-brasileiros conseguiram formular uma *fala própria*⁴¹ e torná-la *pública*⁴². Ainda que não tenham alcançado simultaneamente todo o território nacional, esses impressos são parte do esforço coletivo de controlar os códigos da dominação e subvertê-los”. Estavam inseridos, por conseguinte, na luta contra o racismo, a discriminação e o preconceito racial no Brasil.

⁴¹ Grifo da autora.

⁴² Grifo da autora.

Nesse sentido, o conceito de imprensa negra está relacionado ao que Sartre (1968, p.101) denomina “curtos-circuitos da linguagem”, porque “não é, pois, só o propósito de negro no sentido de se pintar a si mesmo, mas sua maneira peculiar de utilizar os meios de expressão de que dispõe”.

Van Dijk (1997, p.21) assinala que “el control de pensamiento” decorre do acesso aos meios de produção de discurso público e “control de la acción comunicativa” numa estrutura de poder. No caso da imprensa negra, esses aspectos dimensionam melhor a postura refratária da imprensa em hospedar as discussões de interesse dos negros brasileiros, ou seja, o combate ao racismo e a integração dos negros no projeto de desenvolvimento do Brasil. Essa posição editorial ideológica fez com que os negros criassem outra via de produção jornalística, isto é, um sistema comunicativo onde essas questões pudessem ser abordadas, para desconstrução do “racismo mediatizado” praticado pela imprensa. Trata-se, sem dúvida, de uma estratégia política de interferir na esfera pública na busca pelo poder de influência e emissão de opinião própria, no sentido de participação política, e de travar uma luta ideológica através da imprensa negra contra “la reproducción del racismo” por meio “de los medios de comunicación” (VAN DIJK, 1997, p.73).

Na gráfica de Paula Brito foram impressas diversas obras de consagrados escritores brasileiros, páginas que entraram para a história sem o devido crédito de reconhecimento público a partir da relevância de Brito para a Literatura brasileira. Na Tipografia Fluminense & Cia, de Paula Brito, foram impressos livros de: Machado de Assis [*Ela* (1855), *Queda que as mulheres têm pelos tolos* (1861) e *Desencantos* (1861)], Martins Penna [*O Juiz de Paz na Roça* (1842) e *A Família e a Festa na Roça* (1842)], Casimiro de Abreu [*As Primaveras* (1859)], Gonçalves de Magalhães [*Antônio José ou o Poeta e a Inquisição* (1839) e *A Confederação dos Tamoios* (1856)], Teixeira de Souza [*O Filho do Pescador* (1843)] e José Maurício Nunes Garcia Filho [*Mauricinas* (1851)].

Em Recife, *O Homem – Realidade Constitucional ou Dissolução Social* apresentava-se, em 1876, como outro legítimo representante da imprensa negra (PINTO, 2006), dissociado o pertencimento do jornal ao movimento abolicionista. De acordo como o próprio jornal se dizia, este era “defensor⁴³ das pessoas de cor” e profundamente imbuído da causa negra, a exemplo da seção Galeria de Homens de Cor, a qual na primeira edição reservava o culto à memória de Antonio Pereira Rebouças. Contundente em seu conteúdo editorial e alinhado às reivindicações políticas de direitos dos negros, *O Homem – Realidade Constitucional ou*

⁴³ Grifo da autora.

Dissolução Social circulou até 30 de março de 1876, com o total de 12 números. Numa das suas edições, o jornal registrou a realização de reuniões políticas, sendo que uma delas teve a participação de cerca de 50 mulheres negras.

Na primeira edição, destaca-se o trecho que conclama o uso da comunicação para denúncia dos atos discriminatórios e da opressão racial, por meio do explícito oferecimento das páginas do jornal para tais feitos. Criar um jornal é inserir-se na esfera de poder do Jornalismo de produzir discursos jornalísticos (MARCONDES FILHO, 1989) e participar da circulação de ideias numa esfera pública, partindo da afirmação pública de opiniões e informações. Isto é, partes integrantes de um jogo em que estão implícitas relações de dominação, com valor, poder e status:

Todo o cidadão póde comunicar os seus pensamentos por palavras e escriptos, e publica-los pela imprensa (...). Pela comunicação dos pensamentos conhece a sociedade a moralidade e a instrucção de seus membros, e os meios de praticar aquella e diffundir esta. O silencio só póde convir ao cidadão ignorante e perverso, que teme ver conhecida sua nescedade e torpeza; mas não o cidadão bem intencionado, que apesar de ignorante procura a companhia dos sábios e a leitura dos bons livros a fim de aperfeiçoar seu espírito e ser útil seus semelhantes. Atravesamos infelizmente uma quadra difficil á comunicação dos pensamentos; a tribuna tão uzada entre os artigos como válvula segura, está condenada no Poder, que só a permite quando tende a seus interesses, quais sempre contrários aos dos cidadãos. Apenas possuímos a imprensa, mas tão prostituida que o cidadão não póde comunicar seus pensamentos sem sujeitar-se a remoques e descomposturas (apud SILVA, 1988:2).

O significado político de criar um jornal é fazer dele um instrumento de influência, ao qual se recorre para transpor essa representatividade para os jornais da imprensa negra e aos negros que estiveram e estão à frente desses projetos editoriais. Conforme Marcondes Filho (1989, p.11), essa é uma maneira de “de se dar eco às posições das pessoas, de classe ou de nações através de um complexo industrial-tecnológico, que além de preservar suporta impessoalidade, afirma-se, pelo seu poder e soberania, como ‘a verdade’”. Nesse sentido, é inevitável a reflexão acerca do papel político de um jornal na sociedade. O pesquisador lembra que numa sociedade de classes os interesses políticos podem se sobrepor ao princípio de estimular a circulação de ideias e posições na sociedade, tendo em vista que as forças hegemônicas têm o objetivo de “divulgar fatos que interessam à classe ou a setores dominantes” e de “moldá-los, esticá-los e comprimi-los, reproduzir assim a vida pública e privada conforme os parâmetros ideológicos de seus produtores” (MARCONDES FILHO, 1989, p.51).

De acordo com Lavina Ribeiro (2004), jornais de maior circulação conseguiam reunir nomes com notoriedade pública e apresentar uma diversidade de interesses e expectativas do meio urbano. Todavia, a mudança jornalística, especialmente a partir de 1876, “era incompatível com a noção herdada por muitos jornalistas sobre a necessária função política e crítica da imprensa” (RIBEIRO, p.126). Nesse panteão, pode-se inserir Luiz Gama, José do Patrocínio, José Correia Leite e Lino Guedes.

No sul do Brasil, a imprensa negra teve como representante inicial o jornal *O Exemplo*, que circulou com interrupções no período de 1892 e 1930. Caracterizado por Silveira (2005,p.115) como “*iniciativa e organização de negros*”⁴⁴. Antecipa-se à importante imprensa negra paulista e paulistana: *O Baluarte*, Campinas em 1903, *A Pérola*, São Paulo, 1911, *O Menelick*, a seguir, *O Clarim da Alvorada*, mais adiante”. Entre os títulos relacionados por Silveira (2005) na imprensa negra gaúcha do século XIX estão: *A Cruzada* (Pelotas, 1905), *A Alvorada* (Pelotas, 1907), *A Revolta* (Bagé, 1925), *A Navalha* (Santana do Livramento, 1931).

No pioneiro número de *O Exemplo* (MORAES, 2002), o estudioso identifica a presença de poesias de autores brancos, no período 1916-1930 – informação que coloca em xeque possíveis interpretações de uma imprensa negra hermética numa eventual confusão do significado de afirmação de um espaço identitário. Eis um fragmento da primeira edição de *O Exemplo* – editado em Porto Alegre, em 11 de dezembro de 1892 –, em que a missão do jornal é apresentada à sociedade gaúcha:

Devemos mostrar à sociedade que também temos um cérebro que se desenvolve segundo o grau de estudo a que o sujeitamos, por conseqüência, que também nós podemos alistar nas cruzadas empreendidas pela inteligência, muito embora algum estalito nos queira acoimar, ou seja, porque desconheça as nossas legítimas aspirações, ou seja, porque faça parte dos doutrinários que julgam o homem pela cor da epiderme (apud *O Exemplo*, 11 de dezembro de 1892).

O tom reivindicatório e de afirmação da identidade negra apresentado em *O Exemplo* bradava participação social e o fim do racismo e do preconceito racial que impedia os negros de desempenharem o mesmo papel que os brancos na sociedade sul-riograndense. O jornal desempenhava uma função social de denúncia e proposição de uma nova ordem social em que negros e brancos pudessem partilhar os mesmos espaços seja no mundo real e no mundo simbólico, a exemplo do que preconiza Sartre (1968, p.11): “a ação do negro é antes de tudo

⁴⁴ Grifo da autora.

ação sôbre si”. Na tentativa de maturar o significado deste feito, esta pesquisa encontra em Fanon (1968) as possíveis respostas:

O homem colonizado que escreve para o seu povo deve, quando utiliza o passado, fazê-lo com o propósito de abrir o futuro, convidar à ação, fundar a esperança. Mas para garantir a esperança, para lhe dar densidade, é preciso participar da ação, engajar-se de corpo e alma no combate nacional. Pode-se falar de tudo, mas quando se decide falar dessa coisa única na vida de um homem, que representa o fato de abrir o horizonte, de levar a luz à sua casa, de pôr em pé o indivíduo e seu povo, então é necessário colaborar muscularmente (FANON, 1968, p.193).

Em *Consciência Negra em Cartaz*, o pesquisador negro e professor da UnB - Universidade de Brasília Nelson Fernando Inocencio da Silva fornece elementos agregadores à exposição de Fanon. Segundo Silva (2001, p.60), o militante do movimento negro deve ser entendido como participante de “uma ideologia surgida em num contexto no qual ele não exerce o poder”, o que confere mais relevância aos atos e iniciativas de subversão da ordem racista da sociedade.

Na obra *História da imprensa no Brasil*, Sodré (1999, p.157) refere-se à imprensa negra através dos jornais *O Crioulo*, *O Crioulinho*, *O Mulato*, *O Cabrito* e *O Homem de Cor* como publicações surgidas das “inquietações geradas em três séculos de domínio colonial sob a rígida estrutura do latifúndio”. Quando compreendido o contexto em que o racismo e as desigualdades raciais se operacionalizam, a produção da imprensa negra cresce em importância e significado frente ao poderio ideológico, cultural, político e econômico aos quais se contrapõe.

Conforme Cremilda Medina (1988, p.51), uma “imprensa politicamente militante é, então, mero reflexo de uma situação efervescente. O interesse principal dos jornais é, antes de informar, formar opiniões”. Nesse sentido, a incessante produção da imprensa negra no período de 1833-2010 ganha relevância para os estudos da imprensa brasileira e do Jornalismo, em particular.

3.2. PROJETOS EDITORIAIS NO PÓS-ABOLIÇÃO

Na historicização da imprensa negra paulista, no período de 1915 a 1963, a antropóloga brasileira Miriam Nicolau Ferrara (1981, p.198) considera que a imigração europeia e a rejeição da população negra para um estrato abaixo do imigrantes foram alguns fatores impulsores para o surgimento dos jornais negros – ponto que a revisão histórica remete para 1833, com o jornal *O Homem de Cor* –, e a sua “concentração no Sul do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo”.

A partir de sua dissertação de mestrado *A imprensa negra em São Paulo*, Miriam Ferrara chega a classificar 56 jornais estudados. Entre os quais, destacam-se: no primeiro período, de 1915 a 1923, *O Menelik* (1915), *A Rua* (1916), *O Xauter* (1916), *O Alfinete* (1918), *O Bandeirante* (1919), *A Liberdade* (1919), *A Sentinela* (1920), *O Kosmos* (1922) e *Getulino* (1923); no segundo período, de 1924 a 1937, *O Clarim da Alvorada* (1924), *Elite* (1924), *Auriverde* (1928), *O Patrocínio* (1928), *Progresso* (1928), *Chibata* (1932), *Evolução* (revista 1933), *A Voz da Raça* (1933), *Tribuna Negra* (1935) e *A Alvorada* (1936); e, no terceiro período, de 1945 a 1963, *Alvorada* (1945), *Senzala* (revista 1946), *União* (1948), *Mundo Novo* (1950), *Quilombo* (revista 1950), *A Voz da Negritude* (1953), *O Novo Horizonte* (1954), *Notícias de Ébano* (1957), *O Mutirão* (1958), *Hífen* (1960), *Níger* (revista 1960), *Nosso Jornal* (1961) e *Correio d'Ébano* (1963).

Ferrara (1981, p.200) concebe entre as características comuns dos jornais negros no primeiro período da imprensa negra paulista, a abordagem cotidiana da comunidade negra (versos, notas festivas e amenidades), no sentido de “controle sobre o grupo”. Havia matérias de conteúdo reivindicatório, embora reduzidas, haja vista que “começava a formação de uma consciência de grupo”. Na segunda fase por ela definida (2005, p.201), “as reivindicações ganham força e a imprensa negra atinge seu ápice”, pois o “problema do negro é abordado de modo mais direto e objetivo” revelando “*sentimento maior de união*⁴⁵ para, com mais força, o negro reivindicar seus direitos e reclamar sua participação na sociedade⁴⁶”. Os jornais da imprensa negra passaram a ser o canal de comunicação no qual o “*protesto se faz ouvir*⁴⁷ em

⁴⁵ Grifo da autora.

⁴⁶ Grifo da autora.

⁴⁷ Grifo da autora.

diferentes aspectos da sua vida tanto no campo profissional, no político, como no lazer”. No terceiro período, Ferrara (1981, p.204) verifica que a imprensa negra procurava “reunir os negros que haviam se dispersado, conscientizá-los e reivindicar a participação sócio-política e econômica” e estava comprometida com “o esforço de unir os negros em favor de uma causa comum”.

Também jornalista negro com atuação na grande imprensa – nos jornais *Última Hora* e *Correio Paulistano* –, Clóvis Moura relaciona mais de 30 títulos, até a década de 1960, desde o jornal *O Menelick*, em São Paulo, 1915. Autointitulado “noticioso, literário e crítico dedicado aos homens de cor”, *O Menelick* trazia em sua edição de 1º de janeiro de 1916 a saudação ao novo ano, contos, poesias, anúncios, notas sociais de nascimentos, casamentos e óbitos, concurso de beleza negra “bem entendido, entre a ‘classe’”. É do fragmento de um conto que se verifica o debate interracial proposto pelo jornal:

Ela agora estava arrependida de o ter dito. Então negro não era gente? Por quê? Seriam talvez os brancos melhores que os pretos? E ela, que sem dizer palavra, sofreu naquele momento como sofreram os virtuosos apóstolos de Cristo (MOURA, 2002:2).

Como exposto, desde o seu surgimento, em 1833, a imprensa negra e os jornais negros estavam inseridos na luta contra o racismo, a discriminação e o preconceito racial no Brasil. Essa origem e tais características são fundamentais para o entendimento não somente da imprensa negra, mas também para a compreensão da imprensa brasileira. Pois, é a imprensa negra parte integrante da imprensa brasileira e sua existência tem potencial colaborativo para a reflexão sobre a presença e os efeitos do racismo na imprensa brasileira, em particular na grande imprensa.

Em entrevista para esta pesquisa, Abdias do Nascimento, que entre as suas múltiplas atuações – como senador da República, secretário de Estado, produtor cultural, professor, pintor, poeta, e, sobretudo, ativista do Movimento Negro –, também foi jornalista da grande imprensa e da imprensa negra, relatou a sua trajetória no jornal *O Quilombo*, de 1950

Fui fundador de *O Quilombo*, que existiu por dez números. O propósito do jornal era envolver cada vez mais a própria comunidade e fazê-la participar de todo o movimento do jornal. Mas acontece que os recursos eram muito pequenos, assim que as tiragens do jornal e o raio de influência dele era muito pequeno. Quase não tinha meios para tirar uma grande tiragem do jornal. (...) Era um grande esforço, porque nós todos éramos pobres trabalhadores. Não tínhamos dinheiro para sustentar o jornal. Num período era revisor de jornal. No outro período, eu era repórter, assim sempre em funções de ganho pequeno.

Em consonância com o tema desta pesquisa, a autora da pesquisa perguntou a Abdias do Nascimento sobre as diferenças entre a grande imprensa e a imprensa negra, especialmente no fazer jornalístico e na produção das notícias em cada uma:

Na imprensa normal, a grande como você diz, a notícia sobre questões negras era esporádica, era de vez em quando. Para publicar, para sair, era preciso um grande empenho junto a secretário do jornal, ao diretor mesmo. E no outro jornal, não. A gente resolvia publicar, dava o destaque que se queria dar. Não tinha ninguém que se opunha, né? (...) Nós conversávamos, assim como estamos conversando nós dois aqui, e cada um fazia aquilo que tinha lá mais familiaridade. Tinha mais conhecimento do assunto, né? Não era um trabalho dividido. Era muita camaradagem, muita amizade. Não tinha assim, tarefas.

A imprensa negra “feita por negros e para negros”⁴⁸ marcou profundamente o pensamento do negro paulista”, pois sentiam “a necessidade de um movimento de identidade étnica, e enfrentando as barreiras de uma imprensa branca (grande imprensa) impermeável aos anseios e às reivindicações da comunidade” (MOURA, 1989, p.69). Baseado nos jornais da imprensa negra paulista, Moura (2002, p.9) a considera como uma “imprensa setorizada” com conteúdo restrito sobre a sociedade, a ponto de os negros terem de se informar na “imprensa branca” sobre acontecimentos nacionais e internacionais. Percebe, ainda (MOURA, 2002, p.11), como ideias constantes, a ascensão do negro através da escolarização, o “aprimoramento cultural” e o “bom comportamento social.

A imprensa negra reflete como os negros articulam o conceito de raça sobre si próprios no sentido de transformação positiva da sua representação social e de “uma reviravolta ideológica” (MOURA, 2002, p.11), traduzida por meio da autoafirmação.

Segundo George Andrews⁴⁹ (1998, p.216), “os jornais negros localizados na capital regularmente comentavam incidentes de negros que não eram servidos em bares, hotéis, restaurantes e barbearias nas cidades menores do Estado”. Conforme Moura (1989, p.69-71), a imprensa negra é uma “voz independente”⁵⁰ do negro com marcas profundas no pensamento negro. Pinto (2006, p.24) concebe a “imprensa negra como especializada ou segmentada”, a exemplo da imprensa feminina, da imprensa abolicionista e da imprensa operária. A dupla de sociólogos Roger Bastide e Florestan Fernandes (1971), ao analisar as relações de brancos e

⁴⁸ Grifo da autora.

⁴⁹ O pesquisador (1998, p.202) considera Miriam Nicolau Ferrara como “fonte básica da imprensa negra”. Entre as referências cita Roger Bastide e Clóvis Moura. Informa, ainda, que grande parte dos jornais pesquisados por Ferrara foram doados para a Universidade de São Paulo, e Michael Mitchell, cientista político estadunidense, preparou o microfilme *The Black Press of Brasil*, que compõe o acervo da Biblioteca Firestone da Universidade de Princeton.

⁵⁰ Grifo da autora.

negros em São Paulo, classifica a imprensa negra como “imprensa adicional”, por conta do tríplice desdobramento, “como instrumento de reivindicação, de solidariedade e de educação”. Para Bastide, com registrado por Moura em seu estudo crítico, a imprensa negra tinha o propósito “de reivindicação, contra tudo o que seja em detrimento da elevação do brasileiro de cor; de solidariedade, porque somente a união poderá quebrar o preconceito de cor; de educação, porque o preto só subirá com mais instrução e mais moralidade, e com mais confiança no seu próprio valor” (MOURA, 2002, p.10).

Na imprensa negra paulista, destacam-se os jornais *A Voz da Raça* ao lado de *O Clarim da Alvorada*, considerados entre “as duas mais importantes publicações por *despertar a consciência* do negro paulista” (MOURA, 1989, p.71).

Já Amauri Mendes Pereira (2008), ao traçar *A trajetória e perspectivas do movimento negro brasileiro*, registra o engajamento político da equipe do jornal *O Clarim da Alvorada* que “tentara, em 1929, realizar um Congresso da Mocidade Negra”. Tal registro é feito numa das passagens do texto em que o autor afirma que “a organização de momentos e espaços coletivos de troca de impressão e de debates foi uma constante no Movimento Negro Brasileiro”. Como registra o jornalista José Correia Leite (1992), que dedicou grande parte da sua vida aos projetos editoriais negros, o objetivo do encontro era fundar um partido negro, no qual os afro-brasileiros pudessem se organizar politicamente, a fim de reivindicar e garantir a isonomia de direitos entre negros e brancos.

No artigo *A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro nos anos 40 e 50*, a pesquisadora negra Joselina Silva (2003) registra a fundação da organização homônima em 1943, na cidade de Porto Alegre, a qual cinco anos mais tarde conquistaria entidades filiadas em dez estados brasileiros. Entre o grupo de cinco homens fundadores, havia uma mulher, uma trabalhadora doméstica. No texto, Joselina Silva aborda a importância dos jornais negros brasileiros nas décadas de 1940 e 1950 e de entidades, como a União dos Homens de Cor, na reação ao racismo no Brasil.

3.3. PRODUÇÃO JORNALÍSTICA ENTRE 1970-2010

Outra referência importante da imprensa negra no Brasil é a partir de 1970 (MORAES, 2002; PEREIRA, 2008; FREITAS, 2009), período em que a efervescência afro-brasileira desencadearia processos políticos como a fundação do MNUCDR (Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial), em 1978, seguindo para a nova formatação de entidades e organizações negras contra o racismo⁵¹, cujas primeiras expressões são verificadas no processo abolicionista por meio de quilombos, irmandades negras⁵², clubes negros, entre outros (GONZALEZ, 1982). Novamente, Silveira (2005) fornece mais uma referência para o entendimento do papel da imprensa negra no final dos anos 1970:

Marco inequívoco é *Tiçã*, de Porto Alegre (grupo *Tiçã*, 1977-1980). Revistas *Tiçã* em 1978 e 1979, dois números e a publicação única do jornal *Tiçã* em 1980. Apresentação cuidada, boa diagramação e conteúdo envolvendo história, debate sobre racismo, questões sociais, políticas e culturais em geral, reafirmaram a possibilidade de uma imprensa negra vigorosa, renovada, séria e rica em abordagens, temas, profundidade. (...) *Tiçã* dialoga com imprensa negra da década: o anterior e clandestino *A Árvore das Palavras*, *Afro-Latino-América* (in *Versus*), *Jornegro* (...)" (SILVEIRA, 2005, p.115).

Independentemente da curta e intensa vida, como os demais impressos contemporâneos (PEREIRA, 2008), *Tiçã* se destaca pela contundente cobertura da temática negra e pela denúncia do racismo. No seu primeiro número, a chamada de capa da revista revela três questões atuais: educação, política e gênero. A saber: “Racismo diz presente na escola”, “Escrinho: o negro tem que evoluir politicamente” e “A mulher negra cansou de ser doméstica” (SILVEIRA, 2005). Já a primeira e única edição do jornal, de outubro de 1980, descortina mais temas em franco debate na atualidade, tais como violência racial, discriminação no mercado de trabalho, conjugação das discriminações de gênero e raça e indicadores sociais: “Chega de violência”, cuja charge coloca em primeira plano um jovem negro e um cerco de policiais nas suas costas, “Igualdade e autonomia do negro”, “Negra: discriminada em dose dupla” e “Censo tapa o sol com a peneira”. O jornalista negro Paulo Ricardo de Moraes (2002) lembra que a revista *Tiçã* teve grande receptividade local e influenciou o surgimento de novas publicações em outras localidades do país.

⁵² Um exemplo de organizações negras, as irmandades negras já eram registradas desde a primeira década dos anos 1700 (ANDREWS, 1998).

Segundo o jornalista negro Jorge Freitas (2009), os anos 1970 representam o ressurgimento das publicações da imprensa negra circulantes até meados de 1960. No estudo crítico *Imprensa Negra* de Clóvis Moura (2002), o escritor Oswaldo de Camargo explicita certo pessimismo em relação à existência de uma imprensa negra após os anos 1970 pelo fato de não existir “mais aquele leitor negro altamente receptivo e participante, sócio ou freqüentador de associações ou entidades negras” e face aos novos projetos editoriais comerciais como a revista *Raça Brasil*, o que poderia receber, de acordo com o pesquisador, o nome de “imprensa negrista” (CAMARGO, 2002, p.4).

Antes da nominação de qualquer outra vertente da imprensa negra, cabe distinguir a natureza dos projetos editoriais voltados ao público negro. Algumas iniciativas estão vinculadas a organizações negras contra o racismo, com produções vinculadas ao Movimento Negro, diferenciando-se inclusive de ações comunicativas institucionais que objetivam a divulgação institucional; e outras adotam um caráter comercial, percebendo o público negro como consumidor de informação. Talvez essa distinção possibilite uma melhor compreensão do empreendimento da imprensa negra que perpassa os séculos, antes mesmo da Abolição da Escravatura, até os dias de hoje, associado à luta maior que é o enfrentamento do racismo.

Com relação ao conteúdo e a linha editorial dos jornais da imprensa negra, Muniz Sodré (1999, p.240), considera que o “protesto racial” contra o racismo, a discriminação e o preconceito racial estava dentro de um “horizonte político integracionista” e o que o indivíduo negro aspirava “tão-só à igualdade econômica e política, acompanhada do respeito racial”. A seguir, o pesquisador aborda a especificidade da imprensa negra: “a importância de uma imprensa negra acentua-se quando se leva em consideração que os discursos sociais desempenham um papel central tanto na produção quanto na reprodução do preconceito e do racismo”, escreve (SODRÉ, 1999, p. 242).

Cabe aqui lançar questões fundamentais para compreensão do esforço na constituição da imprensa negra e de um Jornalismo comprometido com a temática racial negra, particularmente à problemática racial enfrentadas por africanos e seus descendentes na sociedade brasileira. Essas estratégias adotadas pelos afro-brasileiros serviram para combater o racismo no século XIX e XX? A imprensa negra poderia consolidar-se como uma prática jornalística⁵³ antirracista? Partindo do ensinamento de Sartre (1968), um racismo antirracista

⁵³ Bourdieu insere a atividade jornalística no centro de disputas e interesses sócio-políticos e culturais: “nesse microcosmo que é o mundo do Jornalismo, são muito fortes as tensões entre os que desejariam defender os valores da autonomia, da liberdade” (1997, p.52).

tem o sentido da desconstrução do racismo e não de sua reatualização, como poderia ser confundido.

A imprensa negra se constituiu como um dos instrumentos utilizados pelos negros brasileiros para a provocação de um debate público sobre o racismo no País, a partir do domínio da técnica jornalística pelos negros e do uso da esfera pública para a enunciação de um discurso dissonante das forças hegemônicas. Como já disse o jornalista Alberto Dines (1986, p.63) “quando um jornal é pequeno, os assuntos proibidos e os nomes malditos são poucos. Isto pode transformá-lo num grande jornal” – esta máxima se aplica ao enfrentamento ao racismo empreendido pela imprensa negra. Com seu caráter associativo de tratar a causa negra, a imprensa negra ocupou e ocupa papel decisivo e, por vezes, determinante para a organização política dos negros no enfrentamento do racismo.

Dessa forma, a intensificação do debate racial verificada na reserva de vagas para negros nas universidades, no Estatuto da Igualdade Racial ou na regularização das terras de quilombolas, entre outros temas atuais, demonstra a importância da imprensa negra para a ressignificação de fatos e acontecimentos, tendo em vista a polaridade do noticiário e da opinião pública.

Ao referir-se à imprensa negra da década de 1980, Muniz Sodré (1999) verifica a intencionalidade dos jornais negros de “*desmontar o mito da democracia racial*”⁵⁴ brasileira e montar *estratégias antirracistas*⁵⁵. No seguinte trecho, ele ressalta esse compromisso da imprensa negra.

A imprensa negra do passado era também política, ainda que não necessariamente partidária: tratava-se de exprimir os anseios ascensionistas ou integracionistas de um grupo social estigmatizado pela cor e pela origem escrava. Era uma imprensa, portanto, impelida pela luta antirracista, ainda que suas estratégias nem sempre tenham-se pautado por posições muito nítidas ou ideologicamente progressistas (SODRÉ, 1999, p.247).

A edição número 20, o Jornal do MNU (Movimento Negro Unificado) dava destaque aos 20 Anos do Dia Nacional da Consciência Negra. Reconhecendo-se como “*imprensa negra autônoma, livre e independente*”⁵⁶, o jornal revela nas edições trimestrais a organização política, a mobilização, a solidariedade entre as diversas causas negras (mulheres,

⁵⁴ Grifo da autora.

⁵⁵ Grifo da autora.

⁵⁶ Grifo da autora.

quilombolas, por exemplo) e a afirmação da identidade negra em entrevistas, dicas de leitura, poesias e relatos de acontecimentos nacionais sob a perspectiva racial. No número seguinte, em editorial, o Jornal do MNU abordou a questão das comunidades quilombolas.

Ainda na década de 1990, surge o Jornal Ìrohìn, como decorrência da Marcha Zumbi 300 anos, contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida, realizada em 1995⁵⁷. A publicação apresenta sua missão com o objetivo de “informar à sociedade sobre *assuntos não tratados pela grande imprensa*⁵⁸ e diretamente relacionados ao cotidiano da comunidade afro-descendente”⁵⁹. Significando *a notícia* em yorubá, Ìrohìn em seu primeiro editorial, de maio/junho de 1996, constituiu-se como “organização não-governamental plural, de amplo espectro político e sintonizada com a liderança negra”.

Em entrevista para esta pesquisa, Abdias do Nascimento fez considerações acerca do conteúdo editorial do Jornal Ìrohìn, reconhecendo-o como um legítimo representante da imprensa negra, por estar intrinsecamente vinculado à luta política dos afro-brasileiros contra o racismo no Brasil:

Acho extraordinário o esforço daquela gente. Acho extraordinário porque é um jornal que tem peso. Ele não perde tempo, ele não perde espaço. Tem um peso mesmo, tem influência. Só publica coisa que tem sentido. Não é brincadeira de fazer jornal. Porque já houve muito jornal negro que é só brincadeira, papagaiada. Não tinha nada o que dizer, era mais passatempo. O Ìrohìn entra na luta política mesmo e faz a notícia pra valer.

Pelo exposto, entende-se que o conceito de imprensa negra está relacionado ao que Sartre (1968) denomina como tomada de consciência, “diferente da reimersão em si, trata-se de reconhecer-se na ação e pela ação”. Hannah Arendt (2008, p.15) fomenta a pensar a imprensa negra no significado da ação política como “condição humana da pluralidade”, pois “todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quan* – de toda a vida política”.

Desse modo, é salutar retirar a imprensa negra do ostracismo imposto pela história da imprensa brasileira e pelos teóricos da comunicação nacional. Moura já conclamou maior atenção dos cursos de Comunicação (BITTENCOURT JÚNIOR, 2005) por considerar a

⁵⁷ Lima Júnior (2009) destaca em dissertação de mestrado em Educação da Universidade de São Paulo o caráter educativo da imprensa negra baseado no estudo de caso do jornal Ìrohìn (1996-2006).

⁵⁸ Grifo da autora.

⁵⁹ Informações extraídas do site do Jornal Ìrohìn. Disponível em <<http://www.irohin.org.br>> Acesso em: 19 set. 2008.

imprensa negra “pouco conhecida e menos ainda divulgada”, além de “não incluída nos programas das escolas de comunicação como capítulo a ser estudado” (MOURA, 2002, p.2). É imperativo refletir criticamente quão tamanha supressão – salvo raras exceções e breves citações como Bahia (1972), Melo (1972) e Werneck (1994) –, prestou-se à reiteração do racismo e à prevalência da supremacia branca no pensamento e nos estudos da comunicação, da imprensa e do Jornalismo no Brasil. Ou sobre, como aborda a filósofa negra Sueli Carneiro (2005), o epistemicídio, como instrumento de dominação racial.

Ramon y Cajal (1979, p.14) agrega a este raciocínio de inquirição provocativa de que “não há questões esgotadas senão homens esgotados nas questões”, as quais se acrescentam por princípio de equidade de gênero: homens e mulheres esgotadas nas questões. Haveria, por conseguinte, um esgotamento epistemológico desse campo acadêmico diante de grandiosas questões como a história da imprensa negra e o fazer jornalístico desse segmento altamente especializado e associado ao tema do combate ao racismo e integração do negro à sociedade brasileira?

Recompor a trajetória da imprensa negra nos estudos de Jornalismo é uma tarefa no mínimo desafiadora, em razão dos poucos registros entre os teóricos de comunicação e estudiosos do Jornalismo brasileiro. Esta pesquisa vale-se de diferentes visões epistemológicas de outras áreas de conhecimento, como a Antropologia, Sociologia, História, Educação e Letras para estabelecer as bases para uma reflexão no campo da comunicação (BRAGA, 2000) sobre a imprensa negra e a sua contribuição para o entendimento de práticas seculares de racismo e discriminação racial contra a população negra. Diferentes áreas de conhecimento têm contribuído para reconstituir cientificamente a história ininterrupta de jornais negros ao longo dos tempos (BARCELOS, 1991; MUNANGA, 2000), especialmente a História, Sociologia, Antropologia, Educação e algumas da Comunicação, tais como: Bastide (1951), Fernandes (1964), Ferrara (1981), Motta (1986), Santos (1993), Vieira Filho (1995), Conceição (1996), Garcia (1997), Andrews (1999), Mello (1999), Sodré (2000), Conceição (2002), Lopes (2002), Malachias (2002), Ribeiro (2003), Silva (2003), Fraga (2004), Ferreira (2005), Mello (2005), Miranda (2005), Mendonça (2006), Pinto (2006), Tiéde (2006), Oliveira (2007), Santos (2007), Borges (2008), Cruz (2008), Marques (2008), Calindro (2009), Carvalho (2009), Freitas (2009), Lima Junior (2009) e Machado (2009).

Essas produções sinalizam a possibilidade de subversão da ordem da falta de interesse epistemológico não somente da história da imprensa negra, mas também da sua capacidade de reivindicação, mobilização social, educação e apreciação das relações humanas entre os grupos raciais brasileiros. Referem-se, pois, ao que o teórico brasileiro José Marques

de Melo entende como engajamento consciente ou não para compreender os instrumentos que os grupos dominantes utilizam e reproduzem para fazer valer a sua visão de mundo. Essa prática começou a se alterar gradativamente a partir do ingresso de pesquisadores e pesquisadoras interessados em “trabalhos acadêmicos que vislumbram, numa postura crítica, os problemas nacionais de comunicação” e inseridos num campo de análise “não necessariamente coincidente com a das classes dominantes” (MELO, 1980, p.11). Pode-se incorporar neste espectro a produção de um pensamento negro na comunicação, isto é, no contexto das epistemologias do Sul (SANTOS, 2009) e no propósito de agregar, à produção intelectual, o dismantelamento do sistema hegemônico cognitivo, que vigora em detrimento da dinâmica e da realidade social condicionando-as a um sistema de exclusões e discriminações.

4. JORNALISTAS NEGROS NA GRANDE IMPRENSA BRASILEIRA

Além das memoráveis participações dos afro-brasileiros no Jornalismo mencionadas acima, recuperamos nos estudos de rádio e televisão a participação negra na imprensa brasileira. Apesar desta pesquisa concentrar-se no jornal como suporte de comunicação, consideramos produtivo para este exercício reflexivo resgatar insumos científicos relativos ao trinômio imprensa, racismo e relações raciais no Jornalismo brasileiro, especialmente na mídia radiofônica e televisiva, pelos dados relacionados à participação negra nesses meios de comunicação, praticamente inexistentes no suporte jornal.

4.1. NEGROS NO RÁDIO

Considerado pesquisador pioneiro (LIMA, 1983; LIMA, 2000), João Baptista Borges Pereira estudou, na década de 1950, em sua tese de doutoramento em Antropologia na USP - Universidade de São Paulo, a presença do negro no rádio de São Paulo a partir das possibilidades de profissionalização e mobilidade profissional. A pesquisa foi aplicada no ano de 1958 em 12 emissoras de rádio da capital paulista. À época, eram registrados 272 profissionais negros, distribuídos nos setores programático (onde estavam alocados redatores artísticos e comerciais, locutores e comentaristas), técnico (composto por engenheiros de som, sonoplastas, eletricitas, técnicos ou controladores de som) e administrativo (departamento pessoal, recepção, segurança, contínuos, entre outros). Estes profissionais, denominados pelo estudioso como “homens de cor”, estavam vinculados às emissoras como quadros estáveis das empresas ou em contratos de temporada. O contingente branco participou da pesquisa na modalidade de informante nas sondagens, para as quais 100 radialistas forneceram dados direta ou indiretamente.

Pereira defrontou-se com uma concentração negra no mundo artístico e no esporte, campo mais favorável a sua profissionalização. Os negros estavam alocados em redutos de confinamento e imobilidade para outras áreas, se comparada à situação apresentada pelos indivíduos brancos nos setores programático, técnico e administrativo:

“o maior índice de aproveitamento dá-se naqueles segmentos mais humildes de trabalho, onde o troco de menores exigências de qualificação, o trabalhador obtém menor remuneração e goza de menor prestígio” (PEREIRA, 2001,p.121).

Na contramão da realidade vivenciada, Pereira apreende a motivação dos negros de aproximarem-se do veículo rádio a ponto de considerar espaço propício para a profissão ideal, mola propulsora para a tão sonhada respeitabilidade e oportunidade de circulação em outros ambientes.

Porém, conforme Pereira (2001, p.135), a aspiração ao sucesso artístico-econômico “significa conquistas sociais, e isto quer dizer participação cada vez maior no mundo dos brancos e distanciamento cada vez maior no mundo dos pretos”. Situação essa que Lélia Gonzalez (1982) analisou no livro em *Lugar de negro*, como já exposto aqui anteriormente, como efeito da ideologia do branqueamento e do racismo à brasileira.

No início dos anos 1970, durante seu mestrado em Antropologia na USP, a pesquisadora Solange Couceiro⁶⁰ investigou cinco emissoras de televisão, nas quais trabalhavam, em 1969, um total de 1.921 pessoas, sendo 85,1% brancos e 14,9% negros. Destas últimas, 92,4% eram homens e 7,6%, mulheres. Acrescendo uma categoria ao estudo de Pereira (2001), a pesquisadora estabelece como setores de apreciação o administrativo, o comercial, o técnico e o programático, nos quais os negros se concentravam em 19%, 2,8%, 13,6% e 15%, respectivamente.

4.2. NEGROS NA TV

Inspirada nos estudos de Pereira (2001), Solange Couceiro verificou aproveitamento do negro em posições mais humildes do trabalho e com menores exigências de qualificação, remuneração e prestígio, exercendo “trabalhos braçais, subalternos em geral, e trabalhos não qualificados” (LIMA, 1983, p.41). À exceção, apresenta-se o setor programático, no entanto, nas esferas ligadas à música, como aferiu a pesquisa de Pereira (2001), caracterizando-se o confinamento de negros a áreas determinadas.

Solange Couceiro (LIMA, 1983, p.44-47) observou ainda a ausência do negro na “alta administração das empresas” de tevê e, conseqüentemente, baixo grau de autoridade e ocupação de postos de mando, além de restrita participação no setor comercial. No estudo, é feita a contundente revelação sobre a realidade vivida pelas mulheres negras nas empresas jornalísticas: “presença nula no setor técnico; relativamente inexpressiva no administrativo”, desvantagem “em relação ao homem branco, ao homem negro e à mulher branca”. Em suma, “a mulher negra continua impedida de participar de forma mais efetiva da estrutura

⁶⁰ Ela tornou-se uma das principais professoras e orientadoras de linha de pesquisa da ECA/USP (Escola de Comunicações e Artes), no fim dos anos 1980 (LIMA, 2000), a qual fomentou o pensamento negro nos estudos de comunicação e formou diversos pesquisadores negros e negras, tais como Ricardo Alexino Ferreira (1993 e 2001), Fernando da Costa Conceição (1996 e 2002), Joel Zito Araújo (1999), Rosane Borges (2002 e 2008), Rosângela Malachias (2002), entre outros.

ocupacional, sob o peso de dois obstáculos: o primeiro representado pelo sexo; o segundo representado pela cor”.

Apesar de o estudo abarcar diferentes formatos de programação das empresas jornalísticas do ramo televisivo, é possível extrair impressões acerca do noticiário, em razão do mote da presente pesquisa. Na investigação, Solange Couceiro (LIMA, 1983, p.56) concluiu que o noticiário “não beneficia o negro como grupo profissional”, sendo “aproveitados” somente profissionais, segundo ela, “que ocupam categorias de trabalho para cujo desempenho se exige maior grau de escolaridade”.

Na esteira do seminário estadual *O negro na mídia – a invisibilidade da cor*, promovido pelo Núcleo de Jornalistas Afro-brasileiros⁶¹, em novembro de 2004, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro (2005) encomendou pesquisa para traçar o perfil racial da representação da imprensa televisiva do estado naquele ano. De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2000, dos 413.459 gaúchos com nível superior, 96,7% eram brancos. Entre os diplomados no Curso de Comunicação, Jornalismo e Informação foram contabilizados 6.686 brancos, 258 negros e 33 amarelos, indígenas ou sem declaração de cor.

Com 12,65% de negros na população gaúcha, o levantamento localizou somente uma jornalista, na cidade de Rio Grande do Sul – a repórter Julieta Amaral –, com visibilidade entre as regiões gaúchas. O número subiria para três jornalistas, quando inseridos os profissionais da capital, Porto Alegre. Portanto, perfazendo quatro profissionais afro-brasileiros diante de um grupo de 793 profissionais sindicalizados nas emissoras de tevê, num universo de 11.636 jornalistas, sendo 5.780 sindicalizados. Entre suas considerações acerca do cenário do Jornalismo gaúcho, a pesquisadora brasileira Agnéa Winter (2005, p.93) atesta que a “mídia gaúcha corrobora com esta falsa ideologização nacional; ao não permitir uma maior visibilidade dos apresentadores e jornalistas afrodescendentes, nos seus canais, contribui com a manutenção dissimulada do preconceito”. Tal formulação coloca no centro do debate racial a responsabilização das empresas jornalísticas para o combate ao racismo e o fomento da pluralidade étnicorracial dos profissionais.

⁶¹ Este Núcleo foi composto em 2000 durante a realização do 1º Fórum Social Mundial, realizado no Rio Grande do Sul, para dar suporte às delegações africanas na sua relação com a mídia. Após o evento, a instância se manteve para discutir dentro do sindicato de jornalistas o papel dos jornalistas negros na imprensa e a incorporação das demandas destes no sindicato. A partir desta experiência, foram criadas as Cojiras – Comissões de Jornalistas pela Igualdade Racial em São Paulo, Rio de Janeiro, Alagoas, Distrito Federal e Paraíba. Em 2010, o 34º Congresso Nacional dos Jornalistas criou a Comissão Nacional de Jornalistas pela Igualdade Racial.

4.3. A FORÇA DE TRABALHO NEGRA NO MERCADO JORNALÍSTICO: TENSIONAMENTOS E SUPERAÇÕES

Para além do racismo que impossibilita o acesso dos afro-brasileiros na grande imprensa, van Dijk (1997) lança mão de outro elemento: a diferença ideológica. Uma vez na grande imprensa, o jornalista negro comprometido com a temática racial negra estaria numa posição de vulnerabilidade devido ao paradoxo ideológico em relação à linha editorial da empresa jornalística. De acordo com ele, “los periodistas que practiquen una ideologia incoherente no encontrarán trabajo si lo buscan o se les privará del mismo si no acatan las normas, al menos en apariencia” (VAN DIJK, 1997, p.52). Da mesma ideia comunga Dines (1986, p.122), “o comprometimento com a causa pública torna o jornalista incômodo e aparentemente anti-social”. Em síntese dos argumentos apresentados, retomamos a reflexão sobre imprensa e racismo no Brasil, baseada na contribuição da pesquisadora de origem portuguesa Cremilda Medina ao tema:

Se o processo nunca é favorável à significação da mudança social, não é de estranhar que a comunicação social, enquanto instituição, emita sinais conservadores, que sempre são discriminatórios do outro que ameaça o *status quo*. Mas nem assim pode-se cair no reducionismo de que os discursos da atualidade (informação jornalística) são monoliticamente preconceituosos. A guerra simbólica comparece ao espaço de produção jornalística tanto na contemporaneidade quanto no espectro histórico do Jornalismo e da profissão de jornalista. Nesta guerra, por si só, extremamente complexa, entram forças externas, sociais, forças político-econômicas, forças do inconsciente coletivo e também, por que não, forças criativas da assinatura do produtor cultural (MEDINA, 2004, p.31) .

Esta pesquisa segue o percurso de investigação científica da relação entre imprensa e racismo, em busca de aproximações para entendimento do racismo, seus efeitos, da abordagem da temática racial negra na imprensa e de evidências que possam colaborar para os estudos do Jornalismo. Como pontua Medina (2004, p.34), a imprensa e os meios eletrônicos são “espelhos das contradições sócio-culturais”. Por isso, a ciência tem potencial para dimensionar a conformação dos fatores incógnitos no âmbito da imprensa e das relações raciais, a fim de torná-la efetivamente plural e próxima dos interesses e das questões nacionais relacionados à composição racial da sociedade brasileira.

CAPÍTULO III - NOTÍCIA E TEMÁTICA RACIAL NEGRA

1. A DINÂMICA DAS NOTÍCIAS

Inúmeros estudos apontam que o Jornalismo visa a livre circulação de idéias (TRAQUINA, 2001; NEVEU, 2006; MORETZSOHN, 2007) e configura-se instrumento da democracia (MOTTA, 2002; WOLTON, 2004; GENTILLI, 2005; TRAQUINA, 2005). Partindo desse pressuposto, esta pesquisa se propõe a verificar se a dita grande imprensa brasileira vem estabelecendo, de forma equânime, uma cobertura plural com relação à temática racial negra tomando por base as notícias publicadas no jornal Folha de S. Paulo no período 2000-2010.

Partindo de suas pesquisas de oito anos sobre o noticiário de diferentes países relacionado ao racismo e as temáticas de raça e etnia, van Dijk apurou:

los datos del análisis de contenido de diversos países manifiestan en primer lugar que la atención que los medios de comunicación prestan a los grupos étnicos es muy limitada, a menos que estos grupos minoritarios se asocien con violencia, ilegalidad, delincuencia o un comportamiento cultural <extraño>⁶², es decir, con un componente de desviación de diversa índole (VAN DIJK, 1997, p.96).

Alguns estudos em comunicação no contexto da temática racial negra, constataram as diferentes nuances discriminatórias do discurso racial da grande imprensa brasileira em relação aos afro-brasileiros. Por exemplo, Silva e Rosemberg (2008, p.92) perceberam que “nos jornais, o negro permaneceu, em geral, circunscrito às editorias policial, relacionado à criminalidade; de esporte, principalmente no futebol e no atletismo; de cultura, em geral cantores e músicos”. O jornalista Perseu Abramo (2003, p.23) aponta a manipulação da informação como “uma das principais características do Jornalismo no Brasil”, praticada “pela maioria da grande imprensa”. Elenca como padrões de manipulação a ocultação, a fragmentação, a inversão e a indução, como principais instrumentos de distorções de informações. Para ele, a manipulação da informação tem um significado político.

Nas ocorrências sazonalidade e representações sociais negativas, o campo jornalístico⁶³ fica desfavorecido, sobretudo, o processo de produção de notícias

⁶² Grifo no original.

⁶³ Cabe caracterizá-lo com Bourdieu (1997, p.65), que o define como “monopólio real sobre os instrumentos de produção e de difusão em grande escala da informação e, através desses instrumentos sobre o acesso dos simples cidadãos, mas também dos outros produtores culturais, cientistas, artistas, escritores”. Ver também Braga (2000).

(*newsmaking*)⁶⁴ com reflexos na instância sociopolítica da democracia e da cidadania (SILVA, 2002; GENTILLI, 2005). Segundo van Dijk (1997, p.54), “los procesos de producción de noticias están íntimamente relacionados con los poderes e ideologías que sustentan la organización que las produce”, o que demonstra a necessidade de estudos das notícias.

Segundo o jornalista Bernardo Kucinski (2008, p.39-40) algumas das tensões e demandas sociais atuais retornam “sob novas formas, com alguns traços culturais, econômicos e sociais, moldados por quatrocentos anos de escravatura”. Também afirma: “o não-pluralismo tornou-se, assim, um traço dominante na cobertura e no debate, pela mídia brasileira, de assuntos considerados estratégicos pelas elites dominantes”. No âmbito da cidadania, o jornalista Eugênio Bucci (2008, p.46-47) entende que “o Jornalismo tem a tarefa primordial de vigiar o poder, disseminar notícias e idéias de interesse público, promovendo um diálogo entre os integrantes do espaço público”. No artigo *Ética, liberdade de imprensa, democracia e cidadania*, a pesquisadora Cicilia Peruzzo (2002, p.73) alerta que a ética nos meios de comunicação está atrelada à “questão das liberdades informativas na perspectiva da responsabilidade social da informação”, levando em conta o potencial de interferência dos meios de comunicação nos valores e na formação da cultura.

Em *A regra do jogo*, o jornalista Claudio Abramo (1988) expõe as memórias de carreira e aproxima o trabalho jornalístico dos demais ofícios. Para ele, há a ética do jornalista como trabalhador e cidadão como os demais indivíduos na sociedade e a ética dos donos dos jornais. O pesquisador Jorge Cláudio Ribeiro percebe uma resistência dos jornalistas sobre o debate sobre ética profissional no Jornalismo (PERUZZO, 2002; SODRÉ, 2008), o que demanda uma envolvimento da sociedade para que esta se manifeste com mais fluidez:

Embora a ética profissional e pessoal se origine de um compromisso pessoal, ela só se consolida no interior de um processo solidário. Por envolver grupos diferentes – leitores, sociedade, empresas e profissionais – a produção jornalística deve promover um acordo geral que priorize os interesses da maioria e a construção de uma democracia que não seja meramente neoliberal (RIBEIRO, 2000, p.141).

Apesar desses princípios, Capelato (1994, p.72), ao vincular imprensa e História do Brasil, inclui entre seus registros que a “grande imprensa brasileira é conservadora e teme a democracia. Esta característica se deve ao fato de que a própria sociedade brasileira é conservadora”. Conforme a historiadora, a democratização da imprensa requer “que muitos se

⁶⁴ Para Mouillaud (2002, p.55), a questão colocada em *Making news* é a da “identificação dos acontecimentos que são admitidos no campo da informação, preferencialmente, a questão do conteúdo”.

empenhem nessa luta; aos jornalistas cabem tarefas fundamentais relacionadas a direito de informação”. Na mesma direção, Lage (1979, p.28) resume: “embora às vezes graficamente primorosos, os grandes jornais brasileiros seriam bastante deficientes do ponto de vista editorial, distantes do leitor, preocupados demais em servir à complexa ordem do poder, com múltiplas instâncias de dependência”.

Eis os pontos que são abordados na sequência dos conceitos básicos de notícia (TRAQUINA, 1999), para aproximação do objeto desta pesquisa no que tange à produção de notícias e a temática racial negra, partindo dos fazeres jornalísticos da grande imprensa.

2. NOTÍCIA, VALOR-NOTÍCIA E NOTICIABILIDADE

Nilson Lage (1979, p.33-37) resgata a importância da notícia, desde os tempos mais remotos da imprensa, como “relatos de acontecimentos importantes – para o comércio, os meios políticos, as manufaturas” até a Revolução Industrial. Ao discorrer sobre as fases do Jornalismo, Lage avalia uma mudança no modo de produção da notícia (MAGALHÃES, 1979), no qual “*crenças e perspectiva* nela incluídas não são mais as do indivíduo que a produzia, mas da *coletividade hoje produtora*”⁶⁵, cujas tensões refletem contradições de classes ou de cultura”.

Para Lage, notícia pode ser definida como “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante”. Acrescenta, ainda, a existência de dois componentes básicos na notícia: “uma organização relativamente estável, ou *componente lógico*, e elementos escolhidos segundo critérios de valor essencialmente cambiáveis, que se organizam na notícia – o *componente ideológico*”⁶⁶.

⁶⁵ Grifos da autora.

⁶⁶ Grifo da autora.

As notícias têm influência na vida cotidiana (BERGER; LUCKMANN, 1974), “en nuestro *conocimiento social y político*, así como nuestras *creencias sobre el mundo*”⁶⁷ (VAN DIJK, 1997, p.29), ocupando mais espaço que outras práticas discursivas atuais. Cremilda Medina (1988, p.43) concebe notícia, ou “mensagem jornalística”, como produto de consumo da industrial, não somente “revestido de conotações negativas”, mas também como um “produto dinâmico pelo ângulo da oferta e da demanda”. Como produto genuíno das sociedades industrializadas e urbanas, a notícia é elaborada para “atingir a massa” e transpor fronteiras.

Para Ciro Marcondes Filho (1989, p.13), notícia pode ser conceituada como “informação transformada em mercadoria com todos os seus *apelos estéticos, emocionais e sensacionais*”, tornando-se “meio de *manipulação ideológica* de grupos de poder social e uma *forma de poder político*”⁶⁸. Conforme o autor, a notícia pertence “ao jogo de forças da sociedade” em três dimensões: como fator de sobrevivência econômica, veiculador ideológico e estabilizador político. Na mesma via de expor o conceito de notícia, Elcias Lustosa (1996, p.19) a concebe como “relato de um fenômeno social, presumivelmente de *interesse coletivo*”⁶⁹ ou de um grupo expressivo de pessoas”. E faz a ressalva: “notícia não é a exata tradução da realidade”, porque parte de um sistema de exclusão em que versões, fatos e acontecimentos deixaram de ser noticiados. Para Genro Filho (1987, p.184), a “notícia é a unidade básica de informação do Jornalismo”, conforme formulação desenvolvida na tese da pirâmide invertida – técnica utilizada pela primeira vez pelo *The New York Times* em abril de 1861 –, em que a notícia é hierarquizada do mais importante para o menos importante. Para ele (1987, p.184), “a notícia é a unidade básica de informação do Jornalismo”. Em *A construção da notícia*, Miguel Alsina (1996, p.185) conceitua-a como “una representación social de la realidad cotidiana producida institucionalmente y que se manifiesta en la construcción de un mundo posible”.

Em reflexões sobre a notícia⁷⁰ e sua localização como questão central do Jornalismo, Nelson Traquina (1999, p.169) dá a seguinte formulação: “notícias são resultado de um *processo de produção*, definido como *percepção, seleção* e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)”. No *Novo Manual da Redação*

⁶⁷ Grifo da autora.

⁶⁸ Grifos da autora.

⁶⁹ Grifo da autora.

⁷⁰ Ver, ainda, Motta (2006, p.45-52) sobre ambiguidades da notícia.

(FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.38), o verbete *notícia* é definido como “puro *registro dos fatos*, sem opinião”. Todavia, no Projeto Folha está registrado que “a *Folha*⁷¹ considera notícias e ideias como mercadorias a serem tratadas com rigor técnico” (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.13). Na imprensa negra, a relevância da notícia é tamanha que chega a nomear jornal. É, pois, “*ìrohìn*” a tradução de notícia para o Yorubá – uma das principais línguas africanas.

Intrinsecamente vinculado à notícia, Adriano Rodrigues (1999, p.27) define *fato* como “uma ocorrência não previsível, que assumindo a estatura de acontecimento poderia tornar-se notícia e integrar o discurso jornalístico”. Para esse estudioso do Jornalismo, *acontecimento* “constitui o referente de que se fala, o efeito de realidade de cadeia de signos, uma espécie de ponto zero da significação”. O Novo Manual da Redação (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.33) do jornal adotado como objeto deste estudo, orienta a redação para “descrever um fato com correção e inteligência exige sensibilidade, informação sobre o assunto e conhecimento do idioma”. Para Manuel Chaparro (2007, p.12), fatos jornalísticos são objetos concretos pelo que são, e não pelo que possam valer ou significar. Portanto, segundo ele, “valem pelas razões que os geram, pelas intenções que os controlam e pelas conseqüências que produzem ou podem produzir”. Para a pesquisadora Thaís de Mendonça Jorge (2004, p.2), a notícia é uma “unidade básica de produção, que engloba um determinado *modus faciendi*, obedece a regras e oferece um certo resultado: o relato publicado”, como explora esta pesquisa.

No contexto deste estudo, entende-se notícia como o registro de fatos e acontecimentos considerados mais importantes e inusitados entre os fatos e acontecimentos existentes. A notícia representa a essência do Jornalismo por ser a matéria-prima, isto é, o material de trabalho a que jornalistas se dedicam incessantemente em localizar, apurar e reportar para o público. A busca pela notícia não se restringe ao período de trabalho dos jornalistas na redação, pois a inspiração fora da redação pode levar à identificação de assuntos diferenciados que poderão se transformar em pautas e, conseqüentemente, em notícias.

Stuart Hall e seus colegas pensadores (1999, p.224) analisaram a produção de notícias na grande imprensa e verificaram que “as notícias são o produto final de um processo complexo que se inicia numa *escolha e seleção sistemática* de acontecimentos e tópicos com um conjunto de *categorias socialmente construídas*”⁷². Fatos e acontecimentos constituem

⁷¹ Grifo no original.

⁷² Grifos da autora.

um manancial de matéria-prima. A extração deste recurso consiste na seleção do que irá ser tratado, ou seja, na escolha do que se julga ser matéria-prima digna de adquirir a existência pública no formato de notícia. Numa palavra: noticiável (*newsworthy*).

Mauro Wolf (1995) conceitua o valor-notícia (*news values*) como componente da noticiabilidade. Os critérios relevantes presentes ao longo de todo o processo de produção da notícia são subdivididos em critérios substantivos, na avaliação direta do acontecimento quanto ao interesse ou importância da notícia, e em critérios contextuais, relacionados às condições de produção da notícia (MAGALHÃES, 1979). Genro Filho (1987, p.76) aponta que o “critério de valor da notícia vai depender (contraditoriamente) da universalidade que ela expressar. O singular, portanto, é a forma do Jornalismo e não o seu conteúdo”⁷³. Traquina (2005, p.62-63) aponta o valor-notícia como “aspecto fundamental da cultura profissional” e os critérios de noticiabilidade como “conjuntos de valores-notícias que determinam um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, ser merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo ‘valor-notícia’”. Segundo o teórico, compõem o valor-notícia: a notoriedade, a proximidade, a relevância, a novidade, o tempo, a notabilidade, o conflito ou controvérsia, a infração, a disponibilidade, o equilíbrio, a concorrência, a simplificação, a amplificação, a personalização e a dramatização.

Ainda, de acordo com o *Novo Manual da Redação* (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.35), “os critérios elementares para definir a importância da notícia” são definidos pelo

ineditismo (a notícia inédita é mais importante do que a já publicada), improbabilidade (a notícia menos provável é mais importante do que a esperada), interesse (*quanto mais pessoas possam ter sua vida afetada pela notícia, mais importante ela é*), apelo (quanto maior a curiosidade que a notícia possa despertar, mais importante ela é), empatia (*quanto mais pessoas puderem se identificar com o personagem e a situação da notícia, mais importante ela é*⁷⁴) (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.35).

A FSP recomenda à redação que as notícias e as reportagens “devem atender às *necessidades de seus leitores*, que formam um grupo particular dentro da sociedade. Esses interesses mudam e o jornal participa de modo ativo desse processo” (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.35). Nesse sentido, a FSP demonstra intenção de acompanhar a dinâmica da sociedade e isto pode ser feito através dos profissionais contratados que lidam, ou melhor, estão envolvidos de alguma forma com os fatos e acontecimentos.

⁷³ Grifo no original.

⁷⁴ Grifos da autora.

Para Marcondes Filho (1989, p.31), “na produção da notícia, no tratamento dos acontecimentos, o que se vende é a aparência do valor de uso” num contexto de compra e venda de mercadoria. Noticiabilidade refere-se ao conjunto de elementos através dos quais a empresa jornalística controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, selecionando inclusive as notícias. De acordo com a pesquisadora Ana Carolina Rocha Pessoa Temer (2007, p.49), “a noticiabilidade está sempre sujeita às condições de produção, avaliação (incluindo interesses e necessidades) e interpretação dos jornalistas, esteja ele exercendo papel de repórter”.

O valor-notícia pode ser determinado pelas circunstâncias e exigências do trabalho jornalístico (MOTTA, 2002). A noticiabilidade compreenderia a prevalência de interesses privados na produção da notícia, em detrimento do interesse público e do fomento de um debate público sobre questões importantes na sociedade. Mouillaud (2002, p.38) atenta: “pôr em visibilidade não constitui apenas um ser ou um fazer, não é simplesmente infinitivo, contém *modalidades do poder e do dever*”⁷⁵. Desse modo, a visibilidade pode ser compreendida como “uma condição da democracia” (SILVA, 2002, p.48), uma vez que as mídias exercem disciplina e controle através da visibilidade de temas, assuntos, fatos e acontecimentos através da sua noticiabilidade. Nessa perspectiva, “a liberdade, sempre em fronteiras, só pode ser pensada como aptidão do sujeito enquanto este pode escolher, ou apostar, em posições que lhe são tornadas visíveis” (GOMES, 2003, p.77).

Hannah Arendt (2008, p.82) constata que “há coisas que devem ser ocultadas e outras que necessitam ser expostas em público para que possam adquirir alguma forma de existência”, quando da articulação entre esfera pública e esfera privada. Na “localização adequada no mundo” de cada atividade humana, a temática racial negra é inserida como forma de incitar a reflexão acerca dos espaços de invisibilidade e visibilidade conferidos às atividades humanas do grupo racial negro, especialmente atos e atitudes que visibilizem o racismo e a sua ação por meio da discriminação, preconceito e desigualdades raciais, assim como as políticas antirracistas no Brasil. Na aplicação direta ao discurso noticioso, essas dimensões podem ser entendidas como a noticiabilidade de tais fatos, acontecimentos e versões decorrentes do contexto do grupo racial negro, a partir dos valores-notícias estabelecidos, critérios de noticiabilidade atribuídos e a condução do processo de produção de notícias, como elementos das rotinas produtivas do Jornalismo (ADGHIRNI, 2002; NEVEU, 2006).

⁷⁵ Grifo da autora.

Esse paradigma explicaria a influência das forças dominantes no processo de produção de notícias da grande imprensa, de forma explícita ou dissimulada. Seria, também, objeto de desconstrução da enunciação racista e discriminatória da grande imprensa por meio da ressignificação de fatos e acontecimentos, ou adoção de outros valores-notícia e critérios de noticiabilidade, por órgãos da imprensa negra.

Ao se pensar Jornalismo e sociedade no Brasil, uma reflexão não pode deixar de ser feita: como o racismo opera na imprensa? Essa indagação inspira-se na exposição da jornalista Miriam Leitão, colunista de jornal, rádio, TV e internet das Organizações Globo – maior conglomerado de comunicação do país –, no seminário *Mídia e racismo*, promovido na Universidade Candido Mendes, em agosto de 2001 (LEITÃO, 2002). O evento aconteceu uma semana antes do início da III Conferência contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, organizada pelas Nações Unidas. Dias antes da chegada da delegação brasileira ao encontro internacional, o governo brasileiro anunciou a proposta de reserva de vagas para negros no ensino superior (SILVA, 2003) – tema impulsor de um debate público acerca do racismo, das estratégias para a sua superação e reflexões sobre os conflitos raciais no Brasil.

“E como o racismo se apresenta na imprensa? Apresenta-se na mesma forma odiosa com que o racismo se apresentou no país ao longo dos anos, das décadas, dos séculos: vamos fingir que não estamos vendo. (...) Se há uma discussão importante acontecendo no país que não está sendo coberta pela imprensa, é porque a imprensa está errando (LEITÃO, 2002, p. 42-43).

Para Abdias do Nascimento, em entrevista concedida para esta pesquisa, há um desequilíbrio intencional na cobertura da grande imprensa aos temas relacionados ou de interesse dos afro-brasileiros. Militante negro, com intensa atuação na política, academia, cultura e na grande imprensa e na imprensa negra, Nascimento aposta no empreendimento da imprensa negra entre as estratégias para combater o racismo e fomentar um espaço de comunicação para enunciação autônoma da temática racial negra. Na sua atuação no Jornalismo, o ativista critica a parcialidade do noticiário da grande imprensa na relação simbiótica entre Jornalismo e democracia (TRAQUINA, 2007):

A imprensa é um setor onde não tem havido trégua contra as iniciativas do negro. Não tem havido trégua. É um despreço total. Tem que achar, aparecer uns pioneiros que enfrentem esse acúmulo de dificuldade e consiga levar adiante uma iniciativa pioneira de Jornalismo negro, que vença essas barreiras todas e se firme realmente como um líder da raça que está faltando.

A crítica de Nascimento expõe o que van Dijk (1997) chama de “racismo mediatizado” pelo contrato tácito de parte das empresas e dos jornalistas de representarem e darem mais destaque aos interesses dos grupos dominantes. Como já discutido aqui neste trabalho, grande parte dos jornalistas fazem parte das elites simbólicas brancas, portanto, têm limites ideológicos na leitura e na interpretação dos conflitos raciais.

3. AGENDAMENTO E INTERAÇÃO DA TEMÁTICA RACIAL NEGRA COM AS ROTINAS PRODUTIVAS DO JORNALISMO

Ao ater-se sobre a pragmática jornalística e a construção de sentidos, Motta (2003;2008) percebe na intencionalidade jornalística (MOLOTCH; LESTER, 1999; CHAPARRO, 2007) “prioridades e rejeições” nas “seleções e escolhas”. Ademais, aponta para a existência de um “contrato cognitivo” entre jornalistas e seus públicos por meio do “compartilhamento de contexto extraverbal”: físico (coisas à vista), empírico (estado das coisas), prático (discurso), histórico (circunstâncias conhecidas) e culturais (tradições e culturas). Da mesma forma, existe um marco ideológico complexo em favor dos brancos que “define la tendencia del público lector o espectador a aceptar este tipo de representación negativa” (VAN DIJK, 1997, p.79).

Seria, pois, o “campo de experiências comuns” ou a sintonia entre emissor e receptor que desencadearia um processo de motivação ou as “circunstâncias unificadoras” descritas por Dines (1986, p.59), em que são compartilhadas vivências e visões de mundo. De acordo com as elucidações de Silva (2006), a imprensa representa a esfera pública e teria capacidade de formar uma “teia de inter-relações” influenciando no espaço público (legitimidade), espaço político (legalidade), espaço comum (mundo da vida) e espaço privado (intimidade). Assim, o agendamento (*agenda-setting*) remete à capacidade de a agenda midiática influenciar debates e posicionamentos da opinião pública (TRAQUINA, 2001) devido a sua presença na esfera pública, a qual classifica Hannah Arendt (2008, p.59) como o “local adequado para a excelência humana”.

Os movimentos sociais estão redefinindo o conceito de cidadão não somente no que se refere aos direitos de igualdade (CANCLINI, 1995; PERUZZO, 2004; SANTOS, 2009), mas também aos direitos à diferença (LIMA, 1998; FESTA, 2008), ou melhor, à ética e à

pluralidade. Arendt (2008, p.16) aporta a esse raciocínio o conceito de pluralidade como “condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir”. Isto é, a humanidade unifica todos os grupos raciais num patamar sem hierarquizações, mas cada ser humano é único e, por conseguinte, diferente, singular.

Num deslocamento que provoca o enfoque sobre a capacidade de influência dos jornalistas, Traquina (2002) atribui um poder aos jornalistas:

O primeiro poder dos jornalistas é a decisão última de optar pelo o que é notícia, sabendo que a notícia dá existência pública ao acontecimento ou a própria problemática. (...) O segundo poder dos jornalistas é a última palavra sobre a construção do acontecimento como notícia (TRAQUINA, 2002, p.126-128).

Na análise da ação dos movimentos sociais e populares para a cidadania e participação social por meio da comunicação, Peruzzo (2004, p.275) alerta que a democracia efetiva em países da América Latina tem sido “obstaculizada pelo Estado e por setores dominantes, que, por sua posição hegemônica ou pela imposição, acabam ganhando a cumplicidade da sociedade como um todo, embora haja resistências”. Mendonça (2006, p.16) complementa: “é exatamente nessa convergência entre luta cultural pela superação das diferenças e as lutas políticas por melhor redistribuição da produção social e por mais igualdade que se situa o grande desafio para os movimentos sociais e para as políticas de identidade”.

Warren Breed (1999, p.153) alerta que a mídia “omite e exclui temas que ameaçam as estruturas sociais e a fé das pessoas nessas estruturas”. Portanto, é oportuno sinalizar a conjugação entre Jornalismo, racismo e temática racial negra como substrato das relações de poder (HALL et.al., 1999; ORTIZ, 2003; WOLTON, 2004; NEVEU, 2006). Segundo Santos,

Há um racismo insidioso que exige luta dos movimentos sociais de uma maneira que não se pensava antes. O Movimento Negro e o Movimento Quilombola são expressões fortes e emergentes no Brasil. Mas o peso da democracia racial é alto e profundamente ideológico (SANTOS, 2009).

Por tratar-se de uma problemática sustentadora do poder hegemônico, a discussão do racismo e da temática racial negra vem sendo evitada, através dos séculos, por setores da sociedade brasileira. Como já apresentado, a imprensa brasileira não se manteve à margem dessa realidade (LEITÃO, 2002). Muito pelo contrário, em diversos momentos tomou posição favorável aos privilégios do grupo racial branco na manutenção de um sistema de privilégios

em detrimento da integração real da população negra à sociedade brasileira. Essa situação fomentou o surgimento da imprensa negra, a fim de que os afro-brasileiros tivessem a possibilidade de elaborar enunciações próprias, incidir na esfera pública e articular mecanismos de resistência ao discurso hegemônico propagado pelas classes dominantes por meio dos jornais.

Além da criação de canais próprios de comunicação, o Movimento Negro vem estabelecendo diferentes estratégias para influir na esfera pública por meio da grande imprensa. Em função disso, a compreensão do processo de produção de notícias (*newsmaking*) e a temática racial negra tornam-se questões latentes para a investigação científica pela importância da imprensa e do Jornalismo na vida social (SCHLESINGER, 1999).

Conforme Fernando Conceição (2004, p.105) a disputa do Movimento Negro pelo espaço público acirrou-se na década de 1970, quando se tornou “enunciador de um discurso enunciado” adquirindo condições de se contrapor ao discurso das classes dirigentes. Com relação à visibilidade pública do Movimento Negro, Silva e Rosemberg (2008) verificam uma exposição freqüente no fim da década de 1980, com destaque para o início do ano 2000 – período em que as reivindicações começam a se inserir na agenda política através de políticas públicas.

Uma das estratégias do Movimento Negro na mídia é uma reação sistemática às práticas discriminatórias e não-pluralistas da grande imprensa, por meio inclusive de tentativas de interação com as rotinas produtivas do Jornalismo (GENRO FILHO, 1987; ADGHIRNI, 2002; WOLTON, 2004; GENTILLI, 2005) através de fatos e acontecimentos e da contestação crítica do fazer jornalístico⁷⁶ (MOTTA, 2006). Porém, alerta Van Dijk (1997, p.58), “la rutina periodística se centra necesariamente en las instituciones que ostentan el poder”. Pierre Bourdieu (1997, p.52-55) coloca a atividade jornalística no centro de disputas e interesses sociopolíticos e culturais por considerá-la um “microcosmo”, caracterizado por “fortes tensões entre os que desejariam defender os valores da autonomia, da liberdade”. É, portanto, definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte de outros microcosmos.

⁷⁶ Mouillaud (2002, p.68) explica o paradigma do *fazer* pelas imagens tramadas numa teia, assim como ocorreria com os modelos dominantes das sociedades industriais, com efeito hegemônico vinculado à natureza do acontecimento.

A imprensa tem sido alvo de reflexões e embates ideológicos internos (SANTOS, 2005) entre jornalistas⁷⁷ e o posicionamento das empresas jornalísticas. Vale apreciar que a produção de notícias e a circulação de informações (MARCONDES FILHO, 1986) resguardam interesses de investidores/financiadores das empresas jornalísticas (BREED, 1999; BERGER, 2002) por meio da profusão de concepções convenientes aos seus públicos de interesse, consumidores de informação (SILVA, 2002). No caso da temática racial negra, esses fatores tendem a ser mais evidentes e acirrados devido ao sistema de privilégios que as disparidades raciais garantem ao componente racial branco, representado pelas forças dominantes, a partir de desvantagens seculares a que estão submetidos os grupos raciais não brancos.

Para tornar mais nítidas essas inquirições, são recuperados dois momentos emblemáticos da história que exibem a interação do Movimento Negro com as rotinas produtivas da grande imprensa; o Centenário da Abolição da Escravatura, em 1988, e os 300 anos do assassinato de Zumbi dos Palmares, em 1995. Nessas ocasiões, o Movimento Negro posicionou-se de forma crítica e contestatória ao discurso oficial, por meio dos jornais da imprensa negra e de manifestações públicas de denúncia do racismo para desmantelamento do mito da democracia racial e reivindicação do compromisso do Estado brasileiro para o enfrentamento do racismo com cobertura da grande imprensa. Diversos estudos acadêmicos analisaram o noticiário da grande imprensa. Chama-se atenção para mais dois elementos relevantes para este estudo científico: as três pesquisas sobre racismo no Brasil realizadas pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 1988, 1995 e 2008.

3.1. 1988: O CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

Em 1988, o jornal *Folha de S. Paulo* aplicou pesquisa fechada a 998 brancos, 210 negros e 313 mulatos, na capital paulista. De acordo com o coordenador da pesquisa, Antonio

⁷⁷ Ferreira (2002, p.103-106) reflete sobre como o jornalista se insere nesse processo de disputas e conflitos. Disponível em: < http://oglobo.globo.com/economia/miriam/post.asp?t=ora_direis&cod_Post=104244&a=73> Acesso em: 19 set. 2008.

Manuel Teixeira Mendes, em perguntas explícitas sobre preconceito de cor é aferido “seu caráter dissimulado” (CARDOSO, 1992). Por conta disso, Edson Lopes Cardoso – no livro *Bruxas, espíritos e outros bichos*, escrito entre 1987 e 1989 –, apresenta-se receoso com a intencionalidade do jornal *Folha de S. Paulo* com relação à pesquisa, questionando a metodologia usada, as perguntas aplicadas e os reais interesses acerca da pesquisa:

A desproporção no universo pesquisado parece-nos apontar para um interesse ostensivo em debruçar-se sobre as elaborações subjetivas brancas, uma espécie de verificação algo dos ‘efeitos da atitude branca sobre sua própria consciência’ (CARDOSO, 1992, p.46).

Tal posição seria compartilhada sete anos depois pelo intelectual negro Milton Santos, em 1995, na análise da segunda pesquisa realizada pela FSP sobre o racismo no Brasil.

O ano de 1988 é um marco histórico na política brasileira devido à promulgação da Constituição Federal, também chamada Constituição Cidadã⁷⁸. O racismo ganhou conotação de ato a repudiar, configurado como crime inafiançável. Naquele ano, o Centenário da Abolição da Escravatura obteve ampla cobertura da grande imprensa brasileira, como analisou Cardoso (1992) em estudo pioneiro na área imprensa e racismo na FAC/UnB - Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília: *A celebração conflituosa do mito – uma leitura dos jornais do centenário da abolição da escravatura*, em 1990. Três anos depois, foi seguido no tema por Ferreira (1993), em dissertação defendida na ECA/USP – Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo.

Cardoso (1992) fez análise do discurso jornalístico e identificou representações sociais negativas com relação à imagem dos negros brasileiros na cobertura da grande imprensa por ocasião do Centenário da Abolição da Escravatura. São alguns dos jornais estudados: *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Pinheiros*, *Notícias Populares*, *Tribuna do Ceará*, *O Estado do Maranhão*, *A Tarde*, entre outros:

O Centenário da Abolição ampliou o debate sobre relações raciais e étnicas e, em razão das demandas do Movimento Negro, diversos segmentos organizados da sociedade civil incorporaram-no a suas pautas reivindicativas. Durante os cinco primeiros meses do ano de 1988, os jornais, progressivamente, abrem espaços para a abordagem do tema ‘libertação dos escravos’, associando-o, em graus diferentes, às condições de vida da população negra no presente. Embora ainda predomine o

⁷⁸ Entre tantas deliberações relevantes para o regime democrático, consta a liberdade de expressão e comunicação, além de ser assegurado a todos o acesso à informação. CÂMARA DOS DEPUTADOS, *Constituição da República Federativa do Brasil*: 1988. 27. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007.

discurso sobre o negro, este já conquistou o espaço de fala nas entrevistas e em alguns artigos assinados, manifestando-se também através das 'cartas dos leitores'. (CARDOSO, 1992, p.12)

Ao situar a escalada ascendente da temática racial negra na grande imprensa, Cardoso adotou a técnica de análise de discurso para apreender o viés ideológico racista de diversos jornais brasileiros no centenário da abolição. Sobre a construção das imagens negras, constatou na apreciação de editoriais, entrevistas, charges e cartas de leitores que os negros foram representados como “portadores de uma humanidade inferior” e a identidade como “fonte de conflitos”, com mistificação da igualdade alicerçada no mito da democracia racial através da transformação da “opressão e a espoliação que regem nosso sistema interétnico numa ideal e ‘perfeita coexistência de etnias’” (CARDOSO, 1992, p.27-8).

As constatações de Cardoso (1992) convergem com as considerações de van Dijk (2008) acerca do discurso da grande imprensa, o caráter das notícias e o papel dos jornalistas na cobertura do racismo e da temática racial negra. Conforme o pesquisador holandês, “reportagens de jornais racistas ou tendenciosos, editoriais e artigos de opinião não apenas emergem espontaneamente conforme as ideologias étnicas dos jornalistas (brancos), mas também dentro de um complexo contexto de elaboração e programação de notícias diárias” (VAN DIJK, 2008, p.21).

Por sua vez, o pesquisador brasileiro Ricardo Ferreira (2004, p.21) aposta que “1988 representou um desafio e uma mudança na forma de tratamento da imprensa sobre o segmento afro-brasileiro” e que os jornais se diferenciaram da mídia eletrônica ou da publicidade, posicionando-se como o “veículo que o negro teve maior espaço enquanto notícia”, fenômeno que constatou continuidade até o final dos anos 1980. Porém, Ferreira percebeu fragilidades dos jornalistas diante de temas como o Centenário da Abolição, a mobilização pelo fim do *apartheid* na África do Sul e a elaboração da Constituição Federal.

A postura da imprensa frente a todas estas mudanças políticas tem sido bastante oscilante. Ora a imprensa avança na discussão, outras vezes fica num discurso superficial e inócuo. O jornalista, através do improviso, vai pela intuição, transitando entre esses fenômenos. Porém, esse modelo já não tem mais dado conta das muitas realidades sociais. Assim, os profissionais de imprensa que não estiverem preparados para coberturas jornalísticas sobre o segmento negro podem reforçar atos de racismo, discriminação e estereótipos, mesmo quando a linha editorial do jornal não for esta. Vale mencionar que os jornais fazem questão de anunciar que não compactuam com qualquer tipo de discriminação ou racismo. O que de fato parece acontecer. Mas, se existe esta preocupação, é porque o problema anda rondando as redações (FERREIRA, 2002, p.22).

Mesmo enfraquecido, Andrews alerta para capacidade de ressurgimento do mito da democracia racial devido ao seu enraizamento no imaginário social:

Entretanto, embora o mito esteja em grande parte desacreditado, seria prematuro imaginá-lo completamente apagado. É um conceito que está profunda e amplamente difundido na sociedade brasileira e que não será derrubado da noite para o dia. Como se poderia esperar, o centenário foi também uma oportunidade para aqueles que acreditam reafirmar em seu compromisso, como fez o jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, em seu editorial 'A Verdadeira Discriminação' (ANDREWS, 1998, p.352).

Esse posicionamento não seria sinal de uma inflexão, pois “la posición de poder de los medios dominantes puede parecer, a veces, ambivalente, pero en general es coherente con la de las formaciones dominantes y de las instituciones de la sociedad” (VAN DIJK, 1997, p.52).

O pesquisador brasileiro Antônio Sérgio Guimarães (2004) também reconstituiu o caminho em que a temática do racismo chega aos jornais, tomando por base a cobertura do noticiário no Centenário da Abolição da Escravatura. Partindo dos arquivos do CEAA - Centro de Estudos Afro-asiáticos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ele analisou 101 matérias coletadas dos três jornais diários mais importantes editados no Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador⁷⁹. O levantamento sinalizou que o Rio de Janeiro “concentrou 70% das matérias, contra 19% de São Paulo e 11% de Salvador” (GUIMARÃES, 2004, p.117). Portanto, o racismo foi mais discutido no “*Jornal do Brasil* (41%), *O Globo* (21%) e *Folha de S. Paulo* (12%)” (idem, p.117). Os gêneros jornalísticos foram assim classificados em relatos e opiniões assinadas sobre discriminação racial no Brasil, notícias de discriminação racial a brasileiros no exterior, debates em torno de anúncios e notícias sobre legislação antirracista. Do material analisado, 46% se referiam à discriminação racial no Brasil; 42% sobre racismo em geral; 9% relacionados ao racismo em peças de marketing e 3% sobre notícias de discriminação de brasileiros no exterior.

Além de Cardoso (1990), a reflexão acerca da temática racial negra no Programa de Pós-graduação da FAC/UnB é encontrada em outros três pesquisadores: Dione Oliveira Moura, Nelson Fernando Inocencio da Silva e Rachel Pereira Mello. Na dissertação *A construção da memória e da identidade em filmes de cineastas negros brasileiros*, Moura (1990) se posiciona entre os primeiros estudos nacionais relacionados ao cinema negro, tomando por base os filmes *Um Crioulo Brasileiro*, *Dia de Alforria* e *Alma no Olho*. Moura avalia a imbricação de identidade (SODRÉ, 1999; HALL, 2006), valores culturais, sistema

⁷⁹ A análise do noticiário também recortou a revista semanal *Veja*, mas por razão de o jornal ser o suporte de apreciação desta pesquisa, os dados não foram incorporados.

simbólico, construção e reconhecimento com a produção e representação negra nos filmes de cineastas negros, compreendidas como “processo de afirmação de identidade, conduzido por agentes do grupo racial negro”. Tal enquadramento valoriza a produção comunicativa, cultural e artística dos negros, por serem agentes e produtores de conteúdo num processo de afirmação identitária e resposta à ordem sociopolítica e cultural de predominância racista.

Embora alicerçada numa área específica nos estudos da comunicação, a pesquisa permite um deslocamento epistemológico no que tange à imprensa negra, consolidado por Sartre (1968, p.93), em suas *Reflexões sobre o racismo* acerca da produção dos poetas da negritude Aimé Césaire e Leopold Senghor: “não resta dúvida de que a classe oprimida deve primeiro tomar consciência de si mesma. Mas esta tomada de consciência é exatamente o contrário de uma reimersão em si: trata-se de reconhecer, na ação e pela ação (...) na produção e na repartição de bens”. Sobre a afirmação identitária nas suas produções negras e seu compromisso com o combate ao racismo, Sartre fornece aspectos imprescindíveis para a compreensão da produção de bens culturais e produtos sociais – com a imprensa negra –, produzidos por negros.

Ativista do Movimento Negro e atual professor da UnB, no Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes, Nelson Fernando Inocencio da Silva (2001) transformou sua pesquisa de mestrado no livro *Consciência negra em cartaz*. Na observação do ativismo político do Movimento Negro contra o racismo, análise da estética negra e da ideologia imagética de cartazes produzidos pelo Movimento Negro no processo de conscientização étnicorracial e de combate ao racismo, Silva verifica uma “luta entre as ideologias imagéticas do racismo e do Movimento Negro”. Na primeira referência está inserido o reforço da ideologia da democracia racial. No segundo aspecto, o pesquisador classifica como “ideologia imagética crítica” e “produção alternativa de imagens” com o objetivo de denunciar o racismo e também pelos “modos de ver a consciência negra” (SILVA, 2001, p.73).

Recentemente, Mello (2009) debruçou-se sobre a relação entre imprensa e racismo, valendo-se da análise de discurso dos editoriais do jornal *O Globo* sobre as políticas de ação afirmativa, precisamente na modalidade política de cotas raciais ou reserva de vagas para negros nas universidades. Em *O mesmo e o outro – as relações raciais no Brasil no discurso do jornal O Globo*, Mello percebe “repetição das ideias de homogeneidade e de não-conflito” que nega “a alteridade, o poder de construir uma subjetividade negra desde o seu lugar de fala”. Mesmo priorizando a produção intelectual da instituição a que esta pesquisa científica está vinculada, é relevante registrar os estudos desenvolvidos por pesquisadores negros na área de comunicação, Jornalismo e temática racial negra no País até aqui não citadas: Campos

(1984), Callado (1989), Araújo (2000), Ferreira (2001), Diogo (2004), Sebastião (2007) e Werneck (2007).

Van Dijk, ao dedicar atenção ao racismo e discurso na América Latina, levanta explicações acerca do desinteresse de pesquisadores acadêmicos com relação ao racismo, o que auxilia na reflexão sobre a escassez de estudos de comunicação e Jornalismo sobre o tema, cuja reversão inicia nos anos 1950 com João Baptista Borges Pereira, seguido por Solange Couceiro, na década de 1960, com uma retomada gradual ascendente a partir dos anos 1980:

“ a maior parte dos pesquisadores acadêmicos vem dos mesmos grupos sociais e classes cujas elites estiveram no poder. Soma-se a isso o fato de eles mesmos terem nenhuma ou pouca experiência com o racismo, o que, portanto, acarreta em menor motivação para investigar um sistema de desigualdade do qual eles próprios foram beneficiários” (VAN DIJK, 2008, p.14).

É imperativo ressaltar a originalidade e os préstimos à ciência de um pensamento negro (SARTRE, 1968) na comunicação cuja produção vem contribuindo para a elucidação de fenômenos comunicacionais até então desconsiderados pela academia (MELO, 1980), alinhando-se à perspectiva epistemológica do Sul (SANTOS, 2009) e na contramão do tratamento dado ao tema, especialmente pelas Ciências da Comunicação, como exposto por Van Dijk (2008).

3.2. 1995: OS 300 ANOS DO ASSASSINATO DE ZUMBI DOS PALMARES

Em 1995, o jornal *Folha de S. Paulo* realiza sua segunda pesquisa sobre racismo no Brasil. Apresentada como a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil, a pesquisa mobilizou 700 profissionais do Datafolha. Onze jornalistas⁸⁰ prepararam um suplemento de 16 páginas sobre o tema. A FSP realizou, como definiu o jornalista e professor

⁸⁰ Participaram da cobertura: Aureliano Biancarelli, Cleusa Turra, Cristina Grillo, Fernanda Scalzo, Fernando Rodrigues, Hélio Zolini, João Batista Natali, Marilene Felinto, Maurício Stycer, Sara Silva e Silvia Quevedo.

universitário negro Fernando Conceição (2004, p.101), um “*investimento inusual*”⁸¹ na grande mídia brasileira”, com aporte de US\$ 77 mil para a elaboração e aplicação da pesquisa:

“O registro da trajetória de Zumbi na mídia nos 300 anos de sua morte – e momentos imediatamente próximos – seguiu um curso não-linear. É quase certo que os protestos do Movimento Negro durante 1988 (centenário da questionada abolição da escravidão brasileira) serviram de base argumentativa a favor das pressões dos que colocaram, como ocasião singular do debate racial, a efeméride dos 300 anos de um episódio ímpar – questionador do regime colonial/escravista nas Américas” (CONCEIÇÃO, 2004, p.104-105).

Conforme o jornalista Fernando Rodrigues, os 5 mil entrevistados levaram a três grandes resultados:

apesar de 89% dos brasileiros dizerem haver preconceito de cor contra negros no Brasil, só 10% admitem ter um pouco ou muito preconceito, mas, de forma indireta, 87% revelam algum preconceito, ao pronunciar ou concordar com enunciados preconceituosos, ou ao admitir comportamentos de conteúdo racista em relação a negros (TURRA; VENTURI, 1995, p.11).

Inspirado na efeméride dos 300 anos de assassinato de Zumbi, o projeto foi desenvolvido em seis meses, trouxe à tona a expressão “racismo cordial” e recebeu duras críticas do geógrafo e intelectual negro Milton Santos que, em entrevista a Mauricio Stycer publicada no livro, apontou a necessidade de a FSP “ir além da constatação”. Ou seja, era um chamamento para a responsabilização do jornal pelo fato de fazer parte da sociedade brasileira e ter condições de dar respostas efetivas para a desconstrução do racismo no Brasil dentro do seu raio de comando, isto é, dentro do jornal: da redação aos diferentes setores e empresas do Grupo Folha.

Eu não estou seguro de que a Folha esteja tratando corretamente a questão. O nível de imprecisão com que a palavra ‘preconceito’ foi utilizada inutiliza muitos dos resultados. (...) Esse teria que ser definido melhor. A maior parte das questões colocadas serve a uma estratégia de marketing, não a um trabalho social. Essa é a minha crítica central. (...) Marketing é fazer perguntas apenas sobre o discurso e não sobre o comportamento. (...) Essa pesquisa é um esforço importante, mas largamente insuficiente. É uma pesquisa fundada nos preconceitos. Para saber que o brasileiro é racista não precisava fazer essa pesquisa. (...) O centenário da Abolição, em 1988, deu lugar a comemorações, a festas, a imprensa se ocupou e depois nada. Eu tenho medo que esses 300 anos de Zumbi dêem a mesma coisa. Não dá mais para ficar só na constatação do racismo” (TURRA; VENTURI, 1995, p. 58-60).

Pela via política, a Marcha Zumbi 300 anos, contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida⁸² reiterou a agenda política dos negros brasileiros de dismantelamento do mito da

⁸¹ Grifo da autora.

democracia racial, de denúncia do racismo e dos casos de discriminação racial e, sobretudo, de reivindicação de direitos por meio da responsabilização do Estado brasileiro com relação à convivência e à omissão diante do racismo, assim como seu papel no combate ao racismo através de políticas públicas.



Figura 1 - Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Vida e a Cidadania.
Fonte: (Acervo Ìrohìn)

Daquele momento em diante, o Estado brasileiro passaria a incorporar a igualdade racial como componente das políticas públicas⁸³. A participação do Brasil na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância⁸⁴ (BAIRROS, 2002; CARNEIRO, 2002), em 2001, transformou-se num tema com grande cobertura do noticiário da grande imprensa (IRACI; SANEMATSU, 2002): surgiam as políticas de ação afirmativa como medidas de inclusão dos afro-brasileiros e instaurava-se no noticiário brasileiro uma polêmica que já dura mais de uma década.

Recorrentemente, fatos e acontecimentos no âmbito da temática racial negra são tangenciados da sua real ocorrência (MORETZSOHN, 2007), especialmente quando o discurso-enunciado do Movimento Negro exige direitos de cidadania (GENTILLI, 2005) no diálogo com o poder público, denuncia as desigualdades raciais (HASENBALG, 2005) e repudia o mito da democracia racial⁸⁵ (MOURA, 1977; RIBEIRO, 1999). À medida que o

⁸² Festa (2008) registra as principais ações do Movimento Negro nos anos 1990 até a atualidade e uma mudança no cenário mundial no contexto da diversidade, com visibilidade às questões de raça, etnia, gênero, direitos sociais e civis.

⁸³ Santos (2005) atém-se ao ingresso da discussão sobre racismo e políticas públicas de igualdade racial, em 1996, quando da instalação do Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra ligado ao Ministério da Justiça.

⁸⁴ Realizada em Durban, África do Sul, no ano 2001, a Conferência inseriu compromissos nas agendas governamentais de países signatários da Declaração e Plano de Ação de Durban, como o Brasil. Na área de comunicação, a Declaração de Durban prevê, entre outras medidas, o combate a estereótipos, propagação de racismo e ódio racial na internet e campanha de sensibilização anti-racista aos profissionais da mídia impressa, eletrônica, propaganda e internet. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br/Durban_1.htm> Acesso em: 19 set. 2008.

⁸⁵ Na década de 1930, Freyre (1998) lança a obra que institui o “mito da democracia racial” por afirmar a existência de harmonia e de cordialidade entre escravizados e senhores no período da escravidão no Brasil.

País abriu-se para a democracia, as intervenções sociais no espaço político vêm transformando a dinâmica da sociedade e o discurso jornalístico. Medina (2004) e Gentili (2005) verificam possibilidades de transformação no Jornalismo, a partir das pressões políticas de setores organizados, entre eles considera-se o Movimento Negro e o de Mulheres Negras. Assim sendo, o Jornalismo contribuiria ao entendimento e à resolução dos problemas sociais⁸⁶ (SEABRA, 2002; SILVA, 2002), ao evidenciá-los na cobertura cotidiana por meio de uma prática sem o silenciamento de vozes, ocultamento de fatos e acontecimentos relevantes para o processo democrático, plural e multirracial ou danos à informação como direito social e humano (GENRO FILHO, 1987; GENTILLI, 2005).

É vasto o potencial de investigação da temática racial negra e sua imbricação com o jornalismo plural devido ao manancial do campo jornalístico (BOURDIEU, 1997; NEVEU, 2006) do ponto de vista da epistemologia da comunicação entrecruzada com a problemática do racismo no Brasil. Como sugere Érik Neveu (2006, p.63), é preciso “pensar o espaço do Jornalismo como um universo estruturado por oposições ao mesmo tempo objetivas e subjetivas, a perceber cada publicação e cada jornalista dentro da rede de estratégias, de solidariedade e de lutas que o ligam a outros membros do campo”. Partindo desse ponto, os fazeres jornalísticos da grande imprensa são entendidos como práticas sociais relevantes para a investigação de como essa rede de estratégias poderia fomentar ou enfrentar o racismo no Brasil, assim como a existência ou não de um interesse de contribuir para um debate público e plural sobre as relações raciais.

3.3. 2001: A CONFERÊNCIA DE DURBAN

A partir da Conferência de Durban, diferentes setores da sociedade brasileira passaram a se interessar pelo tema das políticas de ação afirmativa. Desde 2001, esse debate tornou-se público, pois ganhou ruas e lares, rodas de conversas de todos os níveis sociais,

⁸⁶ Canellas (2008, p.114) resgata a motivações do Jornalismo conectando-o com o trabalho de uma pauta social. “É possível que um repórter que lida com agenda social receba infindáveis “nãos” ao longo de sua vida profissional. Faz parte do jogo. Inaceitável é abdicar da inquietude, da curiosidade, da capacidade de pensar livremente, de exercer a crítica e de propor, porque essas são características intrínsecas à condição do repórter”.

demonstrando um deslocamento da opinião pública em favor da discussão acerca das relações raciais e despertando, na população brasileira, o desejo de falar de algo que antes era objeto de debate entre intelectuais e políticos. A imprensa exerceu seu papel de mediação na esfera pública (SILVA, 2006) de cobertura dos fatos e acontecimentos decorrentes da Conferência de Durban e pelas discussões internas acerca do posicionamento do Brasil com relação ao racismo, à discriminação racial, à xenofobia e às intolerâncias correlatas. No entanto, diversos estudos classificaram a cobertura noticiosa como controversa e, por vezes, parcial.

No período da conferência, as feministas negra e nipodescendente Nilza Iraci e Marisa Sanematsu (2004), respectivamente, analisaram o noticiário dos jornais da grande imprensa *Correio Braziliense*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Jornal de Brasil*, de 25 de agosto a 14 de setembro de 2001. Foram clipados jornais e revistas uma semana antes do início do evento, durante a semana da conferência e uma semana após o seu encerramento. O monitoramento de imprensa considerou os seguintes gêneros jornalísticos: editorial, artigo, carta de leitores, entrevista, notícia, coluna e frases. Na avaliação do teor informativo ou opinativo das notícias dos jornais monitorados, as pesquisadoras identificaram na *Folha de S. Paulo* 71 notícias com foco na informação (69%) e 32 notícias de opinião (31%). Ações afirmativas e discriminação foram os temas mais frequentes no conteúdo noticioso. Negros, indígenas, judeus e palestinos estiveram entre os grupos mais mencionados nos jornais, enquanto nas revistas o conteúdo se ateve exclusivamente com relação ao grupo negro. Entre os jornalistas, a repórter Fernanda Escóssia, da *Folha de S. Paulo*, assinou 23 matérias enviadas de Durban. Seguida pelos repórteres José Maria Mayrink, de *O Estado de São Paulo*, também enviado, que produziu 17 matérias, e Luis Turiba, do *Correio Braziliense*, enviado que assinou 5 matérias.

Entre os jornais, as pesquisadoras contabilizaram 240 notícias, sendo 105 publicadas no jornal *O Globo*; 103, na *Folha de S. Paulo*; 93, no *Correio Braziliense*; 78, no *Jornal do Brasil* e 61, no *O Estado de São Paulo*. Verificaram posicionamento favorável às políticas de ação afirmativa/cotas raciais nos jornais *Correio Braziliense* e *Jornal do Brasil*, enquanto *O Estado de São Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* foram classificados como “contrários”.

No artigo *O já-dito e o não-dito: o papel da imprensa no debate sobre as cotas*, a jornalista negra Rosane Borges (2003) também se debruça sobre a análise dos editoriais do jornal *Folha de S. Paulo* acerca da política de cotas raciais para negros nas universidades e dos artigos da articulista negra Sueli Carneiro, publicados semanalmente no jornal *Correio Braziliense*. Desse modo, o estudo entrecruzou visões diferenciadas acerca de um mesmo fato social – no caso as políticas de ação afirmativa, também chamadas políticas de cotas raciais.

Os editoriais expõem o posicionamento da direção do jornal *Folha de S.Paulo*; os artigos revelam a apreciação do tema feito por uma ativista do Movimento de Mulheres Negras inserida na grande imprensa. Borges captou o posicionamento contrário da FSP sobre as cotas raciais e a defesa da medida na coluna da ativista negra, que servia como uma voz contrária para tentar um equilíbrio no debate erguido nos jornais da grande imprensa.

**CAPÍTULO IV – A TEMÁTICA RACIAL NEGRA NAS NOTÍCIAS DO
JORNAL FOLHA DE S. PAULO NO PERÍODO 2000-2010**

1. O CONTEXTO DA TEMÁTICA RACIAL NEGRA NOS ANOS 2000-2010 NO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

A expectativa em torno do terceiro milênio foi bastante elevada, tendo em vista alguns mitos que se colocariam em xeque, tais como o do fim do mundo e o do anunciado *bug* nos computadores. Nem um nem outro se confirmaram, mas os primeiros anos da era 2000 se caracterizaram como períodos de intensas transformações políticas, econômicas, sociais, culturais, ambientais e tecnológicas.

A chegada de setores historicamente excluídos a espaços de tomada de decisão, a exemplo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), Evo Morales (2006-2014), Michelle Bachelet (2006-2010), Barack Obama (2009-2012) e Dilma Rousseff (2011-2014), e a crescente busca pela democracia em países com regimes autoritários provocaram mudanças importantes no mapa geopolítico mundial. A globalização tornou-se prática cada vez mais recorrente no mundo dos negócios cujas fronteiras são discutidas na defesa de mercados consumidores e cada vez mais ampliadas para a livre circulação de bens e capitais.

Da mesma forma, as relações sociais estão a cada dia mais interativas, pois são impulsionadas pelos recursos tecnológicos. E as redes sociais transpõem para a vida real a frenética comunicação virtual. Essa operação está alterando substancialmente a noção de tempo, a relação dos públicos com os meios de comunicação, as estratégias para agendamento do debate público e até mesmo o funcionamento da esfera pública. Aumentou também em escala semelhante a discussão acerca dos direitos sociais de grupos vulneráveis às desigualdades e violações de direitos e o debate em torno da limitação dos recursos ambientais.

Na perspectiva da temática racial negra, o período 2000-2010 foi caracterizado por um debate pulsante sob diferentes prismas. O ano 2000 propriamente dito foi uma efeméride poderosa em termos do debate étnico-racial, por ser o aniversário dos 500 anos de descobrimento do Brasil, o qual recebeu uma releitura crítica pelos movimentos sociais, entre eles o Movimento Negro, o Movimento de Mulheres Negras e o Movimento dos Povos Indígenas. É daquela data o nascimento da Marcha Grito dos Excluídos, que se repete a cada 20 de abril em diversas localidades do País, a fim de denunciar as exclusões, discriminações e violações de direitos a que são submetidos os setores discriminados da sociedade brasileira. Ainda no primeiro ano do terceiro milênio, o Brasil sediou a primeira edição do Fórum Social

Mundial, que se contrapõe anualmente ao debate travado pelo Fórum Econômico Social por defender um reordenamento mundial baseado na inclusão social e nos princípios de igualdade. Tais transformações foram assimiladas pelo campo jornalístico e na prática jornalística, os quais também tiveram sensíveis mudanças inclusive para a sustentabilidade dos negócios. Em artigo no final dos anos 1990, o jornalista Luciano Martins Costa (1998) já apontava que “a velha redação não cabe no jornal de amanhã”, no qual previa um cenário de crise frente às mudanças ocasionadas pela tecnologia e pelo desafio de o Jornalismo tornar-se mais próximo da sociedade:

Trata-se de substituir a visão meramente mercadológica de que se impregnou a imprensa no final dos anos 80, por uma atitude voltada para a sociedade, ou seja, o leitor não pode mais ser visto meramente como consumidor do produto jornal, mas tratado em sua inteira cidadania, como parceiro na elaboração das reflexões produzidas pelos fatos noticiados, também gerador de ideias que contribuam para o processo civilizatório (COSTA, 1998:19).

Ora por força dos fatos e acontecimentos que influenciam a cobertura noticiosa, ora pela iniciativa própria dos veículos de imprensa, a exemplo da FSP que compõe o corpus dessa pesquisa, a temática racial negra recebeu em algumas ocasiões e situações atenção diferenciada da imprensa.

A maneira como o tema foi incorporado é explorada no bojo desta pesquisa, nas seguintes instâncias:

- a) verificação dos assuntos evidenciados;
- b) valores-notícia atribuídos;
- c) cadernos e suplementos em que as notícias são mais frequentemente publicadas;
- d) classificação das fontes entrevistadas;
- e) pluralidade de vozes e espaços de fala concedidos para mulheres e homens nas entrevistas;
- f) gênero dos profissionais produtores de notícia;
- g) abrangência geográfica das notícias;
- h) centralidade e dispersão da temática racial negra nas notícias.

A pesquisa foi desenvolvida de acordo com as etapas descritas a seguir:

1ª etapa – definição do recorte do material empírico da pesquisa, para o qual foram determinadas três efemérides: Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, Dia da Abolição da Escravatura e Dia da Consciência Negra, considerando

para cada uma delas sete dias (semana artificial) em que a cada efeméride, ou seja, a data do evento em si ocupou a posição central em cada semana artificial;

2ª etapa – coleta dos dados brutos no portal www.folha.com, na base do jornal Folha de S. Paulo, em que foram utilizadas 13 palavras-chave (racismo, cotas raciais, estatuto da igualdade racial, quilombo, discriminação racial, pesquisas/indicadores sociais, mulheres negras, juventude negra, movimento negro, durban, seppir, consciência negra e abolição da escravatura);

3ª etapa – triagem dos conteúdos em unidades de contexto (notícias relacionadas à temática racial negra durante o mês da efeméride) e unidades de registro (notícias publicadas durante a semana da efeméride em questão) para composição da amostragem;

4ª etapa – análise preliminar do material coletado para criação das categorias de análise (valores-notícia atribuídos, cadernos e suplementos em que a notícia foi publicada, fontes entrevistadas com presença direta na notícia, gênero das fontes entrevistadas, gênero dos produtores da notícia, pluralidade de vozes, centralidade e dispersão da temática e abrangência geográfica);

5ª etapa – categorização do material empírico da pesquisa, processamento das informações, produção de dados estatísticos e análise dos dados da amostragem.

A seguir é feita uma síntese das principais notícias em evidência na FSP durante os anos 2000 a 2010, no recorte das unidades de contexto desta pesquisa que abarcam os conteúdos noticiosos dos meses de março, maio e novembro, incorporando três semanas de cada mês para além das semanas artificiais das efemérides: Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, Dia da Abolição da Escravatura e Dia da Consciência Negra.

O esporte é uma das principais áreas onde o racismo foi discutido e gerou uma série de notícias ao longo do período 2000-2010 (*ver Tabela 16*), especialmente o futebol, em que pese a incidência dos atos de racismo contra jogadores de futebol e a sofisticação das respostas a esse fenômeno dadas por dirigentes de clubes e até mesmo a FIFA, cujo clímax ocorreu em 2010 durante a Copa Mundial de Futebol, e as diversas campanhas em que jogadores de futebol de projeção e prestígio cederam suas imagens, como as do Alto Comissariado dos Direitos Humanos das Nações Unidas ao longo do período 2000-2010.

Dentre o material empírico selecionado, verificam-se diversas notícias sobre o racismo no futebol e as reações do setor desportivo para enfrentá-lo. O futebol brasileiro esteve no cerne de tais acontecimentos em decorrência da quantidade de jogadores afro-brasileiros em times estrangeiros e também de fatos ocorridos no Brasil, como a ofensa racial

feita pelo jogador Desábato contra o jogador Grafite; os comentários racistas dos técnicos brasileiros de futebol Paulo Autuori e Wanderlei Luxemburgo; e os ataques entre as torcidas do Corinthians e Palmeiras.

É do começo do ano 2000 a intensa cobertura sobre a questão da territorialidade e do reconhecimento das comunidades remanescentes por meio da titulação de terras (março de 2000), assunto recorrente ao longo do período 2000-2010, embora poucas vezes captado nas notícias publicadas nos períodos temporais adotados nesta investigação. A prática do racismo e os assassinatos de homens negros pela polícia são notícia no recorte desta pesquisa. Assim como o esporte, a cultura é outro assunto bastante recorrente nas notícias, conforme a observação das unidades de contexto desta pesquisa, presente com destaque nas notícias do período 2000-2010. No viés político, as ações afirmativas (*ver Tabela 16*) se constituíram como um dos principais temas em evidência nas notícias da FSP, assim como as respostas do poder público para a temática racial negra (*ver Tabela 19*).

No ano 2000, a FSP noticiou as primeiras titulações de terras para comunidades remanescentes de quilombos; a ocorrência de um atentado na sede da Anistia Internacional, em São Paulo, com mensagens racistas; o início de pesquisas biológicas de DNA para a verificação da afrodescendência de brasileiras e brasileiros, com o objetivo de fazer um retrato molecular do Brasil; a intensa produção de filmes hollywoodianos sobre a temática racial; os processos administrativos contra o primeiro prefeito negro de São Paulo, Celso Pitta, entre outros.

Embora não esteja entre os recortes para aferição do material empírico, o período da 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, realizada em agosto e setembro de 2001, obteve destaque no jornal e chegou a ter uma repórter especial enviada – a jornalista Fernanda Escóssia –, para acompanhar os rumos do encontro mundial, no qual o Estado brasileiro apresentou a estratégia de adoção de políticas de ação afirmativa para enfrentar o racismo – tema que foi objeto de diversas coberturas, notícias, reportagens, artigos, colunas, comentários, cartas de leitor, editoriais, análises de ombudsman no primeiro ano da década de 2000 (IRACI; SANEMATSU, 2004).

No ano de 2002, a FSP fez um caderno Especial sobre a temática do racismo. Uma das matérias, “Racismo não é tão ‘cordial’”⁸⁷, colocava-se em contraposição à expressão “racismo cordial”, utilizada em pesquisa e caderno especial do jornal produzidos, em 1995, durante a efeméride dos 300 Anos do Assassinato de Zumbi dos Palmares. Naquele ano,

⁸⁷ As notícias destacadas daqui por diante estão relacionadas no Anexo desta dissertação por data, título e hiperlink do referido texto para eventual consulta do leitor no portal www.folha.com.

surgia o primeiro programa de ação afirmativa empreendido pelo governo federal para incentivo à entrada de negras e negros na carreira diplomática e no serviço público. Apesar de não terem sido incluídas nos recortes empíricos, destacam-se no ano de 2002 notícias sobre o racismo na educação, a disparidade de remuneração entre mulheres negras e brancas, o tratamento discriminatório recebido pelas gestantes negras nos serviços públicos de saúde, o crescimento da autodeclaração de indivíduos das população indígena e negra, a criação de um fundo da UEFA – União das Federações Europeias de Futebol para o combate ao racismo no futebol, entre outros. Vale registrar, ainda no ano de 2002, o acirramento da polêmica em torno das cotas raciais para negras e negros nas universidades (BORGES, 2002; SILVA, 2003; SANTOS, 2005; GOMES, 2006).

Em 2003, o noticiário registrou a criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, que representou a entrada mais efetiva da temática racial negra nas políticas públicas, a nomeação do primeiro negro como ministro do Supremo Tribunal Federal, a investigação da UEFA em casos de racismo, os estudos do Observatório Europeu sobre o Racismo a respeito da incidência do fenômeno no futebol, o impacto do racismo no desempenho de estudantes. A pauta sobre o racismo foi abordada no jornal *The New York Times* sob a ótica de um repórter. Também estiveram em evidência no noticiário: a realidade do trabalho doméstico, as desigualdades salariais entre brancos e negros, a conotação racial do caso Michael Jackson na suspeita de abuso sexual, entre outros.

Quatro casos emblemáticos de racismo foram noticiados em 2004: os comentários racistas do apresentador Clodovil Hernandez contra a vereadora Claudete Silva; de um taxista contra o então secretário-executivo do Ministério do Esporte Orlando Silva Junior (depois, ministro do Esporte); de um restaurante contra um grupo de mulheres negras no restaurante do Hotel Nacional em Brasília, incluindo uma ministra africana da área social; e do supermercado Carrefour e da Polícia Militar contra consumidores negros no Rio de Janeiro. Obtiveram destaque as medidas de ações afirmativas nos EUA - Estados Unidos da América, as manifestações pró-cotas raciais nas universidades, as ações do governo federal para as comunidades quilombolas, a adoção do combate ao racismo como bandeira social da FIFA – Federação Internacional de Futebol, os preparativos do primeiro feriado em São Paulo do Dia da Consciência Negra, a incidência do racismo na Espanha, e os 90 anos do ativista negro Abdias do Nascimento.

As reações do futebol contra o racismo tiveram reforço, em 2005, por meio de campanha na França contra o racismo, do anúncio de pacote contra o racismo feito pelos clubes espanhóis e da aplicação de multa ao clube La Coruña por atos de racismo. No Brasil,

os jogadores Fabão e Grafite foram vítimas de racismo em campo por jogadores de times rivais; a FIFA aplicou a primeira multa a uma torcida brasileira por atos de racismo; e um jogador do Juventude revelou ter sido vítima de ofensa racial durante uma partida de futebol no Sul do País. A intolerância religiosa não recebeu atenuantes num processo judicial em São Paulo, no caso de demissão de uma trabalhadora praticante de cultos de matriz africana e na condenação da Rede Record e da Rede Mulher por violarem o princípio do Estado laico, ao “demonizarem” os cultos de matriz africana em programas das emissoras. Em editorial em novembro de 2005, a FSP destacou a complexidade do racismo e reconheceu o agravamento do cruzamento do racismo com o sexo. Naquele período explodia na França uma revolta da população negra e muçulmana devido às escassas oportunidades de integração na sociedade, e morria, nos Estados Unidos, a ativista Rosa Parks, símbolo da luta pelos direitos civis da população negra. Por fim, a FSP noticiou a realização das duas Marchas Zumbi + 10, uma, no dia 16 de novembro, com organizações do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras e, outr,a no dia 22 de novembro, com organizações do Movimento Negro, do Movimento de Mulheres Negras e de outros setores do movimento social; a entrega do Troféu Raça Negra; e o fechamento do Museu Afro Brasil, em São Paulo, devido à falta de investimentos para a manutenção do espaço cultural.

Em 2006, a busca de estratégias para o enfrentamento do racismo no futebol segue com punições aos clubes brasileiros pela prática de racismo e com a melhoria do pacote espanhol, cujas ações não tiveram o sucesso esperado desde o seu lançamento em 2005. O técnico Wanderley Luxemburgo declarou ser uma bobagem a discussão do racismo no futebol, um jogador do Grêmio foi suspenso pela prática de racismo e jogadores de Gana acusaram o técnico de prática de racismo. Uma pesquisa revelou que um terço da França se dizia racista no momento em que o país discutia a imigração seletiva. No Brasil, pesquisas revelavam um retrato de gênero e raça da sociedade brasileira e que 64% das trabalhadoras domésticas brasileiras eram negras. Na educação, ativistas do Movimento Negro fizeram ato pró-cotas na Universidade de São Paulo e o jornal posicionou-se contra a reserva de vagas para negras e negros no ensino superior, classificando-a como “sistema equivocado”. Em meio às comemorações em torno do Dia da Consciência Negra, foram notícia o ato de racismo de uma passageira contra outra no aeroporto de Cumbica, o crescimento da quantidade de negras e negros nas universidades motivado pelas cotas raciais, o recuo da punição a um banco por atos de racismo, as estratégias para combater o racismo na internet e em redes sociais como o orkut, e a condenação do Brasil pela OEA - Organização dos Estados Americanos por não aplicar a sanção necessária para os casos de racismo no país.

No ano de 2007, o atentado racista e xenófobo contra estudantes africanas e africanos na Universidade de Brasília mobilizou o noticiário nacional, assim como uma declaração da então ministra da Igualdade Racial, ao dizer que era natural um negro se insurgir contra um branco, se tornou polêmica e ganhou repercussão com comentários do ator Lázaro Ramos e do então vice-presidente José Alencar. No esporte, foram notícia a aplicação de multa contra torcida de futebol de um clube húngaro e uma pesquisa sobre o racismo cometido pelos árbitros da NBA - Associação Nacional de Basquete dos Estados Unidos da América. Na educação, noticiou-se a pichação de uma suástica nazista no muro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e de palavras ofensivas contra as cotas. Pela primeira vez, o governo de São Paulo pagou uma indenização para uma trabalhadora doméstica que não fora contratada pelo fato de ser negra. A disparidade socioeconômica de brancos e negros no Estados Unidos e um protesto racial naquele país, o aumento das mortes de homens negros brasileiros e a agressão a jovem negro por *skinheads* em São Paulo também foram notícia.

Há dois anos da Copa do Mundo, a divulgação de um vídeo numa universidade sul-africana expôs os resquícios do racismo entre as novas gerações e reacendeu as fagulhas do *apartheid* em 2008. Naquele ano, Barack Obama percorria os Estados Unidos em campanha presidencial e o mundo acompanhava atentamente a possibilidade de o país eleger o seu primeiro presidente negro, fato que se sagrou meses depois. No Brasil, o banco Bradesco foi acusado pela justiça de prática de discriminação racial. No mundo esportivo, a UEFA seguia firme com o objetivo de expurgar o racismo no futebol e ameaçou sanções a um clube russo pela prática de racismo. Em março de 2008, a Universidade Zumbi dos Palmares fez a primeira colação de grau de sua história e as Nações Unidas divulgaram dossiê sobre tortura e racismo no Brasil. O debate referente às cotas raciais chegou à Suprema Corte brasileira, com a entrega de manifestos pró e contra as cotas para negras e negros nas universidades, ocasião em que o jornal reconheceu novamente a existência do racismo e das disparidades raciais exibidas nas estatísticas e posicionou-se novamente contrário às cotas raciais no ensino superior, no ano em que se verificou o crescimento, em cinco vezes, no número de negros na Universidade de Brasília após a adoção das ações afirmativas. Em maio de 2008, a FSP noticiou que, daquele ano em diante, o Brasil teria mais negros do que brancos; a aprovação da Câmara Federal para anistia do líder negro João Cândido Felisberto (MORAES, 2000); e as condições de vida da população negra 120 anos depois da abolição da escravatura. O racismo voltou a ser assunto no Corinthians pelo constrangimento vivido por um goleiro. Em novembro, o tratamento racista recebido pelo cantor Dudu Nobre e a apresentadora Adriana Bombom numa viagem de retorno ao Brasil pela *American Air Lines* foi notícia de

repercussão nacional e internacional. Na mesma semana, a FSP publicou o Especial *Racismo confrontado*, com um conjunto de matérias sobre a situação da população negra brasileira, numa iniciativa próxima ao projeto desenvolvido, em 1995, no Especial *Racismo cordial*.

Apesar de estar fora da unidade de contexto, em janeiro de 2009 tomou posse o primeiro presidente negro dos Estados Unidos, Barack Obama – fato que obteve ampla repercussão mundial pelo simbolismo de um dos países de notória segregação racial ter conseguido eleger um dirigente com votos de negros e brancos, cerca de 40 anos depois da conquista da paridade de direitos entre os grupos raciais. Também fora da unidade de contexto desta pesquisa estão as notícias sobre a Conferência de Revisão de Durban, realizada em abril de 2009. Em março, mais um caso de racismo em São Paulo cometido pela polícia ganhou as páginas dos jornais. No esporte, a UEFA seguiu no propósito de debater o fim do racismo no futebol e a FIA iniciou uma investigação para apurar o caso de racismo contra o piloto negro Lewis Hamilton. Na educação, foi notícia um projeto do governo federal para a concessão de bolsas de iniciação científica de R\$ 300,00 para estudantes negras e negros; o incentivo do governo para o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, como estabelece a Lei 10.639/2003; um grupo de reitores defender as cotas raciais; e um professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul condenado pela prática de racismo.

A Copa do Mundo ocupou uma fatia grande do noticiário sobre racismo no ano de 2010. Em março, por exemplo, o Brasil pediu às Nações Unidas a inclusão do racismo no esporte como um tema estratégico. Na política interna, as cotas raciais ocuparam o noticiário com o debate das audiências públicas do Supremo Tribunal Federal acerca da sua constitucionalidade. No mês de maio, o assassinato de um motoboy em São Paulo pela polícia foi tema de protestos do Movimento Negro, no marco dos 122 anos da Abolição da Escravatura; uma declaração do técnico da seleção brasileira Dunga sobre o seu desconhecimento do racismo ganhou repercussão; assim como a segregação de espaços de convivência no Fluminense; os tiros recebidos por um aposentado numa agência do banco Bradesco; a análise da constitucionalidade da regulamentação das terras para comunidades quilombolas; e a aproximação da então candidata à presidência da República Dilma Rousseff (eleita em novembro de 2010) aos praticantes das religiões afro-brasileiras, entre outros.

Por fim, cabe registrar a presença no noticiário, ao longo da primeira década de 2000, em torno da discussão da matéria e da aprovação do Estatuto da Igualdade Racial e do racismo no universo da moda, principalmente nas sessões da *São Paulo Fashion Week*, que começou a incorporar modelos negras e negros antes desconsiderados no rol dos desfiles.

2. COMPOSIÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA

Como abordado no decorrer deste texto, o racismo através da discriminação e do preconceito racial desencadeia um sistema de exclusões, rejeições e limitações de oportunidades aos não-brancos. Abre caminhos ilimitados ao segmento branco, enquanto o grupo racial negro está submetido ao sistema da exclusão. Na combinação jornal-notícia e temática racial negra, essa exclusão significa ausência dos negros do noticiário, quando pouco, uma desproporcional aparição em relação aos brancos. Como recorta Marcondes Filho (1989, p.14), “não as notícias isoladamente, via de regra, mas o conjunto delas, o noticiário como um todo, ou mesmo a programação noticiosa jogam esse duplo caráter ideológico da notícia”, por meio de estratégias de fomento sensorial de atemorização, tranquilização, não-conflito ou passividade, acomodação e paralisação.

No âmbito racial, esses fatores poderiam impossibilitar a maior presença da temática no noticiário, ou melhor, a abordagem do racismo no Brasil e seus efeitos na vida sociopolítica, econômica e cultural. Talvez mais do que isto, estariam condicionando o grupo racial negro à representação social negativa de forma a reforçar o mito da democracia racial e o distanciamento das políticas antirracistas, a exemplo da polemização das ações afirmativas, a fim de assegurar a equidade de direitos entre a totalidade da população brasileira.

Em situações conjunturais de recrudescimento das formas autoritárias de dominação, a intimidação dos indivíduos passa a ser uma técnica cotidiana. (...) atua no sentido de quebrar possíveis laços de solidariedade e de união, que num segundo momento, poderiam ser mobilizados contra o Estado (MARCONDES FILHO, 1989, p.17).

Entre os inúmeros estudos em comunicação, David White (1999, p.142-143) faz conexões entre Jornalismo, poder e preconceito na análise da teoria do *gatekeeper*⁸⁸: “a comunicação das notícias é extremamente subjetiva e dependente dos juízos de valor⁸⁹, baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper* (jornalista)”. Ao dedicar-se à análise da seleção de notícias, White pergunta a um jornalista: “acha que tem alguns preconceitos que possam afetar a sua escolha de notícias?”. Em *O que é política?*, Hannah Arendt (2004) reflete sobre o preconceito e seus efeitos, cujos aspectos essenciais trazemos

⁸⁸ Termo criado, em 1947, pelo psicólogo Kurt Lewin na análise das decisões domésticas relacionadas à aquisição de alimentos.

⁸⁹ Grifo da autora.

para aprofundar o viés ideológico e político que o preconceito racial insere na atividade jornalística, especialmente no processo de produção das notícias. Conforme Arendt, “o preconceito desempenha um grande papel na coisa social pura; na verdade, não existe nenhuma estrutura social que não se baseie mais ou menos em preconceitos, através dos quais certos tipos de homens são permitidos e outros excluídos” (ARENDR, 2004, p.30).

White entende *gatekeeping* como a passagem da notícia pelos portões de seleção a partir do seguimento de regras determinadas pelos *grupos de poder que tomam decisões com relação aos acontecimentos noticiáveis*, de acordo com o que classificariam como estratégico e associado aos seus interesses. Dines (1986, p.120) descreve o *newsmaking*: “no nível operacional, o jornalista se caracteriza pela permanente tomada de decisões”, o que se denomina de *decision making*, processo que se faz presente durante as suas 24 horas de um jornalista: “ao escrever, cada palavra, é uma decisão, cada informação, uma decisão, cada orientação, decisão”, inclusive fora da redação, pois, o processo de *decision making* “não se limita ao horário de trabalho -, o jornalista seleciona e opta”. No seu Novo Manual de Redação (FOLHA DE S.PAULO, 1998), a FSP, no verbete *objetividade*, coloca por terra este falso pilar do Jornalismo. Conforme formulação própria, a empresa considera que “o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções” (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.19) ao escolher um assunto. Entretanto, afirma o documento, essa característica não exime o profissional da sua “obrigação de ser o mais objetivo possível” durante a rotina produtiva do Jornalismo.

Como se costuma dizer, o jornalista é jornalista 24 horas e está sempre em busca da notícia e de inspiração para as suas pautas (CANELLAS, 2008), sobretudo, nos momentos de ociosidade. Conforme Chaparro (2007), no exercício da arte de narrar ou argumentar, o jornalista associa os “fatos às idéias, os dados às emoções, os acontecimentos à reflexão, os sintomas ao diagnóstico, a observação à explicação, o pressuposto à aferição”. Isto é, um processo articulado que transcende a presença do jornalista na redação e se faz, sim, presente durante as 24 horas do dia.

Ao pensar o Jornalismo como forma de conhecimento, o pesquisador brasileiro Eduardo Meditsch aponta certos condicionamento histórico e cultural do contexto e da subjetividade das pessoas que participam da rotina produtiva do Jornalismo. A notícia faz parte da teia de tensão devido à velocidade da sua produção e a falta de transparência de tais condicionantes pelo fato de a notícia ser “apresentada ao público como sendo a realidade e, mesmo que o público perceba que se trata apenas de uma versão da realidade, dificilmente terá acesso aos critérios de decisão que orientaram a equipe de jornalistas para construí-la”

(MEDITSCH, 1998, p.35). Ou seja, sem que o público saiba o que foi descartado, excluído durante o *newsmaking*, é constituído “um outro mundo” (MARCONDES FILHO, 1989) a partir da transformação do fato em notícia. Influencia, portanto, a vida cotidiana e a noção da realidade social (BERGER; LUCKMANN, 1974).

Van Dijk (1997, p.37-38) segue na direção de que a cognição social e o contexto sociocultural devem ser apreciados nas práticas jornalísticas para “clarificar las representaciones cognitivas y las estrategias de los periodistas en su producción de noticias”. Além disso, adiciona, “dicha ideología contiene las normas básicas, los valores y otros principios destinados a la consecución de los intereses y objetivos del grupo, además de la reproducción y legitimación de su poder”. São escolhas, como pontua Isabel Travancas (1993, p.34), que podem “afetar a vida de uma sociedade inteira”.

Clóvis Rossi (1994, p.22) constata uma espécie de robotização do *newsmaking* e um descolamento do Jornalismo como prática intelectual. Conforme aborda, repórteres e redatores – grande parte dos jornalistas –, “se sentem pouco responsáveis pelo produto que estão ajudando a confeccionar”, demonstrando um “certo automatismo característico de linha de montagem, que colide com a visão (ou desejo) de um trabalho intelectual, como o Jornalismo deveria ser”. A pesquisadora da Universidade de Brasília Thaís de Mendonça Jorge percebe que, na maioria das vezes, “os profissionais do Jornalismo comportam-se como se não fossem parte do aparato de busca, seleção e registro dos fatos; ao contrário, entendem-se e fazem questão de ser reconhecidos como instrumento objetivo e imparcial da coleta dos acontecimentos” (JORGE, 2006, p.2).

Sem eximir o papel do jornalista, especialmente dos editores no *decision making*, Marcondes Filho (1989, p.21-22) aborda o corolário de interesses das empresas jornalísticas por entender que sua “a produção ideológica” segue o princípio de “maximização dos lucros”. Portanto, os jornais “efetivamente⁹⁰ colaboram com a formação de opinião” e não apenas para o reforço desta opinião devido ao caráter mercadológico das notícias e sua importância como produto do Jornalismo, consequentemente, do jornal e da sua sustentabilidade da empresa jornalística. Nesse sentido, é contundente o pensamento do pesquisador: “a ideologia constrói-se todos os dias, e nessa permanente reconstrução o papel do jornal é um dos seus melhores artífices”. Isto é, todos os dias os princípios da linha editorial são postos à prova, ao passo que também são reafirmados e difundidos pelo discurso jornalístico.

⁹⁰ Grifo no original.

Sobre o trabalho do jornalista, Breed (1999) busca explicações para entender o controle social na redação a partir da análise funcional. Verifica um aprendizado da política editorial quase que por osmose, no qual o jornalista interioriza normas e valores. A resultante disso seria um conformismo decorrente de constrangimentos profissionais visíveis e tácitos. Algo como uma censura formal, externa e interna (autocensura), na qual as formas do pensamento censurado “operam inconscientemente na elaboração da notícia jornalística e que reproduzem nos jornais as relações de dominação que estão entrincheiradas no psiquismo dos indivíduos (dos profissionais jornalistas) na sociedade capitalista” (MARCONDES FILHO, 1989, p.40).

No contexto brasileiro, o racismo e o mito da democracia racial são vetores a serem apreciados na engrenagem do *newsmaking*, pois, “o jornalista extrai da realidade o que lhe interessa (ou aos seus leitores) e isso se transforma em notícia: da realidade é extraída somente uma *parte útil*⁹¹” (MARCONDES FILHO, 1989, p.59), esta selecionada por critérios inclusive subjetivos. Conforme Chaparro (2007, p.96), o poder projetado em decisões e ações irreversíveis está presente no interior da rotina produtiva do Jornalismo e “em todos os desdobramentos hierárquicos de produção, criação e controle da notícia”. Uma informação como instrumento de poder num sistema de ordenações “aos projetos de sociedade organizada, do que resulta caber ao jornalista um espaço social de relevância crescente”, em função da sua posição de mediador na esfera pública. Ainda, de acordo com Marcondes Filho (2000, p.53), “os jornalistas, como todas as pessoas selecionam os fatos novos e os classificam a partir de seus próprios estereótipos”, ou seja, é a força subjetiva atuando sobre as matérias-primas do Jornalismo. Nesse sentido, os jornalistas são atores privilegiados na decisão do que será ou não noticiado (TRAQUINA, 2002).

Com foco nas vozes contraditórias (marginalizadas) explicitadas pela imprensa, Herman (1999) questiona: “que tipo de diversidades nas notícias e na interpretação das notícias é significativo?”. Esta pesquisa aporta questões próprias: (i) no *newsmaking*, no âmbito da temática racial negra, (ii) na pluralidade de vozes nas notícias, (iii) no enquadramento das notícias publicadas sobre a temática racial. Uma vez localizado o interesse e o lugar de onde se fala (WOLTON, 2004), cabe outra pergunta: como tem se caracterizado a cobertura da temática racial negra na imprensa?

Instaurada a centralidade da problemática desta pesquisa, são instalados os elementos que norteiam a investigação: no estabelecimento do valor-notícia, a temática racial negra

⁹¹ Grifo no original.

estaria compreendida no eixo social/político? Que enfoques são atribuídos à temática racial negra na produção da notícia? A operacionalização da rotina jornalística, precisamente nos momentos da definição da pauta, apuração, redação da notícia e edição, também são objetos complementares de apreciação da maneira como a temática racial negra tem influência na produção de notícias. Entretanto, este estudo não avança nesta direção, porque tal feito demandaria outras técnicas de pesquisa e metodologias, a exemplo da observação participante das rotinas produtivas do Jornalismo.

Como já apresentado, o valor-notícia tem diferentes gradações em situações diversas do *newsmaking* (GENRO FILHO, 1987; WOLF, 1995; HALL, 1999; TRAQUINA, 2005; VIZEU, 2008). Para Hall (1999), “a ideologia profissional do que se constitui boas notícias – o sentido do valor-notícia do jornalista – estrutura o processo de seleção de notícias”. Thaís Jorge alerta para o manancial do estudo da notícia por ser

uma das maneiras de analisar as ideologias em atuação na mídia. O que importa é mostrar como um produto do Jornalismo pode ser influenciado pelos mecanismos ideológicos do profissional, do ambiente em que ele trabalha e dos proprietários dos meios de produção. A notícia pode efetivamente ser usada na crítica sistemática à democracia, empreendida pelos meios de comunicação como forma de desqualificar as instituições, os políticos e a política. (JORGE, 12, p.2004).

Em suma, estabelece-se como eixo central desta pesquisa a forma como a temática racial negra se insere no *newsmaking* da grande imprensa, baseada na análise do conteúdo noticioso do jornal *Folha de S. Paulo* na primeira década de 2000.

É empregada a técnica de análise de conteúdo (KIENTZ, 1973; LAVILLE e DIONNE, 1999; BARDIN, 2002; FRANCO, 2007; HERSCOVITZ, 2008) para aferição dos valores-notícia e pluralismo nas notícias publicadas na FSP. O método escolhido possibilita um estudo minucioso, valendo-se de técnicas de decomposição, recomposição e sucessivas checagens para identificação e análise de significados, busca pelo sentido, captação de intenções por meio da comparação e avaliação dos conteúdos investigados. No que se refere ao objeto desta pesquisa, essa metodologia é apropriada por agregar a investigação de objetos associados ao campo de atitudes, valores, representações e ideologias, inclusive objetos de estudo no espectro dos embates ideológicos e de estratégias para esclarecer fenômenos sociais (LAVILLE; DIONNE, 1999).

O corpus da presente pesquisa é formado por 266 notícias coletadas no site www.folha.com, com recorte de três semanas artificialmente construídas no marco de três

efemérides: o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, o Dia da Abolição da Escravatura e o Dia da Consciência Negra.

O material empírico procede da FSP, jornal representante da grande imprensa, o qual possui a maior tiragem média de jornais do País, com 301,9 mil exemplares/dia⁹². Diversos estudos (MOTA; CAPELATO, 1981; MELO, 1998; CONCEIÇÃO, 2002; NOVELLI, 2002; MORETZSOHN, 2002; XAVIER, 2002; BORGES, 2003; RIBEIRO, 2004; CONCEIÇÃO, 2005; MOREIRA, 2006; SANT'ANNA, 2006; CHAPARRO, 2007) trazem contribuições para compreensão do Projeto Folha. Conforme o Novo Manual da Redação (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.9), o Projeto Folha “reúne os princípios editoriais do jornal, a conduta esperada dos profissionais da Folha e propõe a reflexão sobre vários temas jornalísticos, como a questão da objetividade e a da especialização”. Pretende-se agregar a esses estudos reflexões acerca de como a temática racial negra é tratada no *newsmaking*. A escolha do impresso decorre do fato de ser referência para outros veículos da imprensa nacional e de ter influência junto aos formadores de opinião.

2.1. BREVE HISTÓRICO DA FOLHA DE S. PAULO

Fundado em 1960, a Folha de S. Paulo é resultado da fusão de três jornais: *Folha de Manhã*, *Folha da Noite* e *Folha da Tarde* (NOBRE, 1950; FOLHA DE S. PAULO, 1998; MELO, 1998). Em 1921, a dupla Olival Costa e Pedro Cunha fundou o jornal *Folha da Noite*, destinado à classe média urbana e à classe operária, composta por funcionários públicos e pequenos comerciantes. Os fundadores faziam parte de um grupo de jornalistas de O Estado de São Paulo que procurou atender um público diferenciado, definindo-se como um jornal popular (MOTA; CAPELATO, 1981).

⁹² O mercado brasileiro apresentou uma crise nos últimos cinco anos, com o crescimento da vendagem de jornais populares e a redução das vendas dos jornais ditos nacionais. Em alguns momentos, o jornal mais vendido do Brasil foi o Super Notícia de Minas Gerais, dedicado ao segmento leitor popular. Conforme noticiado pela FSP, em fevereiro de 2011, o jornal retomou a sua liderança no mercado. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me2702201106.htm>>. Acesso em 3 mar. 2011.

Segundo Melo (1998, p.157), a linha editorial continha “notícias leves, sem o artifício do sensacionalismo, numa linguagem mais leve que a outros jornais da época”. Nesse período, o jornal *Folha da Noite* “aderiu discretamente” à insurreição de 1922, no Rio de Janeiro, e à revolução anti-oligárquica de 1924, ano em que receberia uma suspensão temporária. A partir da retomada de seu funcionamento, em 1925, *Folha da Noite* ganhou o parceiro *Folha da Manhã*, os quais foram suspensos em 1930, com o Estado Novo. Passaram a operar novamente, em 1931, ano em que se tornaram propriedade de Octavio Alves Lima, Rubens do Amaral, Diógenes de Azevedo e Guilherme de Almeida, deixando o caráter popular e assumindo a defesa dos interesses dos cafeicultores paulistas.

Em 1945, a empresa foi adquirida pelo jornalista José Nabatino Ramos, sendo chamada de Empresa *Folha da Manhã* S.A. Por influência do contexto político mundial, o projeto editorial, conforme Melo (1998), aproximou-se do liberalismo do pós-guerra. Em 1949, foi criado o terceiro diário *Folha da Tarde* e, um ano depois, as três publicações se reaproximaram das classes médias. Em 1960, os três jornais foram unificados no jornal *Folha de S. Paulo*, quando também foi adotado o lema “Um jornal a serviço do Brasil” aplicado na primeira página do jornal e em outros locais em que o logotipo aparece, sendo seguido das três estrelas que simbolizam os três jornais (FOLHA DE S.PAULO, 1998). Dois anos depois, o jornal foi comprado pelos empresários Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho sob grave crise financeira. Em 1992, o empresário Octavio Frias de Oliveira passou a deter a totalidade do controle acionário da empresa.

O saneamento financeiro de 1962 possibilitou um salto tecnológico entre 1967 e 1974, com a instalação da imprensa offset, capaz de produzir 135 mil exemplares/hora que se consolidaria, futuramente, como o maior centro tecnológico gráfico da América Latina (MELO, 1998). Inovações tecnológicas que se tornaram uma das principais características do jornal que se manteve no passar dos anos. A *Folha de S. Paulo* foi o primeiro jornal a adotar um sistema eletrônico de fotocomposição (1971), a instalar computadores na redação (1983), a organizar todo o jornal por cadernos (1987), a ter capas de cadernos moduladas (1988) para facilitar a diagramação e a leitura, a aumentar o corpo das fontes e espaçamento entre linhas (1989), a adotar paginadoras automáticas (1990), a ter a primeira página em cores (1992), a publicar a primeira foto produzida com câmera digital na América Latina (1992) e, finalmente, a fornecer serviço de notícias pela internet (1995). Em 1996, a empresa lançou o Universo Online - UOL, definido por ela própria como “primeiro serviço on line de grande

porte no país”⁹³. Naquele mesmo ano, o UOL e o Brasil Online – BOL, do Grupo Abril, se fundiram numa nova empresa, o Universo Online S.A.



Figura 2 - Imagem externa do Centro Tecnológico Gráfico-Folha, em Tamboré, São Paulo.
Fonte: (Folha.com - crédito: Lalo de Almeida/FolhaPress)

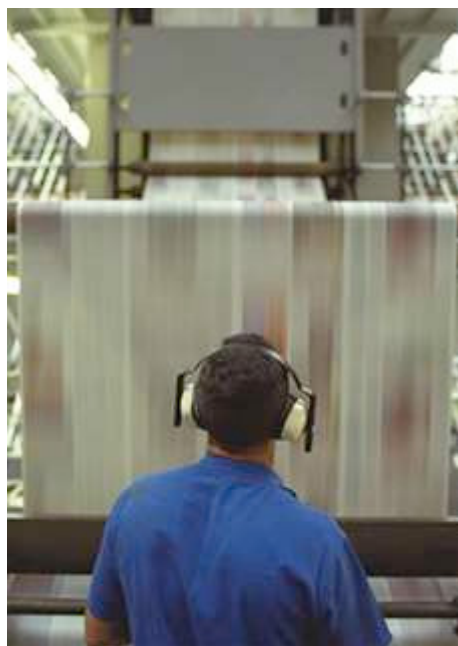


Figura 3 - Imagem interna do Centro Tecnológico Gráfico-Folha, onde o jornal FSP é impresso.
Fonte: (Folha.com - crédito: Lalo de Almeida/FolhaPress)

As atualizações e inovações tecnológicas mais recentes na FSP ocorreram no ano de 2010 – período final do levantamento do material empírico desta investigação –, quando houve a unificação das redações do jornal impresso (Folha de S. Paulo) e on-line (Folha Online, atual Folha.com), acrescida de reforma gráfica e editorial. Aconteceu também a adaptação dos conteúdos dos jornais impresso e on-line para computadores portáteis, tais

⁹³ A cronologia da Folha de S. Paulo está acessível no portal do Grupo Folha. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml>. Acesso em 3 mar. 2011.

como o iPad, e aparelhos inteligentes de celular, os chamados smartphones, por meio de aplicativos para iPhone, iPad e Galaxy Tab. Estas inovações foram provocadas pelas novas tecnologias de informação, que alteraram substancialmente a busca por informações instantâneas e a relação do público com a imprensa e os meios de comunicação e informação.



Figura 4 - Redação da Folha de S. Paulo, conforme registro no portal da empresa disponível na seção Grupo Folha.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com.

Em termos de conteúdo e representatividade no Jornalismo brasileiro, a grande virada da Folha de S. Paulo aconteceu na década de 1980, especialmente no processo de redemocratização do País, por meio das Diretas-Já (ABRAMO, 1989; NOVELLI, 2002; MORETZSOHN, 2002; XAVIER, 2002; RIBEIRO, 2004; CHAPARRO, 2007). No embrião do Projeto Folha, o regime democrático foi compreendido pelos proprietários da empresa como a chance de “crescer e tornar-ser um jornal forte”, o que resultou na “decisão de implantar mudanças de linha editorial” e alçou o jornal na “vanguarda da luta pela redemocratização do país” (CHAPARRO, 2007, p.110). Foram incorporadas medidas como concessão de espaço nobre para a opinião, contratação de profissionais de primeira linha, tais como Alberto Dines, Paulo Francis, Newton Rodrigues e Mino Carta, conformando a chamada fase de Jornalismo de autor (CHAPARRO, 2007). O jornalista e pesquisador negro Fernando Conceição (2005), em *Mídia e etnicidades no Brasil e nos Estados Unidos*, obra em que faz uma comparação entre o Jornalismo da FSP e do *The New York Times*, dá relevância ao trio Claudio Abramo (1964), Bóris Casoy (1977-1984) e Octávio Frias Filho que desde 1984, aos 28 anos, assumiu importante papel no comando da redação do jornal.

No Novo Manual da Redação (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.13), o jornal *Folha de S. Paulo* é definido como:

um jornal feito em São Paulo com irradiação nacional, que se propõe a realizar um Jornalismo crítico, apartidário e pluralista. Do ponto de vista político, sustenta a democracia representativa, a economia de mercado, os direitos do homem e o debate dos problemas sociais colocados pelo subdesenvolvimento. Como empresa, o jornal se enraíza nas forças de mercado e adota uma atitude de independência em face a

grupos de poder. Procura melhorar a qualidade dos serviços que oferece, pautando-se por uma política de competição comercial, modernização tecnológica e valorização da competência profissional (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.13).

Com relação ao corpo redacional, a *Folha de S. Paulo* possui cerca de 500 jornalistas⁹⁴, com idade média de 32 anos (MELO, 1998).



Figura 5 - 29ª turma do curso de treinamento de jornalistas, promovido pela FSP, durante entrevista com o então governador de São Paulo, Mário Covas, no ano de 2000.
Fonte: (Folha.com - crédito: Ennio Brauns/Folhapress)

Conforme Melo (1998, p.160), a estratégia do jornal é manter “uma equipe de repórteres que domine áreas especializadas, mas que demonstrem habilidade para cobertura em outros campos”, sem problemas de precisão e com agilidade para cumprir a pauta. Melo (1998) detalha as habilidades técnicas previstas para os profissionais do jornal da FSP: pode-se afirmar que a Folha de S. Paulo busca ampliar o conceito de competência do repórter. Não basta ser ótimo apurador; também é necessário redigir com clareza, pautar a fotografia, criar títulos e legendas e descer as próprias reportagens (MELO, 1998, p.160).

No campo ético alinhado à linha editorial do jornal, os profissionais recebem a orientação de “assumir compromisso apenas com a isenção na cobertura dos fatos, a liberdade de expressão, o direito de informar e o acesso do leitor a toda informação ou opinião importante” (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.17). A pluralidade de vozes é perseguida na norma dirigida aos jornalistas de que devem ser conhecidas “todas as versões de um fato e

⁹⁴ Conforme o Novo Manual da Redação (1998, p.15), os jornalistas são contratados mediante concurso anunciado nas páginas do jornal. A seleção é baseada na análise de currículos, teste escrito com questionário e entrevista pessoal. São critérios para a contratação: boa formação técnica e cultural, capacidade de redigir com clareza, exatidão, concisão e rapidez, disciplina, criatividade, independência, senso crítico, iniciativa e afinidade com o projeto editorial. A empresa possui um programa de treinamento para novos jornalistas, chamado de trainee, formado por um curso intensivo de Jornalismo diário com duração de quatro meses. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/treinamento.shtml>>. Acesso em 3 mar. 2011.

registrá-las com fidelidade” (idem, ibidem). O jornal reconhece, ao definir pluralismo, que “numa sociedade complexa, todo fato se presta a interpretações múltiplas, quando não antagônicas” (idem, p.20). E, em razão disso, o leitor “deve ter assegurado seu direito de acesso a todas elas. Todas as tendências ideológicas expressivas da sociedade devem estar representadas no jornal” (idem, ibidem). Conforme a cronologia do jornal FSP, o caminho da pluralidade começou a ser pavimentado em 1976, quando foi criada a seção Tendências/Debates, dedicada à “publicação de artigos de todos os matizes ideológicos” que tiveram, segundo o jornal, “importante no processo de redemocratização do Brasil”⁹⁵.

Em 1981, a pluralidade de opiniões somada às demais metas de informação correta e interpretações competentes estavam relacionadas no primeiro documento de circulação interna, gênese da primeira sistematização de um projeto editorial. Três anos depois, em 1984, foi publicado o primeiro Projeto Editorial, que defendia um Jornalismo crítico, pluralista, apartidário e moderno – os quatro pilares da linha editorial da FSP. Naquele mesmo ano, a FSP implantou o Manual da Redação que recebera, 1987, novos aportes. Em 1992, ocorreu uma atualização do então chamado Projeto Folha por meio do Novo Manual de Redação. Este passou a ser considerado intransigente e, em 1997, foi atualizado e recebeu sua última formatação em 2001. Ao todo, são seis textos⁹⁶ que revisaram as bases do Projeto Folha: Jornalismo crítico, apartidário e pluralista.

Ao serem aplicadas as categorias da análise de conteúdo desta pesquisa, são verificadas a sustentação ou o abandono destas determinações explícitas como compromissos, missão, valores e até mesmo visão de futuro estabelecidas pela FSP.

⁹⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml>. Acesso em 3 mar. 2011.

⁹⁶ Documento de 1981. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1981.shtml>>. Acesso em: 3 mar. 2011. Documento de 1984. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1984.shtml>>. Acesso em: 3 mar. 2011. Documento de 1985. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1985.shtml>>. Acesso em: 3 mar. 2011. Documento de 1986. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1986.shtml>>. Acesso em: 3 mar. 2011. Documento de 1988. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1988.shtml>>. Acesso em: 3 mar. 2011. Documento de 1997. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1997.shtml>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

**CAPÍTULO V – TRAÇOS DA COBERTURA DO NOTICIÁRIO SOBRE
A TEMÁTICA RACIAL NEGRA NO JORNAL FOLHA DE S.PAULO NA
PRIMEIRA DÉCADA DE 2000**

1. A TEMÁTICA RACIAL NEGRA EM EVIDÊNCIA NO NOTICIÁRIO DA FOLHA DE S. PAULO

Nesse capítulo são reconstituídos os passos dados por esta pesquisa no sentido de apreensão dos traços da cobertura da temática racial negra no noticiário da Folha de S. Paulo no período 2000 a 2010. Nas cinco etapas cumpridas neste trabalho, parte-se da definição das efemérides para a coleta de dados brutos, os quais passam por uma triagem para a composição das unidades de contexto e unidades de registro, que conformam as técnicas da análise de conteúdo. No momento da verificação preliminar dos dados, fez-se a categorização do material empírico, o qual foi processado para a sua análise integral. A seguir, apresenta-se a primeira etapa da pesquisa, realizada em outubro de 2010, quando foram determinadas as efemérides do estudo e compostas as semanas artificiais. Para tanto, é importante reposicionar a presença da temática racial negra no noticiário da FSP.

No recorte da cobertura da temática racial negra na FSP, Conceição (2004) observa que o jornal tomou dianteira em 1995, nos 300 anos de assassinato de Zumbi dos Palmares, investindo numa cobertura arrojada e na aplicação de uma pesquisa de opinião pública sobre o racismo no Brasil – aporte entendido como estratégia de marketing e valor de uso, troca e consumo com o grupo racial negro:

A FSP perseguiu, com o seu projeto Folha, Zumbi 300, uma fórmula ‘ideal’ de cobertura noticiosa para grupos discriminados. Pela constatação de que a mídia brasileira comporta-se em favor da imagem eurocêntrica da identidade étnica nacional, com a cobertura do tricentenário de Zumbi a Folha cumpriu, propositadamente ou não, o papel de ‘vacina’, como diz Muniz Sodré, na aparente normalidade dos *mass media* do país (CONCEIÇÃO, 2004, p.108).

De acordo com Conceição (2005), os princípios editoriais de pluralismo e criticidade influenciaram o posicionamento da FSP na cobertura da temática racial negra nos 300 anos de assassinato de Zumbi dos Palmares. Antes e depois da efeméride, Conceição verificou uma presença acentuada da temática racial negra no caderno Mais em 1994 e após o 20 de novembro de 1995. O pesquisador contabilizou, de 19 de fevereiro a 12 de novembro de 1995, 120 notícias e reportagens sobre a temática racial negra, além de promoção de dois debates públicos e dois cadernos especiais. Segundo ele (2005, p.66), “nenhum outro veículo de mídia brasileiro apresentou a mesma performance”, deixando marcas, nas palavras do pesquisador, no Jornalismo da FSP. Porém, Conceição percebe que o tema começou a

minguar depois da efervescência de 1995. “Passado o ano de 1995, a grande mídia no Brasil parece ter voltado ao seu comportamento usual: somente trazer aquele tipo de debate público, com visibilidade que a questão requereria, em momentos eventuais”, escreve (CONCEIÇÃO, 2005, p. 66-7).

Outra leitura racial negra da FSP na cobertura desta temática é da pesquisadora negra de Comunicação Rosane Borges (2003, p.246-247), acerca do tratamento conferido pelo jornal às políticas de ação afirmativa, mais conhecidas na modalidade da política de cotas, através da análise de discurso dos editoriais. Ela flagra uma “aparente contradição entre a divulgação do problema e os receios em resolvê-lo por políticas focalistas”. E mais, avalia o posicionamento do jornal como guardião do mito da democracia racial, pois, “sem negar a exclusão social condicionada pela raça, nega, fervorosamente, as possibilidades de transpor o abismo entre negros e brancos”. É base também para esta pesquisa a abordagem da temática racial negra na FSP na análise do monitoramento da imprensa na cobertura da imprensa brasileira da Conferência de Durban (IRACI; SANEMATSU, 2004).

Em consonância com os aportes teóricos da análise de conteúdo (KIENZT, 1973; BARDIN, 2002; FRANCO, 2007; HERSCOVITZ, 2008), este trabalho compôs para a unidade de registro temática, centrado na coleta de material empírico em três semanas artificialmente constituídas por três efemérides:

- **21/3 - Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial**⁹⁷ – instituído em 1966 pela Assembleia Geral das Nações Unidas⁹⁸, como forma de sensibilizar a sociedade mundial para o reforço das estratégias para a eliminação de todas as formas de discriminação racial. A data faz alusão ao Massacre de Shaperville, ocorrido em 1960, na África do Sul que vitimou 69 pessoas durante manifestação contra o apartheid racial.
- **13/5: – Dia da Abolição da Escravatura:** com importância na historiografia nacional, a data faz parte do calendário civil oficial.
- **20/11 – Dia da Consciência Negra:** conforme pesquisa feita pelo pesquisador Oliveira Silveira, o 20 de novembro começou a ser comemorado em 1971 pelo Grupo Palmares, em Porto Alegre, em reverência à trajetória e à memória do líder palmarino Zumbi dos Palmares. Desde 1978, a data passou a ser referência nacional por proposição do MNUCDR - Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial.

⁹⁷ Disponível em <<http://www.un.org/depts/dhl/racial/>>. Acesso em 27 set 2010.

⁹⁸ Resolução 2142 (XXI). Disponível em <[http://daccess-ods.un.org/access.nsf/Get?Open&DS=A/RES/2142\(XXI\)&Lang=E](http://daccess-ods.un.org/access.nsf/Get?Open&DS=A/RES/2142(XXI)&Lang=E)>. Acesso em 27 set 2010.

Cada uma dessas efemérides nortearam a coleta das notícias publicadas no jornal Folha de S. Paulo no período 2000-2010, a fim de melhor apurar a ocorrência da temática racial negra no noticiário. Para tal, foram construídas semanas artificiais compostas por sete dias, sendo a data da efeméride ponto central destas. Os três dias anteriores e os três dias subsequentes da efeméride foram incorporados devido às possibilidades de antecipação das notícias e mesmo a sua continuidade, chamada no jargão jornalístico de *suíte*⁹⁹, após a ocorrência da data comemorativa. Estão, portanto, organizadas da seguinte forma:

- Março – | 18 | 19 | 20 | **21** | 22 | 23 | 24 |
- Maio – | 10 | 11 | 12 | **13** | 14 | 15 | 16 |
- Novembro – | 17 | 18 | 19 | **20** | 21 | 22 | 23 |

De forma geral, foram consideradas unidades de registro as notícias sobre a temática racial negra publicadas em 231 dias, compreendidos entre 2000 e 2010. Entretanto, o material empírico absorveu as notícias publicadas sobre a temática racial negra em todos os dias dos meses de março, maio e novembro, ao longo dos primeiros 11 anos do terceiro milênio, a fim de agregar conteúdos para as unidades de contexto. Estas serviram para a verificação da presença e/ou ausência da temática na cobertura noticiosa – cujos conteúdos poderiam ou não influenciar o noticiário das semanas artificiais. Segundo Bardin, La unidad de contexto sirve de unidad de comprensión para codificar la unidad de registro. Corresponde al segmento del mensaje cuyo tamaño (superior a la unidad de registro) es óptimo para captar la significación exacta de la unidad de registro (BARDIN, 2002, p.81).

Face aos assuntos mais presentes e/ou mais relevantes para o debate público racial no Brasil considerados pela pesquisa, foram listadas na segunda etapa desta pesquisa as seguintes palavras-chave: abolição da escravatura, consciência negra, cotas raciais, discriminação racial, Durban, estatuto da igualdade racial, juventude negra, movimento negro, mulheres negras, pesquisas/indicadores sociais, quilombo, racismo e Seppir.

Após a definição das 13 palavras-chave, o passo seguinte – ainda correspondente à segunda etapa – foi a realização de uma busca livre de palavras-chave para dimensionar o volume do material empírico, embora deste não estivessem descartados outros gêneros jornalísticos que não a notícia, a exemplo de artigos, editoriais, colunas, entre outros. Ao todo, foram 429 buscas robotizadas para a localização dos conteúdos relacionados ao recorte da pesquisa. De tais ocorrências não foram descartados conteúdos repetidos e dissociados da temática racial negra. Na ocasião de coleta preliminar dos dados, em outubro de 2010,

⁹⁹ Segundo a FSP (NOVO MANUAL DA REDAÇÃO, 1998:166), *suíte* é uma reportagem que explora os desdobramentos de uma notícia.

chegou-se ao total de 7.877 ocorrências, distribuídas entre as palavras-chave, conforme detalhado na Tabela 1.

Tabela 1

Conteúdos identificados segundo as palavras-chave definidas pela pesquisa na edição on-line da FSP no período 2000-2010

	palavras-chave	ocorrências
1.	racismo	3.472
2.	cotas raciais	284
3.	estatuto da igualdade racial	112
4.	quilombo	333
5.	discriminação racial	603
6.	pesquisas/indicadores sociais	33
7.	mulheres negras	414
8.	juventude negra	288
9.	movimento negro	1.182
10.	durban	443
11.	seppir	29
12.	consciência negra	531
13.	abolição da escravatura	153
	total de ocorrências	7.877

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 20 out 2010.

Na terceira fase da pesquisa foram adotadas as unidades de contexto para facilitar a análise do período em que as notícias foram produzidas e publicadas, em que se verificou 2.334 correspondências nos meses de março, maio e novembro, no período de 2000 a 2010, perfazendo 29,63% das ocorrências verificadas na busca livre pelas 13 palavras-chave, ou seja, sem quaisquer filtros para descarte de dados como já exposto.

A seguir, a sequência dos dados brutos, que foram depurados em etapa posterior da pesquisa, dos meses de março, maio e novembro dispostos ano a ano, no período 2000-2010.

Tabela 2

Quantidade de conteúdos identificados segundo os meses das efemérides destacadas pela pesquisa na edição on-line da FSP no ano 2000

palavras-chave	março	maio	novembro
1. racismo	34	30	28
2. cotas raciais	0	0	0
3. estatuto da igualdade racial	0	0	0
4. quilombo	10	8	6
5. discriminação racial	3	9	13
6. pesquisas/indicadores sociais	0	0	0
7. mulheres negras	3	3	3
8. juventude negra	3	3	3
9. movimento negro	11	20	13
10. durban	0	0	0
11. seppir	0	0	0
12. consciência negra	0	4	9
13. abolição da escravatura	2	6	0
total de ocorrências	66	83	75

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 20 out 2010.

Tabela 3

Quantidade de conteúdos identificados segundo os meses das efemérides destacadas pela pesquisa na edição on-line da FSP no ano 2001

palavras-chave	março	maio	novembro
1. racismo	36	34	29
2. cotas raciais	1	3	2
3. estatuto da igualdade racial	0	0	2
4. quilombo	1	3	3
5. discriminação racial	5	5	7
6. pesquisas/indicadores sociais	2	0	1
7. mulheres negras	4	2	6
8. juventude negra	5	3	1
9. movimento negro	12	12	8
10. durban	2	2	1
11. seppir	0	0	0
12. consciência negra	1	2	17
13. abolição da escravatura	1	3	1
total de ocorrências	70	69	78

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 20 out 2010.

Tabela 4

Quantidade de conteúdos identificados segundo os meses das efemérides destacadas pela pesquisa na edição on-line da FSP no ano 2002.

palavras-chave	março	maio	novembro
1. racismo	18	26	22
2. cotas raciais	1	4	0
3. estatuto da igualdade racial	0	0	0
4. quilombo	2	2	10
5. discriminação racial	6	6	5
6. pesquisas/indicadores sociais	0	0	
7. mulheres negras	4	8	3
8. juventude negra	0	2	1
9. movimento negro	5	11	10
10. durban	1	6	1
11. seppir	0	0	0
12. consciência negra	2	4	14
13. abolição da escravatura	0	4	1
total de ocorrências	39	73	67

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 20 out 2010.

Tabela 5

Quantidade de conteúdos identificados segundo os meses das efemérides destacadas pela pesquisa na edição on-line da FSP no ano 2003.

palavras-chave	março	maio	novembro
1. racismo	24	15	15
2. cotas raciais	1	4	0
3. estatuto da igualdade racial	0		5
4. quilombo	0	1	9
5. discriminação racial	7	4	7
6. pesquisas/indicadores sociais	0	0	2
7. mulheres negras	6	5	6
8. juventude negra	1	1	2
9. movimento negro	9	12	11
10. durban	0	0	0
11. seppir	0	0	0
12. consciência negra	1	0	29
13. abolição da escravatura	0	4	0
total de ocorrências	49	46	86

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 20 out 2010.

Tabela 6

Quantidade de conteúdos identificados segundo os meses das efemérides destacadas pela pesquisa na edição on-line da FSP no ano 2004.

palavras-chave	março	maio	novembro
1. racismo	24	26	20
2. cotas raciais	3	6	0
3. estatuto da igualdade racial	2	2	0
4. quilombo	5	7	2
5. discriminação racial	5	5	0
6. pesquisas/indicadores sociais	0	0	0
7. mulheres negras	4	2	6
8. juventude negra	0	0	5
9. movimento negro	10	4	14
10. durban	2	3	1
11. seppir	2	1	0
12. consciência negra	2	2	20
13. abolição da escravatura	0	1	1
total de ocorrências	59	59	69

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 20 out 2010.

Tabela 7

Quantidade de conteúdos identificados segundo os meses das efemérides destacadas pela pesquisa na edição on-line da FSP no ano 2005.

palavras-chave	março	maio	novembro
1. racismo	33	31	38
2. cotas raciais	3	1	0
3. estatuto da igualdade racial	0	0	1
4. quilombo	0	6	8
5. discriminação racial	4	5	14
6. pesquisas/indicadores sociais	0	1	1
7. mulheres negras	1	2	3
8. juventude negra	7	1	3
9. movimento negro	14	11	15
10. durban	1	2	3
11. seppir	0	0	0
12. consciência negra	0	2	18
13. abolição da escravatura	2	7	0
total de ocorrências	65	69	104

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 20 out 2010.

Tabela 8

Quantidade de conteúdos identificados segundo os meses das efemérides destacadas pela pesquisa na edição on-line da FSP no ano 2006

palavras-chave	março	maio	novembro
1. racismo	49	27	44
2. cotas raciais	1	3	4
3. estatuto da igualdade racial	0	0	5
4. quilombo	0	4	8
5. discriminação racial	2	3	13
6. pesquisas/indicadores sociais	0	0	0
7. mulheres negras	4	7	6
8. juventude negra	3	1	2
9. movimento negro	6	6	11
10. durban	0	0	0
11. seppir	0	0	1
12. consciência negra	2	1	41
13. abolição da escravatura	0	2	0
total de ocorrências	67	54	135

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 20 out 2010.

Tabela 9

Quantidade de conteúdos identificados segundo os meses das efemérides destacadas pela pesquisa na edição on-line da FSP no ano 2007

palavras-chave	março	maio	novembro
1. racismo	25	8	31
2. cotas raciais	2	0	1
3. estatuto da igualdade racial	0	0	4
4. quilombo	0	1	2
5. discriminação racial	3	1	5
6. pesquisas/indicadores sociais	0	0	0
7. mulheres negras	5	2	3
8. juventude negra	2	3	4
9. movimento negro	3	4	8
10. durban	1	3	2
11. seppir	0	0	0
12. consciência negra	0	2	32
13. abolição da escravatura	1	3	1
total de ocorrências	42	27	93

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 20 out 2010.

Tabela 10

Quantidade de conteúdos identificados segundo os meses das efemérides destacadas pela pesquisa na edição on-line da FSP no ano 2008

palavras-chave	março	maio	novembro
1. racismo	24	25	62
2. cotas raciais	1	17	9
3. estatuto da igualdade racial	1	1	4
4. quilombo	1	1	1
5. discriminação racial	8	8	13
6. pesquisas/indicadores sociais	0	1	1
7. mulheres negras	3	6	5
8. juventude negra	0	4	2
9. movimento negro	8	15	26
10. durban	0	6	1
11. seppir	0	0	0
12. consciência negra	1	2	49
13. abolição da escravatura	1	11	1
total de ocorrências	47	97	174

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 20 out 2010.

Tabela 11

Quantidade de conteúdos identificados segundo os meses das efemérides destacadas pela pesquisa na edição on-line da FSP no ano 2009

palavras-chave	março	maio	novembro
1. racismo	15	33	9
2. cotas raciais	2	10	1
3. estatuto da igualdade racial	0	1	1
4. quilombo	0	1	3
5. discriminação racial	4	2	1
6. pesquisas/indicadores sociais	0	1	0
7. mulheres negras	4	1	4
8. juventude negra	2	0	3
9. movimento negro	3	5	6
10. durban	1	4	2
11. seppir	0	0	2
12. consciência negra	3	5	37
13. abolição da escravatura	0	1	0
total de ocorrências	34	64	69

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 20 out 2010.

Tabela 12

Quantidade de conteúdos identificados segundo os meses das efemérides destacadas pela pesquisa na edição on-line da FSP no ano 2010

palavras-chave	março	maio	novembro
1. racismo	23	34	41
2. cotas raciais	16	2	0
3. estatuto da igualdade racial	1	0	2
4. quilombo	1	1	2
5. discriminação racial	1	6	3
6. pesquisas/indicadores sociais	0	0	0
7. mulheres negras	3	2	1
8. juventude negra	1	1	3
9. movimento negro	9	9	4
10. durban	7	11	0
11. seppir	0	0	0
12. consciência negra	2	0	14
13. abolição da escravidão	3	2	0
total de ocorrências	67	68	70

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 20 out 2010.

Embora a coleta tenha se organizado através de 13 palavras-chave, esta se realizou no sentido da decomposição da temática racial negra, a fim de ampliar as possibilidades de captação da temática no noticiário sob diferentes enfoques. O pesquisador Albert Kientz (1973, p.165) classifica a análise por tema como “átomo da análise de conteúdo” devido à possibilidade de evidenciar o que é “dito sobre um sujeito”. Para Violette Morin (op. cit. KIENTZ, 1973,p.165), esta análise está diretamente relacionada ao discurso jornalístico, exprimindo de quem se fala e o sentido global do conteúdo em estudo. De acordo com o referencial teórico-metodológico, a análise de conteúdo por tema “consiste em localizar los “núcleos de sentido” que componen la comunicación y cuya presencia, o la frecuencia de aparición, podrán significar algo para el objetivo analístico elegido” (BARDIN, 2002: 80).

O tema usado como unidade de registro pode revelar motivações, opiniões, atitudes, valores, crenças e tendências, a ferramenta apropriada para apreender a cobertura da temática racial negra nas notícias produzidas pelo FSP (BARDIN, 2002). A análise de conteúdo possibilita notabilizar, até de maneira fotográfica, modelos, imagens e estereótipos que circulam na cultura de massa (KIENTZ, 1973). A metodologia utilizada nesta investigação consiste em abordar apenas o conteúdo manifesto, isto é, “o que foi efetivamente expresso e não o conteúdo presumido” (KIENTZ, 1973, p.157), a fim de preservar o distanciamento entre objeto e pesquisadora, necessário para a neutralidade epistemológica. Além do trabalho baseado no material empírico, esta pesquisa desenvolveu-se baseada no rigor da objetividade;

da coleta, sistematização e análise de dados; e da quantificação e qualificação dos resultados obtidos (KIENZ, 1973; BARDIN, 2002; FRANCO, 2007; HERSCOVITZ, 2008).

Tomando por base as notícias produzidas e publicadas pela FSP sobre a temática racial negra nas três semanas artificiais, formadas pelas efemérides já apresentadas que constituem o corpus desta pesquisa, a análise partiu para a triagem dos conteúdos coletados. Assim, na sequência, o material selecionado foi analisado e distinguido por gêneros jornalísticos, mediante a preservação exclusiva das notícias (LAGE, 1979; GENRO FILHO, 1987; MEDINA, 1988; MARCONDES FILHO, 1989; WOLF, 1995; ALSINA, 1996; LUSTOSA, 1996; VAN DIJK, 1997; FOLHA DE S.PAULO, 1998; HALL, 1999; TRAQUINA, 2002; VAN DIJK, 2002; TRAQUINA, 2005; JORGE, 2006).

Da triagem dos 2.234 conteúdos, chegou-se a 266 notícias publicadas no período 2000-2010, assim distribuídas: 46 notícias publicadas em março, precisamente na semana do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial; 85 veiculadas em maio, na efeméride do Dia da Abolição da Escravatura; e 135 notícias publicadas na semana artificial reconstituída por esta investigação em novembro, no marco do Dia da Consciência Negra. Em média percentual, a distribuição ficou disposta da seguinte maneira: 17% em março, 32% em maio e 51% em novembro, como abaixo representado na Figura 6 em termos de proporcionalidade das notícias estudadas de acordo com os meses das efemérides em destaque nesta pesquisa na primeira década de 2000.

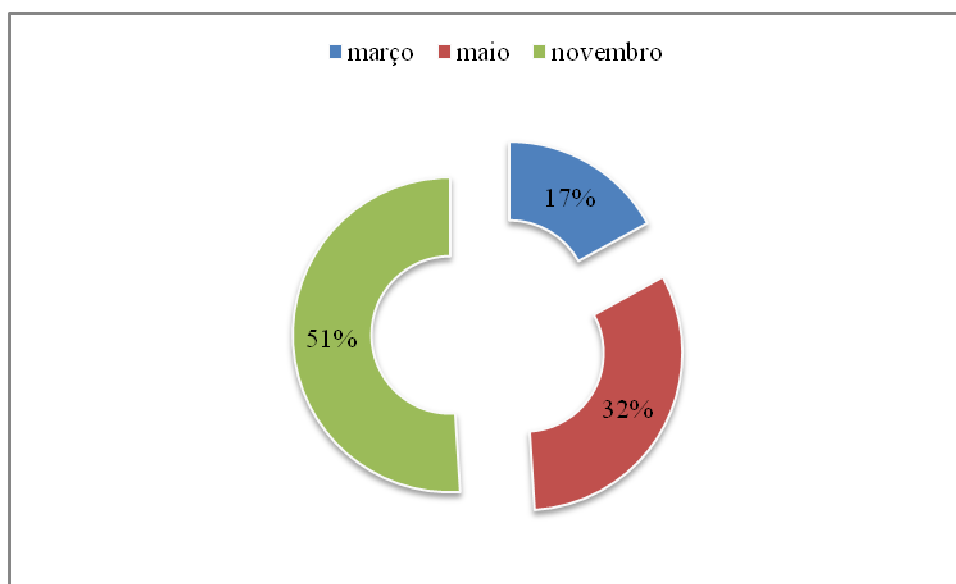


Figura 6 – Gráfico de concentração das notícias publicadas sobre a temática racial negra na FSP por efeméride/mês no período 2000-2010.

Feita a separação dos conteúdos noticiosos dos demais gêneros jornalísticos, iniciou-se a categorização das notícias conforme os seguintes filtros: caderno, fonte entrevistada,

gênero das fontes entrevistadas, existência ou não de pluralidade de vozes, valores-notícia, centralidade ou dispersão da temática, abrangência, gênero do jornalista, dias cobertos e temáticas evidenciadas. Cabe registrar que tais categorias se conformaram de acordo com o contato com os dados, ou seja, os textos das notícias revelavam muito mais do que as primeiras categorias estabelecidas no âmbito da pesquisa, incrementando assim o espectro de categorização dos dados coletados e dando as condições para um trabalho mais denso sobre as notícias produzidas pela FSP.

Embora o volume de dados também aumentasse, a possibilidade de aprofundamento de sua contribuição para esta pesquisa se acentuou, de forma a serem incorporadas categorias que deram as condições inclusive para verificar a participação das mulheres e dos homens como fontes entrevistadas e como produtoras e produtores das notícias. No que concerne ao cruzamento de gênero e raça, vale registrar que foram raras as citações do perfil racial das pessoas entrevistadas, situação que descartou a possibilidade de fazê-lo, isto é, verificar a presença das fontes entrevistadas representativas das mulheres negras, mulheres brancas, homens negros e homens brancos, por exemplo.

Como exposto, as categorias foram determinadas a partir do contato com os textos noticiosos. O mesmo se aplica à definição dos objetivos de tais categorias para a pesquisa, a saber: localizar a prevalência e a ausência das notícias da temática racial negra nos cadernos da FSP no período 2000-2010; verificar o perfil das fontes entrevistadas; verificar o perfil de gênero das fontes entrevistadas; identificar a pluralidade e/ou a restrição de vozes nas notícias publicadas pela FSP; identificar os valores-notícia prevalentes nas notícias publicadas pela FSP; apreender a centralidade ou dispersão da temática racial negra nas notícias; verificar os dias de evidência da temática, impulsionadas pela cobertura da efeméride; apurar a procedência geográfica das notícias; identificar o perfil de gênero dos jornalistas envolvidos na cobertura; observar os dias mais cobertos e a tendência da cobertura noticiosa (antecipação, factual e/ou suíte); observar os temas mais frequentes cobertos pelo jornal.

A partir desses referenciais, na quarta etapa desta pesquisa, houve uma problematização dos dados de modo a incitar a compreensão desses a cada etapa da pesquisa. O propósito era refletir acerca da tendência da cobertura noticiosa da FSP em relação à temática racial negra no período 2000-2010, como destacado a seguir.

1.1. AS EFEMÉRIDES

Na presente seção, estão dispostas as categorias de análise dos conteúdos selecionados na quinta etapa da presente pesquisa por meio do processamento de informações, dados estatísticos e a sua análise propriamente dita, categoria a categoria. Inicia-se, por conseguinte, pelas efemérides que constituem o polo central do material coletado.

Da segunda metade do século XXI, a deflagração de efemérides ganhou força na agenda política internacional e nacional pelos direitos humanos como estratégia de visibilizar questões latentes para os direitos de cidadania. Por exemplo, é de 1971 a proclamação do Ano Internacional do Combate ao Racismo e à Discriminação Racial, instituído pelas Nações Unidas com o propósito de inserir na agenda política e pública dos Estados Membros o compromisso com o enfrentamento do racismo e da discriminação racial. Antes da Conferência de Durban (BAIROS, 2002; CARNEIRO, 2002; IRACI; SANEMATSU, 2004), aconteceram dois encontros mundiais: as Conferências Mundiais contra o Racismo, que ocorreram em Genebra; a primeira, em 1978, e a segunda, em 1983 (BLACKWELL e NABER, 2002).

No Brasil, a intensificação da ação política dos movimentos sociais na busca pelos direitos de grupos excluídos e invisibilizados na década de 1970, a exemplo do Movimento Negro (LEITE, 1988; CARDOSO, 1992; MORAES, 2000; SILVA, 2001; NASCIMENTO, 2002; CAMPOS, 2006; PEREIRA, 2008) e do Movimento de Mulheres Negras (GONZALEZ, 1982; BAIROS, 1995; SILVA, 1998; CARNEIRO, 2003; SILVA, 2003; WERNECK, 2007; OLIVEIRA, 2009; VIANA, 2010), trouxe para a agenda pública uma série de datas cuja releitura política, por meio de estratégias e peças de comunicação, serviram para a finalidade de visibilidade, sensibilização e *advocacy* para o fim do racismo. Tais iniciativas foram, paulatinamente, sendo incorporadas pela imprensa num movimento cíclico entre contra-agendamento e agenda-setting, influenciando assim as rotinas produtivas do Jornalismo e o processo de produção de notícias. Fazem parte disso, a previsibilidade das notícias, como é o caso das efemérides que compõem a amostra desta pesquisa. Segundo Genro Filho,

A importância da informação jornalística parece estar ligada, essencialmente, não aos fenômenos de baixa probabilidade em geral, como quer a Teoria da Informação,

mas a eventos *significativos* (o que implica a qualidade) situados na faixa de *indeterminação* do processo social¹⁰⁰. De um modo geral são os acontecimentos previsíveis que fazem notícia, ou seja, os fenômenos que aparecem como possíveis, embora não possam ser determinados de antemão em sua forma e mesmo no seu conteúdo preciso (GENRO FILHO, 1987, p.76).

Nesse contexto, destacam-se neste estudo as notícias produzidas e publicadas pela FSP nas efemérides do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial (no período compreendido entre 18 e 24 de março), so Dia da Abolição da Escravatura (na semana artificialmente construída entre 10 e 16 de maio) e do Dia da Consciência Negra (no período entre 17 e 23 de novembro), nos anos 2000 a 2010.

De 2000 a 2010, a efeméride do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial revela na média dos dados coletados – isto é, das 46 notícias selecionadas no âmbito da temática racial –, uma concentração de conteúdos nos anos 2002 (1º lugar), 2003 e 2004 (2º lugar), e 2001 (3º lugar) conforme Figura 7.

Poucos meses após aa 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, ocorrida entre agosto e setembro de 2001, no ano de 2002, as notícias revelam algumas iniciativas já adotadas pelo governo brasileiro em resposta à agenda internacional, a exemplo do programa de ações afirmativas do Instituto Rio Branco para incentivo ao ingresso de negros na carreira diplomática, anúncio da reserva de cotas raciais para o serviço público e inclusão da temática do enfrentamento ao racismo no Programa Nacional de Direitos Humanos – assuntos que tiveram relevância ao longo da década. Ainda em 2002, o noticiário registrou as primeiras pesquisas para identificação da ancestralidade africana nos exames de DNA no Brasil e as dificuldades de manutenção do serviço SOS Racismo no Rio de Janeiro.

¹⁰⁰ Grifo no original.

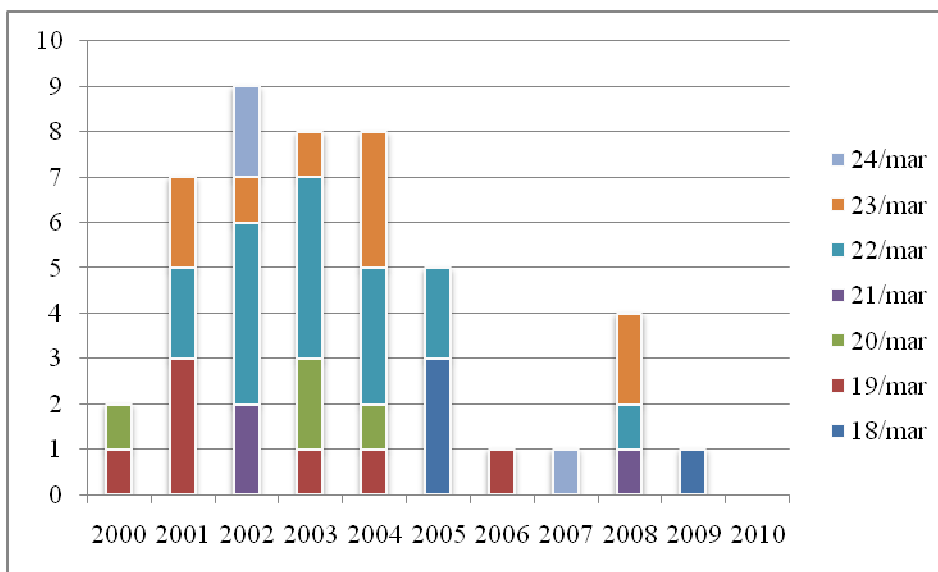


Figura 7 – Gráfico de concentração de notícias publicadas no jornal FSP relacionadas à efeméride do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Na semana selecionada em torno do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, a FSP produziu um caderno Especial no qual colocou à prova a pesquisa realizada pelo jornal e pelo Instituto DataFolha intitulada *Racismo Cordial – a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil* (TURRA; VENTURI, 1995), publicada em livro em 1995 e em caderno especial do jornal naquele ano. No Especial de 2002, a notícia “Racismo não é tão ‘cordial’” assinada por José Roberto de Toledo é ambígua, em face do lead¹⁰¹ – “Para um país onde o racismo é cordial, o fato de 19% dos negros declararem que já se sentiram discriminados por causa de sua raça no trabalho mostra que a cordialidade não é tão grande assim” –, o que denota conflito entre o título e o lead e confere certa imprecisão de entendimento nas primeiras informações apresentadas. Ainda no lead, o texto da notícia faz uma comparação entre afrodescendentes e nipodscendentes, que esta pesquisa considera imprópria, tendo em vista o processo de exclusão perpetrado pela ação do racismo e a densidade populacional dos grupos sociais.

Outra notícia em destaque na referida semana foi a disputa de três atores negros ao prêmio do Oscar, fato inédito há cerca de 30 anos, como abordou o jornal, desde a premiação de Sidney Poitier. A matéria destacou os trabalhos da atriz Halle Berry e dos atores Denzel Washington e Will Smith, a análise de especialistas, dos atores envolvidos e a expectativa do meio artístico hollywoodiano para a vitórias dos astros e da estrela negra – um dos momentos com mais diversificação das fontes entrevistadas (*Figuras 29 a 33*).

¹⁰¹ Conforme o Novo Manual da Redação (1998:152), o lead ou lide é usado no Jornalismo para “resumir o primeiro parágrafo: introduzir o leitor no texto e prender sua atenção”.

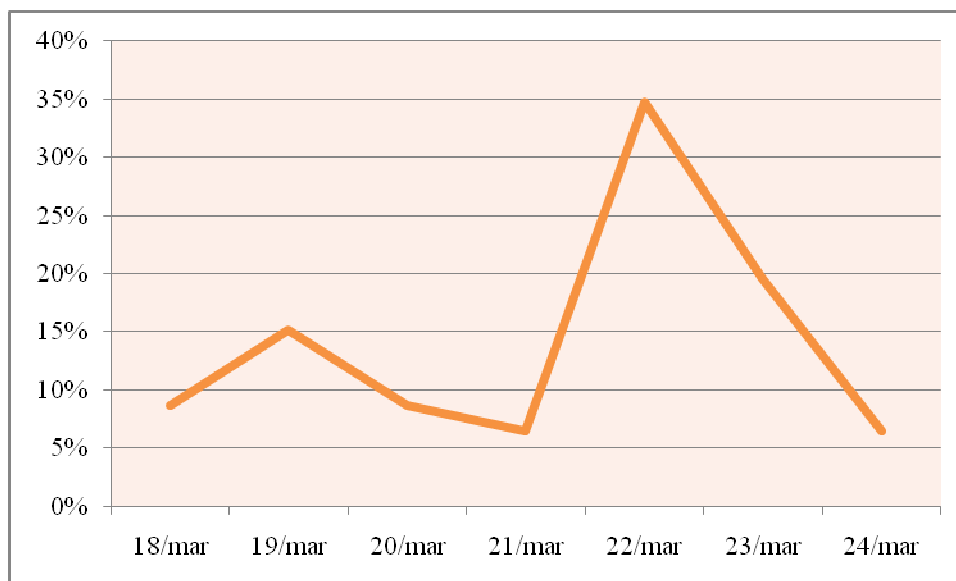


Figura 8 – Gráfico de distribuição das notícias publicadas no jornal FSP na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Embora os conteúdos comecem a ser produzidos em 18 de março, é no dia 21 de março que a produção retoma crescimento alcançando a média de 35% das notícias produzidas no dia 22, quando também se inicia o processo de queda da produção, que é concluído em 24 de março. Conforme os dados coletados nesta pesquisa, das 46 notícias publicadas por volta da efeméride do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial 35%, ou seja 16 delas, o são no dia 22 de março; 20%, no dia 23 de março; e, 15%, no dia 19 de março.

De acordo com o levantamento, os anos de 2002 (quatro notícias), 2003 (quatro notícias) e 2004 (três notícias) tiveram mais notícias publicadas no dia seguinte da efeméride. Em 22 de março de 2002, por exemplo, verificaram-se quatro notícias: “Negros protagonizam Oscar”; “EUA minam comissão de direitos humanos”; “Social precisaria de até 6 anos mandatos, diz FHC”; e “Para FHC, país teria dívida com passado escravocrata”.

Em 22 de março de 2003, a criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República recebeu destaque diferenciado na cobertura – apesar de manter uma presença bastante limitada como exposto nas Tabelas 1 a 11. As quatro notícias se referiam ao novo órgão e a um episódio factual: “‘Ficamos em segundo plano’, afirma índio”; “Lula instala secretaria racial, mas não cita cotas”; “Doutora em serviço social fez parte da equipe de transição”; e “Vereadora acusa PMs de racismo”, esta, relacionada ao fato de a vereadora de São Paulo Claudete Silva ter sido interpelada pela polícia quando se

deslocava do seu estado de origem, São Paulo, para a cerimônia de instalação da Secretaria da Igualdade Racial, em Brasília.

Já em 22 de março de 2004 estiveram em destaque: “Estatuto prevê criação de cotas no funcionalismo”, referente aos efeitos do Estado da Igualdade Racial em tramitação no Legislativo federal; “Marcha contra racismo reúne 2.500”, relacionada à manifestação pública do Movimento Negro em São Paulo; e “Nativos habitam memória de estudantes”, esta, referente à visita de estudantes à comunidade quilombola.

Na média do período 2000-2010, a efeméride do Dia da Abolição da Escravatura teve a maior parte das 85 notícias publicadas no jornal FSP nos anos 2000 (1º lugar), 2008 (2º lugar) e 2001, 2002 e 2005 (3º lugar), como registrado na Figura 9.

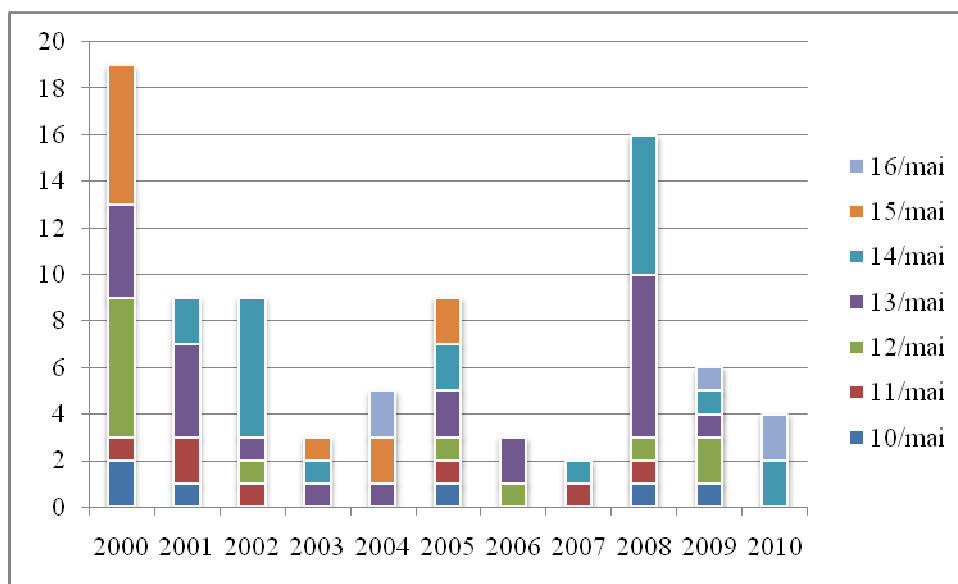


Figura 9 – Gráfico de concentração de notícias publicadas no jornal FSP relacionadas à efeméride do Dia da Abolição da Escravatura no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em 6 jan. 2011.

Entre os fatos e acontecimentos que se tornaram notícia em maio de 2000 constam a ação de racismo no futebol italiano; a desistência do Brasil de sediar a 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlatas; a ocorrência de um caso de racismo no atendimento a duas jovens negras numa loja no interior de São Paulo, com suíte; e a divulgação dos dados de uma pesquisa sobre o assassinato de pretos e pardos pela polícia fluminense, com uma série de notícias relacionadas sobre a existência ou não de racismo e as versões do Movimento Negro, da polícia e de especialistas sobre o fenômeno – uma das raras notícias em que percebemos uma distribuição mais equilibrada das fontes entrevistadas, como veremos com mais profundidade nas Figuras 29 a 33.

O noticiário do começo dos primeiros 11 anos do ano 2000, em novembro de 2000, exibiu notícias que seriam recorrentes e outras que passariam a ser mais escassas, a exemplo do pagamento pela Coca-Cola de indenização de US\$ 192 milhões por crime de discriminação racial, o processo contra a política de cotas raciais no estado da Flórida (Estados Unidos), a inauguração do sítio histórico do Quilombo de Palmares em Alagoas e a acusação do Movimento Negro de prática de racismo pela polícia gaúcha.

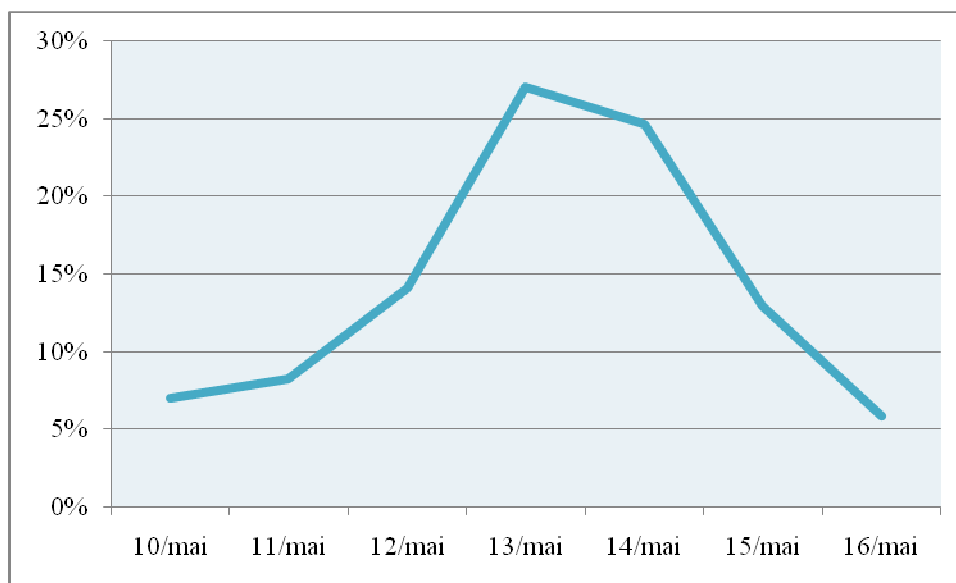


Figura 10 – Gráfico de distribuição das notícias publicadas no jornal FSP na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nesse recorte temporal, as notícias foram publicadas com mais intensidade de 11 a 14 de maio, sendo o 13 de maio o dia central para a publicação dos conteúdos noticiosos conforme detalhado na Figura 10, atingindo pouco mais de 25% das notícias. Constatou-se mais intensidade de notícias publicadas no dia 13 de maio nos seguintes anos: 2008 (1º lugar, com sete conteúdos), 2000 e 2001 (2º lugar, com quatro notícias), e 2005 e 2006 (3º lugar, com dois conteúdos). Na média das 85 notícias relacionadas ao segundo recorte desta pesquisa, 27% delas, isto é, 23 notícias, foram publicadas no dia 13 de maio; 25% das notícias foram veiculadas no dia seguinte, ou seja, no dia 14 de maio; e, 14%, na véspera da efeméride, ou seja, no dia 12 de maio.

Como apresentado, no ano de 2008, a FSP retomou a temática racial negra com mais fôlego, a exemplo do que fizera em 1988, 1995 e 2003. Apesar de o projeto especial ter sido desenvolvido em novembro de 2008, no mês de maio de 2008 já era percebida maior presença da temática no noticiário do periódico. Especificamente na data central, apurada na Figura 10, contabilizaram-se sete notícias: uma delas relacionada ao cenário internacional e as demais

condizentes com o contexto interno, particularmente das cotas raciais. São elas: “Em crise, África do Sul diz que combaterá violência”, acerca dos conflitos raciais existentes próximo à realizada da Copa Mundial de Futebol; “Isso só servirá para pôr um pobre contra o outro”, a respeito das cotas raciais no Brasil; “Falta muito para inserir negro na sociedade”; “Atos retomam discussão sobre cotas para negros”; “Projeto de cotas tramita há 4 anos na Câmara”; “Negro ainda vive em região de porto, diz IBGE”; e “ONG premia defensoras da inclusão de negros”.

Duas notícias publicadas 13 de maio de 2000 buscaram as raízes históricas da data em “Precursora da abolição festeja ato histórico” e “Descendentes deixaram a cidade”, nas quais se registrou a extinção do trabalho escravo negro desde 1º de janeiro de 1833 no município cearense de Redenção, antes Acarape. A terceira notícia, “‘Cruz e Sousa’ é debatido no Cinesesc”, referiu a programação cultural envolvendo um dos principais ícones negros da literatura brasileira, e “Vicentinho sai da CUT para tentar ser prefeito de SBC”, apesar de apenas tangenciar a temática racial, ou seja, ter sido relacionada por conter uma das palavras-chave usadas para a seleção dos conteúdos (*ver centralidade e dispersão nas Figuras 56 a 58*).

Em 13 de maio de 2001 a notícia “A estupidez em jogo” evidenciou, mais uma vez, a problemática do racismo no futebol – fenômeno presente durante os 11 anos analisados nesta pesquisa. e cujo enfrentamento demandou uma série de mobilizações no setor, isto é, de clubes, jogadores e associações, a exemplo das campanhas promovidas pela da Fifa, sendo a maior delas realizada na Copa do Mundo de 2010. Além da reação contra o racismo, o noticiário também registrou os atos de racismo praticados por jogadores brancos contra jogadores negros, técnicos e clubes no Brasil e no exterior. Ainda em 13 de maio de 2001, a organização da Conferência de Durban antecipava um debate que ganhou força na esfera pública brasileira, a partir de agosto de 2001: as medidas de reparação à população negra pela escravização africana. Foram notícia: “ONU discutirá indenização por escravidão” e “Brasil defende compensação não-financeira”. A quarta notícia do dia foi “Canal Brasil exhibe filme sobre Cruz e Souza”, obra que já havia sido objeto de debate em março de 2001, durante exibição da película sobre vida e obra do poeta negro brasileiro.

Em 2005, foram notícia no dia 13 de maio: “Ato lembra abolição com velas e atabaques”, referente à manifestação do Movimento Negro em São Paulo; e “Autuori põe freio em dribles são-paulinos”, relacionado ao crime de racismo praticado pelo jogador argentino Desábato contra o jogador brasileiro Grafite. No ano de 2006, o noticiário da data registrou “Grupo pró-cota invade faculdade da USP”, sobre manifestação do Movimento

Negro a favor das cotas raciais para estudantes negras e negros, e “Incêndios em 2 carros param trânsito em SP”, desfocada da temática racial, isto é, com mera menção à data histórica (ver centralidade e dispersão nas Figuras 56 a 58).

Na análise da média dos 135 conteúdos noticiosos publicados na terceira efeméride estudada nesta pesquisa, o Dia da Consciência Negra, apura-se na Figura 10 uma produção mais intensa nos anos de 2008 (1º lugar), 2006 (2º lugar) e 2003 (3º lugar). Ressalta-se, novamente, que 2008 foi o ano em que a FSP realizou o seu quarto esforço de cobertura da temática racial, impulsionada pela data construída pelo Movimento Negro como estratégia de visibilizar a resistência negra e reivindicar direitos de cidadania e integração social.

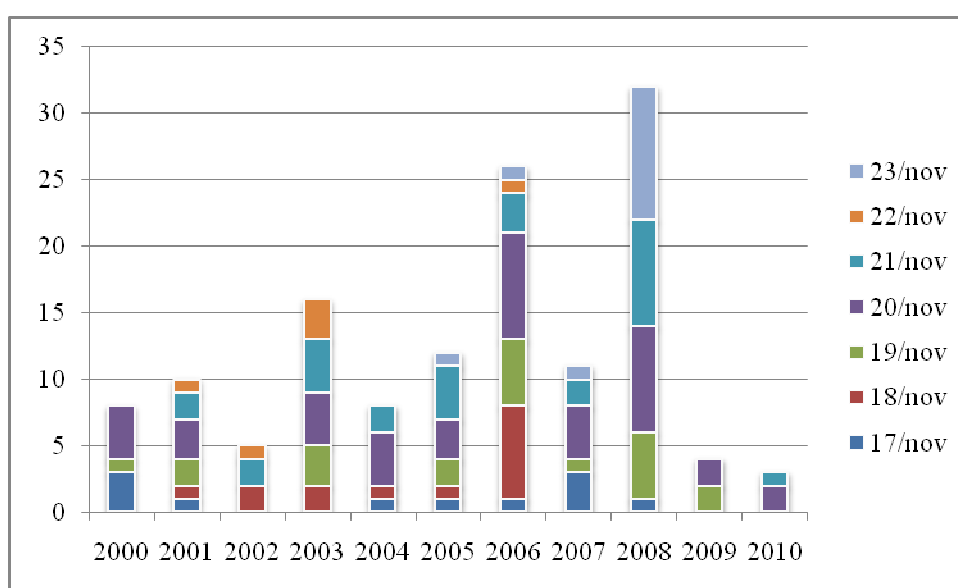


Figura 11 - Concentração de notícias publicadas no jornal FSP relacionadas à efeméride do Dia da Consciência Negra no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Como já apresentado, o primeiro projeto dedicado à temática racial negra ocorreu em 1988, ano do centenário da Abolição da Escravatura (CONCEIÇÃO, 2005), quando o jornal realizou uma pesquisa fechada com cerca de 1.000 pessoas, na capital paulista, para aferir o preconceito de cor. Em 1995, estimulado pela agenda política do Movimento Negro de visibilizar os 300 anos do assassinato do líder negro quilombola Zumbi dos Palmares, o jornal FSP realizou a pesquisa Racismo Cordial e uma série especial homônima publicada no jornal (TURRA; VENTURI, 1995; CONCEIÇÃO, 2005).

Em 2002, o jornal FSP, em caderno especial, fez referência à expressão “racismo cordial” – à época do caderno especial de 1995 bastante criticada por ativistas do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras (SANTOS, in: TURRA; VENTURI, 1995) . Tal crítica decorre da ambiguidade da cobertura: ora questionadora do fenômeno na ordem

sociopolítica estabelecida, ora convivência com as explicações mais superficiais do fenômeno do racismo. No quarto esforço do jornal à cobertura da temática racial negra computado nesta investigação – nomeadamente vinculado pelo jornal à sequência de 13 anos depois da cobertura de 1995 –, o caderno especial “Racismo Confrontado” se propôs a fazer um levantamento da temática racial negra nas suas principais áreas, muitas delas alvo do debate público empreendido na primeira década do ano 2000, tais como: crescimento da autodeclaração racial negra, cotas raciais nas universidades, impacto das ações afirmativas no Brasil e nos Estados Unidos, entrada do tema na agenda política do País e a visibilidade dos afrodescendentes na mídia.

Publicado no dia 23 de novembro de 2008, o especial “Racismo Confrontado” demonstrou a tendência do jornal FSP da produção de notícias baseadas em fontes de especialistas (*Figuras 33 e 34*). Esta pesquisa também confrontou os dados referentes à pluralidade de vozes e ao perfil das fontes entrevistadas (*Figuras 51 e 52 e Tabela 15*).



Figura 12 - O especial *Racismo Confrontado* ocupou destaque na capa da edição do jornal FSP de 23 de novembro de 2008, Ano 88, Nº 29.099.

Fonte: pesquisa direta, dado extraído do site www.folha.com. Acesso em: 30 mar. 2011.

No que concerne ao caderno especial, os títulos das matérias denotam uma parcialidade inicial dos conteúdos produzidos no sentido de acirramento da interpretação conflituosa e, por vezes, condicionada à interpretação controvertida da pauta das ações afirmativas e dos direitos da população negra pelo público leitor do jornal e, em alguns conteúdos, reducionismo da temática racial, tais como: “Cota é vista como essencial e humilhante”, “‘Elite preta’ se divide sobre extensão do preconceito”, “Ações afirmativas aumentam elite negra nos EUA” e “Diminuem as manifestações de preconceito”.

Apesar de a cobertura especial ter sido publicada no dia 23 de novembro, observou-se uma série de fatos e acontecimentos ocorridos de 17 a 23 de novembro, a exemplo da disparidade salarial entre negros e brancos no mercado de trabalho, programação cultural alusiva ao Dia da Consciência Negra, impacto no trânsito da cidade de São Paulo, reverência do então presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva ao líder negro João Cândido Felisberto (MORAES, 2000) até o caso de racismo vivenciado pelo cantor Dudu Nobre e a apresentadora Adriana Bombom em viagem de retorno dos Estados Unidos para o Brasil, num ato cometido por uma das comissárias de voo da American Air Lines.

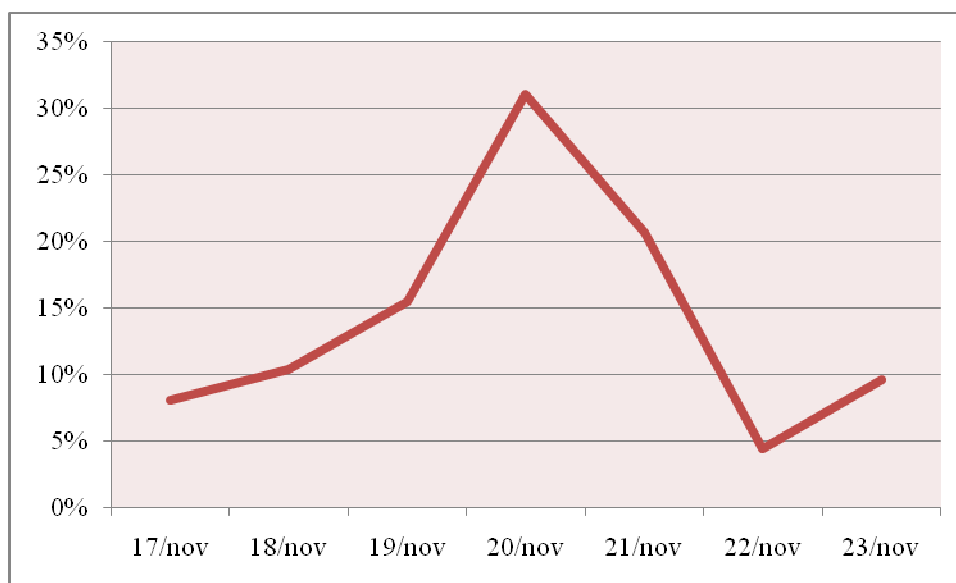


Figura 13 – Gráfico de distribuição das notícias publicadas no jornal FSP na semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Ao longo do período 2000-2010, o 20 de novembro ocupou posição central nas notícias produzidas e publicadas no jornal FSP, reunindo 31% dos conteúdos, tendo início aumento de produção no dia 19 (15% das notícias) e começo de declínio imediato à passagem da efeméride, ou seja, no dia 21 de novembro, sendo que data principal ainda aglutina 21% das notícias. Na comparação entre as notícias produzidas nas semanas artificiais das três

efemérides realizada neste estudo, o Dia da Consciência Negra aglutina 50,5% das notícias produzidas e publicadas sobre a temática racial negra no jornal FSP no período 2000-2010, como representado na Ilustração 6.

Nesse sentido, percebeu-se a seguinte ordem em termos de notícias publicadas sobre a temática racial negra no dia 20 de novembro: 2008 (1º lugar, com oito conteúdos); 2006 (2º lugar, sete notícias) e 2000, 2003, 2004 e 2007 (3º lugar, com quatro notícias).

Na semana do caderno especial *Racismo confrontado*, o noticiário já cedia mais espaço ao tema. No dia 19 de novembro o peso do factual se impôs no caso de racismo vivenciado pelo cantor Dudu Nobre e a apresentadora e dançarina Adriana Bombom no retorno de uma viagem aos EUA, tendo o ato sido cometido por comissárias da companhia aérea American Air Lines. Três dias antes da publicação do especial *Racismo confrontado*, ou seja, no dia 20 de novembro de 2008, o jornal FSP noticiou: “Trânsito passará por alterações durante evento na praça da Sé”; “Ribeirão decreta ponto facultativo”; “Bancos fecham amanhã em SP e mais 312 municípios”; “Amanhã será feriado em sete municípios da região” – sendo estas conteúdos dispersos da temática em estudo (*ver centralidade e dispersão nas Figuras 55 a 57*); e “PF indicia comissários da American Air Lines”; “Consciência Negra terá Seu Jorge e Black Rio”; “Cidade recebe mais shows-homenagem” e “Exposições, música e concurso marcam o dia da Consciência Negra”.

No dia 20 de novembro de 2006, a FSP publicou notícias sobre protesto, cotas raciais para negras e negros nas universidades, estética negra e opções de atividades culturais para a população no feriado. São elas: “Cresce número de negros nas universidades”; “Preconceito também atinge elite negra”; “Marcha começa no Masp e vai ao Ibirapuera”, “Estilo chega à universidade”; “Semana será curta, com feriados em SP e nos EUA”; “Filme propõe inventário da memória escrava”; e “São Paulo tem programação especial para o feriado”.

Nos anos de 2000, 2003, 2004 e 2007 foram coletadas quatro notícias publicadas na data central da semana artificial, sendo estas condizentes com turismo, história, indicadores sociais e atividades culturais. Em 20 de novembro de 2000, o noticiário evidenciou: “Obra é baseada em documentos vindos de Lisboa”; “Vila está fora do sítio histórico”; “Cascata em Canela exige disposição e esforço físico”; e “Alagoas reproduz Quilombo de Palmares”. Já em 2003 foram notícia: “Branços detêm 74% da renda brasileira”; “Sem feriado, SP realiza feira cultural”; “Rio tem eventos contra desigualdade”; e “Bairro do centro do Rio esconde antigo cemitério de escravos”. Em 2004, o noticiário registrou: “Penteados resgatam cultura afro”; “Mostra resgata a mestiçagem brasileira”; “SP comemora Consciência Negra hoje”; e “Espanha pede desculpas à Inglaterra por racismo”, sendo esta centrada no universo do

futebol, como observamos, em outros trechos, problemática presente em outros anos ao longo do período 2000-2010. Em 2007, as notícias do 20 de novembro revelaram os seguintes fatos e acontecimentos: “Suástica é pichada em cartaz na UFRGS”, sendo esse relacionado à defesa das cotas raciais na universidade; “Pressionado, governo de SP dá indenização”, “Sesc Pinheiros homenageia Solano Trindade”; e “Violência é a maior causa de mortes entre homens negros”.

Embora mais recorrente na comparação com as outras efemérides, o 20 de novembro apresenta conteúdos noticiosos mais diversificados. Contudo, prevalece o viés cultural no noticiário relacionado a essa data, como é apresentado adiante na Tabela 16, referente aos temas evidenciados nas semanas artificiais recortadas com base nas três efemérides analisadas na pesquisa.

1.2. OS VALORES-NOTÍCIA

Nessa parte da pesquisa, estão relacionados os dados obtidos neste trabalho no que se refere aos valores-notícia das 266 notícias analisadas na primeira década de 2000 do jornal FSP. Para fins de classificação dos valores-notícia (GENRO FILHO, 1987; WOLF, 1995; FOLHA DE S.PAULO, 1998; MOTTA, 2002; TRAQUINA, 2005) da temática racial negra no noticiário do jornal FSP, este estudo científico incorporou as categorias criadas pelo teórico do Jornalismo Nelson Traquina (2005) para considerar as 266 notícias aqui estudadas. Dos 15 valores-notícia definidos por Traquina, adotaram-se 10 neste estudo, devido à recorrência verificada nos conteúdos preliminarmente analisados: amplificação, conflito/controvérsia, disponibilidade, dramatização, infração, notoriedade, novidade, personalização, simplificação e relevância. Foram ainda observadas as recomendações do Novo Manual da Redação (FOLHA DE S.PAULO, 1998), no qual são elencados os critérios elementares para a definição da importância da notícia na FSP.

Os valores-notícia atribuídos aos fatos e acontecimentos influenciam os critérios de noticiabilidade, a rotina de produtiva do Jornalismo, o processo de produção das notícias e a

publicação delas – parte conclusiva do ciclo, correspondente à chegada do conteúdo ao público leitor e sua interpretação/interação de/com a notícia. Ao nos ater à imersão nesta complexa engrenagem, esta pesquisa nos direcionou para três aspectos: os valores-notícia aglutinados ano a ano, a flutuação anual dos valores-notícia distribuídos entre si e a concentração média dos valores-notícia em cada uma das três efemérides destacadas nas amostras.

Ao reunir os valores-notícia por ano, é notável a tendência do enquadramento dado à temática racial negra e a abordagem adotada pelos jornalistas no processo de produção das notícias, especialmente aqueles atribuídos aos fatos e acontecimentos no âmbito das relações raciais. É possível perceber os critérios que foram considerados para determinado fato ou acontecimento haver se transformado em notícia, particularmente nas semanas artificiais em destaque, conforme apresentado nas Figuras 14, 17 e 20.

Quando conferida atenção à flutuação anual dos valores-notícia distribuídos entre si, há uma observação mais detalhada em relação aos valores-notícia em cada ano. Na observação dos dados apresentados nas Figuras 15, 18 e 21, é perceptível a complexidade do processo de produção da notícia frente à dinâmica dos fatos e acontecimentos, à existência de fatores internos e externos incidentes no campo do Jornalismo (BOURDIEU, 1997; SCHLESINGER, 1999) e à subjetividade dos profissionais (VAN DIJK, 1997; HALL, 1999).

No terceiro aspecto, os dados captam a distribuição em percentual dos valores-notícia para obtenção da média destes em cada uma das três semanas artificiais. Isso permite verificar a prevalência média dos valores-notícia e fazer a comparação entre os três recortes da pesquisa no sentido de apreender evidências de caracterização dos valores-notícia em cada um dos marcos analisados nas Figuras 16, 19 e 22.

Por fim, é prudente registrar que a classificação dos valores-notícia nesta pesquisa também se vale de elementos subjetivos, todavia baseados na teoria da notícia e na literatura existente para melhor enquadramento das notícias.

Conforme distribuição geral dos dados coletados referente à primeira amostra na Figura 13, os valores-notícia estiveram distribuídos da seguinte forma:

- conflito (1ª posição, com conteúdos referentes aos anos 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2007 e 2008);
- relevância (2ª posição, verificado em 2000, 2001, 2002, 2004 e 2005);
- infração (3ª posição, registrado em 2001, 2003, 2004, 2006, 2008 e 2009).

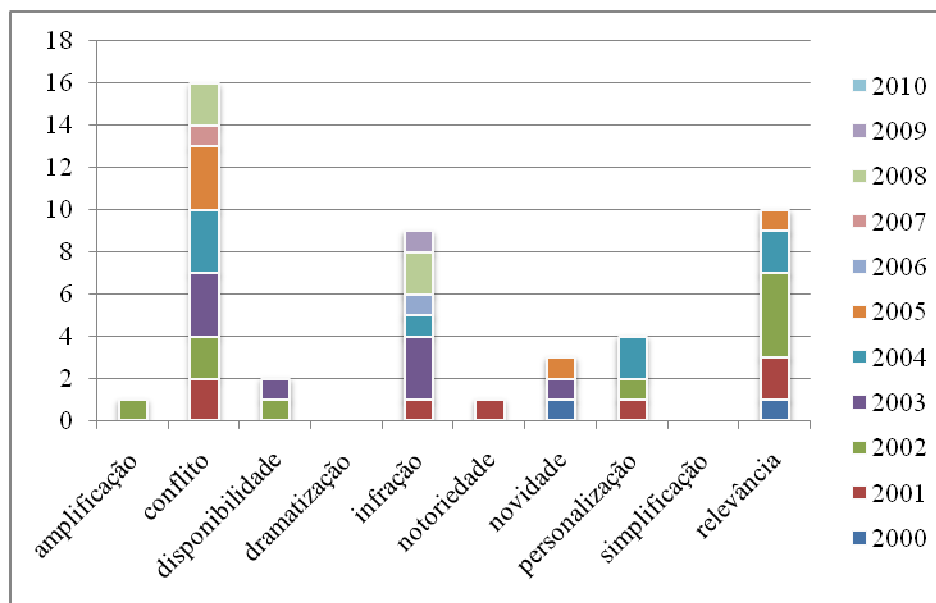


Figura 14 – Gráfico com a média dos valores-notícia no jornal FSP na semana artificial do Dia pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: Na aplicação dos valores-notícia definidos por Traquina (2005), entendemos por amplificação os fatos e acontecimentos que tiveram repercussão antes da publicação da notícia; conflito ou controvérsia, as situações de disputa de ideias ou posições; disponibilidade, a facilidade para cobertura de um fato ou acontecimento; dramatização, quando um fato ou acontecimento é explorado pelo viés emocional; infração, como violação ou transgressão aqui consideradas no espectro racial; notoriedade, quando um fato ou acontecimento estiver vinculado a celebridades, autoridades, intelectuais e especialistas renomadas/os; novidade vincula-se à originalidade e ao ineditismo de tal fato ou acontecimento; personalização, quando são valorizadas as pessoas envolvidas; simplificação, para ocorrências sem ambiguidade ou complexidade; e, relevância, quando os fatos têm impacto sobre o público leitor.

Quando verificadas as concentrações dos valores-notícias dos conteúdos produzidos ano a ano, há uma variação no agrupamento dos valores-notícia, como mostra a Figura 14. Ou seja, a flutuação dos valores-notícia se torna mais evidente, revelando inclusive parte da complexidade da noticiabilidade da temática racial negra no noticiário da FSP. A ver: relevância (2002, 1ª colocação); infração (2003, 2ª colocação) e conflito (2003, 2004 e 2005, 2ª colocação); conflito (2001, 2002 e 2008, 3ª colocação), infração (2008, 3ª colocação), personalização (2004, 3ª colocação) e relevância (2001 e 2004, 3ª colocação).

Entre as quatro notícias vinculadas ao valor-notícia relevância no ano de 2002, verificaram-se os seguintes títulos: “Universidade de São Paulo terá cotas para negros” referente à criação da Universidade Zumbi dos Palmares; “Itamaraty dará vinte bolsas de estudo por ano”, sobre o primeiro programa de ação afirmativa da diplomacia brasileira; “Negros protagonizam Oscar”, relacionada à disputa de atriz e atores negros a maior premiação do cinema mundial; e “Social precisaria de até 6 mandatos, diz FHC”, sobre previsão do então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, a respeito da redução das desigualdades sociais, entre elas as geradas pelo racismo.

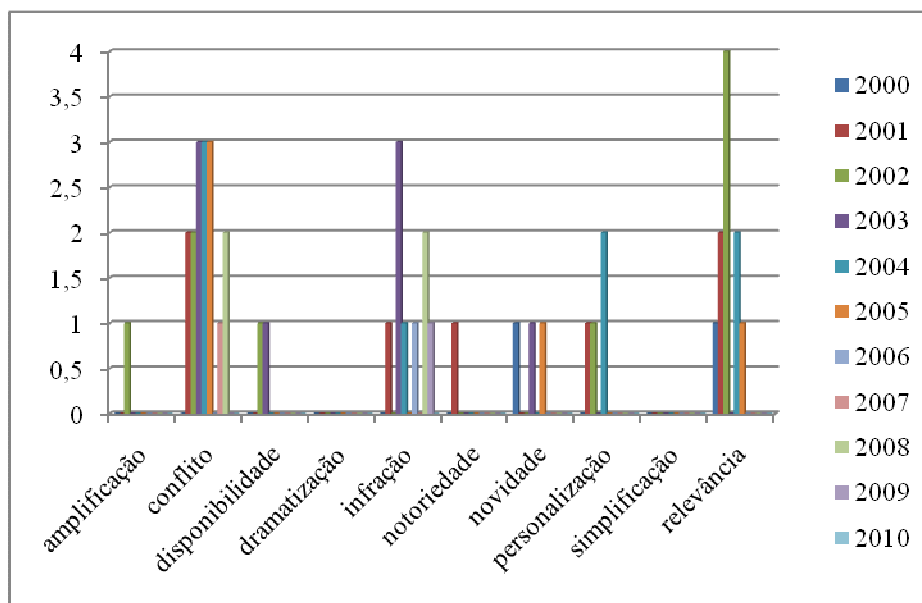


Figura 15 – Gráfico de distribuição dos valores-notícia no jornal FSP entre si na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: Na aplicação dos valores-notícia definidos por Traquina (2005), entendemos por amplificação os fatos e acontecimentos que tiveram repercussão antes da publicação da notícia; conflito ou controvérsia, as situações de disputa de ideias ou posições; disponibilidade, a facilidade para cobertura de um fato ou acontecimento; dramatização, quando um fato ou acontecimento é explorado pelo viés emocional; infração, como violação ou transgressão aqui consideradas no espectro racial; notoriedade, quando um fato ou acontecimento estiver vinculado a celebridades, autoridades, intelectuais e especialistas renomadas/os; novidade vincula-se à originalidade e ao ineditismo de tal fato ou acontecimento; personalização, quando são valorizadas as pessoas envolvidas; simplificação, para ocorrências sem ambiguidade ou complexidade; e, relevância, quando os fatos têm impacto sobre o público leitor.

Segundo a representação na Figura 16, os 46 valores-notícia mais recorrentes na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, no período 2000-2010, são: conflito (35%), relevância (22%) e infração (20%).

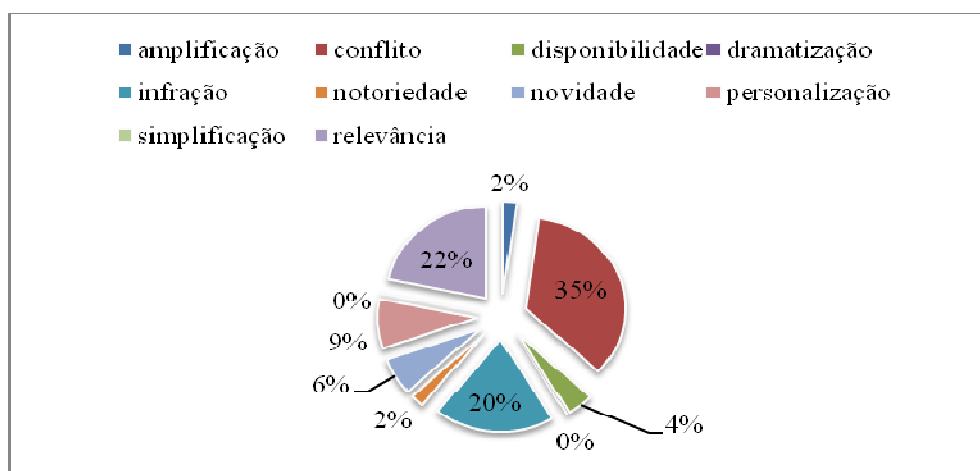


Figura 16 – Gráfico com a concentração média dos valores-notícia no jornal FSP na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: Na aplicação dos valores-notícia definidos por Traquina (2005), entendemos por amplificação os fatos e acontecimentos que tiveram repercussão antes da publicação da notícia; conflito ou controvérsia, as situações de

disputa de ideias ou posições; disponibilidade, a facilidade para cobertura de um fato ou acontecimento; dramatização, quando um fato ou acontecimento é explorado pelo viés emocional; infração, como violação ou transgressão aqui consideradas no espectro racial; notoriedade, quando um fato ou acontecimento estiver vinculado a celebridades, autoridades, intelectuais e especialistas renomadas/os; novidade vincula-se à originalidade e ao ineditismo de tal fato ou acontecimento; personalização, quando são valorizadas as pessoas envolvidas; simplificação, para ocorrências sem ambiguidade ou complexidade; e, relevância, quando os fatos têm impacto sobre o público leitor.

Na Figura 17, os 85 valores-notícia mais frequentes na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura estão ordenados da seguinte forma:

- conflito (1º lugar, com ocorrências nos anos 2000, 2001, 2002, 2004, 2005, 2006, 2008, 2009 e 2010);
- relevância (2º lugar, com registros em 2001, 2002, 2003, 2004, 2007 e 2008 e 2009);
- personalização (3º lugar, presentes nos anos 2000, 2005, 2008, 2009 e 2010).

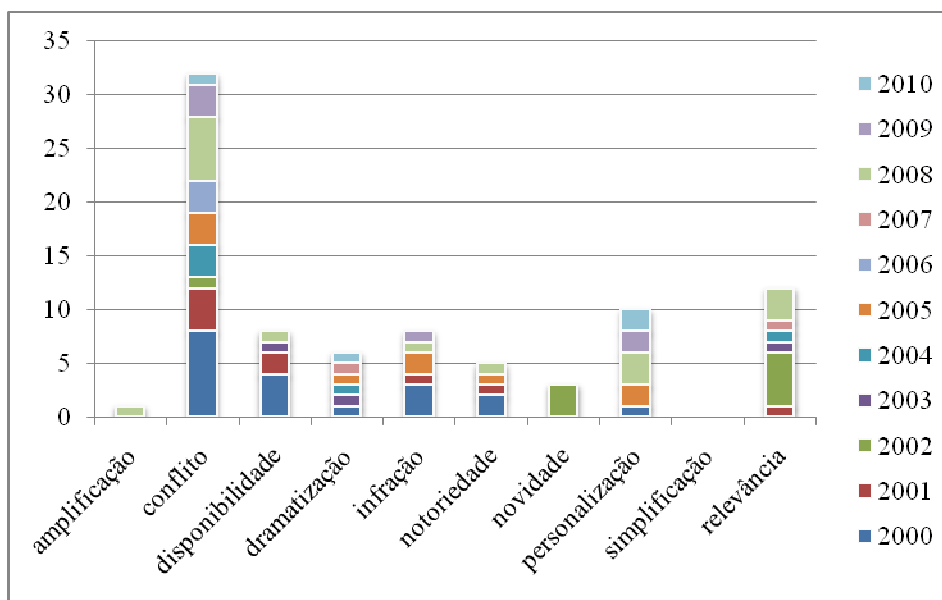


Figura 17 – Gráfico da média dos valores-notícias do jornal FSP na semana artificial Dia da Abolição da Escravatura no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: Na aplicação dos valores-notícia definidos por Traquina (2005), entendemos por amplificação os fatos e acontecimentos que tiveram repercussão antes da publicação da notícia; conflito ou controvérsia, as situações de disputa de ideias ou posições; disponibilidade, a facilidade para cobertura de um fato ou acontecimento; dramatização, quando um fato ou acontecimento é explorado pelo viés emocional; infração, como violação ou transgressão aqui consideradas no espectro racial; notoriedade, quando um fato ou acontecimento estiver vinculado a celebridades, autoridades, intelectuais e especialistas renomadas/os; novidade vincula-se à originalidade e ao ineditismo de tal fato ou acontecimento; personalização, quando são valorizadas as pessoas envolvidas; simplificação, para ocorrências sem ambiguidade ou complexidade; e, relevância, quando os fatos têm impacto sobre o público leitor.

A Figura 18 mostra a distribuição dos valores-notícia entre si ano a ano, conforme a seguinte presença mais recorrente dos 85 valores-notícia: conflito (2000, 2008 e 2001),

relevância (2002) e disponibilidade (2000). É conveniente assinalar que essa disposição é a que menos apresentou variação entre as amostras, ou seja, em relação às Figuras 14 e 21.

De acordo com a nossa classificação, foi constatado o valor-notícia conflito em oito das 20 notícias coletadas na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura, sendo grande parte delas vinculadas ao tema segurança pública (*ver Tabela 16*). São elas: “Brasil desiste de ser sede de encontro”, a respeito da desistência do país em receber a 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas; “Descendentes deixaram a cidade”, sobre o êxodo de afrodescendentes do município de Redenção (antes Acarape), primeiro de que se tem notícia de abolir a escravatura; “Polícia do Rio mata mais pretos e pardos, diz pesquisa”, “Levantamento é baseado em registros oficiais”, “PMs enfrentam novo protesto”, “Coronel contesta tese de racismo” e “Resultado é coerente, diz coordenador”, compreendidas como conflito racial na área de segurança pública; e “Imigração é desafio para o país”, em face do conflito étnico-racial gerado em Portugal pela imigração africana.

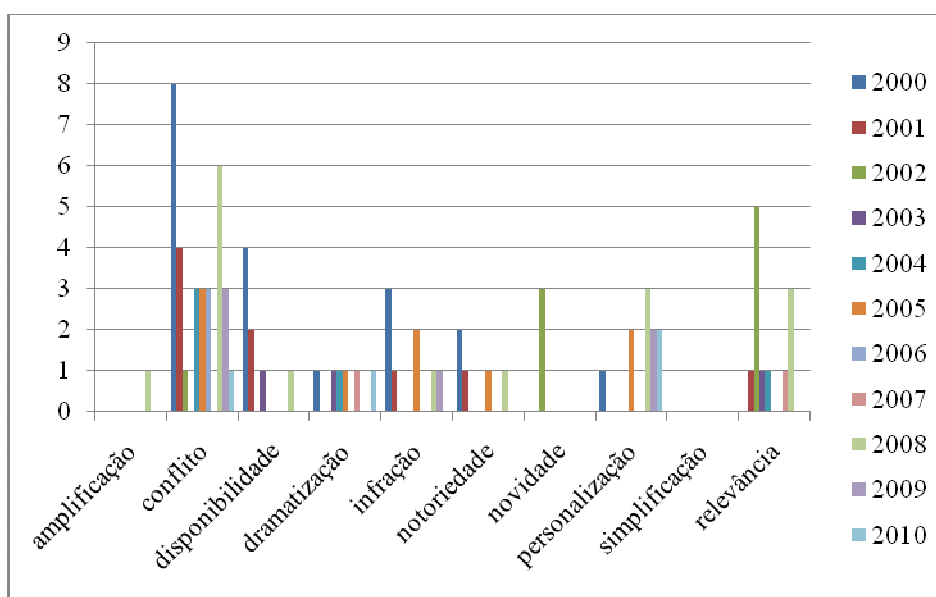


Figura 18 – Gráfico de distribuição dos valores-notícia do jornal FSP entre si na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: Na aplicação dos valores-notícia definidos por Traquina (2005), entendemos por amplificação os fatos e acontecimentos que tiveram repercussão antes da publicação da notícia; conflito ou controvérsia, as situações de disputa de ideias ou posições; disponibilidade, a facilidade para cobertura de um fato ou acontecimento; dramatização, quando um fato ou acontecimento é explorado pelo viés emocional; infração, como violação ou transgressão aqui consideradas no espectro racial; notoriedade, quando um fato ou acontecimento estiver vinculado a celebridades, autoridades, intelectuais e especialistas renomadas/os; novidade vincula-se à originalidade e ao ineditismo de tal fato ou acontecimento; personalização, quando são valorizadas as pessoas envolvidas; simplificação, para ocorrências sem ambiguidade ou complexidade; e, relevância, quando os fatos têm impacto sobre o público leitor.

Conforme a Figura 19, a concentração média dos valores-notícia da segunda amostra no período 2000-2010 fica em conflito (38%), relevância (14%) e personalização (12%).

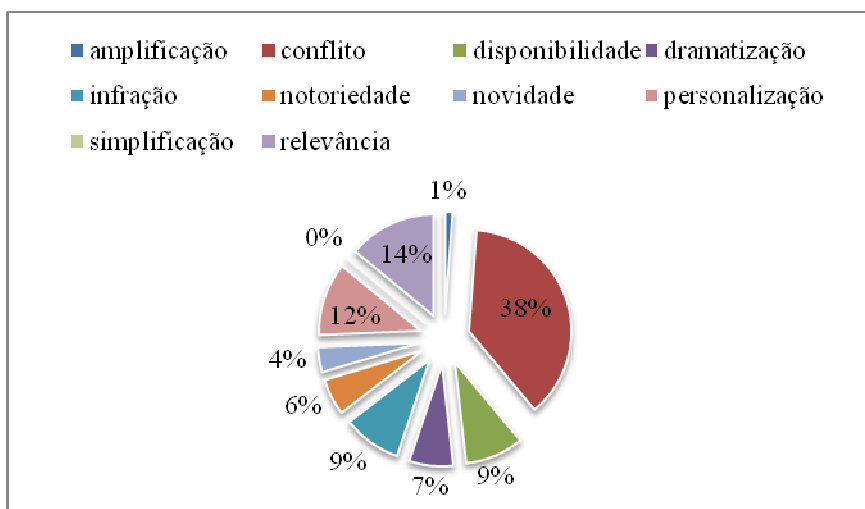


Figura 19 – Gráfico de concentração média dos valores-notícia do jornal FSP na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: Na aplicação dos valores-notícia definidos por Traquina (2005), entendemos por amplificação os fatos e acontecimentos que tiveram repercussão antes da publicação da notícia; conflito ou controvérsia, as situações de disputa de ideias ou posições; disponibilidade, a facilidade para cobertura de um fato ou acontecimento; dramatização, quando um fato ou acontecimento é explorado pelo viés emocional; infração, como violação ou transgressão aqui consideradas no espectro racial; notoriedade, quando um fato ou acontecimento estiver vinculado a celebridades, autoridades, intelectuais e especialistas renomadas/os; novidade vincula-se à originalidade e ao ineditismo de tal fato ou acontecimento; personalização, quando são valorizadas as pessoas envolvidas; simplificação, para ocorrências sem ambiguidade ou complexidade; e, relevância, quando os fatos têm impacto sobre o público leitor.

Em consonância com as Ilustrações 20 e 22, o valor-notícia conflito desponta na primeira posição entre as notícias estudadas na semana artificial Dia da Consciência Negra (nos anos 2000, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008 e 2009), sendo seguido pelo valor-notícia disponibilidade (em 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2006, 2008 e 2009) e relevância (2000, 2001, 2003, 2004, 2006, 2007, 2008 e 2010).

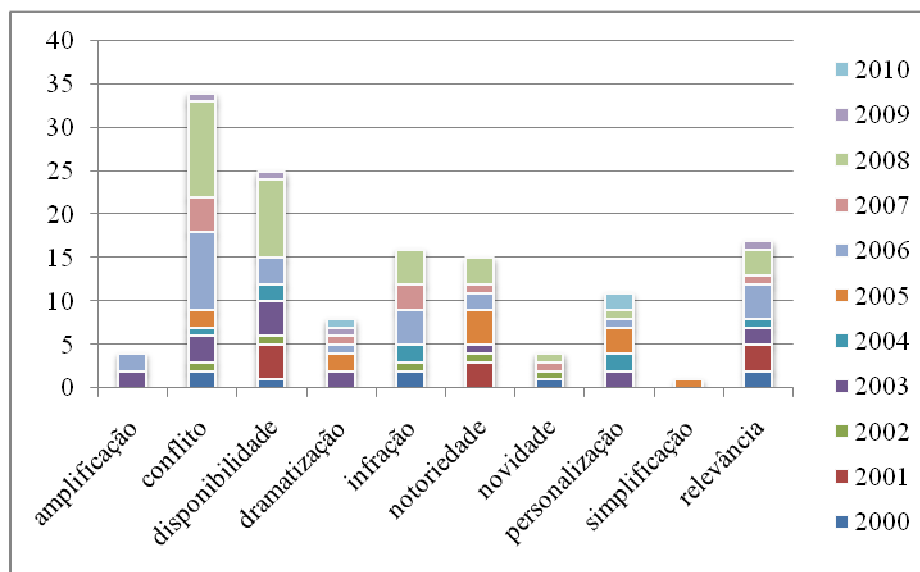


Figura 20 – Gráfico da média dos valores-notícias do jornal FSP na semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: Na aplicação dos valores-notícia definidos por Traquina (2005), entendemos por amplificação os fatos e acontecimentos que tiveram repercussão antes da publicação da notícia; conflito ou controvérsia, as situações de disputa de ideias ou posições; disponibilidade, a facilidade para cobertura de um fato ou acontecimento; dramatização, quando um fato ou acontecimento é explorado pelo viés emocional; infração, como violação ou transgressão aqui consideradas no espectro racial; notoriedade, quando um fato ou acontecimento estiver vinculado a celebridades, autoridades, intelectuais e especialistas renomadas/os; novidade vincula-se à originalidade e ao ineditismo de tal fato ou acontecimento; personalização, quando são valorizadas as pessoas envolvidas; simplificação, para ocorrências sem ambiguidade ou complexidade; e, relevância, quando os fatos têm impacto sobre o público leitor.

Entre a maior recorrência dos 135 valores-notícia nesta semana artificial, constatou-se a ordenação na Figura 20 de:

- conflito (1º lugar, 2008);
- disponibilidade (2º lugar, 2008);
- infração (3º lugar, 2006 e 2008);
- notoriedade (3º lugar, 2005);
- conflito (3º lugar, 2007);
- disponibilidade (3º lugar, 2001 e 2002);
- relevância (3º lugar, 2006).

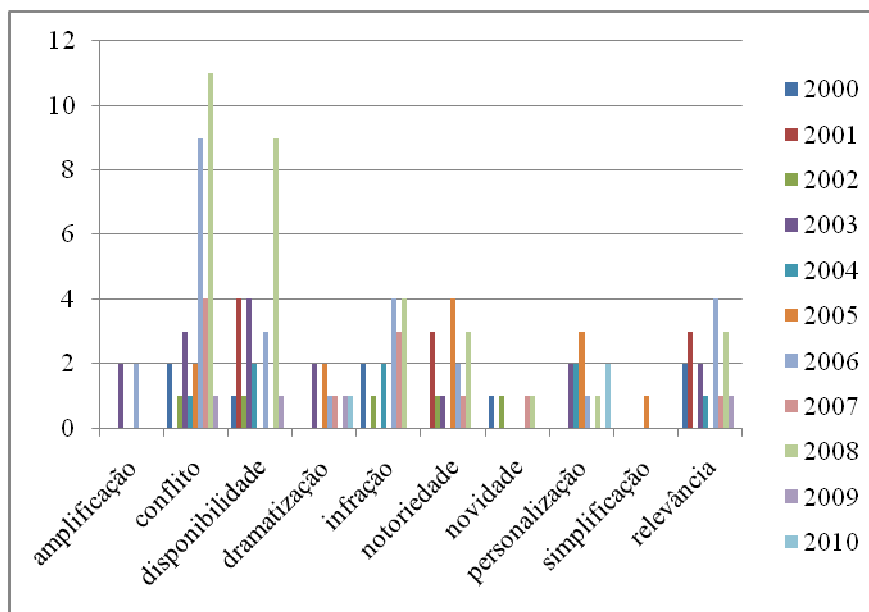


Figura 21 – Gráfico de distribuição dos valores-notícia entre si no jornal FSP na semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: Na aplicação dos valores-notícia definidos por Traquina (2005), entendemos por amplificação os fatos e acontecimentos que tiveram repercussão antes da publicação da notícia; conflito ou controvérsia, as situações de disputa de ideias ou posições; disponibilidade, a facilidade para cobertura de um fato ou acontecimento; dramatização, quando um fato ou acontecimento é explorado pelo viés emocional; infração, como violação ou transgressão aqui consideradas no espectro racial; notoriedade, quando um fato ou acontecimento estiver vinculado a celebridades, autoridades, intelectuais e especialistas renomadas/os; novidade vincula-se à originalidade e ao ineditismo de tal fato ou acontecimento; personalização, quando são valorizadas as pessoas envolvidas; simplificação, para ocorrências sem ambiguidade ou complexidade; e, relevância, quando os fatos têm impacto sobre o público leitor.

De 2000 a 2010, verifica-se a seguinte classificação na concentração média dos valores-notícia: conflito (25%), disponibilidade (18%) e relevância (13%).

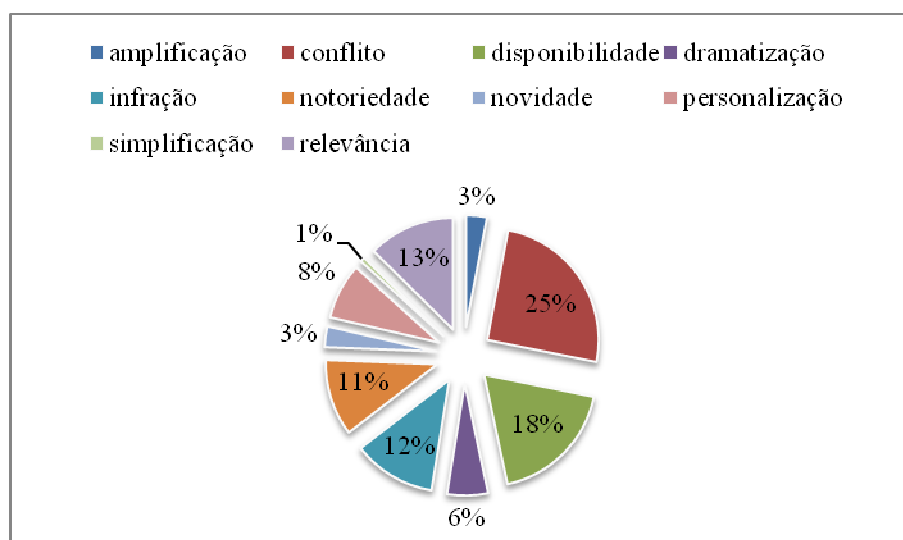


Figura 22 – Gráfico de concentração média dos valores-notícia no jornal FSP na semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: Na aplicação dos valores-notícia definidos por Traquina (2005), entendemos por amplificação os fatos e acontecimentos que tiveram repercussão antes da publicação da notícia; conflito ou controvérsia, as situações de disputa de ideias ou posições; disponibilidade, a facilidade para cobertura de um fato ou acontecimento; dramatização, quando um fato ou acontecimento é explorado pelo viés emocional; infração, como violação ou transgressão aqui consideradas no espectro racial; notoriedade, quando um fato ou acontecimento estiver vinculado a celebridades, autoridades, intelectuais e especialistas renomadas/os; novidade vincula-se à originalidade e ao ineditismo de tal fato ou acontecimento; personalização, quando são valorizadas as pessoas envolvidas; simplificação, para ocorrências sem ambiguidade ou complexidade; e, relevância, quando os fatos têm impacto sobre o público leitor.

1.3. OS CADERNOS E OS SUPLEMENTOS

Com a disposição das notícias e demais gêneros jornalísticos em cadernos e suplementos, a Folha de S. Paulo visa a organizar conteúdos específicos. A categorização das notícias relacionadas à temática racial negra nos cadernos e suplementos da FSP é também relevante, conformando mais um elemento de análise. Segundo o Novo Manual da Redação (FOLHA DE S.PAULO, 1998), os cadernos são definidos como

cada um dos conjuntos de folhas dobradas, com no mínimo quatro páginas, que compõem o jornal. A Folha usa intensivamente o recurso de criar cadernos e subcadernos para atender a interesses específicos de seus leitores, seguindo uma tendência do Jornalismo contemporâneo conhecida como segmentação (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p. 127).

O jornal FSP conceitua suplemento como “caderno temático com periodicidade semanal” (FOLHA DE S.PAULO, 1998:167). No contexto desta pesquisa, os dados foram coletados e, no momento da sua classificação, foram agrupados nos cadernos de origem. Esses se tornaram uma categoria de verificação da procedência destes conteúdos, isto é, notícias publicadas na temática racial negra, demonstrando a concentração desses conteúdos no jornal.

A FSP faz a distinção entre cadernos diários, os quais são publicados todos os dias, e suplementos, para as publicações semanais. As nomenclaturas atualmente vigentes são diferentes daquelas verificadas no período 2000-2010, tendo em vista a última reforma

editorial e gráfica ocorrida em 2010¹⁰², em face das inovações tecnológicas e das necessidades de modernização do jornal¹⁰³. Alguns deles foram preservados na sua nomenclatura original, a exemplo de Cotidiano e Ilustrada; outros foram reformulados, recebendo novo nome e conteúdos, tal como o extinto caderno Dinheiro, depois chamado Mercado, e o extinto caderno Brasil, depois Poder. No marco desta pesquisa, utilizam-se os nomes dos cadernos e dos suplementos à época usados pelo jornal, nos quais as notícias analisadas foram publicadas, ou seja, tal qual eram empregados no período da produção noticiosa.

De 2000 a 2010, constata-se a prevalência das 46 notícias publicadas na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial nos cadernos e suplementos, como exposto na Figura 23:

- Cotidiano: (1ª posição, 2001, 2002, 2003, 2004 e 2006);
- Mundo (2ª posição, 2001, 2002, 2003, 2007 e 2008);
- Ilustrada (3ª posição, 2000, 2001, 2002 e 2005) e
- Esporte (3ª posição, 2001 e 2005).

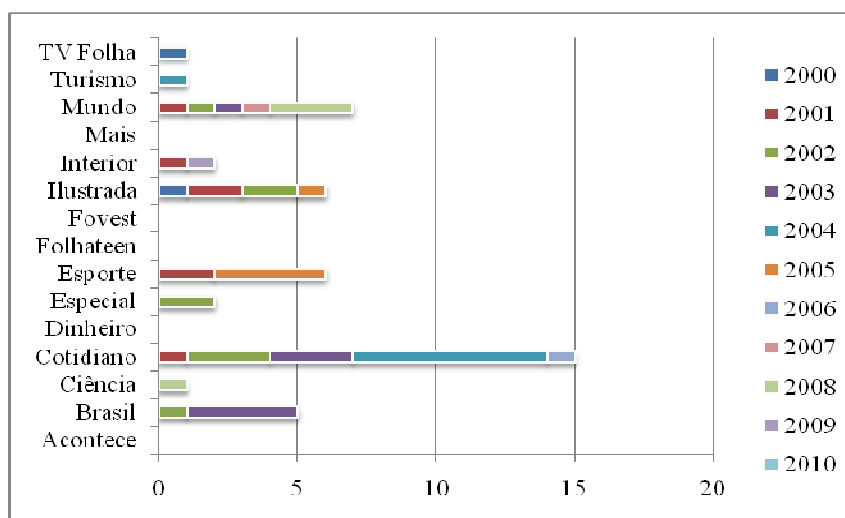


Figura 23 – Gráfico da distribuição das notícias por ano nos cadernos e suplementos da FSP na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

¹⁰² Atualmente, os cadernos são: Poder, Mundo, Mercado, Cotidiano, Saúde, Ciência, Folha Corrida, Esporte e Ilustrada. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/cadernos_diaros.shtml>. Acesso em: 3 mar. 2011. São suplementos: Tec, Equilíbrio, Turismo, Folhinha, Folhateen, Ilustríssima, Veículos, Empregos, Negócios, Imóveis, Fovest, Saber, Por Aí e The New York Times International Weekly. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/suplementos.shtml>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

¹⁰³ A reforma editorial e gráfica foi comunicada pelo próprio jornal em diversas ocasiões, em que eram reafirmados os princípios editoriais do jornal: apartidarismo, espírito crítico e pluralismo, a exemplo da notícia em destaque “Folha integra redações e finaliza reforma”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/719139-folha-integra-redacoes-e-finaliza-reforma.shtml>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

Nota: O suplemento Acontece apresenta conteúdos relacionados à programação cultural; o caderno Brasil concentra conteúdos vinculados à dinâmica política do poder público, institucional e dos movimentos sociais; o caderno Ciência aborda notícias sobre as descobertas e pesquisas científicas; o caderno Cotidiano traz informações úteis sobre educação, direito do consumidor, segurança e notícias sobre as principais capitais do país; o caderno Dinheiro apresenta conteúdos sobre a conjuntura econômica do Brasil e do mundo; o caderno Especial se refere a coberturas diferenciadas do dia-a-dia; o caderno Esporte aborda a prática desportiva como espetáculo e negócio, associado o tema a marketing, legislação e moda; o suplemento Folhateen é dedicado ao universo das/os adolescentes; o suplemento Fovest acompanha os principais vestibulares do país, além do Enem; o caderno Ilustrada reúne conteúdos sobre cultura e entretenimento; o caderno Interior é dedicado aos conteúdos ocorridos no estado de São Paulo e fora da capital; o caderno Mais é dedicado ao aprofundamento de assuntos e temas; o caderno Mundo publica as principais notícias internacionais; o suplemento Turismo traz informações sobre os principais destinos do Brasil e do mundo; e o caderno TV Folha, notícias sobre o meio televisivo.

Quando concentradas unicamente pelos cadernos, as 46 notícias sobre a temática racial negra são aglutinadas desta maneira:

- Cotidiano (33%);
- Mundo (15%);
- Ilustrada (13%)
- Esporte (13%).

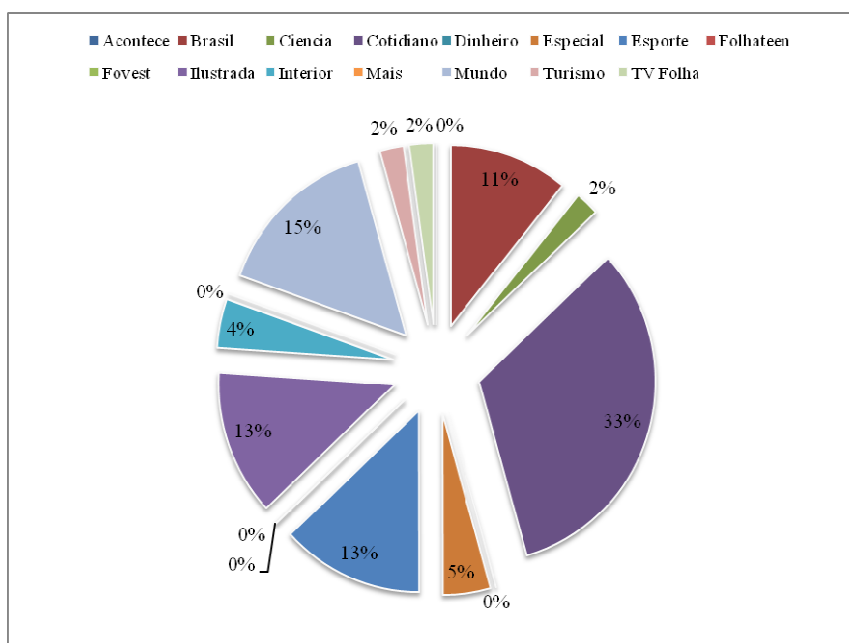


Figura 24 – Gráfico de concentração das notícias nos cadernos e suplementos da FSP na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: O suplemento Acontece apresenta conteúdos relacionados à programação cultural; o caderno Brasil concentra conteúdos vinculados à dinâmica política do poder público, institucional e dos movimentos sociais; o caderno Ciência aborda notícias sobre as descobertas e pesquisas científicas; o caderno Cotidiano traz informações úteis sobre educação, direito do consumidor, segurança e notícias sobre as principais capitais do país; o caderno Dinheiro apresenta conteúdos sobre a conjuntura econômica do Brasil e do mundo; o caderno Especial se refere a coberturas diferenciadas do dia-a-dia; o caderno Esporte aborda a prática desportiva como espetáculo e negócio, associado o tema a marketing, legislação e moda; o suplemento Folhateen é dedicado ao universo das/os adolescentes; o suplemento Fovest acompanha os principais vestibulares do país, além do Enem; o caderno Ilustrada reúne conteúdos sobre cultura e entretenimento; o caderno Interior é dedicado aos conteúdos ocorridos no estado de São Paulo e fora da capital; o caderno Mais é dedicado ao aprofundamento de assuntos e temas; o caderno Mundo publica as principais notícias internacionais; o suplemento Turismo traz informações sobre os principais destinos do Brasil e do mundo; e o caderno TV Folha, notícias sobre o meio televisivo.

temas; o caderno Mundo publica as principais notícias internacionais; o suplemento Turismo traz informações sobre os principais destinos do Brasil e do mundo; e o caderno TV Folha, notícias sobre o meio televisivo.

Segundo a Ilustração 25, durante as semanas artificiais do Dia da Abolição da Escravatura, as 85 notícias concentraram-se mais nos cadernos:

- Cotidiano (nos anos 2000, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2008 e 2010);
- Esporte (em 2000, 2001, 2004, 2005, 2008, 2009 e 2010);
- Ilustrada (2000, 2001, 2004, 2005 e 2006).

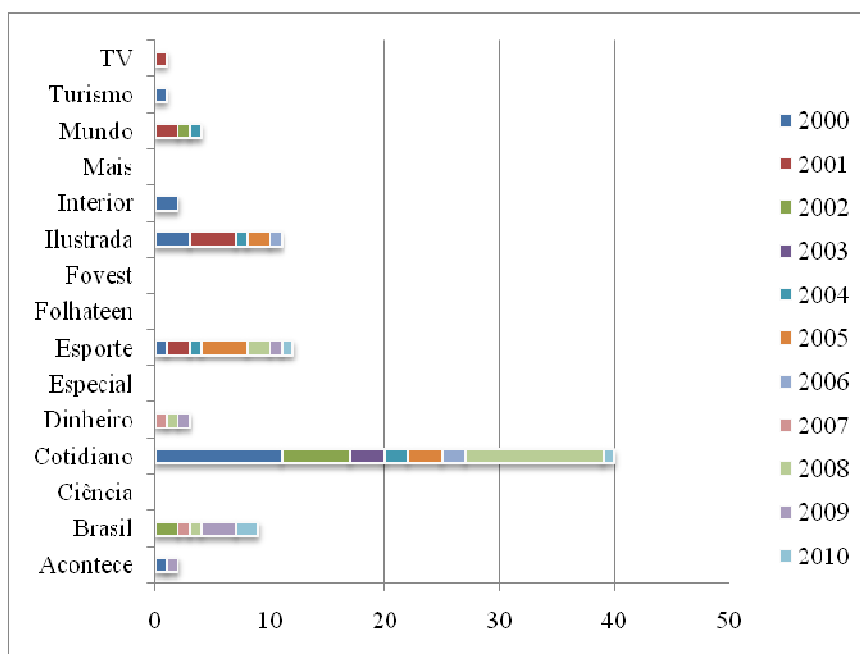


Figura 25 - Distribuição das notícias por ano nos cadernos e suplementos da FSP na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

No período 2000-2010, a Figura 26 demonstra a concentração das 85 notícias nos cadernos Cotidiano (47%), Esporte (14%) e Ilustrada (13%).

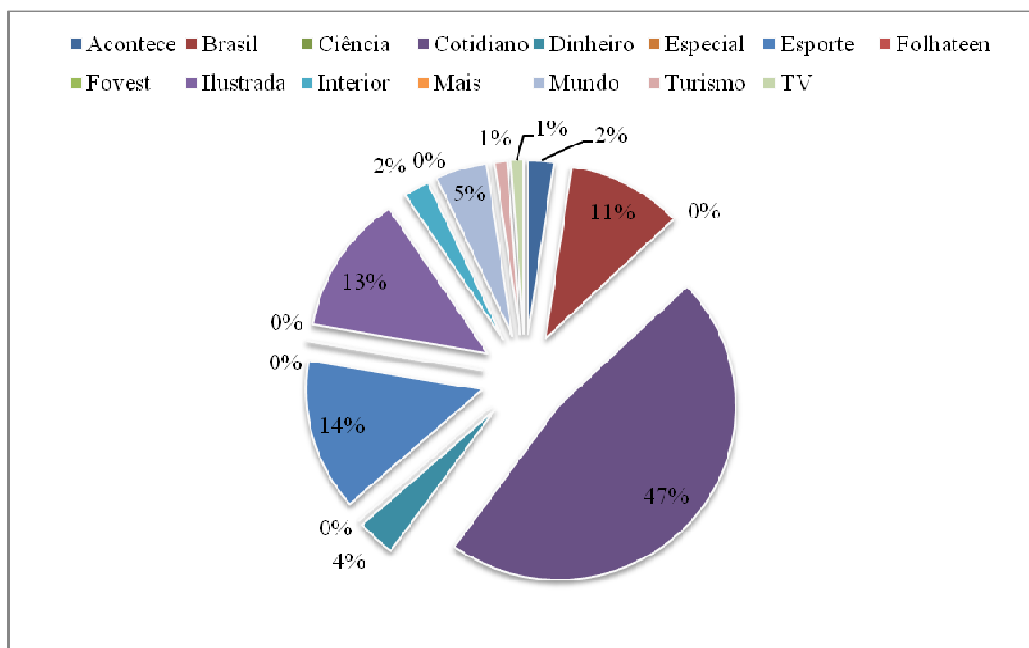


Figura 26 – Gráfico de concentração das notícias nos cadernos e suplementos da FSP na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: O suplemento Acontece apresenta conteúdos relacionados à programação cultural; o caderno Brasil concentra conteúdos vinculados à dinâmica política do poder público, institucional e dos movimentos sociais; o caderno Ciência aborda notícias sobre as descobertas e pesquisas científicas; o caderno Cotidiano traz informações úteis sobre educação, direito do consumidor, segurança e notícias sobre as principais capitais do país; o caderno Dinheiro apresenta conteúdos sobre a conjuntura econômica do Brasil e do mundo; o caderno Especial se refere a coberturas diferenciadas do dia-a-dia; o caderno Esporte aborda a prática desportiva como espetáculo e negócio, associado o tema a marketing, legislação e moda; o suplemento Folhateen é dedicado ao universo das/os adolescentes; o suplemento Fovest acompanha os principais vestibulares do país, além do Enem; o caderno Ilustrada reúne conteúdos sobre cultura e entretenimento; o caderno Interior é dedicado aos conteúdos ocorridos no estado de São Paulo e fora da capital; o caderno Mais é dedicado ao aprofundamento de assuntos e temas; o caderno Mundo publica as principais notícias internacionais; o suplemento Turismo traz informações sobre os principais destinos do Brasil e do mundo; e o caderno TV Folha, notícias sobre o meio televisivo.

Diferentemente das Figuras 23 e 25, na Ilustração 27 as 135 notícias publicadas na semana artificial do Dia da Consciência Negra não estiveram nas primeiras posições no caderno Esporte. Contudo, apresentam-se em terceiro lugar os cadernos Dinheiro (com notícias publicadas nos anos 2000, 2001, 2003, 2005, 2006, 2008 e 2009) e Especial (2008). A segunda posição é ocupada pelo caderno Ilustrada (2000, 2001, 2003, 2005, 2006, 2007, 2009 e 2010); e, a primeira, pelo caderno Cotidiano, este com notícias concentradas durante todos os 11 anos considerados nesta pesquisa.

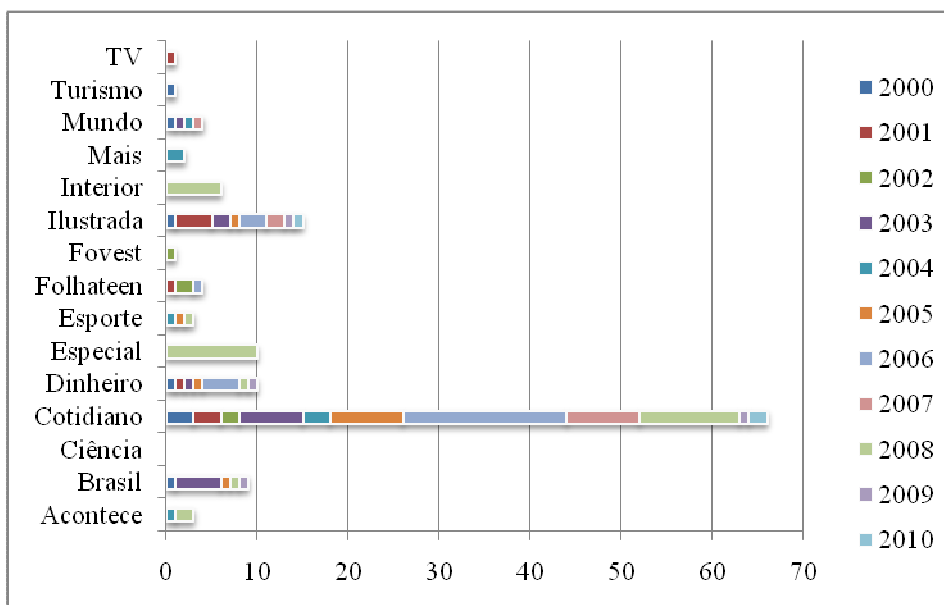


Figura 27 – Gráfico de distribuição das notícias por ano nos cadernos e suplementos da FSP na semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: O suplemento Acontece apresenta conteúdos relacionados à programação cultural; o caderno Brasil concentra conteúdos vinculados à dinâmica política do poder público, institucional e dos movimentos sociais; o caderno Ciência aborda notícias sobre as descobertas e pesquisas científicas; o caderno Cotidiano traz informações úteis sobre educação, direito do consumidor, segurança e notícias sobre as principais capitais do país; o caderno Dinheiro apresenta conteúdos sobre a conjuntura econômica do Brasil e do mundo; o caderno Especial se refere a coberturas diferenciadas do dia-a-dia; o caderno Esporte aborda a prática desportiva como espetáculo e negócio, associado o tema a marketing, legislação e moda; o suplemento Folhateen é dedicado ao universo das/os adolescentes; o suplemento Fovest acompanha os principais vestibulares do país, além do Enem; o caderno Ilustrada reúne conteúdos sobre cultura e entretenimento; o caderno Interior é dedicado aos conteúdos ocorridos no estado de São Paulo e fora da capital; o caderno Mais é dedicado ao aprofundamento de assuntos e temas; o caderno Mundo publica as principais notícias internacionais; o suplemento Turismo traz informações sobre os principais destinos do Brasil e do mundo; e o caderno TV Folha, notícias sobre o meio televisivo.

Polo central das notícias sobre a temática racial, no período 2000-2010, o caderno Cotidiano concentra 49% dos 135 conteúdos, sendo seguido pelos cadernos Ilustrada (11%), Especial (7%) e Dinheiro (7%).

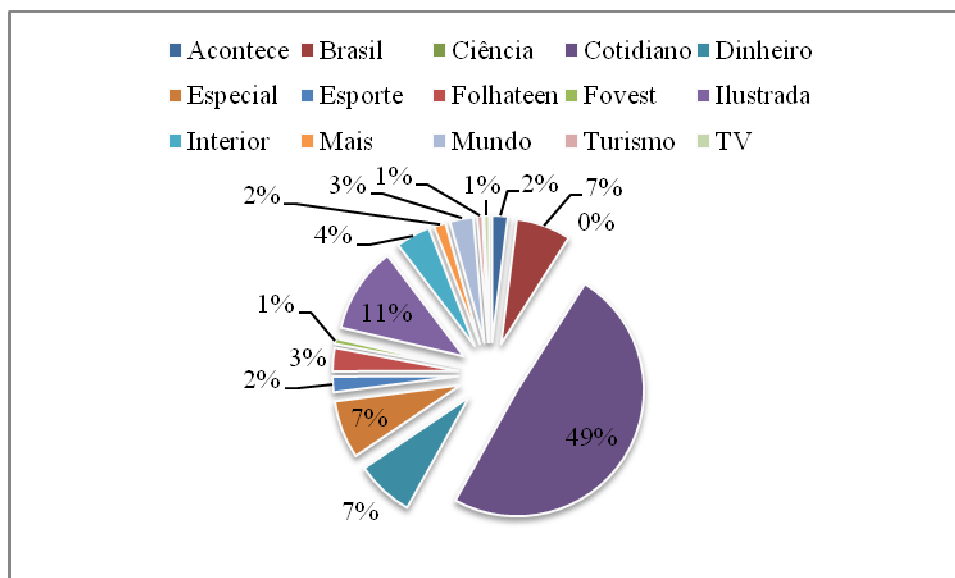


Figura 28 – Gráfico de concentração das notícias nos cadernos e suplementos da FSP na semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: O suplemento Acontece apresenta conteúdos relacionados à programação cultural; o caderno Brasil concentra conteúdos vinculados à dinâmica política do poder público, institucional e dos movimentos sociais; o caderno Ciência aborda notícias sobre as descobertas e pesquisas científicas; o caderno Cotidiano traz informações úteis sobre educação, direito do consumidor, segurança e notícias sobre as principais capitais do país; o caderno Dinheiro apresenta conteúdos sobre a conjuntura econômica do Brasil e do mundo; o caderno Especial se refere a coberturas diferenciadas do dia-a-dia; o caderno Esporte aborda a prática desportiva como espetáculo e negócio, associado o tema a marketing, legislação e moda; o suplemento Folhateen é dedicado ao universo das/os adolescentes; o suplemento Fovest acompanha os principais vestibulares do país, além do Enem; o caderno Ilustrada reúne conteúdos sobre cultura e entretenimento; o caderno Interior é dedicado aos conteúdos ocorridos no estado de São Paulo e fora da capital; o caderno Mais é dedicado ao aprofundamento de assuntos e temas; o caderno Mundo publica as principais notícias internacionais; o suplemento Turismo traz informações sobre os principais destinos do Brasil e do mundo; e o caderno TV Folha, notícias sobre o meio televisivo.

1.4. AS FONTES ENTREVISTADAS

As fontes das entrevistas também compõem outra categoria de análise relevante para as notícias publicadas sobre a temática racial negra na FSP, pois com elas pode ser analisada a pluralidade de vozes, isto é, a diversidade de setores e/ou grupos sociais em cada notícia. É possível verificar ainda o componente de gênero, quando verificada a participação de mulheres e homens nas notícias como fontes entrevistadas.

Segundo o Novo Manual da Redação (FOLHA DE S.PAULO, 1998), as fontes são divididas em três categorias. A fonte “tipo um” é classificada como a mais confiável pelo histórico de confiabilidade, demonstração de interesse de causa e ausência de interesse

imediatamente na divulgação dos dados, o que pode levar o jornal a publicar sem necessidade de checagem com outra fonte. A fonte “tipo dois” não compartilha da mesma confiabilidade que a fonte tipo um, porém tem proximidade com o jornal. Já a fonte “tipo três” é considerada bem informada, mas com interesses políticos, econômicos, etc., que tornam suas informações menos confiáveis; ela pode ter suas informações consideradas como ponto de partida para uma matéria ou usadas como bastidores.

Nesta pesquisa, utilizam-se como fontes entrevistadas as pessoas que tiveram declarações incorporadas nas notícias, isto é, contribuindo diretamente para o texto noticioso. Foram, portanto, não contabilizadas as pessoas e as instituições mencionadas na notícia com expressa colaboração para a notícia, porém, sem depoimento direto.

A média dos dados da primeira amostra, no período 2000-2010, nas 46 notícias relacionadas ao Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, aponta a seguinte distribuição das fontes:

- poder público (1º lugar, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005 e 2006);
- sociedade civil (2º lugar, 2002, 2003, 2004 e 2005);
- acusada/o de prática de crime de racismo (3º lugar, 2003, 2004, 2005, 2006 e 2009);
- especialista (3º lugar, 2000, 2003, 2007 e 2008).

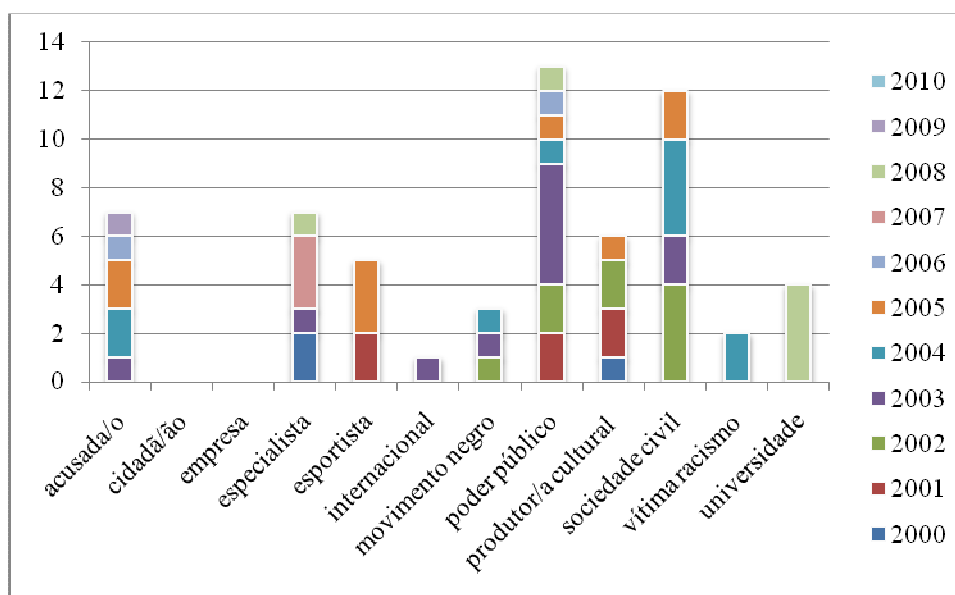


Figura 29 – Gráfico de distribuição das fontes entrevistadas por ano pela FSP na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: São consideradas acusada/o as pessoas que supostamente tiveram praticado crime de racismo ou ato de discriminação racial; por cidadã/ão, as pessoas comuns entrevistadas para repercutir ou posicionar-se diante de determinado fato ou acontecimento; por empresas, instituições privadas com fins lucrativos; por especialistas, aquela/e pesquisador/a dedicada/o à reflexão sobre o fenômeno do racismo e das relações raciais no Brasil; por

esportista, o/a atleta profissional; por internacional, denomina-se a procedência estrangeira da fonte; por movimento negro, designam-se ativistas desta vertente; por poder público, as fontes vinculadas aos três poderes; por produtor/a cultural, nominam-se as pessoas dedicadas às atividades artístico-culturais negras e não negras; por sociedade civil, diferenciam-se os demais movimentos sociais que não o Movimento Negro e o Movimento de Mulheres Negras; por vítima de racismo, as pessoas submetidas a atos racistas e discriminatórios; e, por universidade, os representantes desse setor, por meio do corpo discente e docente.

Quando analisada a proporção de participação das fontes estudadas nas 46 notícias no período 2000-2010 no marco da primeira amostra, eis o ordenamento: 21% para o poder público, 20% para a sociedade civil e 12% para as pessoas que foram acusadas pela prática de crime de racismo e 12% para especialistas.

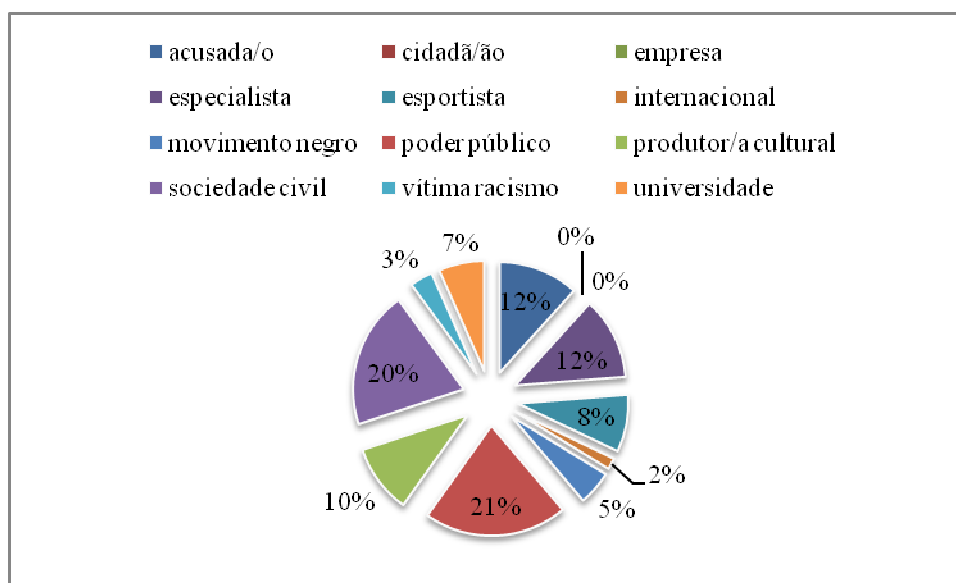


Figura 30 – Gráfico de concentração das fontes entrevistadas pela FSP na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010. Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: São consideradas acusada/o as pessoas que supostamente tiveram praticado crime de racismo ou ato de discriminação racial; por cidadã/ão, as pessoas comuns entrevistadas para repercutir ou posicionar-se diante de determinado fato ou acontecimento; por empresas, instituições privadas com fins lucrativos; por especialistas, aquela/e pesquisador/a dedicada/o à reflexão sobre o fenômeno do racismo e das relações raciais no Brasil; por esportista, o/a atleta profissional; por internacional, denomina-se a procedência estrangeira da fonte; por movimento negro, designam-se ativistas desta vertente; por poder público, as fontes vinculadas aos três poderes; por produtor/a cultural, nominam-se as pessoas dedicadas às atividades artístico-culturais negras e não negras; por sociedade civil, diferenciam-se os demais movimentos sociais que não o Movimento Negro e o Movimento de Mulheres Negras; por vítima de racismo, as pessoas submetidas a atos racistas e discriminatórios; e, por universidade, os representantes desse setor, por meio do corpo discente e docente.

Na aferição das fontes entrevistadas no segundo recorte empírico deste estudo, o poder público mantém-se na primeira posição (2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2008, 2009 e 2010), a exemplo do primeiro recorte desta pesquisa (Figura 29), sendo seguido pela fonte especialista (2º lugar, 2000, 2001, 2002, 2004, 2009 e 2010) e pelo movimento negro (3º lugar, 2000, 2003, 2005, 2006 e 2008).

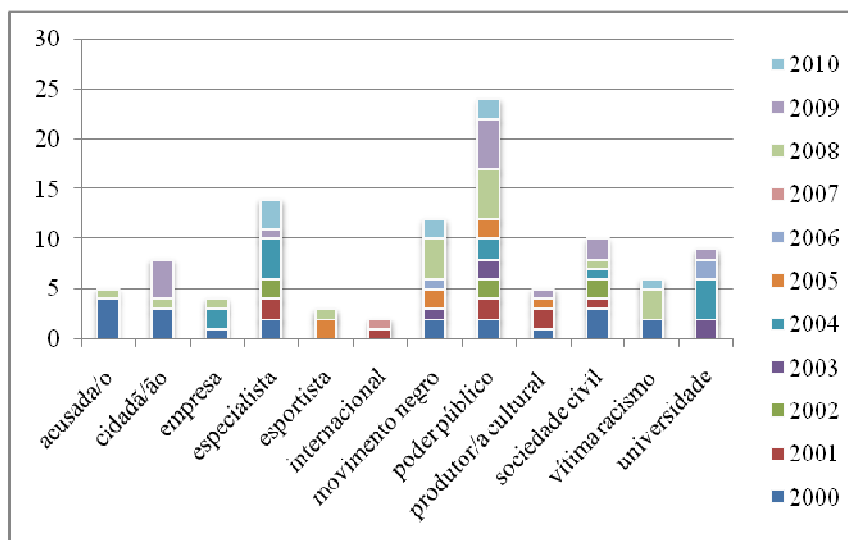


Figura 31 - Gráfico de distribuição das fontes entrevistadas por ano pela FSP na semana artificial do Dia Abolição da Escravatura no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: São consideradas acusada/o as pessoas que supostamente tiveram praticado crime de racismo ou ato de discriminação racial; por cidadã/ão, as pessoas comuns entrevistadas para repercutir ou posicionar-se diante de determinado fato ou acontecimento; por empresas, instituições privadas com fins lucrativos; por especialistas, aquela/e pesquisador/a dedicada/o à reflexão sobre o fenômeno do racismo e das relações raciais no Brasil; por esportista, o/a atleta profissional; por internacional, denomina-se a procedência estrangeira da fonte; por movimento negro, designam-se ativistas desta vertente; por poder público, as fontes vinculadas aos três poderes; por produtor/a cultural, nominam-se as pessoas dedicadas às atividades artístico-culturais negras e não negras; por sociedade civil, diferenciam-se os demais movimentos sociais que não o Movimento Negro e o Movimento de Mulheres Negras; por vítima de racismo, as pessoas submetidas a atos racistas e discriminatórios; e, por universidade, os representantes desse setor, por meio do corpo discente e docente.

Na concentração das fontes entrevistadas na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura, a classificação foi definida por 23% do poder público, 13% de recorrência para a fonte especialista e 12% de constância para o movimento negro, no período 2000-2010.

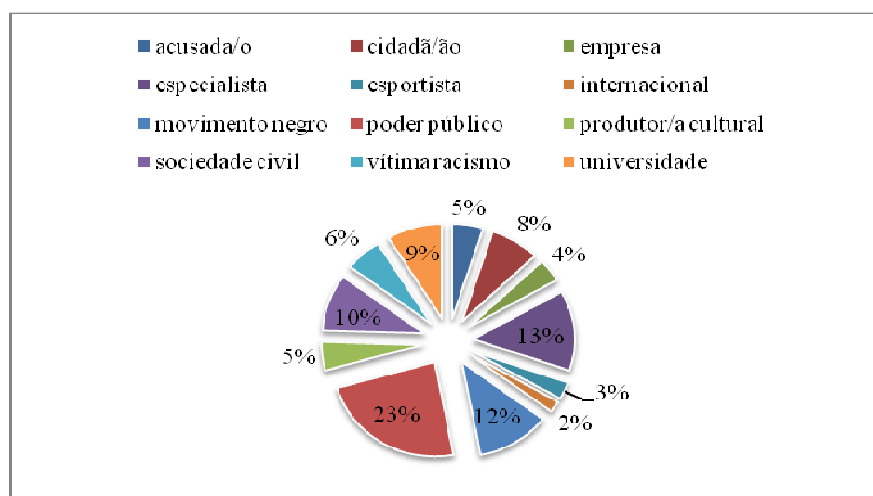


Figura 32 – Gráfico de concentração das fontes entrevistadas pela FSP na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: São consideradas acusada/o as pessoas que supostamente tiveram praticado crime de racismo ou ato de discriminação racial; por cidadã/ão, as pessoas comuns entrevistadas para repercutir ou posicionar-se diante de determinado fato ou acontecimento; por empresas, instituições privadas com fins lucrativos; por especialistas, aquela/e pesquisador/a dedicada/o à reflexão sobre o fenômeno do racismo e das relações raciais no Brasil; por esportista, o/a atleta profissional; por internacional, denomina-se a procedência estrangeira da fonte; por movimento negro, designam-se ativistas desta vertente; por poder público, as fontes vinculadas aos três poderes; por produtor/a cultural, nominam-se as pessoas dedicadas às atividades artístico-culturais negras e não negras; por sociedade civil, diferenciam-se os demais movimentos sociais que não o Movimento Negro e o Movimento de Mulheres Negras; por vítima de racismo, as pessoas submetidas a atos racistas e discriminatórios; e, por universidade, os representantes desse setor, por meio do corpo discente e docente.

A terceira amostra relacionada à semana artificial do Dia da Consciência Negra, detalhada na Figura 33, revela a distribuição das fontes entrevistadas no período 2000-2010. Conforme as 135 notícias analisadas, as fontes estão dispostas da seguinte forma:

- especialista (2000, 2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007 e 2008);
- poder público (2000, 2001, 2002, 2003, 2005, 2006, 2007, 2008 e 2010);
- cidadã/ão (2001, 2002, 2005, 2006, 2007 e 2008).

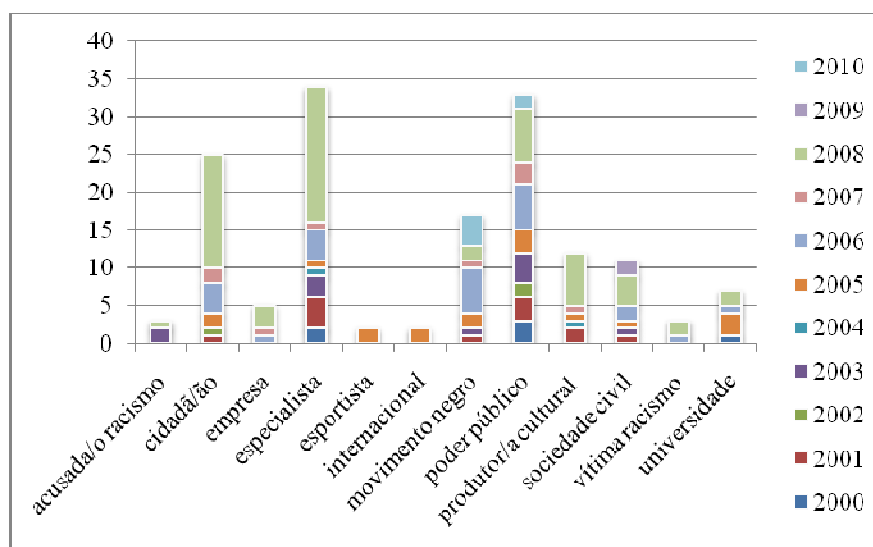


Figura 33 - Gráfico de distribuição das fontes entrevistadas por ano pela FSP na semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nota: São consideradas acusada/o as pessoas que supostamente tiveram praticado crime de racismo ou ato de discriminação racial; por cidadã/ão, as pessoas comuns entrevistadas para repercutir ou posicionar-se diante de determinado fato ou acontecimento; por empresas, instituições privadas com fins lucrativos; por especialistas, aquela/e pesquisador/a dedicada/o à reflexão sobre o fenômeno do racismo e das relações raciais no Brasil; por esportista, o/a atleta profissional; por internacional, denomina-se a procedência estrangeira da fonte; por movimento negro, designam-se ativistas desta vertente; por poder público, as fontes vinculadas aos três poderes; por produtor/a cultural, nominam-se as pessoas dedicadas às atividades artístico-culturais negras e não negras; por sociedade civil, diferenciam-se os demais movimentos sociais que não o Movimento Negro e o Movimento de Mulheres Negras; por vítima de racismo, as pessoas submetidas a atos racistas e discriminatórios; e, por universidade, os representantes desse setor, por meio do corpo discente e docente.

expressa e direta de mulheres e homens nas notícias, como apresentado na definição de fontes entrevistadas no contexto desta investigação. Em algumas ocasiões, é identificada a origem racial das fontes entrevistadas, mas a inconstância nessa menção impossibilitou a tabulação dos dados. O próprio Novo Manual da Redação (FOLHA DE S.PAULO, 1998) da FSP explica que a nomeação das minorias políticas é feita quando considerada informação relevante para a matéria.

A Figura 35 registra a divisão das fontes entrevistadas por sexo, isto é, entre mulheres e homens, a qual, como já se expôs, foi acrescentada para motivar neste estudo uma reflexão acerca das relações de gênero a partir da análise das fontes entrevistadas, aquelas que são importantes para a construção da notícia e também por estabelecer a relação entre a redação e a sociedade. Ao fazer essa formulação, é acrescentada outra relevante discussão neste texto, referente às desigualdades de gênero. Ativista negra e depois ministra da Igualdade Racial, Luiza Bairros (1995) faz considerações importantes acerca do papel das mulheres e dos homens na sociedade brasileira e mundial:

O uso do conceito mulher traz implícito tanto a dimensão do sexo biológico como a construção social de gênero. A reinvenção da categoria mulher frequentemente utiliza os mesmos estereótipos criados pela opressão patriarcal – passiva emocional etc – como forma de lidar com os papéis de gênero. Na prática aceita-se a existência de uma natureza feminina e outra masculina fazendo com que as diferenças entre homens e mulheres sejam percebidas como fatos da natureza” (BAIRROS, 1995:495).

Conforme a filósofa e ativista do Movimento de Mulheres Negras Sueli Carneiro (2003:119), “ao politizar as desigualdades de gênero”, as mulheres são alçadas à posição de sujeitos políticos “a partir do lugar onde estão inseridos” e sob os “diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular”. Por conseguinte, segue-se a análise dos dados sob a perspectiva de gênero.

A Figura 35 espelha a limitada participação das mulheres como fontes entrevistadas na semana artificial Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2004. A partir de 2005, a situação agrava-se, pois reflete a ausência das mulheres como fontes entrevistadas, reduzindo drasticamente as possibilidades de um discurso plural em termos de representatividade de gênero.

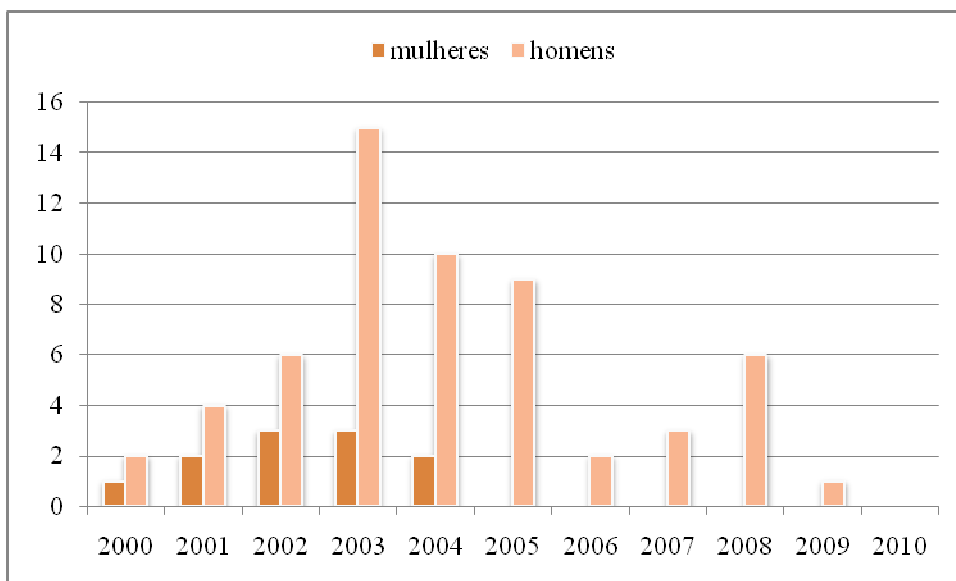


Figura 35 – Gráfico de distribuição da participação das mulheres e dos homens como fontes entrevistadas na FSP durante a semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Na Figura 36, a qual demonstra a concentração média de 69 pessoas como fontes entrevistadas nas notícias selecionadas na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, é perceptível a baixa participação das mulheres entre as fontes entrevistadas, atingindo somente 16% dos espaços desencadeado pelas 46 notícias – percentual mais baixa entre os três recortes da pesquisa (ver Figuras 40 e 44).

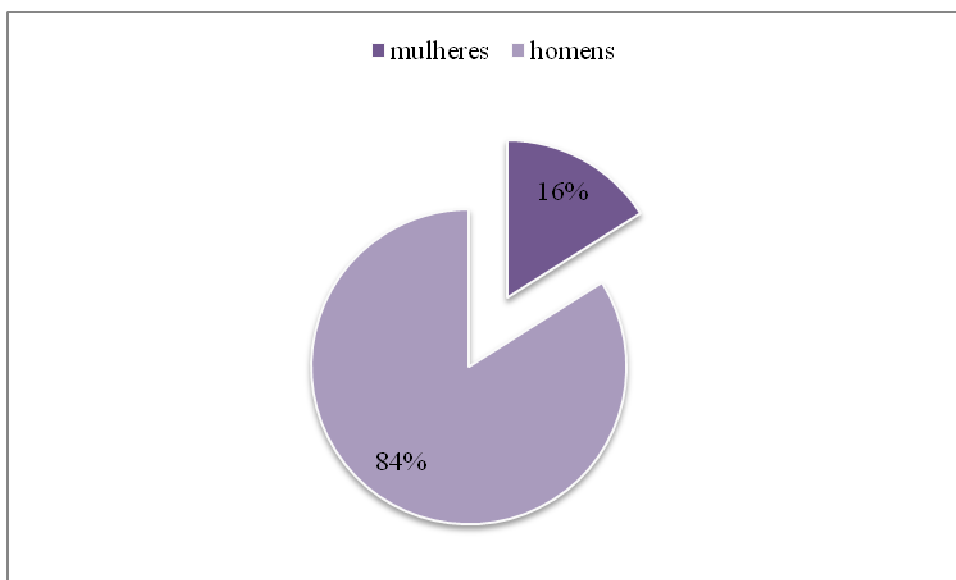


Figura 36 – Gráfico de concentração média da participação das mulheres e dos homens como fontes entrevistadas na FSP durante a semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Considerando as fatias de participação por ano como fontes entrevistadas das notícias sobre a temática racial negra da FSP, o ano de 2002 absorveu 28% da participação feminina, seguido de 2003, com 27% das vozes de mulheres nas matérias, e 2001 e 2004, com 18%.

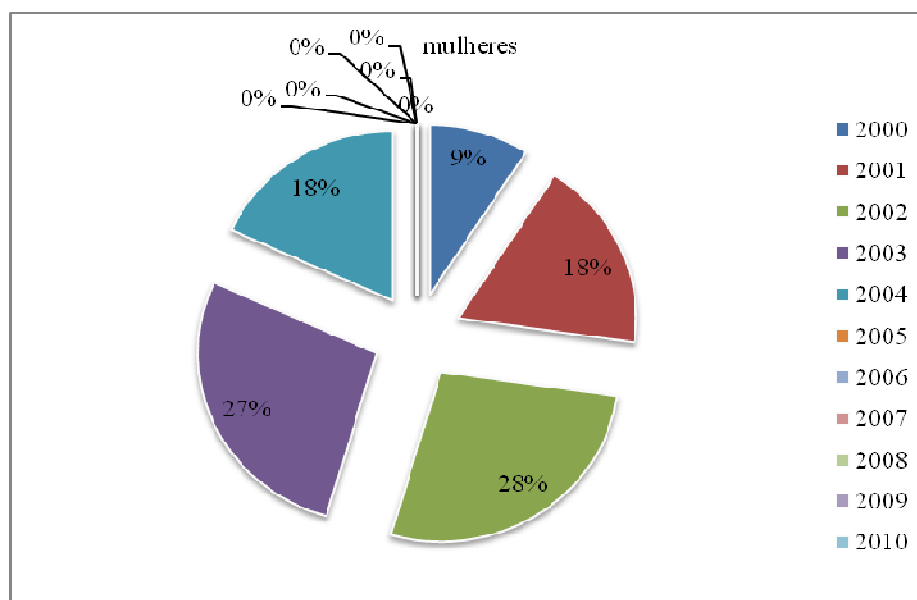


Figura 37 – Gráfico de concentração das mulheres como fontes entrevistadas na FSP por ano durante a semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010. Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

A Figura 38 revela como a voz masculina foi distribuída nas 46 notícias no período 2000-2010, concentrando mais espaço em 2003 (26%), 2004 (17%) e 2005 (26%).

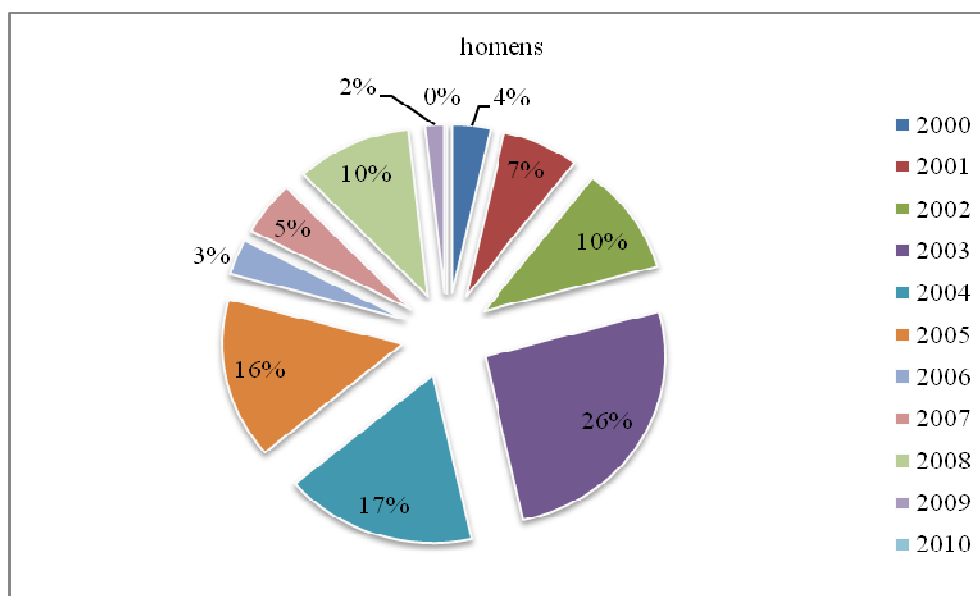


Figura 38 – Gráfico de concentração dos homens como fontes entrevistadas na FSP por ano durante a semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010. Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nas 85 notícias referentes à semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura, a participação das mulheres se mantém limitada na comparação com as fontes entrevistadas masculinas. Conforme o gráfico abaixo, somente nos anos 2003 e 2009 as mulheres

apresentam mais participação que os homens. Em 2007, as mulheres aparecem como fontes únicas nas notícias: “Com 150 mil, missa frustra expectativas”, esta com enfoque disperso da temática racial negra (ver Figura 57), e “Situação de trabalhadoras negras melhorou, diz OIT”. A primeira notícia foi a única que teve fonte entrevistada, comentando a situação das mulheres negras no mercado de trabalho.

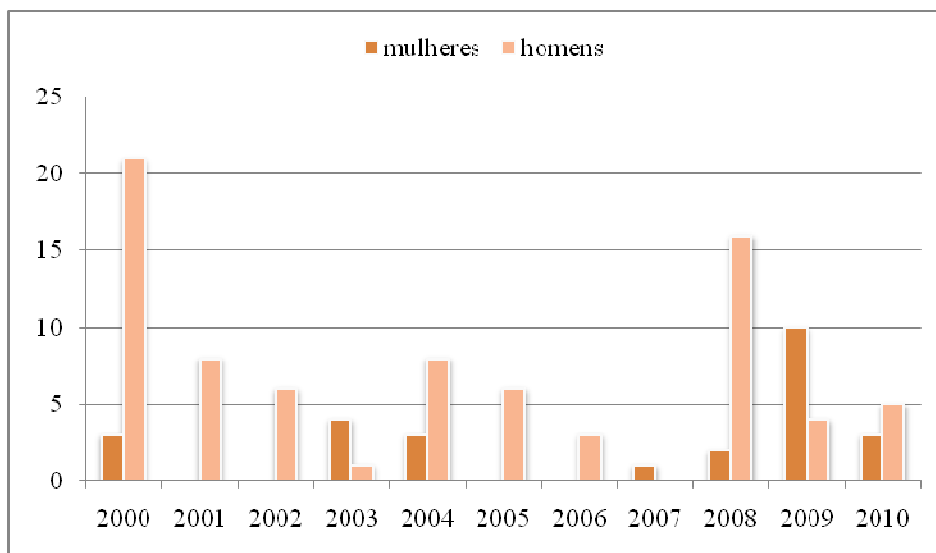


Figura 39 – Gráfico de distribuição da participação das mulheres e dos homens como fontes entrevistadas na FSP durante a semana artificial do Dia Abolição da Escravatura no período 2000-2010. Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Assim como verificado na primeira amostra (ver Figura 36), a média das 85 notícias publicadas na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura também teve predominância masculina, com 75%, três quartos de participação. De 104 pessoas entrevistadas, 78 eram homens e, 26, mulheres.

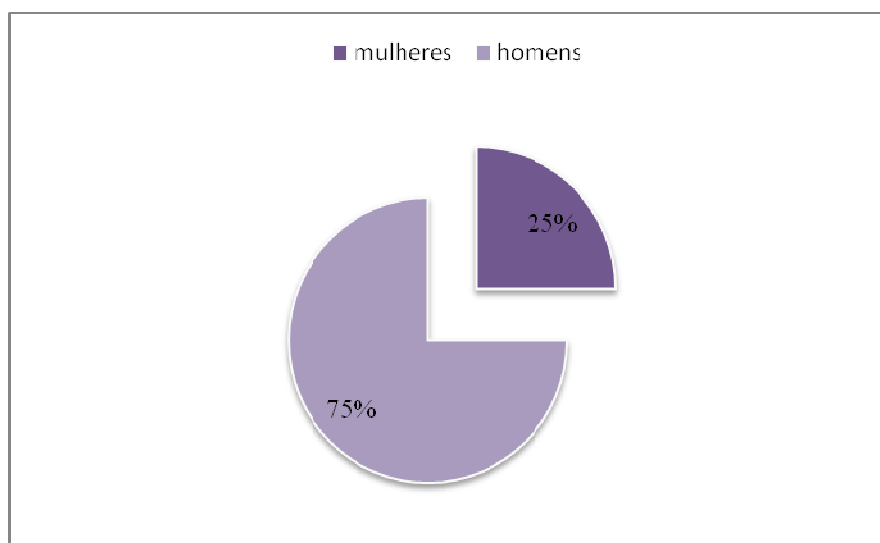


Figura 40– Gráfico de concentração média da participação das mulheres e dos homens como fontes entrevistadas na FSP durante a semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura no período 2000-2010. Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

No gráfico da Figura 41, a maior média de mulheres como fontes entrevistadas foi alcançada em 2009, com 38%, porcentagem que se refere a 10 mulheres alçadas à condição de fontes. Em segundo lugar, 2003 com a participação média de 15%. Os anos de 2004 e 2006 ficaram na terceira posição, cada um deles com 12%.

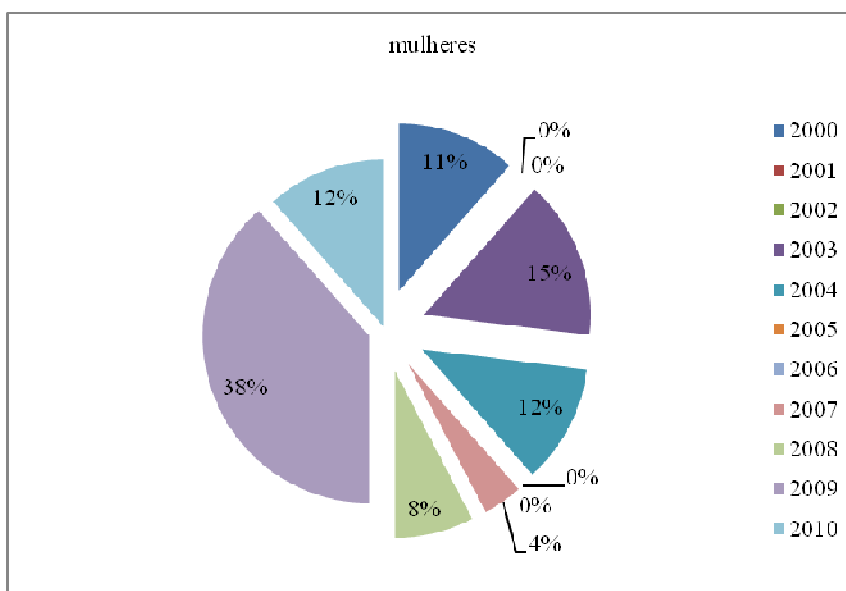


Figura 41– Gráfico de concentração média da participação das mulheres e dos homens como fontes entrevistadas na FSP durante a semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Entre os homens, a participação mais expressiva como fontes entrevistadas é registrada no ano de 2000, quando eles participaram com a fatia de 27%, com 21 homens nas notícias publicadas na semana do Dia da Abolição da Escravatura. Nos anos de 2008, a participação esteve em 21% e, em 2001 e 2004, em 10%, em cada ano.

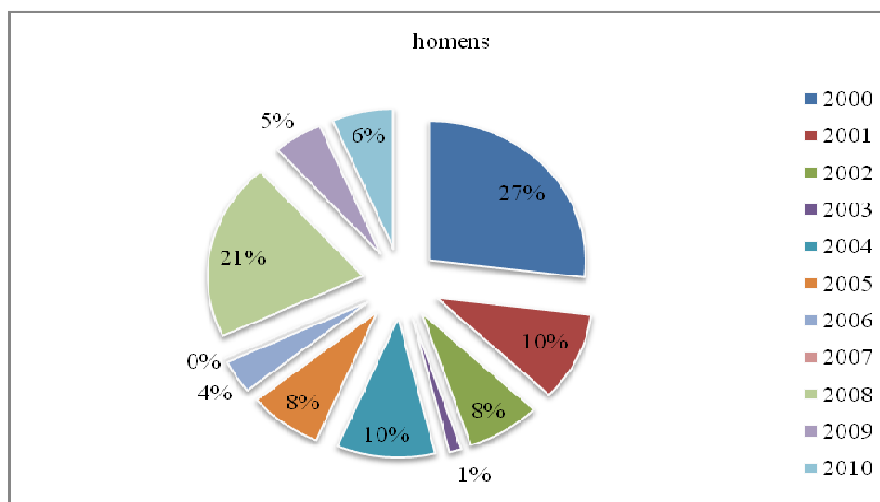


Figura 42 – Gráfico de concentração dos homens como fontes entrevistadas na FSP por ano durante a semana artificial do Dia Abolição da Escravatura no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Na terceira amostra do Dia da Consciência Negra, a participação de mulheres e homens esteve mais equilibrada do que nos demais recortes evidenciados nas Figuras 35 e 39. Contudo, como aponta o gráfico da Figura 43, no ano de 2004 há predominância exclusiva dos homens e, em 2008, uma larga vantagem para a participação deles.

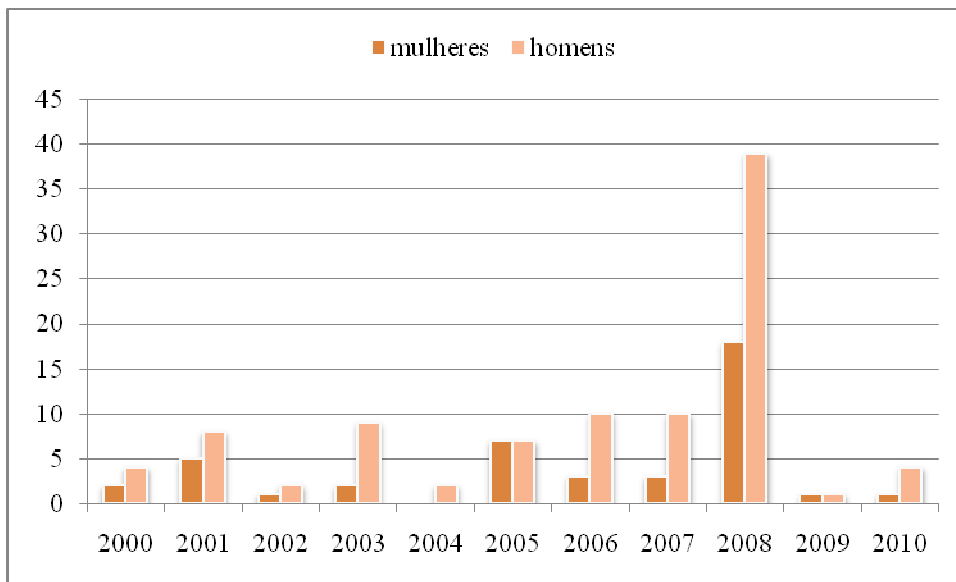


Figura 43 – Gráfico de distribuição da participação das mulheres e dos homens como fontes entrevistadas na FSP durante a semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000-2010. Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Na semana artificial do Dia da Consciência Negra, reduziu-se a distância entre mulheres e homens como fontes entrevistadas no período 2000-2010. Segundo os dados coletados, as notícias tiveram a participação direta de 139 pessoas entre as quais 31% de mulheres e 69% de homens.

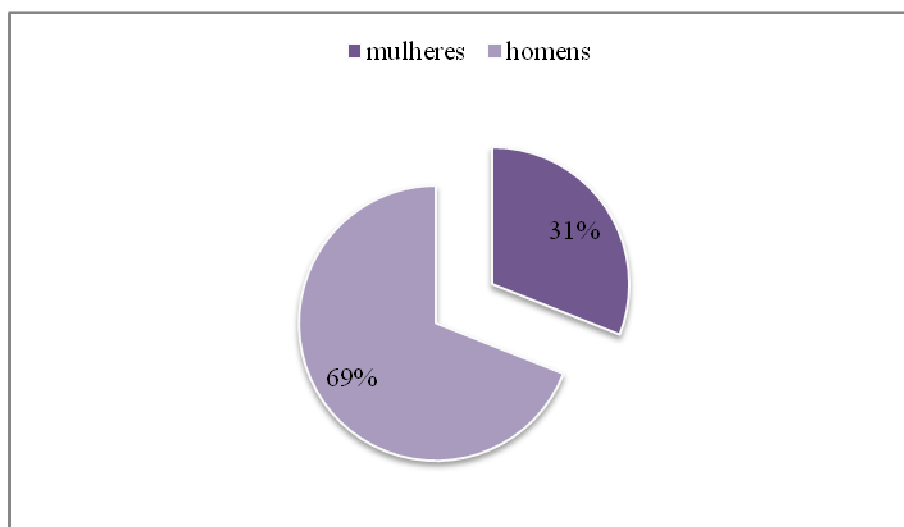


Figura 44– Gráfico de concentração média da participação das mulheres e dos homens como fontes entrevistadas na FSP durante a semana artificial Dia da Abolição da Escravatura no período 2000-2010. Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

De acordo com a Ilustração 45, as 43 mulheres tiveram maior presença em 2008, com 42% das mulheres entrevistadas, o que corresponde a 18 pessoas. Em seguida, os anos 2005 obtiveram uma presença de 16% de fontes entrevistadas femininas e, 2001, de 12%.

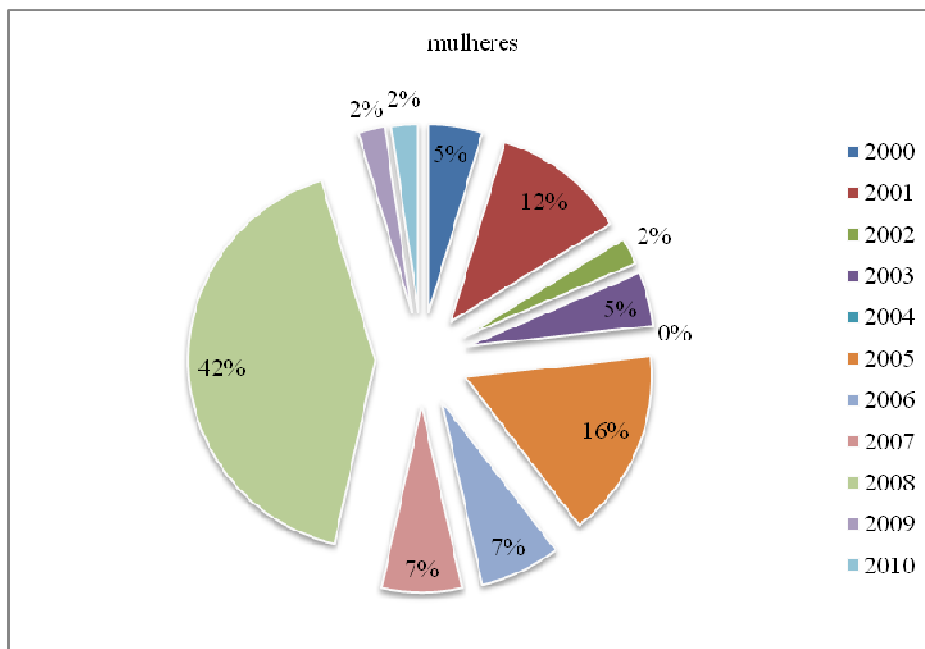


Figura 45 – Gráfico de concentração das mulheres como fontes entrevistadas na FSP por ano durante a semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000-2010.
Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

O ano de 2008 também registrou a maior presença masculina entre as fontes entrevistadas, atingindo 41%, correspondente a 39 homens. Os anos de 2006 e 2007 registram a presença de 11% de homens e, o de 2003, a representação de 9% dos homens.

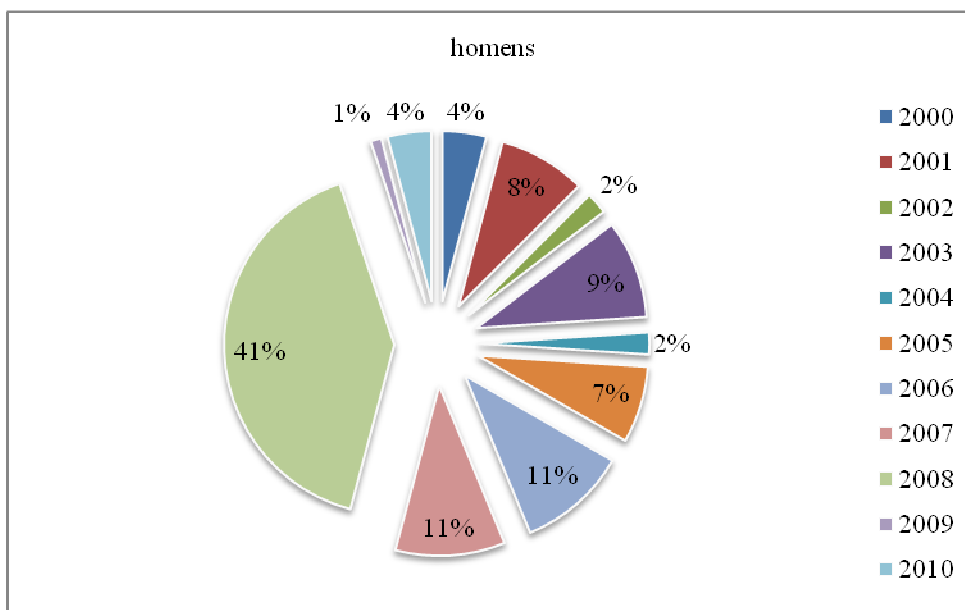


Figura 46 – Gráfico de concentração dos homens como fontes entrevistadas na FSP por ano durante a semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000-2010.
Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

1.6. A PLURALIDADE DAS VOZES

A pluralidade é uma circunstância, na qual convivem diferentes indivíduos por meio do aceite e do reconhecimento da participação de diferentes ideias e formas de pensar para a construção de uma sociedade. Portanto, apresenta-se nesta pesquisa como um elemento de extrema relevância para verificar a participação de setores e/ou grupos sociais no noticiário da FSP referente à temática racial negra.

Incorporado como um valor, o pluralismo é um dos quatro princípios da Folha de S. Paulo, a que se somam o apartidarismo, o Jornalismo crítico e o Jornalismo moderno (FOLHA DE S.PAULO, 1998). Nesta pesquisa, a pluralidade assume sua estatura de relevância para aferir quão plurais ou não as notícias sobre a temática racial negra na FSP se apresentaram ao longo dos primeiros 11 anos, no período 2000-2010, como forma de expor a tendência do jornal com relação a este princípio de fundamental importância para a sociedade brasileira, em razão da sua composição pluriétnica, multirracial e diversificada em termos de composição de gênero, faixas etárias, identidade sexual e crença religiosa.

Para tanto, adotou-se o modelo desenvolvido pelo pesquisador brasileiro Mauro Porto (2001) que, por sua vez adaptou as tipologias criadas por Schlesinger e outros pesquisadores para a análise dos conteúdos televisivos de uma tevê britânica referentes a um programa sobre terrorismo: open-closed (aberto-fechado) e tight-loose (apertado-solto). Segundo Porto (2001), o “fechado” da primeira categoria corresponde a conteúdos com a perspectiva oficial, enquanto o “aberto” se refere a conteúdos que questionem ou contestem outras perspectivas. Em seu estudo, Porto (2001, p.144) considera que *“the open-close dimension is based on whether the program deals with one or more viewpoints”*. O segundo tipo está diretamente relacionado ao formato interno dos programas, no qual o formato “apertado” é marcado pela prevalência de uma interpretação. Por sua vez, o formato “solto” comporta ambiguidades, contradições e questões nem sempre resolvidas, deixando que o telespectador faça a escolha da sua interpretação.

Em sua tese de doutorado, Porto (2001) desenvolve quatro categorias para compreender o papel político da TV e as implicações dos conteúdos do Jornal Nacional, principal telejornal da Rede Globo de Televisão, para a sua audiência, isto é, as cidadãs e os cidadãos. São elas:

1. Restricted: when only one interpretative frame of the political event or issue is presented by the segment;
2. Plural-closed: when more than one interpretive frame of the political event or issue is presented by the segment, but is arranged in a hierarchy so that one is preferred over the other(s) and presented as more valid/true;
3. Plural-open: when more than one interpretive frame of the political event or issue is presented by the segment, but treated within a more indeterminate relation where no interpretation is preferred;
4. Episodic: when no interpretative frames are presented and the segment has a descriptive tone. (PORTO, 2001, p.145).

Essas dimensões formam o modelo de interpretações controversas criado por Porto (2001, p.138) e definido como “*political disputes that are immune to resolution by appeal to the facts and carried out instead primarily through interpretive frames*”. No âmbito da presente pesquisa, adotaram-se as quatro categorias criadas por Mauro Porto – restrita, plural-fechada, plural-aberta e episódica –, para mensurar a pluralidade ou não das vozes existentes nas 266 notícias publicadas pela FSP nas três efemérides destacadas no período 2000-2010, a fim de apurar nas notícias o cumprimento ou não do compromisso do jornal com a pluralidade e a sua relação com a sociedade, à medida que incorpore o amplo espectro de setores estratégicos e grupos entre as fontes entrevistadas numa das principais problemáticas nacionais, isto é, o racismo e as estratégias para a sua superação.

Apesar de registrar uma prevalência de notícias nos anos 2002, 2003 e 2004, inclusive com diferentes participações de vozes, a Figura 47 chama a atenção para a restrição das vozes das fontes entrevistadas na maior parte dos anos que integram a amostra, sendo 27%, em 2001, 18%, em 2002 e 14%, em 2003 e 2004. Salienta-se ainda a restrição absoluta nos anos 2000 e 2009 (ver Tabela 13). Já o ano de 2006 demonstra a preponderância da voz plural-aberta e o ano de 2007 a da voz plural-fechada.

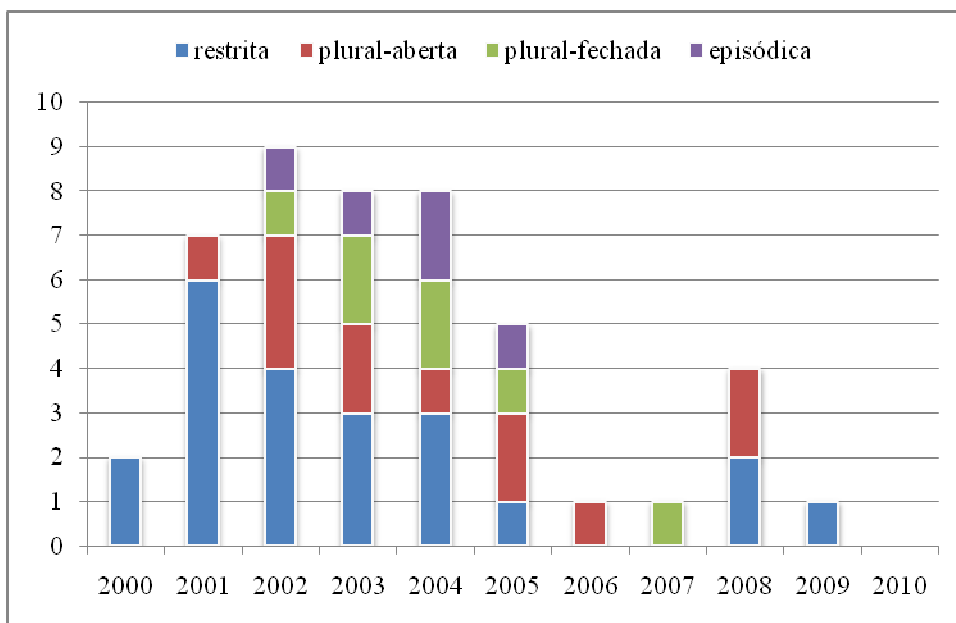


Figura 47 – Gráfico de distribuição por ano da pluralidade de vozes nas notícias publicadas na FSP durante a semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000 – 2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

De acordo com o gráfico da Figura 48, as 46 notícias publicadas na semana artificial referente ao Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial tiveram abordagem restrita em 46% dos conteúdos, plural-aberta em 23% das notícias e episódica em 17% dos conteúdos.

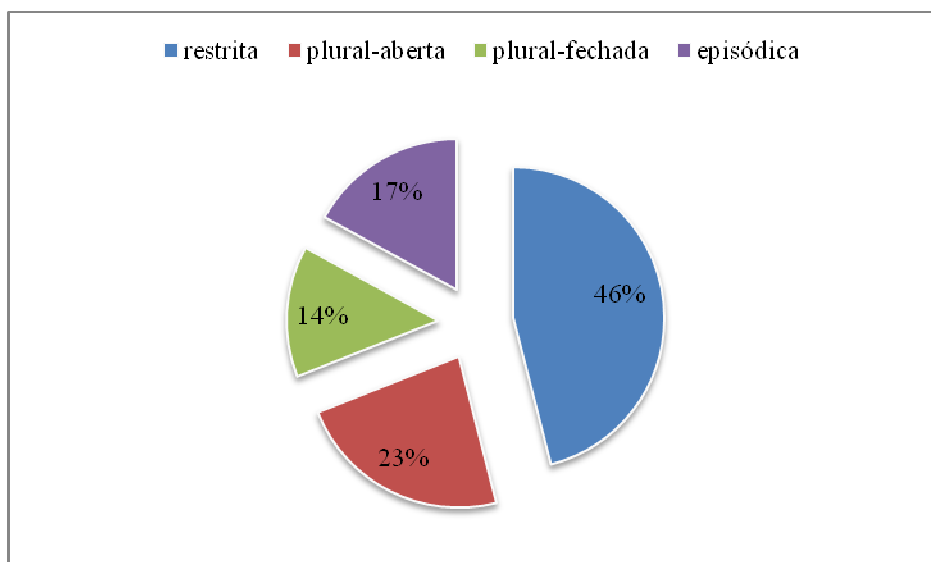


Figura 48 – Gráfico de distribuição média das vozes entrevistadas nas notícias publicadas na FSP durante a semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000 – 2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Na Tabela 13, é apresentada a variação da pluralidade das vozes entrevistadas ano a ano. Neste primeiro recorte, a exposição de tais dados deixa visível que a pluralidade é algo que vai sendo ressignificado a cada momento. Contudo, como revelam as Figuras 47 e 48, a média da cobertura noticiosa é caracterizada pela restrição de vozes participantes do discurso jornalístico das notícias.

Tabela 13

Distribuição da pluralidade de vozes (%) entre si durante a semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial
2000-2010

ano	restrita	plural-aberta	plural-fechada	episódica
2000	100%	0%	0%	0%
2001	86%	14%	0%	0%
2002	44%	33%	11%	11%
2003	38%	25%	25%	13%
2004	38%	13%	25%	25%
2005	20%	40%	20%	20%
2006	0%	100%	0%	0%
2007	0%	0%	100%	0%
2008	50%	50%	0%	0%
2009	100%	0%	0%	0%
2010	0%	0%	0%	0%

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Entre as 85 notícias levantadas no segundo recorte do período 2000-2010, a concentração de vozes é mais evidente nos anos de 2000 (1º lugar), 2008 (2º lugar) e 2001, 2002 e 2005 (3º lugar). Na concentração das vozes, a restrição se mantém mais elevada no ano 2000 em 35% das notícias, sendo seguida pela abordagem plural-aberta, no ano de 2008, em 28% das notícias, e pela caracterização plural-fechada, em 2004, em 22% das notícias.

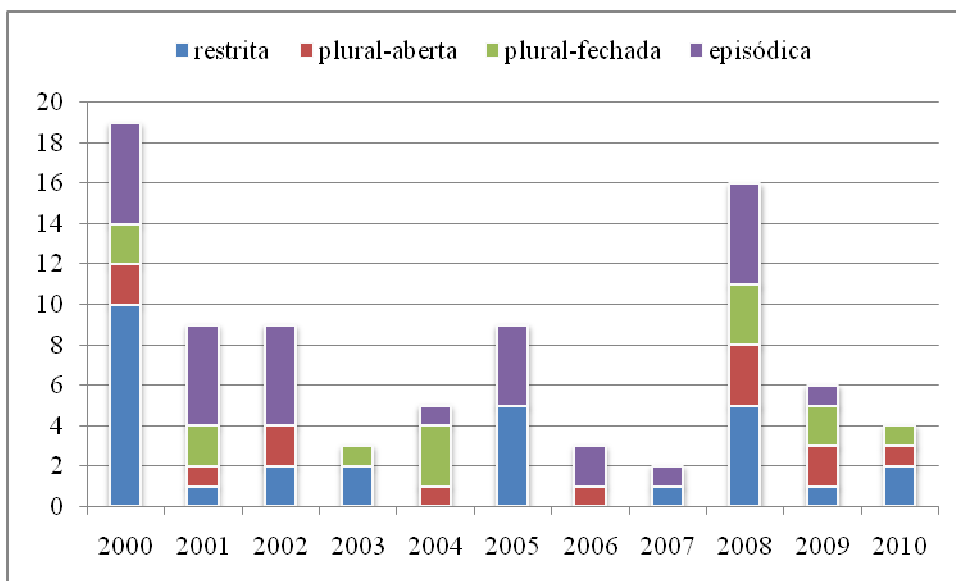


Figura 49 – Gráfico de distribuição por ano da pluralidade de vozes nas notícias publicadas na FSP durante a semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura no período 2000 – 2010. Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Conforme o gráfico, a média do período mostra-se mais equilibrada em relação a verificada na Figura 48 do primeiro recorte. Das 85 notícias, 34% tiveram vozes restritas e 34% episódicas. Entretanto, vale advertir para a inexistência da voz plural-aberta nos anos 2003, 2005 e 2007 (ver Figura 49), uma vez que esta representa a maior participação de pontos de vista diferentes associando-se ao princípio do pluralismo, defendido pelo jornal desde 1981.

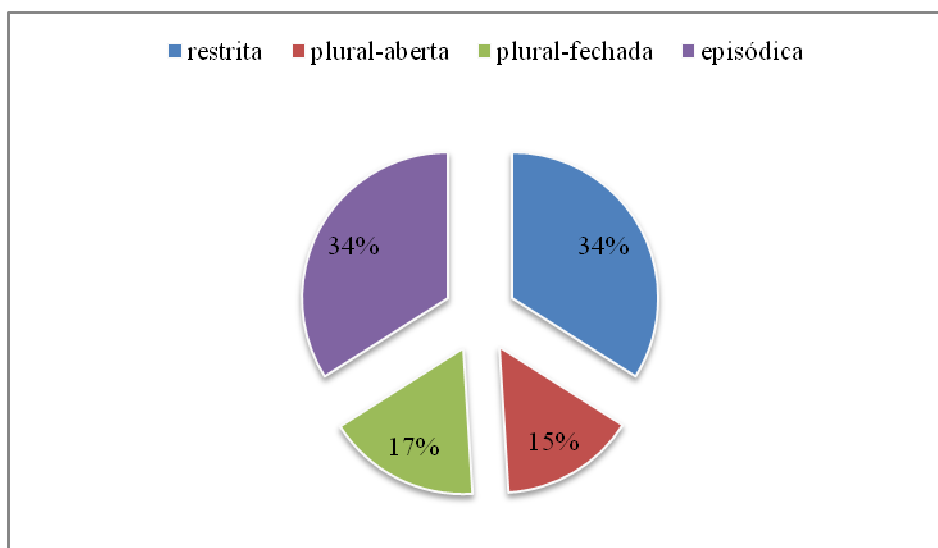


Figura 50 – Gráfico de distribuição média das vozes entrevistadas nas notícias publicadas na FSP durante a semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura no período 2000 – 2010. Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Os dados reunidos na Tabela 14 também demonstram uma variação mais acentuada entre as categorias. Diferente da Tabela 13 do primeiro recorte da pesquisa, nenhuma das categorias absorveu a totalidade das vozes.

Tabela 14

Distribuição da pluralidade de vozes (%) entre si durante a semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura 2000-2010

ano	restrita	plural-aberta	plural-fechada	episódica
2000	53%	11%	11%	26%
2001	11%	11%	22%	56%
2002	22%	22%	0%	56%
2003	67%	0%	33%	0%
2004	0%	20%	60%	20%
2005	56%	0%	0%	44%
2006	0%	33%	0%	67%
2007	50%	0%	0%	50%
2008	31%	19%	19%	31%
2009	17%	33%	33%	17%
2010	50%	25%	25%	0%

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Das 135 notícias que compõem a terceira amostra, a maior parte delas está distribuída nos anos 2008, 2006 e 2003, segundo as vozes preponderantes na produção das matérias. Apesar da caracterização da data intrinsecamente relacionada ao diálogo e à troca de ideias a partir da conscientização da importância dos afro-brasileiros para País e a sua busca pelos direitos de cidadania, a efeméride apresenta-se surpreendentemente com um debate mais limitado, em razão da ausência da voz plural-aberta em cinco dos 11 anos do recorte temporal desta investigação. Está, pois, ausente em 2003, 2004, 2007, 2009 e 2010, como registrado na Figura 51.

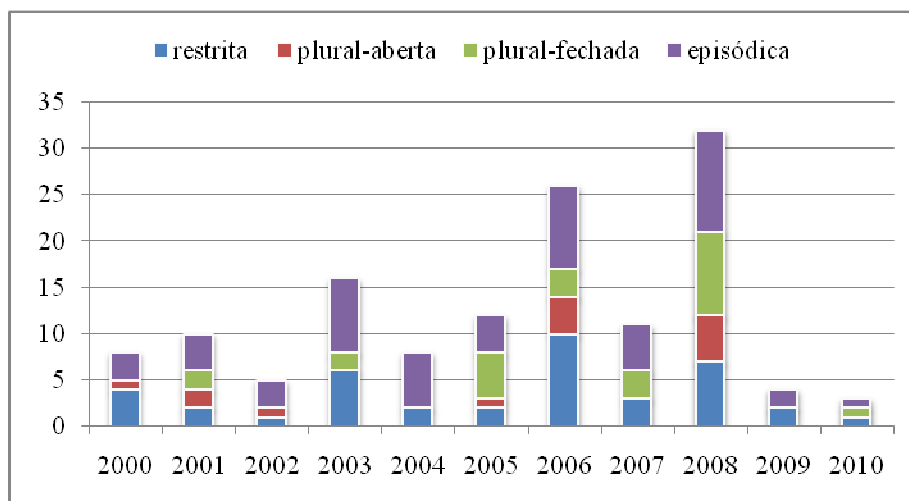


Figura 51 – Gráfico de distribuição por ano da pluralidade de vozes nas notícias publicadas na FSP durante a semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000 – 2010.
 Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

De 2000 a 2010, as 135 notícias publicadas na semana artificial do Dia da Consciência Negra revelam-se episódicas, na abordagem de 42% dos conteúdos, e restritas, em 29% das notícias.

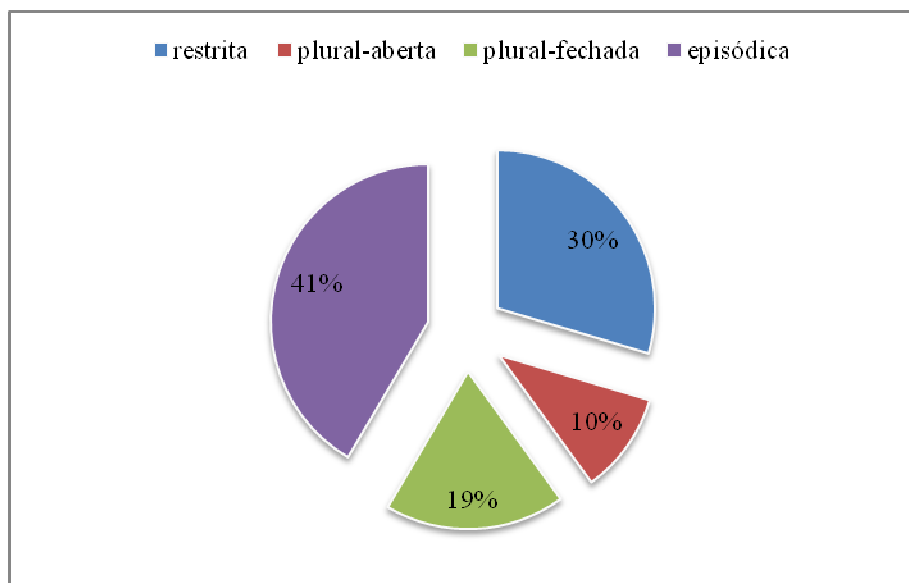


Figura 52 – Gráfico de distribuição média das vozes entrevistadas nas notícias publicadas na FSP durante a semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000 – 2010.
 Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Tabela 15
Distribuição da pluralidade de vozes entre si durante a semana artificial do Dia da
Consciência Negra
2000-2010

ano	restrita	plural-aberta	plural-fechada	episódica
2000	50%	13%	0%	37%
2001	20%	20%	20%	40%
2002	20%	20%	0%	60%
2003	37%	0%	13%	50%
2004	25%	0%	0%	75%
2005	17%	8%	42%	33%
2006	38%	15%	12%	35%
2007	27%	0%	27%	45%
2008	22%	16%	28%	34%
2009	50%	0%	0%	50%
2010	33%	0%	33%	33%

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

1.7. GÊNERO DOS PRODUTORES DAS NOTÍCIAS

Nesta seção, a pesquisa apresenta a presença de mulheres e homens na produção das notícias. Embora em uma parte considerável das notícias não tenha sido possível identificar o gênero do produtor da notícia, isto é, o sexo do jornalista, a presente investigação fez uma análise dos dados baseada nas 266 notícias relacionadas no período 2000-2010 na temática racial. Dentre elas, 142 foram assinadas, ou seja, com possibilidade de identificação do sexo do autor. Foram, portanto, desconsiderados 46,6% dos conteúdos. Apesar da alta taxa de material descartado, este trabalho científico considera relevante a informação para um mapeamento que demonstre a participação de mulheres e homens no processo de produção das notícias.

De acordo com o Novo Manual da Redação (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.123), a assinatura do autor é “uma distinção e depende do mérito específico de cada texto”. A autoria de um texto é orientada por três graus: na altura do texto, com letras maiúsculas por extenso e

antes do texto; no fim do texto por extenso, quando o jornalista assina vários textos na mesma edição ou quando ocorreram alterações significativas sem comunicação ao autor; e no fim do texto com as iniciais do nome, para identificar autoria de texto já assinado ou quando o editor determinar.

No período 2000-2010, as 46 notícias produzidas e publicadas sobre a temática racial negra na FSP tiveram a participação de 6 mulheres e 19 homens, correspondendo à participação de 24% de mulheres e 76% de homens, uma vez descartados 21 conteúdos devido à impossibilidade de classificação do sexo dos produtores das notícias.

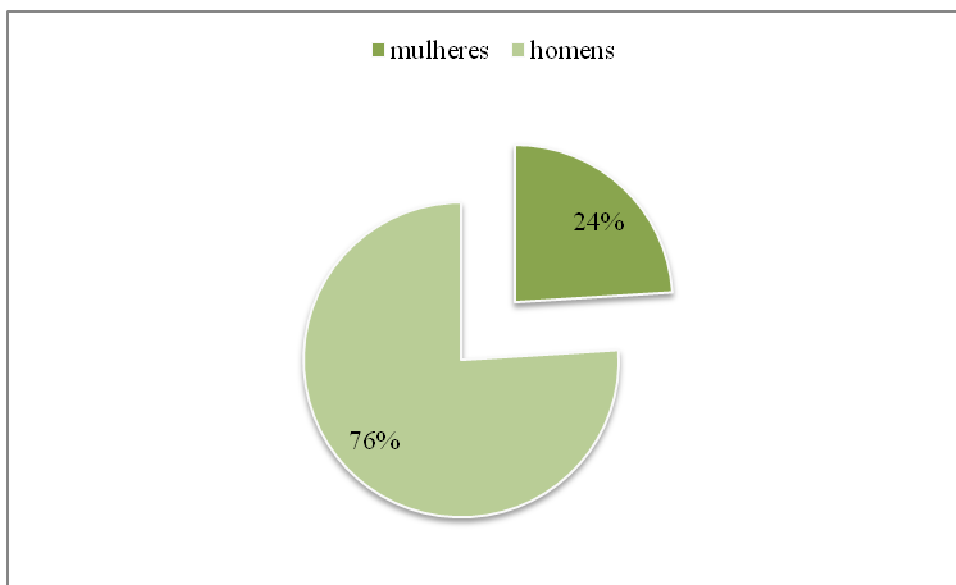


Figura 53 - Participação de mulheres e homens na produção das notícias relacionadas à temática racial negra na FSP durante a semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

De 2000 a 2010, as 85 notícias produzidas no âmbito da temática racial negra esteve mais próxima da paridade de gênero. Embora 39 conteúdos não pudessem ser identificados, 22 foram produzidos por mulheres e 24 por homens, distribuídos em 48% e 52% respectivamente.

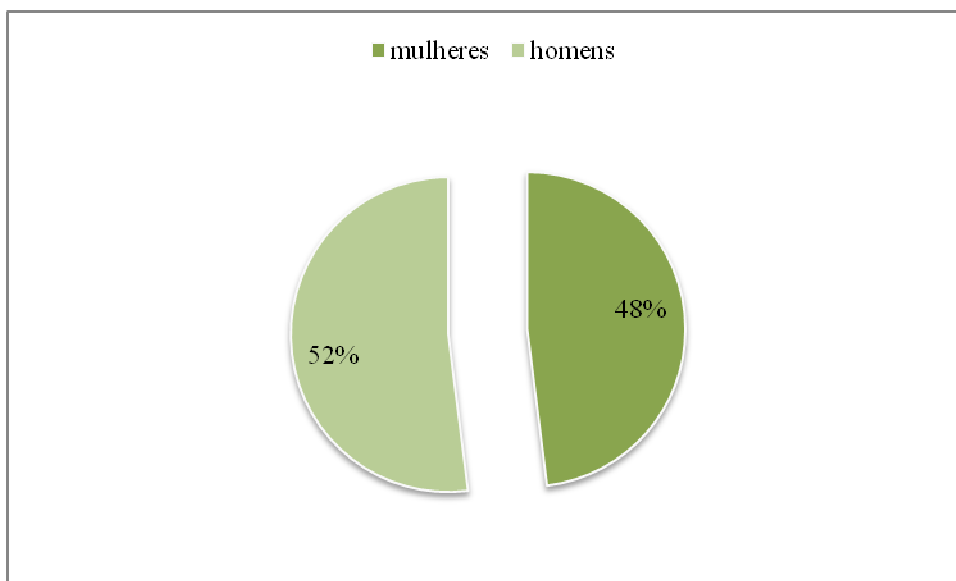


Figura 54 - Participação de mulheres e homens na produção das notícias relacionadas à temática racial negra na FSP durante a semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura no período 2000-2010. Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Com mais presença na comparação entre as três datas que serviram de recorte para a presente investigação, o Dia da Consciência Negra registrou 135 notícias publicadas nos anos 2000 a 2010, sendo 36 fruto do trabalho das mulheres e, 35, dos homens. Na média do período, elas tiveram mais participação na produção das notícias, com 51%. Contudo, a data também apresentou uma grande quantidade de conteúdos sem identificação: 64 notícias.

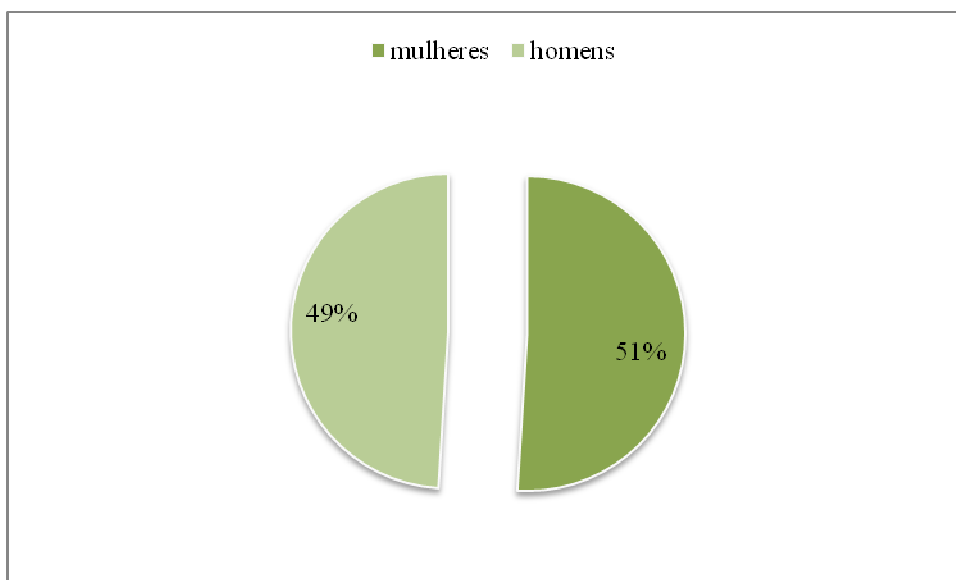


Figura 55 - Participação de mulheres e homens na produção das notícias relacionadas à temática racial negra na FSP durante a semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000-2010. Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

1.8. CENTRALIDADE E DISPERSÃO

Nesta seção, a pesquisa concentra atenção na centralidade e na dispersão da temática racial negra nas notícias publicadas na FSP no período 2000-2010, a fim de observar se a temática foi abordada de forma principal ou periférica. Das 266 notícias analisadas, somente 48 não estiveram relacionadas essencialmente à temática racial, perfazendo um total de 18%. Como exposto Figuras 56, 57 e 58, a variação é reduzida, porém válida de ser registrada e compreendida no âmbito dos demais cruzamentos apresentados.

No recorte do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, a centralidade da temática racial negra foi percebida em 74% das notícias publicadas no período 2000-2010; no Dia da Abolição da Escravatura, em 81% dos conteúdos; e no Dia da Consciência Negra, em 85% das notícias, atingido a maior média entre as três amostras.

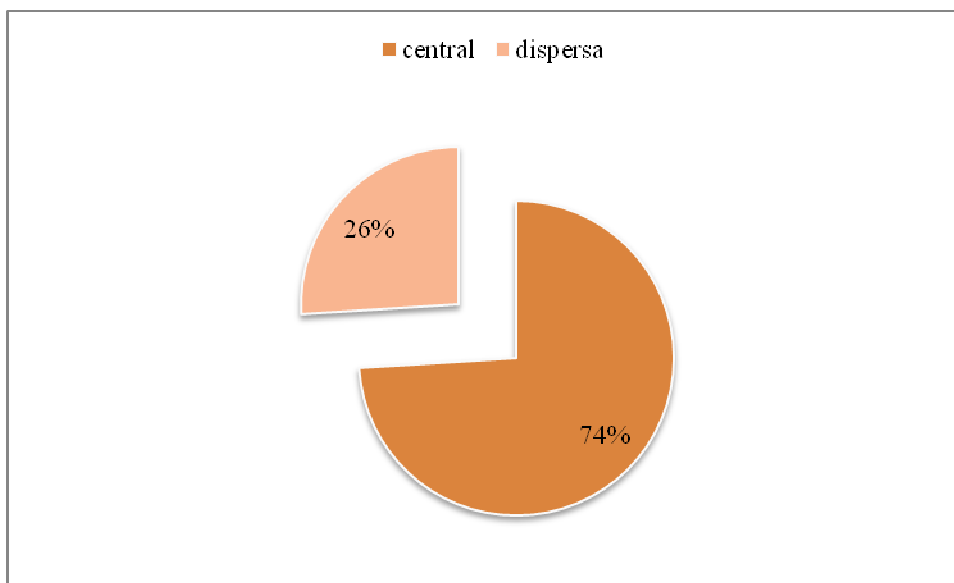


Figura 56 – Gráfico de distribuição da centralidade e da dispersão das notícias sobre a temática racial negra na FSP na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

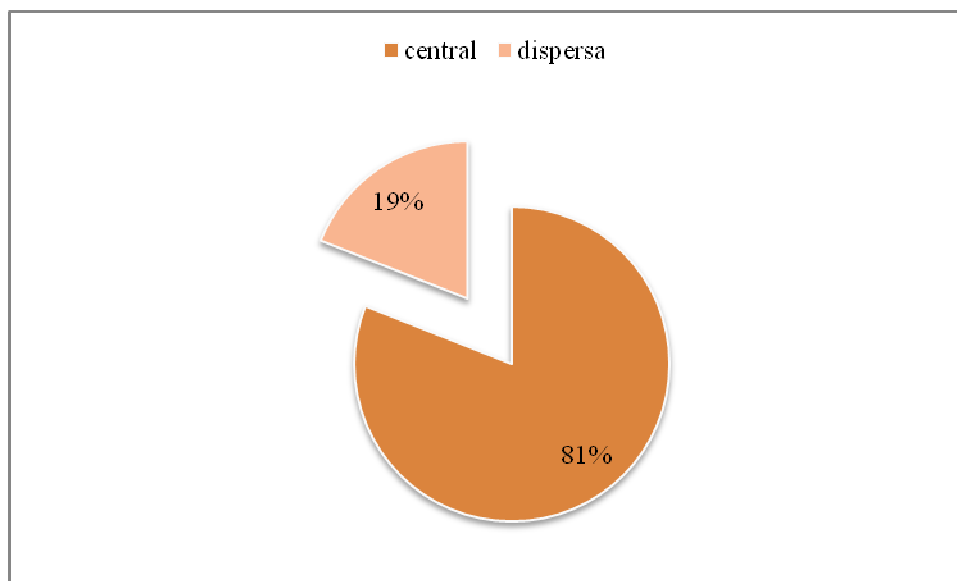


Figura 57 – Gráfico de distribuição da centralidade e da dispersão das notícias sobre a temática racial negra na FSP na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura no período 2000-2010. Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

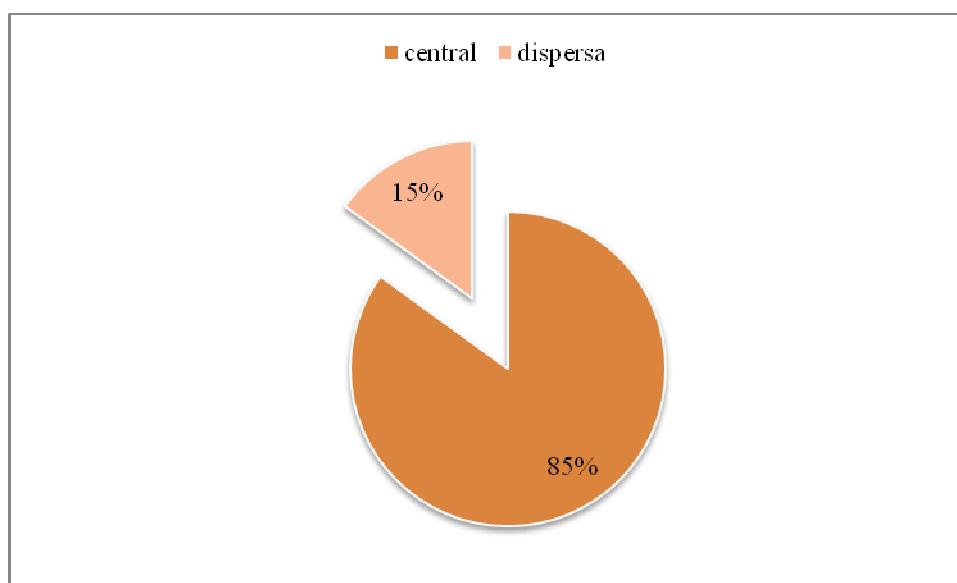


Figura 58 – Gráfico de distribuição da centralidade e da dispersão das notícias sobre a temática racial negra na FSP na semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000-2010. Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

1.9. ABRANGÊNCIA GEOGRÁFICA

Esta seção apresenta a última categoria considerada na análise das notícias examinadas nesta pesquisa, para dimensionar o espaço geográfico de procedência de tais fatos e acontecimentos noticiados na FSP no espectro da temática racial negra.

Do total de 266 notícias analisadas, a parte mais expressiva se referiu a conteúdos de abrangência nacional, firmando um dos princípios da FSP de abordar fatos e acontecimentos de amplitude nacional (FOLHA DE S.PAULO, 1998). Com relação à quantidade de notícias publicadas, a Ilustração 59 revela maior produção nos anos 2002, 2003, 2004 e 2001. Na Figura, os anos 2000, 2004, 2006, 2007 e 2009 chamam a atenção devido à ausência de notícias de âmbito internacional, especialmente porque a data está vinculada ao cenário internacional, isto é, ao Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial.

Por exemplo, em março de 2000, o noticiário registrou a produção de uma série na MTV sobre sons do Brasil, entre eles, o de um quilombo e a obra de uma artística plástica sobre o período colonial. Em 2004, estiveram em evidência os comentários racistas feitos pelo estilista e apresentador Clodovil Hernandez contra a vereadora Claudete Silva e a reação do Movimento Negro contra tal fato; as cotas no funcionalismo público; a atividade pedagógica de estudantes de ensino médio numa comunidade quilombola; e a discriminação racial sofrida pelo então secretário-executivo do Ministério do Esporte, Orlando Silva Júnior, em Brasília, durante uma corrida de táxi. Em 2006, foi noticiado na semana artificial a condenação de um prefeito em Santa Catarina por racismo e, em 2007, a percepção de sindicato de trabalhadores de ocorrência de discriminação racial na Petrobras e na Shell.

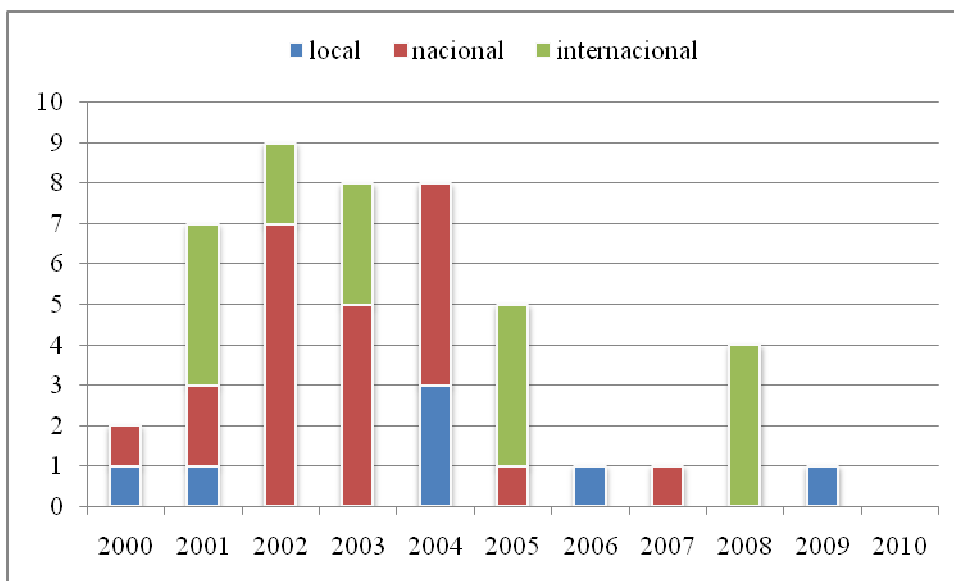


Figura 59 – Gráfico de distribuição das notícias publicadas na FSP na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial de acordo com a abrangência geográfica por ano no período 2000-2010.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Na análise dos dados da semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, isto é, das 46 notícias 48% delas se situaram no âmbito nacional, como apresentado na Figura 60. Apesar de ser uma data internacional, a abrangência internacional foi percebida com fatias mais expressivas nos anos de 2008 (24%), 2001 e 2005 (23%) e 2003 (18%). As notícias de cunho nacional foram mais evidentes no ano de 2002 (32%) e as de espectro local em 2004 (43%).

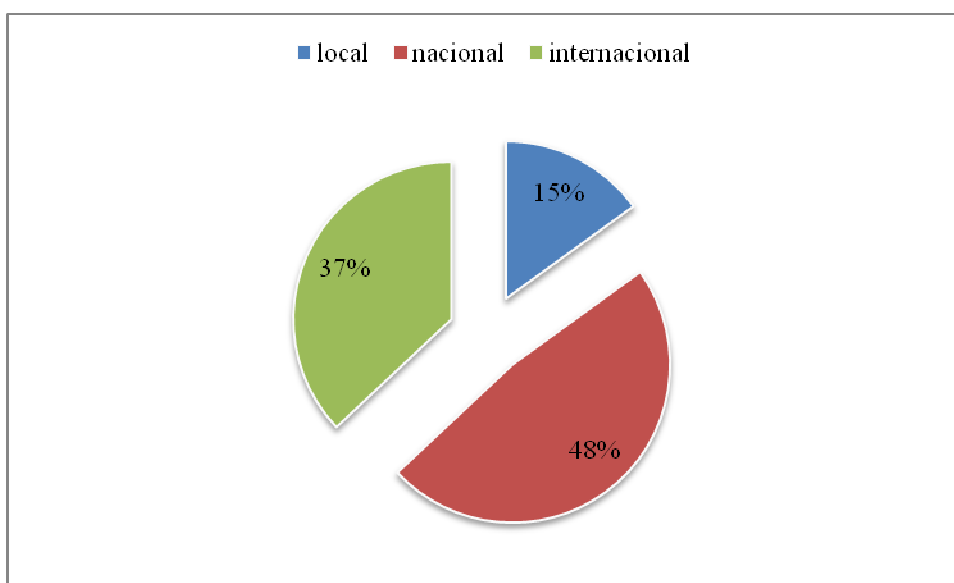


Figura 60 – Gráfico de concentração das notícias publicadas na FSP na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial de acordo com a abrangência geográfica.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

A semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura registrou presença constante do componente nacional em todos os 11 anos da amostra, entre as 85 notícias publicadas na FSP. De acordo com a Figura 61, os anos 2002 e 2007 apresentaram a totalidade dos conteúdos noticiados na abrangência nacional.

Cabe ressaltar que o recorte se vincula a uma data atrelada à historiografia oficial e talvez seja essa a razão do peso exercido nas notícias estudadas no período 2000-2010. Na busca à base de dados analisados, constata-se que as notícias de 2002 se relacionavam ao contexto político da época – encerramento da gestão do presidente da República Fernando Henrique Cardoso, com anúncios sobre ações afirmativas e programa de direitos humanos que incorporava a temática da igualdade racial, com efeitos nos anos subsequentes ao término da gestão do então presidente. As notícias daquele ano também se referiam à campanha não oficial do presidenciável Luiz Inácio Lula da Silva, que se sagrou no fim de 2002 presidente da República, como na visita a uma favela do Rio de Janeiro, em demonstração de proximidade com o eleitorado negro.

Numa das raras notícias da amostra publicadas sobre as condições de vida das mulheres negras (ver Tabela 16), “Situação de trabalhadoras negras melhorou, diz OIT” produzida para o caderno Dinheiro (ver Figuras 25 e 26) apresentou algumas mudanças no mercado de trabalho em favor das mulheres negras, embora as fontes entrevistadas (ver Ilustrações 31 e 32) – no caso a fonte direta foi a OIT - Organização Internacional do Trabalho e a fonte indireta, o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - reafirmassem a desvantagem vivenciada pelas mulheres negras devido à ação do racismo e do sexismo como fatores de entrave ao acesso, permanência e ascensão no mercado formal de trabalho e emprego. Considera-se, ainda, a ausência de uma fonte vinculada às mulheres negras, especialmente porque eram elas o tema central da matéria e, por questões de interesse do grupo social, teria sido interessante que elas participassem de forma ativa da notícia e não somente especialistas.

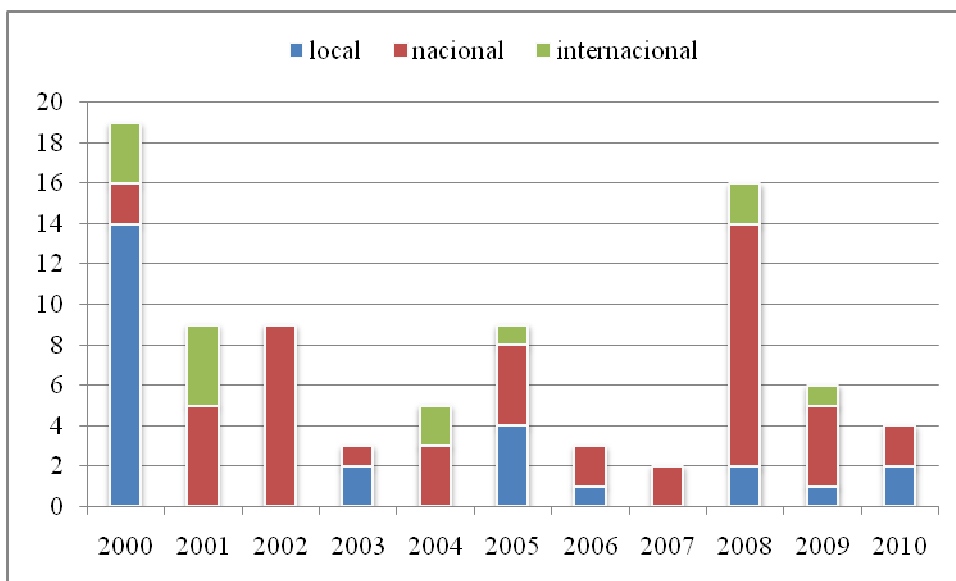


Figura 61 – Gráfico de distribuição das notícias publicadas na FSP na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura de acordo com a abrangência geográfica por ano.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Como disposto na Figura 62, na comparação entre as três amostras (ver Figuras 60, 62 e 64) a semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura registra o maior índice de conteúdos de abrangência nacional, atingindo o percentual de 54% dos conteúdos noticiosos no período 2000-2010.

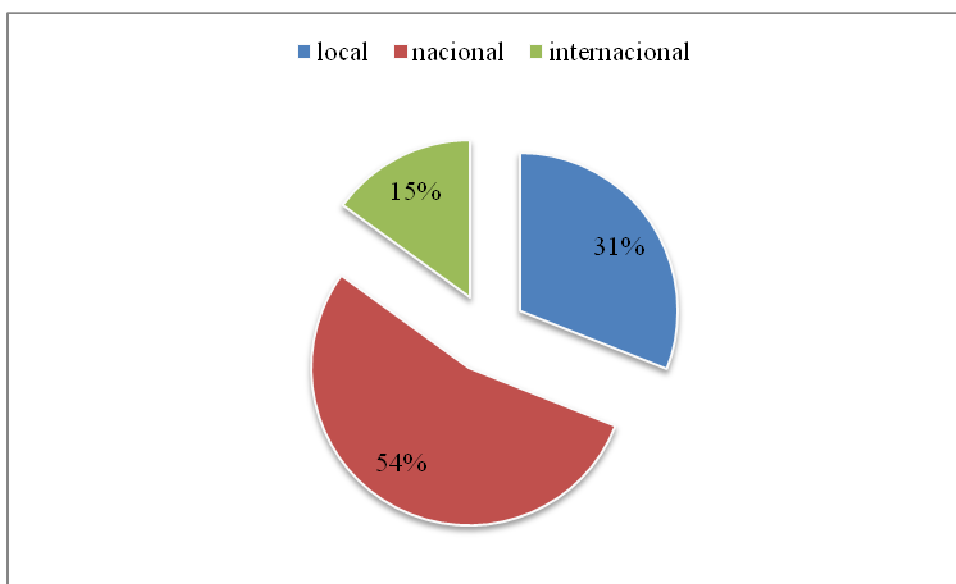


Figura 62 – Gráfico de concentração das notícias publicadas na FSP na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura de acordo com a abrangência geográfica.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

De 2000 a 2010, a semana artificial do Dia da Consciência Negra concentrou mais notícias nos anos 2008, 2006 e 2003, respectivamente. Assim como no recorte anterior (ver

Figura 61), a Figura 63 revela a produção exclusiva de notícias de cunho nacional no ano de 2009.

Naquele ano, três das quatro notícias publicadas se referiam diretamente à temática racial negra (ver Figura 58), sendo uma relacionada à redução da disparidade salarial entre negros e brancos produzida para o caderno Dinheiro (ver Figuras 27 e 28) relacionada ao mundo do trabalho (ver Tabela 16); uma segunda, vinculada ao tema cidadania (ver Tabela 16), por referir-se ao feriado da Consciência Negra em Goiânia, à época derrubado pela Justiça e, uma terceira, à reportagem sobre comunidades quilombolas em destaque na programação da TV pública.

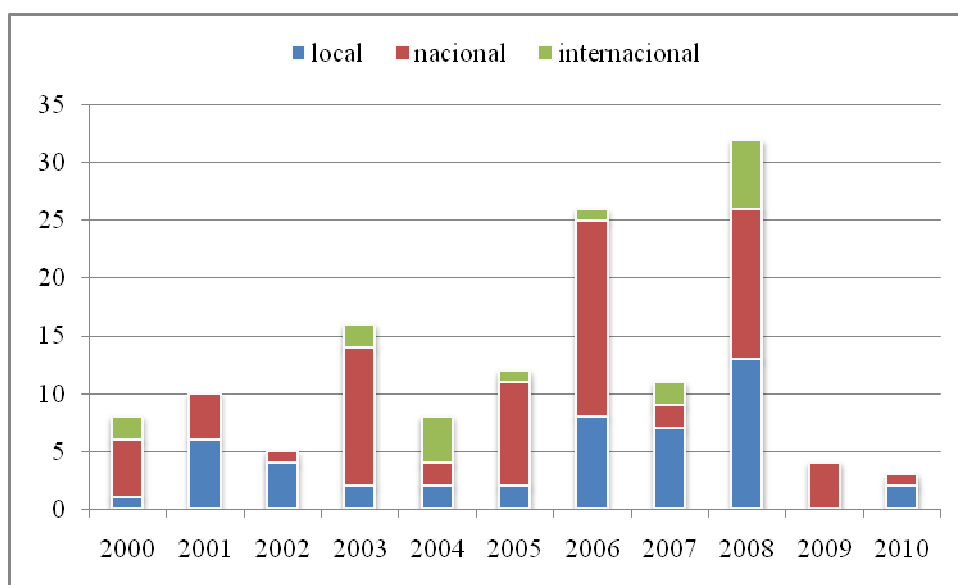


Figura 63 - Gráfico de distribuição das notícias publicadas na FSP na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura de acordo com a abrangência geográfica por ano.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Entre as 135 notícias publicadas na semana artificial do Dia da Consciência Negra no período 2000-2010, como disposto na Figura 64, 52% refletiram o interesse nacional, isto é, estiveram voltadas ao País como um todo.

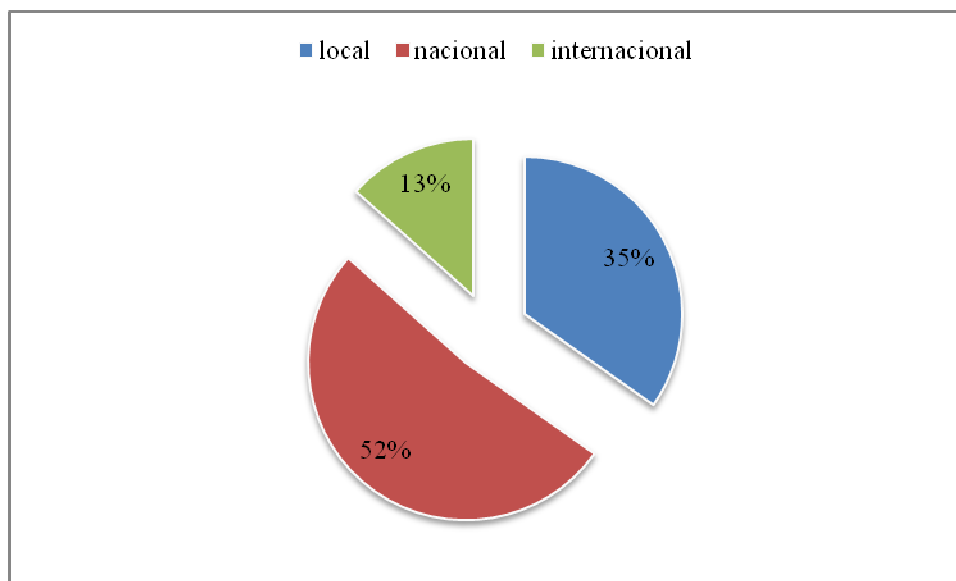


Figura 64 – Gráfico de concentração das notícias publicadas na FSP na semana artificial do Dia da Consciência Negra de acordo com a abrangência geográfica.

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

2. ANÁLISE CONSOLIDADA DOS DADOS DA PESQUISA

Com recorte temporal de 11 anos, dispostos no período 2000-2010, esta pesquisa recuperou as notícias publicadas pelo jornal Folha de S. Paulo sobre a temática racial negra, baseando-se nos levantamentos de conteúdos noticiosos produzidos em torno de três efemérides: 21/3 – Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, 13/5 – Dia da Abolição da Escravatura e 20/11 – Dia da Consciência Negra.

Partindo da busca por 13 palavras-chave, que derivaram em 429 consultas na base de conteúdos da FSP por meio do portal do Grupo Folha, foram coletados, inicialmente, 7.877 conteúdos entre notícias, notas, colunas, artigos, editoriais, cartas de leitores, entre outros gêneros jornalísticos e derivados. Realizou-se uma triagem do total de conteúdos levantados, preservando somente as notícias publicadas nas semanas artificialmente constituídas, a fim de cercar os conteúdos com mais possibilidades de êxito. Consideraram-se estas semanas em sete dias, sendo a efeméride o ponto central – o qual poderia ser chamado de ponto de intersecção –, antecedido de três dias, em razão das possibilidades de antecipação das notícias, e sucedido por três dias, tendo em vista o efeito contínuo que as notícias podem exercer na rotina

produtiva do Jornalismo. Trata-se, portanto, de um levantamento dirigido pelo pressuposto do agendamento e/ou contra-agendamento (GENRO FILHO, 1987; WOLF, 1995; SILVA, 2006; SILVA, 2008; TARGINO, 2009) da temática racial negra nas notícias da FSP, reunindo os elementos existentes na cobertura noticiosa.

As semanas artificiais incorporadas nas três amostras ficaram assim constituídas:

- Março – | 18 | 19 | 20 | **21** | 22 | 23 | 24 |
- Maio – | 10 | 11 | 12 | **13** | 14 | 15 | 16 |
- Novembro - | 17 | 18 | 19 | **20** | 21 | 22 | 23 |

No contato com o material empírico, foram incrementadas outras categorias às classificações inicialmente definidas, alcançando onze itens de análise no seguinte conjunto: distribuição das notícias por ano, dias cobertos, valores-notícia, cadernos, classificação das fontes entrevistadas, gênero das fontes entrevistadas, pluralidade de vozes no noticiário, recorte de gênero na pluralidade de vozes presentes nas notícias, recorte de gênero dos produtores das notícias, centralidade ou dispersão da temática racial negra e abrangência geográfica da cobertura.

À consolidação dos dados aqui expostos para análise geral, acrescentou-se a Tabela 16, referente aos temas evidenciados nas 266 notícias publicadas pela FSP no período 2000-2010, as quais compõem o corpus desta pesquisa. Baseadas nos principais temas em discussão pelo Movimento Negro e pelo Movimento de Mulheres Negras, pelo poder público e pela mídia, foram elencados 18 assuntos: cidadania, criança/juventude, cotas, cultura, crime de racismo, educação, esporte, história, mídia, movimento negro, mulher negra, pesquisa, política, população, quilombo, saúde, segurança e trabalho. Por uma questão de esclarecimento, cotas está dissociado de educação, sendo as primeiras distinguidas pela sua importância no noticiário e no debate público ao longo dos primeiros 11 anos do terceiro milênio. Mulher negra está separado de população, devido à especificidade tensionadora ocasionada pela combinação do racismo com o sexismo; quilombo segue linha independente de movimento negro e população, em razão da presença verificada no debate público sobre territórios. Crime de racismo não é classificado em conjunto com segurança, para marcar a violação de um dos direitos constitucionais assegurados aos afro-brasileiros, ou seja, o direito à vida, assim como o foco mantido em segurança pública no sentido de preservação da ordem pública.

Entre os temas mais frequentes nas 266 notícias publicadas na FSP no período 2000-2010 nas três amostras utilizadas neste estudo, despontam, entre os cinco temas mais abordados: crime de racismo (48%), política (43%), cultura (37%), cotas raciais (28%) e

cidadania (18%). Entre os temas com menos frequência nas notícias estudadas, constata-se sete assuntos, entre as cinco posições descendentes: criança/juventude (1%) e saúde (1%); educação (3%); quilombo (4%); população (6%) e mulher negra (7%) e pesquisa (7%), o que fornece elementos para revisão da cobertura do jornal e também para a organização da sociedade, especialmente o Movimento Negro e de Mulheres Negras, pela visibilidade de tais temas com mais frequência no noticiário. Como afirma Traquina,

Os movimentos sociais com poucos recursos têm dificuldades em verem os seus acontecimentos transformados em notícia. Se pretendem jogar no tabuleiro do xadrez jornalístico, precisam ajustar o seu modo de interação organizacional aos modos das organizações estabelecidas. A cobertura do movimento social depende em parte da capacidade de criar um aparelho de publicitação e de demonstrar a sua vontade de participar na teia de facticidade, que sustenta o trabalho jornalístico (TRAQUINA, 2002, p.122).

Esta pesquisa considera que tais presenças e ausências nas notícias publicadas no contexto das amostras analisadas podem ser explicadas por diversos fatores, entre os quais a dinâmica dos fatos e acontecimentos existentes, a interação de setores estratégicos associados a tais temas com os diferentes setores da sociedade e as rotinas produtivas do Jornalismo, e até mesmo a atribuição dos critérios de noticiabilidade e os valores-notícia conferidos aos assuntos mencionados no primeiro e no segundo enfoques. Podem também revelar uma disposição do jornal FSP de cobrir mais determinados temas devido à sua percepção mais frequente e/ou apurada de tais fatos e acontecimentos. Entretanto, podem também visibilizar um distanciamento das outras realidades que colocam em xeque os direitos de cidadania dos afro-brasileiros ou são relacionadas ao modo de vida dos afrodescendentes na sociedade brasileira, inclusive numa perspectiva positiva e integrada à vida social (BERGER; LUCKMANN, 1974).

Tabela 16
Temas evidenciados nas 266 notícias analisadas no contexto desta pesquisa na FSP 2000-2010

tema	março	maio	novembro	total proporcional
cidadania	4%	2%	12%	6%
criança/juventude	0%	0%	1%	0%
cotas	4%	19%	5%	9%
cultura	15%	9%	13%	12%
crime racismo	24%	14%	11%	16%
educação	2%	0%	1%	1%
esporte	7%	6%	2%	5%
história	9%	6%	10%	8%
mídia	9%	4%	4%	6%
movimento negro	0%	5%	11%	5%
mulher negra	2%	1%	4%	2%
pesquisa	2%	2%	3%	2%
política	17%	14%	12%	14%
população	0%	5%	1%	2%
quilombo	0%	1%	3%	1%
saúde	0%	1%	0%	0%
segurança	2%	6%	2%	3%
trabalho	2%	5%	4%	4%

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Em facedessa disposição (ver Tabela 16), pode-se dizer que a FSP tem, de certa forma, dado visibilidade à prática do racismo, denunciando-o quando da sua inclusão na rotina produtiva do jornal, isto é, na pauta e na produção das notícias (*newsmaking*). Nessa direção, é possível afirmar ainda que a FSP tenha, por vezes, colocado este tema no campo político, além de abordá-lo na perspectiva cultural.

A despeito disso, o jornal também manifesta seu posicionamento acerca da temática racial negra em editoriais nem sempre alinhados com a defesa dos direitos da população negra, ou melhor, alinhada à reivindicação do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras, a exemplo da declarada contrariedade com o sistema de reserva de vagas para negras e negros, verificada nas unidades de contexto das amostras desta pesquisa em pelo menos três editoriais: As cotas do PT (11/11/2002), Limite das cotas (22/03/2004) e Inclusão universitária (20/05/2006). Em verdade, esse ponto poderia ser lido como manutenção da independência do jornal – um dos pilares da sua linha editorial –, porém pode ainda ser compreendido como distanciamento da FSP do principal grupo social engajado para a superação do racismo e, por consequência, defesa de determinados pontos de vista de determinados setores sociais interessados na manutenção do racismo manifesta pela

redução/limitação de direitos dos afro-brasileiros e à estratégia para a sua total integração na sociedade brasileira. E, talvez, certa presunção do jornal em defender padrões que considere mais adequados, tomando posição de determinado aspecto que poderia influenciar inclusive a produção das notícias. O jornal se colocaria como parte da sociedade, fazendo escolhas entre os grandes temas sociais. Por outro prisma, poderia significar a elevação do jornal acima sociedade a ponto de escolher o que considera mais adequado e alinhado aos seus interesses (FANON, 1968; SARTRE, 1968; MARCONDES FILHO, 1989; VAN DIJK, 1997; BOURDIEU, 2002; VAN DIJK, 2002; ABRAMO, 2003). De todo o modo, tais elucubrações renderiam outro trabalho de pesquisa acerca do posicionamento da empresa em relação à temática racial negra de forma mais abrangente. Segundo Van Dijk,

El discurso, sin embargo, no se limita a la acción verbal, sino que también involucra significado, interpretación y comprensión, lo cual significa que el acceso preferente al discurso público o el control sobre sus propiedades (por ej. temas específicos o preferidos) también puede afectar al pensamiento de los demás (VAN DIJK, 1997, p.21).

Na análise geral dos dados das três amostras, a Tabela 17 revela a prevalência do valor-notícia conflito em todos os cruzamentos realizados: 35% das 46 notícias levantadas na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, 38% das 85 notícias coletadas na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura e 25% das 135 notícias publicadas na semana artificial do Dia da Consciência Negra. Nos cálculos proporcionais, obtém-se a seguinte disposição: conflito com 33%, relevância com 16% e infração com 14%. Na última posição localizamos o valor-notícia simplificação (0%).

Em consonância com a teoria da notícia (Traquina, 2005) o valor-notícia conflito ou controvérsia é atribuído a fatos, acontecimentos e situações de disputa de ideias ou posições; relevância é conferido a fatos e eventos que tenham impacto na vida do leitor e, infração, pelo caráter violador ou transgressor de tal fato ou acontecimento, tendo em vista que o racismo é tipificado como crime inafiançável pela Constituição Federal. Já o valor-notícia simplificação é caracterizado pela ausência de ambiguidade ou complexidade dos elementos que conformam a notícia – como abordado anteriormente, a temática racial negra é classificada como complexa inclusive pela FSP.

Tabela 17

Valores-notícia verificados nas 266 notícias analisadas no contexto desta pesquisa na FSP 2000-2010

valor-notícia	março	maio	novembro	total proporcional
amplificação	2%	1%	3%	2%
conflito	35%	38%	25%	33%
disponibilidade	4%	9%	19%	11%
dramatização	0%	7%	6%	4%
infração	20%	9%	12%	14%
notoriedade	2%	6%	11%	6%
novidade	7%	4%	3%	5%
personalização	9%	12%	8%	10%
simplificação	0%	0%	1%	0%
relevância	22%	14%	13%	16%

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Tendo em vista a ação do fenômeno do racismo na sociedade brasileira e as relações raciais influenciadas pelo mito da democracia racial, na perspectiva de desmonte e perpetuação desse, esta investigação entende que a prevalência dos valores-notícia conflito ou controvérsia, relevância e infração é simétrica à dinâmica social e sintonizada com o debate público ao longo dos 11 primeiros anos do terceiro milênio. Cada vez mais pulsante em decorrência da formulação e implementação de estratégias para a superação e o enfrentamento do racismo, o noticiário manteve-se próximo às movimentações impulsionadas pela sociedade, isto é, por meio do protagonismo do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras na denúncia sistemática e agendamento público da ocorrência do racismo no Brasil, e do poder público, este no sentido de responder com políticas públicas no âmbito étnico-racial.

Baseado nestes dados (ver Tabela 17), é cabível pontuar que a FSP tem acompanhado e até mesmo faz parte do conflito racial existente na sociedade brasileira. Dito de outro modo, há uma simetria entre o momento atual do fenômeno no país e a produção noticiosa da FSP. O jornal não está fora do contexto do conflito racial, pois em 1995 adotou a expressão “racismo cordial”, amplamente criticada pelo Movimento Negro, pelo Movimento de Mulheres Negras e por especialistas (TURRA; VENTURA, 1995), revisada 13 anos depois, em 2008, no caderno especial “racismo confrontado”. O uso de uma expressão mais

generalista também pode ser entendida como uma reelaboração do termo usado em 1995, ao passo que ilustra as estratégias em curso no País para fazer frente ao fenômeno.

Além disso a prevalência do valor-notícia conflito expõe o tratamento conferido pelas notícias, a fim de evidenciar e, por vezes, acirrar o conflito racial existente na sociedade brasileira, em situações que demonstrem uma assimetria e/ou ambiguidade textual nas notícias de direitos entre brancos e não-brancos de modo a favorecer desmedidamente os não-brancos como verificado nos títulos das notícias do caderno especial *Racismo confrontado*, produzido em novembro de 2008: “Cota é vista como essencial e humilhante”, “‘Elite preta’ se divide sobre extensão do preconceito”, “Ações afirmativas aumentam elite negra nos EUA” e “Diminuem as manifestações de preconceito” (COMAS, 1960; FANON, 1968; SARTRE, 1968; ANSART, 1978; GONZALEZ, 1982; MARCONDES FILHO, 1989; CARDOSO, 1992; SODRÉ, 1999; VAN DIJK, 2002; ABRAMO, 2003; IANNI, 2004).

As notícias listadas se enquadram no valor-notícia conflito e exibem mensagens diferentes entre si, tais como inversão e indução (ABRAMO, 2003); dissimulação e atemorização (CARDOSO, 2002), controvérsias intencionais para abordagem descontextualizada da notícia (MARCONDES FILHO, 1989); rejeição da alteridade (GONZALEZ, 1982; SODRÉ, 1999) e ritualização do mito da democracia racial por meio de uma relação pretensamente harmoniosa entre negros e brancos como artifício de dominação (COMAS, 1960; FANON, 1968; SARTRE, 1968; ANSART, 1978; GONZALEZ, 1982). Segundo Van Dijk,

El acceso preferente a, y el control sobre el discurso y sus propiedades son formas de la representación directa del poder social o institucional, que permiten a los actores sociales específicos hacer uso (verbal) de una acción que está vedada a los demás, o que puede forzar u obligar a otros a participar de un discurso o utilizar las propiedades del mismo, tal y como lo desea el actor con poder y que por ende limitará la libertad (luego el poder) del menos poderoso. El discurso, sin embargo, no se limita a la acción verbal, sino que también involucra significado, interpretación y comprensión, lo cual significa que el acceso preferente al discurso público o el control sobre sus propiedades (por ej. temas específicos o preferidos) también puede afectar al pensamiento de los demás (VAN DIJK, 1997, p.21).

Mais do que uma complexidade, esses conteúdos revelam a sutileza do jogo de intencionalidades desencadeado pelas notícias publicadas pela FSP e colocam no centro da reflexão os reais objetivos das coberturas especiais sistemáticas empreendidas pelo jornal FSP desde 1988, quando da realização da primeira pesquisa acerca do preconceito racial no Brasil. Ora manifestando-se aberta e parte integrante do debate racial no País e declaradamente conhecedora da existência do racismo e seu impacto na sociedade brasileira, a FSP não

assume efetivamente um compromisso com o enfrentamento ao racismo. Pelo contrário, as coberturas revelam-se em, algumas ocasiões a exemplo de 1988 (CARDOSO, 1992), 1995, como analisou o geógrafo negro Milton Santos (TURRA; VENTURI, 1995) e 2008, como exposto acima, como incentivadoras do conflito racial existente no Brasil, isto é, da polarização entre negro e branco, tomando partido dos interesses dos brancos, embora se apresente ligeiramente como disposta em abordar a problemática do racismo, da discriminação e do preconceito racial pela perspectiva de direitos dos afro-brasileiros. Esta dinâmica engendrada pela FSP enquadra-se no conceito “racismo mediatizado” desenvolvido por Van Dijk (1997).

A exemplo do valor-notícia conflito (ver Tabela 17), é possível afirmar sem reservas que o espaço conferido às notícias da temática racial negra é o caderno Cotidiano, editado diariamente pela FSP. Na semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, a concentração chega a 33% das 46 notícias no período 2000-2010, 47% das 85 notícias relacionadas ao Dia da Abolição da Escravatura e 49% das 135 notícias vinculadas ao Dia da Consciência Negra. Ao longo da primeira década de 2000, a temática racial negra esteve menos presente nos suplementos Mais (0%) e Fovest (0%), o primeiro dedicado a conteúdos mais densos e com abordagem especializada e intelectual e, o segundo, a jovens vestibulandos.

Tabela 18

Concentração em cadernos e suplementos das 266 notícias analisadas no contexto desta pesquisa na FSP 2000-2010

caderno/suplemento	março	maio	novembro	total proporcional
Acontece	0%	2%	2%	1%
Brasil	11%	11%	7%	10%
Ciência	2%	0%	0%	1%
Cotidiano	33%	47%	49%	43%
Dinheiro	0%	4%	7%	4%
Especial	4%	0%	7%	4%
Esporte	13%	14%	2%	10%
Folhateen	0%	0%	3%	1%
Fovest	0%	0%	0,5%	0%
Ilustrada	13%	13%	11%	12%
Interior	4%	2%	4%	4%
Mais	0%	0%	1%	0%
Mundo	15%	5%	3%	8%
Turismo	2%	1%	3%	2%

TV	2%	1%	0,5%	1%
----	----	----	------	----

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Inicialmente, a presença mais intensa das notícias publicadas pela FSP sobre a temática racial no caderno Cotidiano pode ser lida positivamente, tendo em vista a amplitude do público leitor e a diversidade de assuntos que o caderno concentra: educação, direito do consumidor, segurança e notícias sobre as principais capitais brasileiras. Compreende-se que os assuntos são ali publicados devido à natureza dos fatos e acontecimentos, porém, a presença concentrada da temática racial negra parece fragmentada e até mesmo dissociada da essência das notícias classificadas, na Tabela 17, como conflito, relevância e infração. Talvez, a procedência dos acontecimentos, ou seja, o local onde os eventos ocorram, exerça influência direta na aglutinação de tais eventos no caderno.

Em tese, a temática racial negra deveria ser um assunto do cotidiano, isto é, do dia-a-dia da sociedade. A presença intensa no caderno Cotidiano da FSP pode simbolizar a ação do *racismo* e de temas vinculados à igualdade racial, por exemplo, como parte da dinâmica da vida cotidiana e construção da realidade (BERGER; LUCKMANN, 1974) tal qual ela se apresenta desordenada – o que seria positivo. Mas também pode significar uma dispersão excessiva frente aos outros assuntos, considerados importantes e ao mesmo tempo desimportantes, frente à ampla gama de notícias de natureza diferente.

A segunda concentração se verificou no caderno Ilustrada (12%), o qual se destaca pelo conteúdo noticioso cultural e de entretenimento. A intensa manifestação e produção cultural afro-brasileira é captada pelo caderno, em que grande parte das notícias possam ser enquadradas por componentes de sofisticação, exotismo, habilidades e inusitado, tais como as notícias: “Cruz e Souza é debatido no Cinesesc” (maio 2000); “O falatório que virou poesia” (novembro de 2001), sobre uma poetisa negra internada num manicômio; “Percussão abre Semana da Consciência Negra” (novembro 2001); “Museu Afro-Brasil celebra o 13 de maio” (maio 2005). Em linhas gerais, as notícias deste caderno seguem um movimento quase pendular: ora com reforço de estereótipos de exotismo, ora atento à expressividade afro-brasileira tal qual ela se apresenta.

A terceira frequência é dividida pelos caderno Brasil (10%), dedicado à cobertura de pautas políticas institucionais e dos movimentos sociais, e Esporte (10%). Chama a atenção o índice dos conteúdos noticiosos, tendo em vista que o poder público (Tabela 19) desponta como a principal fonte entrevistada na produção das notícias acerca da temática racial negra. Talvez seja novamente a força do lugar dos acontecimentos uma desarticuladora dos

conteúdos para o caderno Cotidiano. O caderno Esporte se distingue nessa análise não somente pela frequência das notícias, mas pelo fato de ser uma área que concentrou ao longo da década de 2000 o debate sobre o racismo e as estratégias para o seu enfrentamento, envolvendo novos atores para a responsabilização pelo fim do racismo, a exemplo da Fifa, NBA, UEFA, FIA, Nações Unidas, clubes de futebol, jogadores, técnicos e torcida. Esse caderno concentrou notícias mais abrangentes do ponto de vista da variedade de enfoques, embora estivesse mais voltado para a cobertura dos fatos e acontecimentos ocorridos no exterior.

A pluralidade (SEABRA, 2002; NEVEU, 2006; ARENDT, 2008; BUCCI, 2008) é um dos principais desafios a serem enfrentados e respondidos pela FSP no que tange à temática racial negra em pelo menos três aspectos: fontes entrevistadas, abordagens e interpretações das notícias e gênero das fontes entrevistadas. É questionável o pluralismo defendido pelo jornal como um dos quatro princípios fundamentais da linha editorial do jornal, em razão da sua baixa expressividade e representatividade no marco das três amostras empregadas pela pesquisa ao longo de 11 anos, ou seja, no período 2000-2010. De acordo com os dados estudados, a pluralidade é um ideal ainda distante das notícias publicadas na FSP no que se refere à temática racial negra, demonstrando a parcialidade do discurso jornalístico e a limitação do debate racial por indivíduos, setores e grupos sociais. Nesse sentido, a cobertura noticiosa da FSP se destina ao país – um Brasil pluriétnico com 49,7% de negras e negros e 51% de mulheres.

Porém, a análise das notícias revela o envolvimento de determinados grupos e setores da sociedade e concentração excessiva em algumas categorias, os quais tornam a cobertura não plural em detrimento de um dos caros princípios que o jornal se propõe a zelar sobretudo para a sua diferenciação no mercado jornalístico e editorial. No artigo *Representação política, identidade e minorias*, a cientista política Iris Marion Young, da Universidade de Chicago, fornece a estatura adequada à representatividade de diferentes setores da sociedade nos processos democráticos comunicativos:

Os membros de um grupo de gênero, racial etc. têm histórias de vida que os tornam muito diferentes entre si, com diferentes interesses e diferentes posicionamentos ideológicos. Assim, o processo unificador requerido pela representação de grupos buscaria congelar relações fluidas numa identidade unificada, o que pode recriar exclusões opressivas (YOUNG, 2006, p.142).

Na classificação das fontes entrevistadas no período 2000-2010, reunida na Tabela 19, a FSP apresenta poucas oscilações entre as notícias publicadas nas semanas artificiais do

Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial e do Dia da Abolição da Escravatura, prevalecendo a seguinte disposição: poder público (21%), sociedade civil (20%), especialista (12%) e acusada/os de crime de racismo (12%) no primeiro recorte. Na segunda amostra, foi verificado o seguinte ordenamento: poder público (23%), especialista (13%) e sociedade civil (12%). Entre as 135 notícias publicadas na semana artificial do Dia da Consciência Negra houve o acréscimo de duas categorias diferentemente das verificadas nas demais amostras. O conjunto é formado por: especialista (22%), poder público (22%), cidadã/ão (16%) e movimento negro (11%).

Tabela 19

Classificação geral das fontes entrevistadas com base nas 266 notícias analisadas no contexto desta pesquisa na FSP 2000-2010

classificação da fonte	março	maio	novembro	total proporcional
acusada/o racismo	12%	4,5%	2%	6%
cidadã/ão	0%	8,0%	16%	8%
empresa	0%	4%	3%	2%
especialista	12%	13,5%	22%	16%
esportista	8%	3%	1%	4%
internacional	2%	2%	1%	2%
movimento negro	5%	11,5%	11%	9%
poder público	21%	23,5%	22%	22%
produtor/a cultural	10%	5%	8%	8%
sociedade civil	20%	10%	7%	12%
vítima racismo	3%	6%	2%	4%
universidade	7%	9%	5%	7%

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Na consolidação dos dados baseados na classificação das fontes das 266 notícias analisadas nesta investigação, há predominância média das fontes vinculadas ao poder público (22%), especialista (16%) e sociedade civil (12%). De certa forma, essa configuração pode ser compreendida pela linha editorial da FSP, a qual considera fundamental hierarquizar as fontes de informação, conforme descrito no Novo Manual da Redação (FOLHA DE S.PAULO, 1998). A última posição é dividida pelas empresas e pelas fontes internacionais, com 2% para cada uma delas.

Essa configuração aponta que a cobertura da FSP tem recorrido primeiramente ao poder público no desenvolvimento da pauta, fator que pode ser creditado à responsabilidade do poder público pela existência e manifestação do racismo, ao mesmo tempo em que é feita uma cobrança para interpelação e/ou solução de tais manifestações.

A presença acentuada da fonte especialista também pode ser compreendida como uma tendência de o jornal tentar buscar explicações mais fundamentadas sobre a temática racial, inclusive por considerá-la complexa, apesar de estarem sob a perspectiva de pessoas por vezes distanciadas sobremaneira da ação do racismo. Segundo Dennis Ruellan (2006, p.37), o jornalismo das fontes é uma invenção baseada na reafirmação da “autoridade profissional sobre um território cada vez mais ocupado pelos agentes de comunicação das fontes”. Por vezes, o pesquisador ressalva, “jornalistas e fontes não estão em campos opostos, e, sim numa situação de convergência de interesses” (idem, 2006, p.33). Ruellan também destaca o poder de influência e negociação das fontes no momento da busca e da apuração da informação e da bastante discutida na relação entre jornalista e fonte.

A presença da sociedade civil é considerada positiva por levar a temática racial negra para discussão entre os diferentes atores da sociedade, particularmente para o enfrentamento das causas que perpetuam a ação do racismo contra população negra no Brasil. Embora ocupe a quarta posição em termos de recorrência como fonte entrevistada, o movimento negro (9%) apresenta baixa participação na média das notícias publicadas na semana do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, com participação em 5% das 46 notícias geradas no período 2000-2010; 12%, entre as 85% das notícias publicadas na semana artificial do Dia da Abolição da Escravatura; e 11%, entre as notícias publicadas na semana artificial do Dia da Consciência Negra. Lembrando Sartre,

O negro não pode negar que seja negro ou reclamar para si esta abstrata humanidade incolor: ele é prêto. Está pois encurralado na autenticidade: insultado, avassalado, reergue-se, apanha a palavra ‘prêto’ que lhe atiram qual pedra; reivindica-se como negro, perante o branco, na altivez (SARTRE, 1968, p.94).

Chamam a atenção tais percentuais, tendo em vista que o Movimento Negro e o Movimento de Mulheres Negras, os principais e legítimos enunciadores da fala negra, todavia, têm menos presença no discurso jornalístico. Essa participação limitada pode denotar certo distanciamento da FSP com o Movimento Negro e o Movimento de Mulheres Negras, ou pelo menos desvantagem em relação às demais fontes de informação, obtendo, na média geral, menos de 25 inserções entre as 266 notícias analisadas. Pode ainda expressar a tentativa

da FSP de não dar espaço ao discurso mais radicalizado do Movimento Negro e de Mulheres Negras, ou seja, de abordar as causas do problema por colocar na berlinda os privilégios de determinados setores (ANSART, 1978; ABRAMO, 2003).

Tabela 20
Verificação da pluralidade de vozes entre as 266 notícias publicadas na FSP
2000-2010

interpretações	março	maio	novembro	total proporcional
restrita	46%	34%	29%	36%
plural-aberta	23%	15%	10%	16%
plural-fechada	14%	17%	19%	17%
episódica	17%	34%	42%	31%

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

A aferição da pluralidade de vozes (ver Tabela 20) ou diversidade de versões nas 266 notícias foi verificada com base no modelo de interpretações controversas, criado pelo pesquisador Mauro Porto (2001) para estudo da pluralidade de vozes nas matérias produzidas pelo Jornal Nacional sobre política, a partir das categorias desenvolvidas por Schesingler na análise das notícias sobre terrorismo numa TV britânica.

Transpondo a formulação metodológica de Porto para o suporte jornal, notou-se a prevalência média da dimensão restrita em 34% das notícias publicadas nas três amostras no período 2000-2010, ou seja, cerca de 90 notícias tiveram somente uma versão dos fatos e acontecimentos, gerando uma visão restrita acerca de tais eventos. Pela proximidade de ocorrência, pode-se dizer que a cobertura da FSP exhibe traços de abordagem episódica em 31% dos conteúdos, isto é, em torno de 80 das 266 notícias estudadas neste trabalho. Essa abordagem se refere à mera descrição dos fatos e acontecimentos sem a exposição de algum ponto de vista que não o da redação. Dito de outro modo, a abordagem episódica fixa-se, em geral, no relato jornalístico que é produzido pela apuração.

A modalidade mais associada ao pluralismo perseguido pela FSP entre os seus princípios editoriais foi a menos recorrente entre as 266 notícias sobre a temática racial negra estudadas na pesquisa, alcançando a média proporcional de 16%, ou seja, a quarta posição entre as quatro modalidades. Acrescida a função do jornalismo de construtor e/ou organizador da realidade, o não-pluralismo exerce o papel perverso de silenciamento de vozes, restrição da circulação de ideias e posicionamentos na esfera pública e parcialidade do debate público. De acordo com arendt,

tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade. Em comparação com a realidade que decorre do fato de que algo é visto e escutado, até mesmo as maiores forças da vida íntima – as paixões do coração, os pensamentos da mente, os deleites dos sentidos – vivem uma espécie de existência incerta e obscura, a não ser que, e até que, sejam transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, por assim dizer, de modo a se tornarem adequadas à aparição pública (ARENDDT, 2008, p.59-60).

Na análise dos dados parciais (ver Figuras 47 a 52), constam oscilações entre a pluralidade de versões e/ou interpretações, no entanto, é possível classificar a cobertura da FSP, no que tange à temática racial negra no período 2000-2010, a partir das três amostras, como restrita (somente com uma versão e/ou interpretação dos fatos e acontecimentos) e episódica (relato sem versões e/ou interpretações). A concentração desses dados evidencia o descumprimento de um dos princípios mais caros para a linha editorial da FSP: a pluralidade. Mais do que isso, expõe a tendência de não-pluralismo (KUCINSCKI, 2002) que tem caracterizado a imprensa brasileira e as dificuldades de implementação de um jornalismo plural (FOLHA DE S.PAULO, 1998; SEABRA, 2002), fatores que prejudicam sobremaneira o debate público sobre o enfrentamento do racismo no Brasil devido à intencionalidade (MOLOTCH; LESTER, 1999; CHAPARRO, 2007) de manter os espaços interditados à participação dos não-brancos por força do poder simbólico exercido pelos jornalistas e pelas empresas jornalísticas (FANON, 1968; SARTRE, 1968; GONZALEZ, 1982; VAN DIJK, 1997; SODRÉ, 1999; BOURDIEU, 2002; TRAQUINA, 2005).

Tabela 21
Participação de mulheres e homens como fontes entrevistadas na FSP
2000-2010

gênero das fontes	março	maio	novembro	total proporcional
mulheres	16%	25%	31%	24%
homens	84%	75%	69%	76%

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Na análise do recorte de gênero das fontes entrevistadas, a Tabela 21 retrata a persistente hegemonia masculina no discurso jornalístico sobre a temática racial negra entre a média das 266 notícias analisadas. É notável a preferência do jornal pela fala masculina, como registra a média de 76% de frequência de homens, ou seja, das 312 vozes identificadas por sexo, aproximadamente 230 foram masculinas. Esse dado revela uma interdição à fala feminina, representativa de 51% da população brasileira. Ao estarem alijadas do discurso jornalístico, as mulheres têm o seu direito à comunicação limitado e a capacidade de

participação e influência na esfera pública prejudicados. As constantes verificações do espaço de fala concedido a mulheres e homens revelam, em algumas ocasiões (ver Figuras 35 a 44), exclusões totais das mulheres como fontes entrevistadas. Seja de forma reduzida ou totalmente ausente dos conteúdos noticiosos analisados, a pluralidade é novamente abalada pela parcialidade de representatividade da diversidade sociorracial do Brasil e pela preferência por determinado grupo em detrimento de outro, ou seja, das mulheres. Cabe aqui pontuar a especificidade das mulheres negras, infelizmente, impossível de ter sido captada no conjunto das notícias pela ausência de identificação do pertencimento étnico-racial das fontes entrevistadas nas notícias da FSP. A explicação é dada pelo próprio jornal, pois no verbete *preconceito* do Novo Manual da Redação (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.103), a FSP afirma que “não qualifica ninguém por sua origem étnica, confissão religiosa, situação social, preferência sexual, deficiência física ou mental – exceto quando for relevante para a notícia”. Isso ocorreu no caderno Especial *Racismo Confrontado*, em que, a exemplo da capa da edição de 23 de novembro de 2008, Ano 88, nº 29.099, as mulheres negras foram devidamente apresentadas pelo seu pertencimento étnico-racial.

Contudo, a maior participação de homens em detrimento das mulheres entre as fontes entrevistadas poderia estimular um estudo específico para compreensão da desvantajosa participação feminina nas notícias, exposição de ideias e colaboração entre as fontes de informação da FSP. Ao haver um desequilíbrio entre mulheres e homens entre as fontes de informação, é cabal o privilégio de determinados pontos de vista, isto é, dos referenciais masculinos, e a desmedida proporcionalidade nas fontes entrevistadas em termos de representatividade da própria população brasileira, atualmente composta por 51% de mulheres – cerca de 97 milhões de mulheres e 93 milhões de homens¹⁰⁴, conforme dados censitários de 2010.

Tabela 22
Participação de mulheres e homens como produtoras/es das notícias
2000-2010

gênero dos produtores das notícias	março	maio	novembro	total proporcional
mulheres	24%	48%	51%	41%
homens	76%	52%	49%	59%

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

¹⁰⁴ Mais em “Censo 2010: população do Brasil é de 190.732.694 pessoas”. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1766>. Acesso em 5 mar. 2011.

Embora desde os anos 1970 haja uma maior presença de mulheres nas redações (NEVEU, 2006), a cobertura da temática racial negra em alguns momentos (ver Tabela 22) teve maior participação de homens na produção das notícias. Somente na média das notícias publicadas no mês de novembro, verificou-se a maior participação média de mulheres na produção das notícias. Na média proporcional das 266 notícias, 59% foram produzidas por homens, o que corresponde a cerca de 150 notícias produzidas pelos jornalistas. Esses dados também exibem a disparidade de gênero na produção das notícias, assim como verificada entre as fontes entrevistadas, em que os homens tiveram maior presença e participação em detrimento das mulheres.

Na média das notícias publicadas durante a semana artificial do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, a concentração do trabalho masculino se tornou mais elevada, assumindo larga vantagem (76%) em detrimento das mulheres. Já a média geral da semana artificial Dia da Abolição da Escravatura revela um aumento substancial do envolvimento das mulheres na produção das notícias estudadas, alcançando a média de 48%, duas vezes mais do que a participação verificada na efeméride internacional.

Finalmente, nas 135 notícias publicadas na semana artificial do Dia da Consciência Negra 52% foram produzidas por mulheres, envolvimento mais condizente inclusive com a configuração atual das redações brasileiras.

Tabela 23
Verificação da centralidade e da dispersão da temática racial negra nas 266 notícias publicadas na FSP 2000-2010

enfoque da temática	março	maio	novembro	total proporcional
dispersa	26%	19%	15%	20%
central	74%	81%	85%	80%

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Em termos de abordagem da temática, a FSP manteve a temática racial negra no seu foco central em 80% das notícias, o que demonstra aproveitamento quase que total da temática racial negra e baixo uso do recurso de citações ou menções ao tema, como observado, em média, em 50 notícias. Na última esfera de análise, a FSP apresenta-se como jornal de “irradiação nacional” (FOLHA DE S. PAULO, 1998) na média proporcional em 52% dos conteúdos, ou seja, 138 notícias.

Nas três amostras, a temática racial negra representou o núcleo central de grande parte das notícias, apresentando pequenas oscilações registradas na Tabela 23. Entre as três efemérides, as notícias publicadas na semana artificial do Dia da Consciência Negra demonstraram-se mais alinhadas à temática racial negra em 85% das 135 notícias coletadas.

Tabela 24
Abrangência da cobertura da temática racial negra nas 266 notícias publicadas na FSP
2000-2010

âmbito	março	maio	novembro	total proporcional
local	13%	30%	35%	26%
nacional	50%	55%	52%	52%
internacional	37%	15%	13%	22%

Fonte: pesquisa direta, dados extraídos do site www.folha.com. Acesso em: 6 jan. 2011.

Com base nos dados coletados nas três efemérides, observou-se nas 266 notícias publicadas sobre a temática racial negra que o jornal FSP manteve, inclusive na data mais vinculada ao âmbito internacional, a “irradiação nacional” (FOLHA DE S.PAULO, 1998, p.13) a que o jornal define como espectro de cobertura dos conteúdos produzidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa mostrou as tendências da cobertura das notícias sobre a temática racial negra no jornal Folha de S. Paulo nos primeiros 11 anos do terceiro milênio, compreendidos no período 2000-2010, e chega ao seu final em 2011 – ano em que a FSP completou 90 anos de existência¹⁰⁵, considerando a fundação do primeiro título *Folha da Manhã*, em 1921, um dos que deram origem à FSP em 1960. 2011 é também o Ano Internacional dos Afrodescendentes¹⁰⁶, proclamado pela Assembleia Geral das Nações Unidas, como uma estratégia para trazer à sociedade mundial e aos Estados Membros o tema do combate ao racismo e da erradicação da discriminação a descendentes de africanos por meio da integração total dos afrodescendentes na sociedade e do respeito à diversidade e herança culturais

Sem ares de pretensão, esta dissertação faz a interrelação entre dois universos, ao confrontar a mediação do discurso jornalístico contemporâneo da chamada grande imprensa na esfera pública, baseado na experiência brasileira representada pela FSP, com o racismo e a temática racial negra (LITTLE, 1960; SARTRE, 1968; ORTIZ, 2003), objetos de atenção da humanidade tendo em vista o impacto do tráfico transatlântico, da escravização e da diáspora negra desde o século XVI. Ao unir essas pontas, este trabalho teve o objetivo de buscar aproximações acerca de muitas perguntas costuradas no texto, não somente para a construção do texto ou localização da melhor rota para o curso da pesquisa, mas também para o diálogo aqui proposto com o leitor deste estudo.

Como afrodescendente e jornalista, o tensionamento entre a prática jornalística e a temática racial negra se faz presente desde o início da minha formação como jornalista e despertou o meu interesse pela pesquisa em Jornalismo. Um assunto que está distante do seu esgotamento epistemológico e da prática diária da atividade jornalística nos diferentes meios onde ela se desenvolva.

Na finalização deste trabalho científico, destaco duas perguntas que conduziram o texto e a análise dos dados. Para a primeira delas – *poderia a imprensa estar imune à ação do*

¹⁰⁵ Em site comemorativo, o Grupo Folha disponibilizou cerca de 1,8 milhão de páginas da versão fac-similar das suas edições desde 1921, incluindo as edições da "Folha da Noite", da "Folha da Manhã" e da "Folha de S.Paulo". Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha90anos/>>. Acesso em: 8 abr. 2011.

¹⁰⁶ O ano internacional foi deliberado, em 2009, pela Assembleia Geral da ONU por meio da resolução 64/169. Disponível em: <<http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=A/RES/64/169>>. Acesso em: 8 abr. 2011.

racismo? –, a vasta literatura apresentada (GONZALEZ, 1982; LIMA, 1983; MEDINA, 1988; CARDOSO, 1992; VAN DIJK, 1997; SODRÉ, 1999; BAPTISTA, 2002; LEITÃO, 2002; IANNI, 2004; TRAQUINA, 2005) embasa o entendimento de que o racismo, como fenômeno sociopolítico, está presente em diversos formatos institucionais. Por conseguinte, a imprensa não está eximida de ação racista, que pode ser exercida pelos jornalistas, pela produção do discurso jornalístico, em particular na produção de notícias e noticiabilidade de fatos e acontecimentos, ou pelos interesses das empresas jornalísticas. Ao passo em que pode ser impulsora do racismo, a imprensa também tem de incorporar a sua responsabilidade com o combate sistemático do racismo.

Num país como o Brasil, em que o racismo se constitui como uma das grandes problemáticas nacionais, como herança da escravização de nações africanas e das desigualdades raciais (HASENBALG, 1982; FREITAS, 1985; MOURA, 1989; RIBEIRO, 1999; HASENBALG, 2005), a imprensa é um dos polos de tensão e irradiação do racismo (AZEVEDO, 1987; SCHWARCZ, 1987; CARDOSO, 1992), bem como do debate público sobre o racismo e a sua erradicação. Exerce, portanto, um papel estratégico na circulação de ideias, mensagens e informações acerca da temática racial negra; na influência junto aos seus públicos; na visibilidade de fatos e acontecimentos atrelados ao racismo e ao seu enfrentamento; no agendamento de um debate público acerca de tais questões; e na revisão das suas práticas diárias por meio das rotinas produtivas do Jornalismo e da produção das notícias, em particular.

Como exposto nesta dissertação, diferentes estratégias foram e são adotadas no enfrentamento do racismo, a fim de eliminar as assimetrias geradas pela supremacia racial branca – estimuladas pelo mito da democracia racial (COMAS, 1960; NASCIMENTO, 2002; MOURA, 1977; GONZALEZ, 1982; FREYRE, 1998) e pelas forças dominantes que compõem o poder hegemônico no país (FANON, 1968; SARTRE, 1968; ANSART, 1978; VAN DIJK, 1997; BOURDIEU, 2002) –, tais como a fundação de uma imprensa negra (BASTIDE, 1951; FERRARA, 1981; BARBOSA, 1988; LEITE, 1988; SODRÉ, 1999; MORAES, 2002; MOURA, 2002; SILVA, 2003; SILVEIRA, 2005; PINTO, 2006; FREITAS, 2009); e a interação do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras com as rotinas produtivas do Jornalismo da grande imprensa.

De um lado, representantes da grande imprensa, como a FSP, reconhecem a existência do racismo e se envolvem com a temática a ponto de tentarem buscar explicações para o fenômeno, ora apresentando-o como “racismo cordial”, no caso da cobertura de 1995 em torno dos 300 Anos do Assassinato de Zumbi dos Palmares (TURRA e VENTURI, 1995;

CONCEIÇÃO, 2005); ora expondo-o como “racismo confrontado”, a exemplo do especial homônimo em 2008.

A latência do debate racial no Brasil, estimulado pelo Movimento Negro e pelo Movimento de Mulheres Negras, coloca pontos relevantes a serem discutidos e refletidos por diferentes setores da sociedade brasileira no sentido, inclusive, de revisão de práticas e dinâmicas de funcionamento e de interação da imprensa com a sociedade. Este estudo lançou olhar para três efemérides significativas para a temática racial negra e observou as tendências da cobertura da FSP ao longo de 11 anos, compreendidos no período 2000-2010, ao abordar o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, o Dia da Abolição da Escravatura e o Dia da Consciência Negra.

A partir da análise de conteúdo dos dados coletados, constatou-se que a temática racial negra está presente na FSP, que vem desde 1988 dedicando atenção à problemática do racismo e inclusive redirecionando a sua cobertura e entendimento interno sobre isso, tendo em vista o uso de expressões “racismo cordial” e sua progressiva substituição por “racismo confrontado”. Apesar de as unidades de registro se valerem de três amostras, verificou-se nas unidades de contexto (documentadas em *O Contexto da Temática Racial Negra nos Anos 2000-2010 no jornal Folha de S. Paulo*) uma ampla cobertura e variedade de temas no jornal FSP. Para tal, partiu-se de referenciais já absorvidos pela rotina produtiva do Jornalismo por basearem-se em efemérides, isto é, com disposição e potencial de cobertura de fatos e acontecimentos (GENRO FILHO, 1987) no âmbito da temática racial negra.

Como exposto, o que se pode chamar “calcanhar de Aquiles” da FSP tem sido a efetivação do princípio da pluralidade, pois a aferição da pluralidade de vozes entrevistadas, a classificação das fontes e o recorte de gênero das fontes entrevistadas exibem a participação de setores específicos da sociedade e o alijamento de outros, também estratégicos e fundamentais para a oxigenação da esfera pública e do espaço público (SILVA, 2006; 2008), a circulação de diferentes pontos de vista nos debates suscitados pelo discurso jornalístico da FSP e a representação próxima à proporcionalidade de grupos sociais tal qual existentes na sociedade brasileira. Dito de outro modo, é evidente a redução da polissemia (MOURA, 2009), isto é, a limitação da multiplicidade de sentidos, que pode se dar pela seleção de fatos, vozes e temas; priorização de fontes autorizadas; padrão aparente de objetividade, entre outros.

O não-pluralismo coloca em xeque até mesmo a própria missão do jornal, resumida no slogan “um jornal a serviço do Brasil”, tendo em vista que a prestação de serviço será realmente efetivada quando for prestada para o País como um todo, isto é, compreendendo a

sua diversidade racial, étnica, de gênero, geracional, regional, cultural, etc. Sem o devido envolvimento de visões diferenciadas e a pluralidade de vozes, opiniões e posicionamentos, os grandes temas nacionais ficam prejudicados por serem objeto de debate ativo de alguns em detrimento de outros. Tratando-se de grupos em desvantagem nas relações poder – a população negra e as mulheres –, é possível dizer que, por vezes, inexistente a pluralidade e, nessas ocasiões, a FSP corrobora para a assimetria de raça e gênero na sociedade brasileira.

Neste sentido, cabe responder a segunda pergunta da pesquisa: *Poderia a imprensa brasileira prestar-se a serviço do desmantelamento ou da perpetuação do mito da democracia racial?* Apesar das tentativas de aproximação com a temática racial nos anos 1988, 1995, 2002 e 2008, as 266 notícias analisadas ao longo do período 2000-2010 revelam a tendência da FSP, no terceiro milênio, de manutenção do mito da democracia racial brasileira e de traços do patriarcado. A sobrevivência do mito da democracia racial é percebida na baixa representação de porta-vozes do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras entre as fontes entrevistadas, em média com uma participação ativa em menos de 25 das 266 notícias estudadas. Em detrimento de uma linha editorial regida pelo pluralismo – em que todas as pessoas teriam a oportunidade de participar do discurso jornalístico por meio da reprodução das diferentes versões e vozes existentes na sociedade (FOLHA DE S.PAULO, 1998) –, a cobertura noticiosa da FSP no início do terceiro milênio demonstra o atendimento parcial ao princípio. Como esse não pode realizar-se pela metade, isto é, a pluralidade existe e se manifesta ou não; é prudente afirmar que a FSP não adquiriu nem incorporou na sua linha editorial os atributos necessários para fazer valer a máxima do pluralismo.

Sob outro aspecto, a cobertura noticiosa do jornal revela-se como guardião do patriarcado, uma vez que há uma notória e sistemática interdição da fala das mulheres como fontes entrevistadas – fator que obstaculiza o empoderamento das mulheres brasileiras e a paridade de gênero na esfera pública e no espaço público. A esse quadro somam-se as impossibilidades de efetivação de um jornalismo crítico e de um jornalismo moderno. Crítico seria se o jornal estivesse desprendido do passado colonial e patriarcal, ou seja, contribuindo para o desmantelamento das raízes, ou melhor, do núcleo irradiador das desigualdades históricas de raça e gênero, e, moderno, caso conseguisse acompanhar as transformações sociais atuais no que tange aos direitos adquiridos da população negra; da condenação expressa do racismo; da liberdade de manifestação de pensamento e expressão dos indivíduos, como estabelece a Constituição Federal brasileira; dos direitos das mulheres e do direito humano à comunicação.

Em síntese, os pilares do Projeto Folha, que sustentam a linha editorial do principal e mais influente jornal brasileiro, foram erguidos com material menos nobre, por assim dizer, quando confrontados pluralismo, jornalismo crítico e jornalismo moderno com a temática racial negra e a participação de vozes consideradas oprimidas na sociedade brasileira, tendo em vista o passado colonial e patriarcal. Como é comum nas construções, novas bases podem ser erguidas desde que reconhecida a importância e o compromisso efetivo de

comunicar os acontecimentos em todos os ramos da cultura e da vida em geral ao indivíduo e à sociedade em seu conjunto. O significado do periódico, então, é a comunicação de bens imateriais de todos os tipos, desde que pertençam aos mundos presentes dos leitores, de um modo público e coletivo” (GENRO FILHO, 1987, p.2).

No caso da temática racial negra e do racismo, em geral, a pluralidade é essencial para a fluidez de ideias e informações no espaço público cuja dinâmica tem influência na perpetuação ou na desconstrução do racismo – um tema estratégico para o Estado e a sociedade brasileira na sua totalidade.

A exemplo da discussão travada nesta pesquisa, urge analisar a imbricação entre a temática racial negra e o fazer jornalístico da imprensa - nas suas mais variadas mídias, formatos, linguagens e públicos-alvo - , na busca por respostas ou, pelo menos, aproximações, da articulação do racismo e da temática racial negra na imprensa brasileira. Não meramente para constatação fenomenológica, mas para o assentamento de um debate reflexivo acerca do papel social da imprensa, da ética no Jornalismo e da sua influência e/ou capacidade de contribuição para a resolução de problemas nacionais como o racismo, por meio do fomento ao debate baseado no interesse público, no direito à informação e na pluralidade de vozes e conteúdos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. 1.ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ADGHIRNI, Zélia Leal. Rotinas produtivas do jornalismo em Brasília. In: PORTO, Sérgio (org). *O jornal – da forma ao sentido*. 2.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.
- ALBERT, P. e TERROU, F. *História da imprensa*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: Edusc, 1998.
- ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- ARAÚJO, Inesita. Ligações estratégicas – comunicação, políticas públicas e intervenção social. In: MOTTA [et.al.] *Estratégias e culturas da comunicação*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.
- ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil – o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Senac, 2000.
- ARENDT, Hannah. *O que é política?* 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____. *A condição humana*. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco – o negro no imaginário das elites no século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 458-463, jul.-dez. 1995.
- _____. III conferência mundial contra o racismo. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 169-170, jan.-jun.2002.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. 3.ed. São Paulo: Ibrasa, 1972.
- BARBOSA, Aristides. Depoimento. In: BARBOSA, Márcio. *Frente negra brasileira – depoimentos*. São Paulo: Quilombhoje, 1988.
- BARCELOS, Luiz Claudio; CUNHA, Olivia Maria Gomes da e ARAUJO, Tereza Cristina Nascimento. *Escravidão e relações raciais no Brasil – cadastro da produção intelectual (1970-1990)*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-asiáticos, 1991.
- BARDIN, Laurence. *El análisis de contenido*. 3.ed. Madrid: Ediciones Akal, 2002.

BASTIDE, Roger. A imprensa negra no Estado de São Paulo. In: Estudos afro-brasileiros. *Boletim de Sociologia*, 2. série, n.2. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1951.

_____; FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

_____. *As Américas negras – as civilizações africanas no novo mundo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

BERGER, Christa. Do jornalismo - toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In: PORTO, Sérgio (org). *O jornal – da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1974.

BITTENCOURT JÚNIOR, Iosvaldyr Carvalho. As escolas de comunicação como instrumento de desconstrução do racismo e discriminação racial. In: *O negro na mídia - a invisibilidade da cor*. Porto Alegre: Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul/Núcleo de Jornalistas Afro-brasileiros. Porto Alegre: Sindjors, 2005.

BLACKWELL, Maylei; NABER, Nadine. Interseccionalidade em uma era de globalização – as implicações da conferência mundial contra o racismo para práticas feministas transnacionais. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n.1, jan.-jun. 2002.

BORGES, Rosane da Silva. *Jornalismo-verdade ou condenação sumária – jornalismo policial e os mal-ditos no programa de TV Bandeira 2*. 178f. São Paulo: USP, 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2002.

_____. *Ficção e realidade – as tramas discursivas dos programas de TV*. 364 f. São Paulo: USP, 2008. Tese (Doutorado em Comunicação), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2008.

_____. O já-dito e o não-dito – o papel da imprensa no debate sobre as cotas. In: SILVA, Cidinha da (org). *Ações afirmativas em educação: experiências brasileiras*. São Paulo: Summus/Selo Negro, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. *O poder simbólico*. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. *Verso & Reverso*, Revista da Comunicação, São Leopoldo, ano XIV, n. 30, p. 9-30, jan.-jul. 2000.

BREED, Warren. Controlo social na redação - uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.

BUCCI, Eugênio. A imprensa e o dever da liberdade - a responsabilidade social do jornalismo em nossos dias. In: CANELA, Guilherme (org). *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo*. São Paulo: Andi e Cortez, 2008.

CALINDRO, Ana Regina Vaz. *A colocação dos pronomes clíticos em O Patrocínio* - periódico da imprensa negra de Piracicaba. 177f. São Paulo: USP, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

CALLADO, Ana Arruda. *Os editoriais da abolição* - um momento-chave para a linguagem jornalística no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.

CAMARGO, Oswaldo. *O negro escrito*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

_____. O que representa esta reedição de fac-símiles da imprensa negra. In: *Imprensa negra: estudo crítico de Clóvis Moura* – Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, 2002.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. *O grupo Palmares (1971-1978)* - um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico. 196f. Porto Alegre: PUCRS, 2006. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

CAMPOS, Márcia Elisa de Campos Graf. *Imprensa periódica e escravidão no Paraná*. São Paulo: USP, 1984. Dissertação (Mestrado em História), FFLCH, Universidade de São Paulo, 1984.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos* – conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CANELLAS, Marcelo. Nem parcial, nem engajado: o repórter como artífice da notícia. In: CANELA, Guilherme (org). *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo*. São Paulo: Andi e Cortez, 2008.

CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e história do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto/Edusp, 1994.

CARDOSO, Edson. *A celebração conflituosa do mito* – uma leitura dos jornais do centenário da abolição da escravatura. 81 f. Brasília: UnB, 1990. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 1990.

_____. *Bruxas, espíritos e outros bichos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1992.

CARNEIRO, Sueli. A batalha de Durban. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n.1, p.209-214, 2002.

_____. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.

_____. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 340 f. São Paulo: USP, 2005. Tese (Doutorado em Filosofia), FEUSP, Universidade de São Paulo, 2005.

CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A imprensa negra paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. 210f. São Paulo: USP, 2009. Dissertação (Mestrado em História Econômica), Universidade de São Paulo, 2009.

CHAGAS, Conceição Corrêa. *Negro: uma identidade em construção – dificuldades e possibilidades*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do jornalismo – buscas e práticas para uma teoria da ação jornalística*. 3.ed. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

COMAS, Juan. Os mitos raciais. In: UNESCO. *Raça e ciência I*. São Paulo: Perspectiva, 1960.

CONCEIÇÃO, Fernando da Costa. *Imprensa e racismo no Brasil: a manutenção do "status quo" do negro na Bahia*. 311f. São Paulo: USP, 1996. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1996.

_____. *Mídia e etnicidades no Brasil e Estados Unidos: estudo comparativo do projeto Folha de S. Paulo para os 300 anos da morte de Zumbi com o The New York Times*. 182 f. São Paulo: USP, 2002. Tese (Doutorado em Comunicação), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2002.

_____. Do 13 ao 20: Mídia e Etnicidades no Brasil e nos Estados Unidos. In: CARRANÇA, Flávio e BORGES, Rosane da Silva (org). *Espelho infiel – o negro no Jornalismo brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

_____. *Mídia e etnicidades no Brasil e nos Estados Unidos*. São Paulo: Livro Pronto, 2005.

COSTA, Luciano Martins. O jornal e o jornalista de amanhã. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 11, p. 17-21, jan.-abr. 1998.

COSTELA, Antônio F. *O controle da informação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CRUZ, Cristiane Coque da. *Introdução aos estudos africanos - trajetórias de uma luta histórica*. 245 f. Salvador: UFBA, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal da Bahia, 2008.

DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1986.

DIOGO, Rosália. *Mídia e racismo – ensaios*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FERNANDES, Florestan. *Integração do negro à sociedade de classes*. MEC: INEP : Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais: Rio de Janeiro, 1964.

FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: USP, 1981. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), FFLCH, Universidade de São Paulo, 1981.

FERREIRA, Maria Claudia Cardoso. *Representações sociais e práticas políticas do movimento negro paulistano – as trajetórias de Correia Leite e Veiga dos Santos (1928-1937)*. 224 f. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

FERREIRA, Ricardo Alexino. *A representação do negro em jornais no centenário da abolição da escravidão no Brasil*. 185 f. São Paulo: USP, 1993. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1993.

_____. *Olhares negros – estudo de percepção crítica de afro-descendentes sobre a imprensa e outros meios de comunicação*. 487 f. São Paulo: USP, 2001. Tese (Doutorado em Comunicação), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2001.

_____. *Imprensa e etnia no Brasil*. In: KUNSCH, Margarida e FISCHMANN, Roseli. *Mídia e tolerância – a ciência construindo caminhos de liberdade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

_____. *Quando a imprensa branca fala da gente negra - a visão eurocêntrica da imprensa na cobertura dos afrodescendentes*. In: CARRANÇA, Flávio; BORGES, Rosane da Silva (org). *Espelho infiel – o negro no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

FESTA, Regina. *Notas sobre a diversidade*. In: CANELA, Guilherme (org). *Políticas públicas sociais e os desafios para o Jornalismo*. São Paulo: Andi: Cortez, 2008.

FOLHA DE S. PAULO. *Novo manual da redação da Folha de S. Paulo*. 8.ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 34.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FRAGA, Antônio Ricardo de Oliveira. *Negritude e publicidade: black is beautiful?* 152 f. São Leopoldo: UNISINOS, 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004.

FRANCO, Maria Laura P.B. *Análise do conteúdo*. 2.ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FREITAS, Décio. *A revolução dos malês – insurreições escravas*. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1985.

FREITAS, Jorge Roberto. *A imprensa negra – a trajetória visível*. 1.ed. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 34.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

GARCIA, Marinalda. *Os arcanos da cidadania – a imprensa negra paulista nos primórdios do século XX*. 158 f. São Paulo: USP, 1997. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade de São Paulo, 1997.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê Editora, 1987.

GENTILLI, Victor. *Democracia de massas – jornalismo e cidadania*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar*. São Paulo: Hacker Editores: Edusp, 2003.

GOMES, Nilma Lino (org). *Tempo de lutas: as ações afirmativas no contexto brasileiro*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

GONZALEZ, Lélia, O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. O recente anti-racismo brasileiro: o que dizem os jornais diários. In: CARRANÇA, Flávio e BORGES, Rosane da Silva (org). *Espelho infiel – o negro no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

HALL, Stuart. [et. al.]. A produção social das notícias: o ‘mugging’ nos *media*. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HASENBALG, Carlos. Raça, classe e mobilidade. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

_____. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HERMAN, Edward. A diversidade de notícias: ‘marginalizando’ a oposição. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C.; BENETTI, Marcia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

IANNI, Octavio. *Escravidão e racismo*. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. *Raças e classes sociais no Brasil*. Brasília: Brasiliense, 1987.

_____. A racialização do mundo. São Paulo, 11 dez. 2003. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 18, jan.-abr. 2004. Entrevista concedida a Alfredo Bosi.

_____. Dialética das relações raciais. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, jan.-abr. 2004.

IRACI, Nilza;e SANEMATSU, Marisa. Mídia e racismo – a que é que se destina? Como a imprensa escrita brasileira cobriu a III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância. In: CARRANÇA, Flávio e BORGES, Rosane da Silva (org). *Espelho infiel – o negro no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

JORGE, Thaís de Mendonça. *A notícia e os valores-notícia – o papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa*. *UNIrevista*, São Leopoldo, v. 1, n.3, jul, p. 1-14, 2006.

KIENTZ, Albert. *Comunicação de massa – análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

KUCINSKI, Bernardo. Mídia e democracia no Brasil. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling; FISCHMANN, Roseli (org). *Mídia e tolerância - a ciência construindo caminhos de liberdade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979.

LAVILLE, Christian.; DIONNE, Jean. *A construção do saber*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEIRIS, Michel. Raça e civilização. In: UNESCO. *Raça e ciência I*. São Paulo: Perspectiva, 1960.

LEITE, José Correia; CUTI ...*E disse o velho militante - depoimentos e artigos*. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

LEITE, José Correia. Depoimento. In: BARBOSA, Márcio. *Frente negra brasileira: depoimentos*. São Paulo: Quilombhoje, 1988.

LEITÃO, Miriam. A imprensa e o racismo. In: RAMOS, Silvia (org). *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: UNESCO. *Raça e ciência I*. São Paulo: Perspectiva, 1960.

LIMA JUNIOR, Ariovaldo. *Jornal Ìrohìn - estudo de caso sobre a relevância educativa do papel da imprensa negra no combate ao racismo (1996-2006)*. 123f. São Paulo: USP, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009.

LIMA, Solange Martins Couceiro de. *O negro na televisão de São Paulo – um estudo de relações raciais*. São Paulo, FFLCH, USP, 1983.

_____. Depoimentos Mesa 1. In: *Seminário meios de comunicação e diversidade racial*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1998.

_____. Prefácio. In: *A negação do Brasil – o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: SENAC, 2000.

LITTLE, Kenneth L. Raça e Sociedade. In: UNESCO. *Raça e ciência I*. São Paulo: Perspectiva, 1960.

LOPES, Maria Aparecida Oliveira. *Beleza e ascensão social na imprensa negra paulistana*. 210 f. São Paulo: PUCSP, 2002. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. 1.ed. Brasília: Editora UnB, 1996.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. *População negra e escolarização na cidade de São Paulo nas décadas de 1920 e 1930*. 154f.. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009

MAGALHÃES, Manoel Vilella de. *Produção e difusão da notícia*. São Paulo: Editora Atlas, 1979.

MALACHIAS, Rosângela. *Os sonhos podem acontecer*, teorias e práticas à ampliação do discurso preventivo ao abuso de drogas com a inclusão de jovens negros e mulheres. 198 f. São Paulo: USP, 2002. Tese (Doutorado em Comunicação), Escola de Comunicações e Artes: Universidade de São Paulo, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Da notícia*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *O capital social da notícia – jornalismo como produção de segunda natureza*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Comunicação e jornalismo – a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARQUES, José Geraldo. *Imprensa e resistência negra: o projeto integracionista em discursos do Getulino*. 200 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MARTINS, Franklin. *Jornalismo político*. Brasília: Contexto, 2005.

MEDINA, Cremilda. *Notícia um produto à venda – jornalismo na sociedade urbana industrial*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1988.

_____. Imprensa e racismo: espelho das contradições sociais. In: CARRANÇA, Flávio e BORGES, Rosane da Silva (org). *Espelho infiel – o negro no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo com forma de conhecimento. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. XXI, n. 1, p. 25-38, jan.-jul. 1998.

MELO, José. *Estudos de jornalismo comparado*. São Paulo: Pioneira, 1972.

_____ (org). *Comunicação e classes subalternas*. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

_____; QUEIROZ, Adolpho (org). *Identidade da imprensa brasileira no final de século – das estratégias comunicacionais ao enraizamento e às ancoragens culturais*. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional: Universidade Metodista de São Paulo, 1998.

MELLO, Marina Pereira de Almeida. *O ressurgir das cinzas – negros paulistas no pós-abolição (identidade e alteridade na imprensa negra paulistana 1915/1923)*. 129 f. São Paulo: USP, 1999. Dissertação (Mestrado em História Econômica), Universidade de São Paulo, 1999.

_____. *Não somos africanos ... somos brasileiros - povo negro, imigrantismo e identidade paulista nos discursos da imprensa negra e da imprensa dos imigrantes (1900-1924) – dissensões e interações*. 256 f. São Paulo: USP, 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, 2005.

MELLO, Rachel Pereira de. *O mesmo e o outro – as relações raciais no Brasil no discurso do jornal O Globo*. 159f. Brasília: UNB, 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2009.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins. Mulheres negras – a construção do feminino na revista Raça. In: *Revista Comunicação e Espaço Público*, Brasília, ano IX, n. 1 e 2, p. 97-107, 2006.

MIRANDA, Rodrigo. *Um caminho de suor e letras – a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas, 1923-1926)*. 273 f. Campinas: UNICAMP, 2006. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, 2006.

MOLOTCH, Harvey e LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional – acerca do uso estratégico dos acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.

MORAES, Paulo Ricardo de. *João Cândido – a revolta da chibata*. 2.ed. Porto Alegre: EU/Secretaria Municipal da Cultura, 2000.

_____. Imprensa negra gaúcha – a voz que não se cala. In: *O povo negro no Sul*. Associação Riograndense de Imprensa, Porto Alegre, 2002.

MOREIRA, Fabiane. *Os valores-notícia no Jornalismo impresso: análise das ‘características substantivas’ das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo*. 157 f. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

MORETZSOHN, Sylvia. “Profissionalismo” e “Objetividade” –o jornal na contramão da política. In: MOTTA, Luiz Gonzaga. *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

_____. *Pensando contra os fatos – jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro: Renvan, 2007.

MOUILLAUD, Maurice. A informação ou parte da sombra. In: PORTO, Sérgio (org). *O jornal – da forma ao sentido*. 2 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

_____. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, Sérgio (org). *O jornal – da forma ao sentido*. 2.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. Rio de Janeiro: Conquista, 1972

_____. *O negro – de bom escravo a mau cidadão?* Rio de Janeiro: Conquista, 1977.

_____. *Os quilombos e a rebelião negra*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *História do negro brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. *Imprensa negra – estudo crítico de Clóvis Moura – Edição Fac-Similar*. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, 2002.

MOURA, Dione Oliveira. *A construção da memória e da identidade em filmes de cineastas negros brasileiros*. 120 f. Brasília: UNB, 1990. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 1990.

_____. *O ‘sincrônico’, o ‘diacrônico’, o acontecimento e a errância de sentidos na análise do discurso jornalístico*. *Comunicação e Informação*, Goiânia, v.12, n. 2, p. 63-73, jul. – dez.2009.

MOTA, Carlos Guilherme e CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S. Paulo: 1921-1981*. São Paulo: Impres, 1981.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Apresentação. In: MOTTA, Luiz Gonzaga. *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

_____. Ideologia e processo de seleção de notícias. In: MOTTA, Luiz Gonzaga. *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

_____. Teoria da notícia – as relações entre o real e o simbólico. In: PORTO, Sérgio (org). *O jornal – da forma ao sentido*. 2.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

_____. *O jogo entre intencionalidade e reconhecimento: pragmática jornalística e construção de sentidos. Comunicação e Espaço Público*, Brasília, ano VI, n. 1 e 2, p. 7-38, jan.-dez. 2003.

_____. *Notícias do fantástico*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

_____. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 2.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MOTTA, Ubirajara Damasceno da. *Jornegro – um projeto de comunicação afro-brasileira*. São Bernardo do Campo: INSTITUTO METODISTA DE ENSINO SUPERIOR, 1986. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Instituto Metodista de Ensino Superior, 1986.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *100 anos de bibliografia sobre o negro no Brasil: vol. II*. Brasília: Fundação Cultural Palmares:MinC, 2000.

NASCIMENTO, Abdias do. Documento 2: Revolução cultural e futuro do pan-africanismo (Dar-es-Salaam, 1974). In: *O quilombismo – documentos de uma militância pan-africanista*. 2.ed. Brasília; Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares/OR Editor Produtor Editor, 2002.

_____. Documento 3: Considerações não-sistematizadas sobre arte, religião e cultura afro-brasileira (UNESCO, 1975; Ifé-Ifé, 1976). In: *O quilombismo – documentos de uma militância pan-africanista*. 2.ed. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares: OR Editor Produtor Editor, 2002.

NEVEU, Érick. *Sociologia do jornalismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

NOBRE, José Freitas. *História da imprensa de São Paulo*. São Paulo: Edições Lua, 1950.

NOVELLI, Ana Lúcia. O Projeto Folha e a negação do quarto poder. In: MOTTA, Luiz Gonzaga. *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

OLIVEIRA, Lindomar Alves de. *Raça, comunicação e cultura – a temática racial negra na revista Raça Brasil (1996-2006)*. 243 p. São Paulo: PUCSP, 2007. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, M.I.P; MENEGHEL, S.N.; BERNARDES, J.S. Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial. *Psicologia e Sociedade*, Florianópolis, v. 2, ano 21, p.266-274, 2009.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 4ª reimpr., 5.ed., São Paulo: Brasiliense, 2003.

PEREIRA, Amauri Mendes. *Trajetória e perspectivas do movimento negro brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala editora, 2008.

PEREIRA, João Baptista Borges. *Cor, profissão e mobilidade – o negro e o rádio de São Paulo*. 2.ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. *Ética, liberdade de imprensa, democracia e cidadania*. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. XXV, n. 2, 2002.

_____. *Comunicação nos movimentos populares – a participação na construção da cidadania*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura à tinta preta – a imprensa negra no século XIX (1833-1899)*. 197 f. Brasília: UnB, 2006. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2006.

PORTO, Mauro. *Media framing and citizen competence: television and audiences' interpretations of politics in Brazil*. 391 f. San Diego: UNIVERSITY OF CALIFORNIA, 2001. Doctor (of Philosophy in Communication), University of California, 2001.

RAMÓN Y CAJAL, Santiago. *Regras e conselhos sobre a investigação científica*. São Paulo: Edusp, 1979.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RIBEIRO, Fábila Barbosa. *Vivências negras – as experiências de homens e mulheres negras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX*. 155 f. São Paulo: PUCSP, 2003. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

RIBEIRO, Jorge Claudio Ribeiro. A ética como fator de resistência do Jornalismo. *Revista Brasileira de Ciências de Comunicação*, São Paulo, v. XXIII, n.2, 2000.

RIBEIRO, Lavina Madeira. *Imprensa e espaço público – a institucionalização do Jornalismo no Brasil 1808-1964*. E-papers: Rio de Janeiro, 2004.

RODRIGUES, Adriano. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo?* 10.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RUELLAN, Denis. Corte e costura do Jornalismo. *Líbero*, n. 18, ano IX, 2006.

SANT'ANNA, Wânia. Folha omite recorte racial de pesquisa do IBGE. *Irohìn*, n. 18, ano XI, p. 3-4, set. 2006.

SANTOS, Deborah Silva Santos. *Memória e oralidade: mulheres negras no Bexiga-São Paulo-1930/40/50*. 163 f. São Paulo: PUCSP, 1993. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Há um racismo insidioso que exige luta dos movimentos sociais de uma maneira que não se pensava antes. Conferência A Reinvenção da Emancipação Social a partir das Epistemologias do Sul, Universidade de Brasília. *Irohìn On Line*, jul. 2009, reportagem de Isabel Cristina Clavelin da Rosa. Disponível em: <<http://www.irohin.org.br/onl/new.php?sec=news&id=4506>>. Acesso em: 3 nov. 2009.

SANTOS, Milton. É preciso ir além da constatação. In: TURRA, Cleusa e VENTURI, Gustavo. *Racismo cordial: a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1995. Entrevista concedida a Mauricio Stycer.

SANTOS, Roberto dos. *Pedagogias da negritude e identidades negras em Porto Alegre - jeitos de ser negro no Tição e no Folhetim do Zaire (1978/1988)*. 134 f. Canoas: ULBRA, 2007. Dissertação (Mestrado em Pedagogia), Universidade Luterana do Brasil, 2007.

SANTOS, Sales Augusto (org). *Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. *Colonialismo e neocolonialismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

_____. *Reflexões sobre o racismo*. 5.ed. São Paulo: Difusora Europeia do Livro/Ed. da Universidade de São Paulo, 1968.

SCHLESINGER, Philip. Os jornalistas e a sua máquina do tempo. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Morritz. *Retrato em branco e negro – jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SEABRA, Roberto. Dois séculos de imprensa no Brasil: Do Jornalismo literário à era da internet. In: MOTTA, Luiz Gonzaga. *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

SEBASTIÃO, Ana Angélica. *Memória, imaginário e poder: práticas comunicativas e de ressignificação das organizações de mulheres negras*. 189 f. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Cidinha da. Ações afirmativas em educação: um debate para além das cotas. In: SILVA, Cidinha da (org). *Ações afirmativas em educação: experiências brasileiras*. São Paulo: Summus:Selo Negro, 2003.

SILVA, Joselina. A união dos homens de cor - aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 2, ano 25, p. 215-235, 2003.

SILVA, Leonardo Dantas. *A imprensa e a abolição*. Recife: Fundaj:Editora Massangana, 1988.

SILVA, Luiz Martins da. *Imprensa e cidadania: possibilidades e contradições*. In: MOTTA, Luiz Gonzaga. *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

_____. *Jornalismo, espaço público e esfera pública, hoje*. *Comunicação e Espaço Público*, Brasília, n. 1 e 2, ano IX, p. 36-47, jan.-dez. 2006.

_____. *Sociedade, esfera pública e agendamento*. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 2.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

SILVA, Maria Aparecida Pinto. *A voz da raça – uma expressão negra no Brasil que queria ser branco*. 200 f. São Paulo: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

SILVA, Nelson Inocencio da. *Consciência negra em cartaz*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista; ROSEMBERG, Fúlvia. *Lugares de negros e brancos na mídia*. In: DIJK, Teun A. van (org). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas – situando-nos enquanto mulheres negras*. *Cadernos CEDES*, Campinas, n. 45, v. 19, jul. 1998.

_____. *Pode a educação prevenir contra o racismo e a intolerância?* Disponível em: <ftp://ftp.unb.br/pub/UNB/ipr/rel/ipri/2000/2635.PDF>. Acesso em: 15 fev. 2008.

SILVEIRA, Oliveira Ferreira da. *Palavra de negro*. In: SANTOS, Irene. *Negro em preto e branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre*. Porto Alegre: Do Autor, 2005.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros – identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Muito além do diploma*. In: *Formação superior em jornalismo: uma exigência que interessa à sociedade*. Federação Nacional dos Jornalistas (org). Florianópolis: FENAJ, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1999.

SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro – as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

TARGINO, Maria das Graças. *Jornalismo cidadão – informa ou deforma?*. Brasília: Ibict:UNESCO, 2009.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa Temer. *Reflexões sobre a tipologia do material jornalístico: o jornalismo e as notícias*. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v.30, n.1. p. 49-70, jan.-jun. 2007.

TIÉDE, Livia Maria. *Sob suspeita: negros, pretos e homens de cor em São Paulo no início do século XX*. 188 f. Campinas: UNICAMP, 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade – uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2008.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo – questões, teorias e “estórias”*. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.

_____. A redescoberta do poder do jornalismo. In: TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

_____.As teorias do jornalismo. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo*. Lisboa: Quimera, 2002.

_____. *Teorias do jornalismo volume I: por que as notícias são como são?*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. *Teorias do jornalismo volume II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.

TURRA, Cleusa; VENTURI, Gustavo. *Racismo cordial: a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

XAVIER, Juarez; XAVIER, Patrícia. A invenção e a reinvenção do estereótipo dos afrodescendentes: O papel da ciência, dos cientistas e dos meios de comunicação na formação e articulação do discurso da intolerância. In: KUNSCH, Margarida; FISCHMANN, Roseli. *Mídia e tolerância – a ciência construindo caminhos de liberdade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

VAN DIJK, Teun A. *Racismo y análisis crítico de los medios*. 1.ed. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1997.

_____. *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. Lélia Gonzalez e outras mulheres – pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo. *Revista da ABPN*, v. 1, n. 1, 52-63, mar.-jun. 2010.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. *A africanização do carnaval de Salvador-BA: a recriação do espaço carnavalesco (1876-1930)*. 228 f. São Paulo: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 1995. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Católica de São Paulo, 1995.

VIZEU, Alfredo. O *newsmaking* e o trabalho de campo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

WERNECK, Jurema Pinto. *O samba segundo as ialodês - mulheres negras e cultura midiática*. 318f. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. Tese (Doutorado em Comunicação), Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

WHITE, David. *O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias*. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.

WINTER, Agnéa Magali. *Pesquisa desigualdade de mídia do Rio Grande do Sul: a (in)visibilidade da cor*. In: *O negro na mídia - a invisibilidade da cor*. Porto Alegre: Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul/Núcleo de Jornalistas Afro-brasileiros. Porto Alegre: Sindjors, 2005.

WOLF, Mauro. *Teoria da comunicação*. Lisboa: Ed. Presença, 1995.

WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

YOUNG, Iris Marion. *Representação política, identidade e minorias*. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n.67, p.139-190, 2006.

ANEXO

NOTÍCIAS PUBLICADAS NO JORNAL FOLHA DE S. PAULO NO PERÍODO 2000-2010

1. 20/11/2010	Quilombolas vivem espera pela terra	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011201034.htm
2. 21/11/2010	Mestre-sala dos mares	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il2111201009.htm
3. 14/05/2010	Ato contra racismo lembra morte de motoboys	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1405201024.htm
4. 14/05/2010	Experts relevam opiniões de Dunga sobre história	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1405201004.htm
5. 16/05/2010	Mães de santo abençoam a católica Dilma	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1505201006.htm
6. 16/05/2010	Prefeita petista decreta feriado em visita de Wagner	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1605201013.htm
7. 19/11/2009	Diminui o abismo entre negro e branco no trabalho	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1911200922.htm
8. 19/11/2009	Justiça de GO derruba feriado de amanhã em Goiânia	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1911200907.htm
9. 20/11/2009	TV PÚBLICA	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2011200905.htm
10. 20/11/2009	Movimento pressiona por projeto contra "ficha suja"	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2011200919.htm
11. 10/05/2009	Choque de realidade	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1005200918.htm
12. 12/05/2009	DENÚNCIA: FIA INVESTIGA SE HOUVE RACISMO	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1205200912.htm
13. 12/05/2009	General responsável pelo ensino no Exército exalta golpe de 64 e ironiza cotas	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1205200920.htm
14. 13/05/2009	Governo vai criar cotas para bolsas de pesquisa científica	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305200911.htm
15. 14/05/2009	Ministro ironiza críticas de general sobre cotas raciais	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1405200905.htm
16. 16/05/2009	Livro de Mia Couto é adaptado para o palco	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac1605200903.htm
17. 18/03/2009	Rapaz é acusado de liderar "skinheads" que agridem gays	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri1803200913.htm

18. 17/11/2008	Sexta edição do Troféu Raça Negra premia 31 personalidades em SP	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1711200813.htm
19. 19/11/2008	Amanhã será feriado em sete municípios da região	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri1911200814.htm
20. 19/11/2008	Dudu Nobre e Bombom vão à PF denunciar racismo em vôo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1911200822.htm
21. 19/11/2008	Empresa aérea afirma que vai investigar caso	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1911200823.htm
22. 19/11/2008	Black Rio comemora Consciência Negra	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1911200828.htm
23. 19/11/2008	Renda do negro é metade da do não-negro	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1911200841.htm
24. 20/11/2008	Trânsito passará por alterações durante evento na praça da Sé	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200807.htm
25. 20/11/2008	Ribeirão decreta ponto facultativo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2011200810.htm
26. 20/11/2008	Bancos fecham amanhã em SP e mais 312 municípios	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1911200810.htm
27. 20/11/2008	Amanhã será feriado em sete municípios da região	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri1911200814.htm
28. 20/11/2008	PF indicia comissários da American Air Lines	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200827.htm
29. 20/11/2008	Consciência Negra terá Seu Jorge e Black Rio	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac2011200801.htm
30. 20/11/2008	Cidade recebe mais shows-homenagem	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac2011200802.htm
31. 20/11/2008	Exposições, música e concurso marcam o dia da Consciência Negra	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2011200809.htm
32. 21/11/2008	Feriado da Consciência Negra foi dia de trabalho e de descanso em Ribeirão	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2111200806.htm
33. 21/11/2008	Texto aprovado por deputados tem artigos contraditórios	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200804.htm
34. 21/11/2008	Associação de universidades critica projeto	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200803.htm
35. 21/11/2008	Cantor vai abrir processo por racismo em vôo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200820.htm
36. 21/11/2008	Atlético de Madri jogará sem torcida	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2111200815.htm
37. 21/11/2008	Ao som de reggae, marcha reúne 2.000 pela inclusão social da população negra	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200805.htm

38. 21/11/2008	Lula elogia marinheiro, e Marinha volta a criticar revolta liderada por ele	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2111200818.htm
39. 21/11/2008	Trabalhadores da Cerp protestam por receber acerto com cheque cruzado	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2111200803.htm
40. 23/11/2008	Cota é vista como essencial e humilhante	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2311200807.htm
41. 23/11/2008	Ações afirmativas aumentaram elite negra nos EUA	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2311200823.htm
42. 23/11/2008	Diminuem as manifestações de preconceito	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2311200803.htm
43. 23/11/2008	"Ainda sou exceção", diz Lázaro Ramos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2311200819.htm
44. 23/11/2008	Cor de celebridades revela critérios "raciais" do Brasil	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2311200827.htm
45. 23/11/2008	O RACISMO CONFRONTADO	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2311200801.htm
46. 23/11/2008	PROJETO ESTÁ PARADO NA CÂMARA DESDE 2005	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2311200810.htm
47. 23/11/2008	FHC e Lula colocaram tema na agenda	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2311200825.htm
48. 23/11/2008	País se vê menos branco e mais pardo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2311200802.htm
49. 23/11/2008	"Elite preta" se divide sobre extensão do preconceito	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2311200820.htm
50. 10/05/2008	"Preto" é termo justificável para pesquisa, diz IBGE	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1505200827.htm
51. 11/05/2008	Negros têm só 3,5% dos cargos de chefia	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1105200802.htm
52. 12/05/2008	Eventos marcam os 120 anos da abolição da escravidão	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1205200824.htm
53. 13/05/2008	Em crise, África do Sul diz que combaterá violência	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1305200806.htm
54. 13/05/2008	"Isso só servirá para pôr um pobre contra o outro"	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305200819.htm
55. 13/05/2008	"Falta muito para inserir negro na sociedade"	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305200820.htm
56. 13/05/2008	Atos retomam discussão sobre cotas para negros	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305200821.htm
57. 13/05/2008	Projeto de cotas tramita há 4 anos na Câmara	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1405200802.htm
58. 13/05/2008	Negro ainda vive em região de porto, diz	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305200818.htm

	IBGE	
59. 13/05/2008	ONG premia defensores da inclusão de negros	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305200822.htm
60. 14/05/2008	Aluno de 15 anos acusa professora de racismo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1405200804.htm
61. 14/05/2008	Professora diz que não é uma pessoa racista	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1405200805.htm
62. 14/05/2008	Presidente do STF recebe manifestos pró e contra cotas	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1405200803.htm
63. 14/05/2008	Rico e sem negros, Zenit busca título	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1405200817.htm
64. 14/05/2008	País terá mais negros que brancos neste ano	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1405200801.htm
65. 14/05/2008	CÂMARA APROVA PROJETO DEIXADO POR MARINA SILVA	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1405200811.htm
66. 21/03/2008	Obama relaciona Iraque à crise econômica	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2103200801.htm
67. 22/03/2008	Haffer lança biografia de Ernst Mayr	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2203200803.htm
68. 23/03/2008	Vídeo racista leva África do Sul a rever integração	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2303200808.htm
69. 23/03/2008	Filme levou prêmio de "noite cultural" em dormitório	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2303200809.htm
70. 17/11/2007	Protesto racial atrai milhares nos EUA	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1711200705.htm
71. 17/11/2007	Em pleno feriadão, centro tem trânsito congestionado	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1711200708.htm
72. 17/11/2007	PF emenda feriado e afeta centenas em SP	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1711200724.htm
73. 19/11/2007	Recife acolhe idéias e estéticas de diferentes regiões do Brasil	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1911200711.htm
74. 20/11/2007	SUÁSTICA É PICHADA EM CARTAZ NA UFRGS	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200709.htm
75. 20/11/2007	Pressionado, governo de SP dá indenização	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200716.htm
76. 20/11/2007	SESC PINHEIROS HOMENAGEIA SOLANO TRINDADE	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2011200725.htm
77. 20/11/2007	Violência é a maior causa de mortes entre homens negros	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200715.htm

78. 21/11/2007	Para Lula, ricos têm "ciumeira" de pobres	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200709.htm
79. 21/11/2007	Mano Brown e o líder dos Panteras Negras protestam contra terrorismo estatal	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200711.htm
80. 23/11/2007	Apuração sobre 3 assassinatos leva polícia a material nazista	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2311200723.htm
81. 11/05/2007	Situação de trabalhadoras negras melhorou, diz OIT	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1105200732.htm
82. 14/05/2007	Com 150 mil, missa frustra expectativas	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1405200707.htm
83. 16/03/2007	Sindicato vê discriminação racial na Petrobras e na Shell	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1603200730.htm
84. 24/03/2007	No Brasil, historiadores também divergem	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2403200707.htm
85. 17/11/2006	Feriado na 2ª fecha bancos e cancela rodízio	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1711200611.htm
86. 18/11/2006	OEA condena Brasil por não punir caso de racismo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1811200620.htm
87. 18/11/2006	"Você sente o preconceito quando ascende"	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1811200627.htm
88. 18/11/2006	Procuradoria recua em ações contra banco por discriminação	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1811200628.htm
89. 18/11/2006	Para ministra, "racismo sutil" explica desigualdade	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1811200629.htm
90. 18/11/2006	Escolaridade maior eleva fosso entre negro e branco	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1811200621.htm
91. 18/11/2006	Governo afirma que não houve discriminação	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1811200622.htm
92. 18/11/2006	Banco fecha em cidades onde haverá feriado na segunda	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1811200618.htm
93. 19/11/2006	Ato amanhã na Paulista combate racismo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1911200617.htm
94. 19/11/2006	Feriado é uma homenagem ao líder Zumbi	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1911200618.htm
95. 19/11/2006	Lideranças negras celebram o feriado e a memória de Zumbi, herói dos Palmares	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1911200619.htm
96. 19/11/2006	Troféu para personalidades que atuaram pela inclusão do negro será entregue hoje	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1911200620.htm
97. 19/11/2006	"A Cor da Cultura" une ritmos africanos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1911200623.htm
98. 20/11/2006	Cresce número de negros nas universidades	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200601.htm
99. 20/11/2006	Preconceito também atinge elite negra	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200612.htm

100.	20/11/2006	Marcha começa no Masp e vai ao Ibirapuera	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200618.htm
101.	20/11/2006	Estilo chega à universidade	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2011200612.htm
102.	20/11/2006	Marcha começa no Masp e vai ao Ibirapuera	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200618.htm
103.	20/11/2006	Semana será curta, com feriados em SP e nos EUA	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2011200609.htm
104.	20/11/2006	Filme propõe inventário da memória escrava	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2011200619.htm
105.	20/11/2006	São Paulo tem programação especial para o feriado	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2011200620.htm
106.	21/11/2006	Parada Negra reúne 12 mil em São Paulo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200610.htm
107.	21/11/2006	Comemorações incluíram missa e protesto	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200611.htm
108.	21/11/2006	Defesa do estatuto da igualdade racial marca entrega de prêmio a personalidades	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200612.htm
109.	22/11/2006	Mulher é presa sob acusação de ato racista em Cumbica	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2211200614.htm
110.	23/11/2006	Cabeleireira presa em Cumbica é solta	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2311200615.htm
111.	13/06/2006	Incêndios em 2 carros param trânsito em SP	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305200606.htm
112.	13/06/2006	Grupo pró-cota invade faculdade da USP	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305200610.htm
113.	16/05/2006	Ator lembra beijo de novela que não houve	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1205200626.htm
114.	19/03/2006	Prefeito é condenado por racismo em SC	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1903200615.htm
115.	17/11/2005	Disputa interna e apoio ao governo dividem marcha	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1711200524.htm
116.	18/11/2005	Mulher negra tem pior renda, dizem estudos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1811200508.htm
117.	19/11/2005	Brasil dos negros é o 105º de ranking social	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1911200512.htm
118.	19/11/2005	Para estudante, discriminação é "um trauma"	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1911200513.htm
119.	20/11/2005	País relembra morte de Zumbi	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200512.htm
120.	20/11/2005	Prefeitura investiga 1º quilombo paulistano	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200510.htm
121.	20/11/2005	Menos racista, periferia atraiu ex-escravos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200511.htm
122.	21/11/2005	Museu afro fecha as portas em Dia da Consciência Negra	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200523.htm
123.	21/11/2005	Feito de Ronaldinho inspira até a súmula	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2111200541.htm
124.	21/11/2005	Brasil relembra morte de Zumbi dos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200524.htm

		Palmares	
125.	21/11/2005	ONG homenageia personalidades que valorizam afrodescendentes	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200525.htm
126.	23/11/2005	Padrinho e afilhado do samba lançam CD	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2311200506.htm
127.	10/05/2005	Roberto Carlos ajuda torcida racista do Real	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1005200522.htm
128.	11/05/2005	Árbitro é acusado de racismo na PB	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1105200508.htm
129.	12/05/2005	Negros pedem reparo à escravidão na Justiça	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1205200534.htm
130.	13/05/2005	Ato lembra abolição com velas e atabaques	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305200512.htm
131.	13/05/2005	Autuori põe freio em dribles são-paulinos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1305200529.htm
132.	14/05/2005	No Senado, Grafite vira "símbolo"	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1405200511.htm
133.	14/05/2005	Museu Afro-Brasil celebra o 13 de maio	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1405200522.htm
134.	15/05/2005	"Entre Quatro Paredes" cria uma forte tragédia familiar	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1505200514.htm
135.	15/05/2005	Detidos no RS 3 acusados de agredir jovens judeus	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1505200523.htm
136.	17/05/2005	Nome para Febem não é urgente, diz Alckmin	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1705200515.htm
137.	18/03/2005	Espanha inaugura pacote inédito contra o racismo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1803200502.htm
138.	18/03/2005	Grafite acusa, e Conmebol estranha	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1803200505.htm
139.	18/03/2005	Faithless usa dance para falar de política	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1803200516.htm
140.	21/03/2005	Publicidade anti-racista é vaiada em jogo do PSG	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2103200519.htm
141.	21/03/2005	Fabão releva ofensa racista de rival	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2003200522.htm
142.	17/11/2004	"Condi" é a mulher-prodígio de Bush	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1711200416.htm
143.	18/11/2004	Corrida de rua bloqueia vias perto do parque Ibirapuera	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1811200404.htm
144.	20/11/2004	Penteados resgatam cultura afro	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200408.htm
145.	20/11/2004	Mostra resgata a mestiçagem brasileira	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac2011200401.htm
146.	20/11/2004	SP comemora Consciência Negra hoje	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200409.htm
147.	20/11/2004	Espanha pede desculpas à Inglaterra por racismo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2011200408.htm
148.	21/11/2004	O racismo do 3º Reich em letra de fôrma	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2111200409.htm

149.	21/11/2004	Papéis foram apreendidos em 1985	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2111200410.htm
150.	13/05/2004	"Da Cor do Pecado" ainda peca com negros, diz cineasta	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1305200417.htm
151.	15/05/2004	Manutenção de aluno carente é problema	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1505200407.htm
152.	15/05/2004	Universidade tenta suprir formação falha	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1505200401.htm
153.	16/05/2004	Escolha premia ação pioneira nos bastidores	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1605200403.htm
154.	16/05/2004	Livro de negro americano condena cotas	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1605200407.htm
155.	19/03/2004	Clodovil mantém os ataques à prefeita	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1903200413.htm
156.	20/03/2004	Passeata protesta contra racismo e violência policial	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2003200415.htm
157.	22/03/2004	Marcha contra racismo reúne 2.500	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2203200418.htm
158.	22/03/2004	Nativos habitam memória de estudantes	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx2203200404.htm
159.	24/03/2004	Secretário-executivo do Esporte denuncia taxista de Brasília por discriminação	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2403200423.htm
160.	24/03/2004	Cerca de 150 pessoas fazem manifestação contra o apresentador Clodovil	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2403200422.htm
161.	24/03/2004	Juiz suspende exigência de cor e de sexo no Rio	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2403200424.htm
162.	22/03//2004	Estatuto prevê criação de cotas no funcionalismo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2203200417.htm
163.	18/11/2003	França age para reprimir anti-semitismo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1811200311.htm
164.	18/11/2003	Dirceu é comparado a Golbery e chamado de "espertalhão"	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1811200314.htm
165.	19/11/2003	Entidades lançam campanha contra preconceito racial	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1911200309.htm
166.	19/11/2003	Mulher negra tem pior situação no mercado de trabalho	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1911200316.htm
167.	19/11/2003	Brasília recebe mostra sobre África e Brasil	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1911200317.htm
168.	20/11/2003	Branços detêm 74% da renda brasileira	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200315.htm
169.	20/11/2003	Sem feriado, SP realiza feira cultural	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200316.htm
170.	20/11/2003	Rio tem eventos contra desigualdade	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200317.htm
171.	20/11/2003	Bairro do centro do Rio esconde antigo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200318.htm

		cemitério de escravos	
172.	21/11/2003	Lula afirma que Brasil é "república branca"	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2111200323.htm
173.	21/11/2003	Multidão chama Benedita de "neta do Zumbi"	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2111200325.htm
174.	21/11/2003	Data homenageia morte de Zumbi, líder de Palmares	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2111200326.htm
175.	21/11/2003	Homenagens e protestos marcam Dia Nacional da Consciência Negra	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200320.htm
176.	22/11/2003	Mãe de Jackson diz que acusação é "racismo"	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2211200327.htm
177.	22/11/2003	Instituição para afrodescendente é inaugurada	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2211200324.htm
178.	22/11/2003	Menos brasileiros revelam preconceito racial	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2311200323.htm
179.	13/05/2003	Salários de negros são 50% mais baixos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305200316.htm
180.	14/05/2003	Encontro debate política de saúde para os negros	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1405200329.htm
181.	15/05/2003	Presença de poucos negros frustra ONG	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1505200322.htm
182.	19/03/2003	Argentino pode ser condenado por ofender negra nascida no Brasil	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1903200315.htm
183.	20/03/2003	Futuro "0800" pode reunir casos sobre cidadania	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2003200317.htm
184.	20/03/2003	Argentino é condenado a 10 meses de prisão	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2003200319.htm
185.	22/03/2003	"Ficamos em segundo plano", afirma índio	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2203200313.htm
186.	22/03/2003	Lula instala secretaria racial, mas não cita cotas	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2203200310.htm
187.	22/03/2003	Doutora em serviço social fez parte da equipe de transição	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2203200311.htm
188.	22/03/2003	Vereadora acusa PMs de racismo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2203200312.htm
189.	23/03/2003	Pacifistas de hoje se afastam da geração dos anos 60	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2303200319.htm
190.	18/11/2002	ONG Fala Preta! comemora Dia da Consciência Negra em São Paulo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm1811200203.htm

191.	21/11/2002	Disque-Racismo cancela auxílio jurídico no Rio	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200212.htm
192.	21/11/2002	Semana do Cinema Negro exhibe "Quilombo"	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/fovest/fo2111200208.htm
193.	22/11/2002	FHC elogia bolsas a negros e critica diplomacia do país	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2211200220.htm
194.	14/05/2002	Água no feijão	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1405200213.htm
195.	14/05/2002	Universidade entrega projeto prevendo cotas	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1405200222.htm
196.	11/05/2002	FHC lança novos programas na 2ª	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1105200223.htm
197.	12/05/2002	No Brasil, elo se dá na cultura	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1205200208.htm
198.	13/05/2002	Governo vai avaliar implantação de cotas para negros no serviço público	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305200219.htm
199.	14/05/2002	Marco Aurélio aponta pressão sobre indicado	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1405200221.htm
200.	14/05/2002	Para presidente, ações são políticas de Estado	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1605200213.htm
201.	14/05/2002	Universidade entrega projeto prevendo cotas	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1405200202.htm
202.	14/05/2002	Só 30% das medidas são para este ano	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1405200201.htm
203.	23/03/2002	Globo terá minissérie sobre Zumbi dos Palmares	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2303200204.htm
204.	21/03/2002	Universidade de SP terá cotas para negros	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2103200229.htm
205.	21/03/2002	Itamaraty dará vinte bolsas de estudo por ano	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2103200230.htm
206.	22/03/2002	Negros protagonizam Oscar	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2203200206.htm
207.	22/03/2002	EUA minam comissão de direitos humanos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2203200209.htm
208.	22/03/2002	Social precisaria de até 6 mandatos, diz FHC	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2203200226.htm
209.	22/03/2002	Para FHC, país tem dívida com passado escravocrata	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2203200222.htm
210.	24/03/2002	Negro ganha menos, oriental recebe mais	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2403200213.htm

211.	24/03/2002	Racismo não é tão "cordial"	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2403200214.htm
212.	17/11/2001	O falatório que virou poesia	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1711200121.htm
213.	18/11/2001	Consciência negra ganha programação	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv1811200120.htm
214.	19/11/2001	Uma semana só para os jovens se descobrirem	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm1911200106.htm
215.	19/11/2001	Percussão abre Semana da Consciência Negra	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1911200113.htm
216.	20/11/2001	Projeto em MS cria ações para negros	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200114.htm
217.	20/11/2001	Desemprego diminui mais para os negros	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2011200110.htm
218.	20/11/2001	Consciência em PRETO-E-BRANCO	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2011200118.htm
219.	21/11/2001	Rio volta a escavar cemitério de escravos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200114.htm
220.	21/11/2001	Conselho comemora data em SP	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2111200115.htm
221.	22/11/2001	Evento mistura hip hop e debate sobre preconceito	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2211200118.htm
222.	10/05/2001	Verona e Lecce se unem contra o racismo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1005200113.htm
223.	11/05/2001	Cineasta marginal americano emplaca no Festival de Cannes	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1105200110.htm
224.	11/05/2001	PanAméricas de Áfricas utópicas...	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1105200130.htm
225.	13/05/2001	A estupidez em jogo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1305200133.htm
226.	13/05/2001	ONU discutirá indenização por escravidão	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1305200110.htm
227.	13/05/2001	Brasil defende compensação não-financeira	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1305200111.htm
228.	14/05/2001	TV esquenta debate no 13 de Maio	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1405200128.htm
229.	14/05/2001	Novela das oito gera polêmica	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1405200129.htm
230.	13/05/2001	Canal Brasil exibe filme sobre Cruz e Souza	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv1305200103.htm
231.	23/03/2001	Filme mergulha no racismo da Marinha	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2303200113.htm
232.	23/03/2001	Imigrante torturado em NY tem indenização de US\$ 9 mi	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2303200105.htm
233.	22/03/2001	Pesquisa aponta diferenças de renda por raça	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2203200118.htm
234.	19/03/2001	Agassi vence e dispara na Corrida-2001	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2203200118.htm
235.	19/03/2001	Serena fica com título e vaias, mesmo em casa	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1903200121.htm
236.	19/03/2001	Região tem 14 mortes no final de semana	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1903200121.htm

237.	22/03/2001	Festival de Recife toma o negro por tema	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1903200121.htm
238.	20/11/2000	Alagoas reproduz quilombo dos Palmares	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2011200009.htm
239.	17/11/2000	Polícia gaúcha é acusada de racismo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1711200012.htm
240.	20/11/2000	Obra é baseada em documentos vindos de Lisboa	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1711200012.htm
241.	20/11/2000	Vila está fora do sítio histórico	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1711200012.htm
242.	20/11/2000	Cascata em Canela exige disposição e esforço físico	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1711200012.htm
243.	19/11/2000	Brasil inclui programa petista em documento final	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1711200012.htm
244.	17/11/2000	Coca-Cola irá gastar US\$ 192 mi com indenização por discriminação racial	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1711200012.htm
245.	17/11/2000	Supremo da Flórida deve decidir disputa	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1711200012.htm
246.	10/05/2000	Por racismo, italiano quer vender time	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1005200020.htm
247.	10/05/2000	Musical "Zumbi" reestréia no Equilíbrio	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac1005200005.htm
248.	11/05/2000	Filme sobre Cruz e Sousa é debatido	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1105200014.htm
249.	12/05/2000	Para a maioria dos fluminenses, existe racismo no Brasil	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1205200022.htm
250.	12/05/2000	Brasil desiste de ser sede de encontro	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1205200023.htm
251.	12/05/2000	Advogado e filho são presos por racismo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1205200024.htm
252.	12/05/2000	Acusado diz que irmãs tentaram furtar produto	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/vale/v11205200002.htm
253.	12/05/2000	Pai e filho são acusados de preconceito	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1205200024.htm
254.	12/05/2000	Debate discute filme sobre o poeta	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1205200032.htm
255.	13/05/2000	Precursora da abolição festeja ato histórico	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305200021.htm
256.	13/05/2000	Descendentes deixaram a cidade	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305200022.htm
257.	13/05/2000	"Cruz e Sousa" é debatido no Cinesesc	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1305200018.htm
258.	13/05/2000	Vicentinho sai da CUT para tentar ser prefeito de SBC	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1305200008.htm
259.	15/05/2000	Polícia do Rio mata mais pretos e pardos, diz pesquisa	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1505200001.htm
260.	15/05/2000	Levantamento é baseado em registros oficiais	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1505200002.htm

261.	15/05/2000	PMs enfrentam novo protesto	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1505200003.htm
262.	15/05/2000	Coronel contesta tese de racismo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1505200004.htm
263.	15/05/2000	Resultado é coerente, diz coordenador	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1505200005.htm
264.	15/05/2000	Imigração é desafio para o país	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx1505200010.htm
265.	19/03/2000	Série "Música do Brasil" leva ritmos do país à MTV	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv1903200009.htm
266.	20/03/2000	O Descobrimento naif	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2003200006.htm